

EDIÇÃO
ESPECIAL E
LIMITADA

**HILDA
HILST**

132

CRÔNICAS:

**CASCOS
& CARÍCIAS**

E OUTROS
ESCRITOS



COLEÇÃO
CLÁSSICOS
DE
OURO



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA



132
CRÔNICAS



COLEÇÃO
CLÁSSICOS
DE
OURO

•

**HILDA
HILST**
132
CRÔNICAS:
CASCO
& CARÍCIAS
E OUTROS
ESCRITOS

INTRODUÇÃO
ZÉLIA DUNCAN

PREFÁCIO
ANA CHIARA



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

2018 © by Daniel Bilenky Mora Fuentes em acordo com MTS agência

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Candelária, 60 – 7º andar – Centro – 20091-020
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212/8313

Imagem de capa: Juvenal Pereira-AE.

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

H641c

Hilst, Hilda, 1930-2004.

132 crônicas: Cascos & carícias e outros escritos / Hilda Hilst; introdução Zélia Duncan; prefácio Ana Chiara. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

(Clássicos de Ouro)

ISBN 9788520942741

1. Crônicas brasileiras I. Duncan, Zélia. II. Chiara, Ana. III. Título.

CDD: 869.93
CDU: 821.134.3(81)

SUMÁRIO

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Ficha catalográfica](#)

[“Informe-se!”](#)

[Espasmos da Língua](#)

[Por que não?](#)

[Boas maneiras](#)

[Boas maneiras II e III](#)

[Por quê, hein?](#)

[A alma de volta](#)

[Senhor de porcos e homens](#)

[Como se um brejeiro escoliasta...](#)

[Sistema, forma e pepino](#)

[Pequena fábula para os indignados](#)

[Musa Cavendishi](#)

[Receitas antitédio carnavalesco](#)

[Delicatessen](#)

[Banqueiros, editores e pinicos](#)

[Tá tudo em ordem, meu bem?](#)

[O verme no cerne](#)

[Hora dos tamancos](#)

Tempo de poesia

Testamento lírico

Compaixão também é política

EGE (Esquadrão Geriátrico de Extermínio)

Teologia natural

Lama, lhamas, perus

Teje presa!

Pausa para a beleza

Minha feliz invenção

Credo, a muié pirô!

O quanto a vida é líquida

Liquidifica o mundo!

Foi atingido?

Decola ou degola

Deixou de ser mico?

Me empresta a sua “9 milímetros”?

Bate-papo com o chefe

Tô só

Qui cê disse?

Cultura do país? Fiofó de sapo

De rerum natura (da natureza do réu)

Cronista: filho de Cronos com Ishtar

Poesia sempre

“Casa do Prazer”

O arquiteto dessas armadilhas

Mentira, Engodo, Morte, Hipocrisia

Dentro de mim, “sagrado descontentamento”

Ridendo castigat mores

“Só para raros”

Solte o seu anjo

Nem Joyce, nem Chesterton

Para buchos e neurônios

Miséria Humana

Descida

Poetas de todo mundo, uni-vos!

Reviver é viver mais

Retrete

Feliz ano “cuervo” para nós também!

“Reinávamos imprudentes sobre a vida”

Tamo numa boa!

Paixões e máscaras

SOS para todos nós! SOS para os animais!

“Eppur, se muove” (informe-se)

A vida? Essa monstruosidade de irrealidades

Um homem e seu Carnaval

Ilusão também enche a boca

Urrar Rir Vociferar?

Galopando insana pela casa

Poemas Malditos Gozosos e Devotos

Cuidado! Nunca mais!

Resíduo

Vita Brevis

“Esqueceram de mim” ou “Tô voltando”

Presidente, abra o olho: tão comendo gente!

Hora de desligar, negada!

Os queridos dos deuses

Tu. Estás vivo?

Por que será que eu tô falando nisso?

Nós escritores: brasileiros-zumbis

No do outro não dói, né, negão?

Saci tem capa

Poesia sempre

In dog we trust ou Mundo-cão do truste

Miragens do Terceiro Mundo

Emergência, doutores: sem asas, sem carros e sem cavalo

E parra quem ficarrá o que ajuntaste?

O teu dia “D”

Voz do ventre?

La mer d’ici, la mer de là

Que O mantenham vivo (II)

Tô ligadona em Deus (sorry)

Mirta

Santos? Sim. Mas não do Pau Oco

Memento homo!

Tempo de trevas

No arranque das tretas

Ou estaremos em Londres?

Tem certeza que era brandy?

Vigiai e orai

As afinidades não eletivas

Da morte. Odes mínimas.

Negão sacana, isso sim!

Tá com pressa?

Domingo à tarde

Como você é má! Ou gorila? Onde? Onde?

Ode descontínua e remota para flauta e oboé. De Ariana para Dionísio. I e II.

Ode descontínua e remota para flauta e oboé. De Ariana para Dionísio. III, IV e V.

Nossa! O que há com teu peru?

Virou é, benzinho?

O espaço-luz de Gisela Guimarães

Ihhhhh! Ela tá mal

Mistérios...

Escritor? Fora! Fora!

Quimeras

Cadê o bispo?

Yes, nós temos bananas

Morreu?!?!!!

Solidão? Não. Sozinho.

Receita

Bizarra, não?

Receitas à la Jonathan Swift. Para patroas.

Ai, João, que saudade!

Revolução tem c cedilha?

[Rizotônicas \(informe-se\)](#)

[Pequena parábola exemplar](#)

[Vai às compras, madame?](#)

[Ainda seremos felizes?](#)

[Tá deitado, bicho?](#)

[Tô ligadona em números](#)

[Oi. Ai. Não há salvação.](#)

[Eu... hein!](#)

[Poesia sempre](#)

[À Mirella Pinotti, in memoriam](#)

[Tudo o que é e não é](#)

[O avesso do texto](#)

[Penis kapadocius](#)

[Berta — Isabô](#)

[Agradecimentos](#)

[Colofão](#)

“INFORME-SE!”

Há uns poucos anos, não era nada fácil encontrar livros de Hilda Hilst nas prateleiras. Ela foi uma escritora profícua, caprichosa com sua própria linguagem. Transgressora, sempre tocou em temas-tabus como a morte, Deus e o sexo. Nós, seus leitores, éramos uma espécie de militância rara, rastreando suas palavras por aí, ignorados por nossa própria mestra, que dizia com frequência: “Ninguém me lê!” Mas Hilda tinha lá sua razão. Passou muito tempo sofrendo o silêncio da crítica literária e do público. Era exigente, trabalhou incessantemente a palavra, o verso, o texto, diálogos... foram quase cinquenta anos de muita dedicação. Mas clamava por um retorno merecido, não só porque a vida real esmurra a porta, mas porque o artista se alimenta não apenas de sua arte, mas do reflexo dela no mundo. Hilda era intensa e, mais do que ser lida, queria o encontro com seu leitor: “Quero ser lida em profundidade e não como distração.” Isso não é pouco. E, se já não era antes, imaginem nos tempos de hoje, num Brasil que pouco lê, onde pouco se estimula a mudança desse quadro e que, por isso mesmo, se distancia da possibilidade de abstração a passos largos!

Quando estava para lançar *Amavisse* (1989), anunciou que aquele seria seu último livro para ser levado a sério. E o fato é que foi justamente nos anos 1990 que Hilda passou a ser mais percebida e procurada, por ter feito a tal declaração de que não escreveria mais literatura séria. O que veio logo a seguir foi sua polêmica “tetralogia obscena”. São eles *O caderno rosa de Lori Lamby*, *Contos d’escárnio/Textos grotescos*, *Cartas de um sedutor* e *Bufólicas*. E, junto com sua polêmica e intrigante fase pornográfica, começa a escrever as preciosas crônicas que, felizmente, temos em mãos!

Me considero uma leitora fiel de Hilda, embora tardia. Eu a descobri nos anos 1990, e, depois de conseguir um mísero livro de poesia, foram justamente as crônicas, no canto de um sebo em São Paulo, que me caíram nas mãos e me arrebataram para sempre. Eu ignorava essa fase dela e me joguei de cabeça naquelas impressões sobre o mundo, o Brasil e suas mazelas, as autodefesas, os ataques, as aparentes confissões. Digo aparentes porque escritores inventam e,

quanto mais geniais, mais nos fazem acreditar. As crônicas me sacudiram da primeira vez e agora, complementadas de outras tantas, mesmo as que releio, me sacodem de novo. O que trazem de diferente e único é uma intimidade com a autora. É um gênero literário que aproxima. Não que seja fácil chegar perto, pois Hilda revela seu humor cáustico, provocativo, e com a sensação de intimidade vem também certa intimidação. São muitas questões complexas levantadas, ao lado de assuntos tantas vezes ordinários. Mas os assuntos ordinários, nas mãos de Hilda, viram tratados e revelações. Há um dedo apontado para nós e para os fatos daqueles anos que sinistramente se encontram vivos e relevantes até hoje. Mas o elemento mais transgressor de todos na cronista Hilda é o humor. Sobre ter optado pelo riso, depois de tantas seriedades, ela diz: “optei pela minha própria salvação”.

Estes textos aqui reunidos têm de tudo um pouco. Desde os assuntos recorrentes em sua obra até muitos outros que aconteciam em seu campo visual e lhe causavam grande indignação. Há ainda um aspecto educativo muito forte, pois Hilda nos instiga a acompanhá-la com veemência. Cair em sua teia é querer sorver cada palavra, cada autor citado e sair ganhando sempre, com sua poética e erudição.

Na maioria das vezes, optou por citar poemas seus. A meu ver, se vingava assim dos leitores que a ignoravam, enfiando seus versos goela abaixo, mimetizados a assuntos nacionais importantes e outros corriqueiros mas relevantes, nas preguiçosas manhãs de domingo. Afinal, sua obra na época já era tão forte quanto desconhecida. Suas crônicas causavam furor aos domingos! Eram esperadas, saudadas e muitas vezes sofriam represálias, protestos, causavam indignação. Alguns (ou seriam muitos?) a achavam incompreensível. Mas Hilda enfrentava com muita coragem e escracho inteligente essas manifestações. Eram munição preciosa para sua destemida metralhadora de palavras:

Essa modesta articulista que sou eu escreveu textos e poemas belíssimos e compreensíveis, e tão poucos leram ou compraram meus livros... mas agora com essas crônicas... que diferença! Como telefonam indignados para o por isso eufórico editor deste caderno, dizendo que sou nojenta! Obrigada, leitor: por me fazer sentir mais viva e ainda por cima nojenta! Isso é tão mais, tão mais que nada!

Adoraria ter sido uma de suas leitoras de jornal, a quem ela ironicamente chamava de “meu improvável e desatento leitor”, ter podido ler seus pensamentos em tempo real, sabido que durante a semana ela estaria produzindo o que poderia ser lido em seguida. A cronologia deste livro me conforta um tanto nesse sentido. Podemos vê-la de vez em quando comentando na semana seguinte sobre o que escreveu na anterior.

Hilda se mudou para a Casa do Sol, nos arredores de Campinas, em 1966, aos 38 anos, e de lá nunca mais saiu. Partiu desse mundo aos 73 anos de idade. Mas seu universo era muito vasto. Por dentro e por fora.

“É preciso estimular a mente do outro. Nem que esse outro não entenda direito, não tem importância. O estímulo foi dado.”

Portanto, quando Hilda te provocar, te empurrar imperativa, dizendo: *INFORME-SE!* Não perca tempo, obedeça! Morro de inveja de quem vai ler tudo isso pela primeira vez!

Zélia Duncan

ESPASMOS DA LÍNGUA

132 crônicas: Cascos & carícias e outros escritos recolhe crônicas escritas por Hilda Hilst no “Caderno C” do jornal *Correio Popular*, de Campinas, entre 30 de novembro de 1992 e 16 de julho de 1995, às quais foram acrescentadas outras crônicas na edição organizada por Alcir Pécora (1998) e outras ainda neste volume publicado agora pela Editora Nova Fronteira.

Como o próprio título sugere, trata-se de um livro-reunião, uma caderneta de anotações, um caderno de artista. Híbrido, expõe o processo de escrita-montagem de Hilda, também leitora de jornais. Compõe-se de comentários do cotidiano; extratos de sua ficção que ela usa como se fossem testes de validação para ver se o leitor a acompanha; desafios e provocações ao público, belíssimos poemas que fazem contraponto à mixórdia da vida pública (a época de Collor e dos anos do Congresso) e, pairando sobre tudo isso, reflexões da escritora sobre o ato de escrever, figura constante de toda a sua vida literária. Por que escrevo, para quem e como? São perguntas que presidem o conjunto destes (cacos), cascos e carícias. São os espasmos da Língua.

No céu da boca de Hilda brilha um piercing. Trava, travo linguístico, travo artístico. No chão da Língua, matéria de sua arte, o piercing. Enfrenta o cotidiano, o corpo, a matéria, em todas as suas formas: pus, vômito, urina, sêmen, sangue, lágrimas, leite, cuspe, detritos... O idioma de Hilda não é fácil. Desliza por quatro gêneros: o masculino, o feminino, o neutro e o coletivo. Escreve como se lambesse o chão de pregos, escarifica a Língua: duplos sentidos, formas inacabadas, decomposições. E escárnio extraído da linguagem, mesmo no curto espaço de publicação e leitura de uma crônica, a potência máxima: a “minha literatura essencial”, como revelou numa entrevista aos *Cadernos de Literatura* do IMS.

Nas crônicas, move-se indecente a língua. E a linguagem. Move-se entre os lugares: Rio, Campinas, Casa do Sol, São Paulo. Move-se nos corpos de velhas sacanas, de homens com suas “vergas”. Move-se entre lugares sem descanso. A interlíngua do interdito, do entredentes, do entreouvido. Lido? Visto? Experimentado? Onde? Quando? Por quem? Move-se inquieta, busca afinidades

ocultas, nexos perdidos. Move-se. Movimento dos lábios (peixe preso em aquário), palavras cacos, cacofonias, detritos, cascos & carinhos...

A matéria corporal, biológica, corruptível constitui a entrega excruciante desse tipo de escrita. O corpo humano em seus devires, em suas metamorfoses animais, bestiais, mina a percepção realista, força limites em busca da ideia de transformação. Veja-se a seguinte passagem da crônica “Lama, lhamas, perus”: “Dizem que as lhamas, animais que habitam os altiplanos do Peru, têm olhos lindíssimos e olhar de mulher apaixonada, dizem também que a genitália das lhamas é delicada e perfeita como a de delicadas e perfeitas fêmeas humanas.”

Como definir uma *poética dos materiais* nesse modo tão diverso de lidar com os materiais de que se dispõe? A língua usada, gasta, o sistema fechado da fonologia, da morfologia, da sintaxe? O que pergunto? O que proponho? Como converter a ideia de matéria em matéria? Como fazer para que a ideia de matéria se manifeste encarnada nos materiais artísticos mais cotidianos? Hilda trabalha com a palavra, nela a palavra é distendida ao máximo, é feita carne, cola o significante no significado.

Anatol Rosenfeld, crítico querido de Hilda, chama atenção para a estrutura tripartite dos escritos da amiga, em oscilações por zonas de luz e sombra, de simbólica solar/lunar: “Em cada um dos textos há três ‘personagens’, melhor, três máscaras que se destacam.” A linguagem dramatiza-se, perpassa as vozes da narrativa, confunde e funde essas vozes. Hilda Hilst não se interessa apenas em seguir o estilo “rés-do-chão”, que, segundo Antonio Candido, constitui o trabalho referencial da crônica; em contar uma história, em representar os conteúdos do mundo, nem das camadas da consciência ou do inconsciente. A escritora busca de modo dramático a melhor maneira de dirigir uma pergunta à Língua, os modos de fazer as perguntas sobre a experiência, o vivido, a existência, sem deixar que as respostas se anteponham à visão do múltiplo, do fragmentário, do singular do tempo diferido. A instabilidade das vozes, a impossibilidade de dar contornos fechados às respostas e a precariedade das visões parciais compõem esse jogo reflexivo que se espraia horizontalmente, sucessivamente e sem segurança nenhuma sobre um vazio impossível de ser preenchido definitiva e totalmente.

Ao se contrapor às formas bem acabadas da arte, ao abrir mão do visual em favor do plástico, do tátil, mas ainda assim desviante, Hilda mostra *o que não deve*. Mostra a língua obscena. Como porca (animal de sua preferência) que focinha no plasma, no sêmen, no sangue de um país exaurido, provoca, seduz e nos beija depois. Beija e abandona. Seus beijos de Língua têm efeitos fatais. São

como um gancho que nos ata a língua na Língua vermelha, brilhante, salobra e inquietante da Arte. De uma arte que fascina e exaspera como coices com cascos e com carícias.

Ana Chiara [\[1\]](#)

*Dúplíces desatentos
Lançamos nossos barcos
No caminho dos ventos*

*E nas coisas efêmeras
Nos detemos
O di, reddite mi hoc
pro pietate mea!*

*Ó deuses, devolvam-me a mim mesmo
o meu próprio rosto
redimam-me por piedade de mim!*

Catulo

*para Maria Inês Parada,
amiga antiga e encantada,*

*para Edson Costa Duarte,
pelo mútuo desequilíbrio
e puro entendimento.*

POR QUE NÃO?

Acho muito saudável o modismo de nus masculinos em certos clubes para mulheres. O triste é que não fiquem completamente nus. Porque, afinal, o que há com o “pantaleão”, ou “ferramenta”, ou “cana”, ou “camandro”, ou “ponteiro”, o que há com ele que não pode ser visto? Nestes tempos pestilentos, eu, “minha gente”, saio correndo se alguém me mostrar o dito-cujo. Com sessenta e dois anos de idade também duvido que alguém me mostre algum. Mas é sempre profícuo, para uma fantasia completa, projetar o cara inteirinho. A cabeça de cima, o nosso valioso pré-frontal, pode ser cortada para esse tipo de fantasia. Os acéfalos são até mais estimulantes. Os bossa-gorilhões. Já pensaram que tedioso uma fantasia sexual com o Oppenheimer ou o Albert, por exemplo? Haja neurônios. Bem, então, sem a cabeça de cima, tudo bem. Mas todo o resto (!) é importante: dorso, omoplatas, cintura, ancas, nádegas e aquilo tudo lá de cima que nesse instante também podemos chamar de “envernizado”, ou “coluna do meio”, na sua mais nova sinonímia decorrente da loteria esportiva (consultar o dicionário de Mário Souto Maior). Importantíssimo. Vejamos: você está ali deitada, projetando aquele cara apolíneo, e vai descendo o olhar, descendo, descendo, e, de repente, o susto, aquela “bimbinha”, aquela “gunga”, aquela “bilola”. Que maçada! Tem que começar tudo de novo. E talvez você tenha até que modificar o seu próprio conceito de eficiência, porque, quem sabe, se um nem tão espadaúdo, mais magrinho, menos coxudo, glabro, te faça uma boa surpresa. Por toda essa ginástica mental, às vezes muito cansativa, é que seria criterioso o nu masculino total nesses clubes de agora. O cara já vem pronto. É só ter boa memória. E se você saiu mentindo que precisava visitar tua amiga no hospital, e há um marido ou um antigo amante ressonando na tua cama, ele vai se deliciar com a tua inesperada iniciativa, e vai até perguntar:

O que foi? Você parece aquela outra de antes...

Ah, fico tão cheia de vida quando vejo gente doente...

Não diga... Por quê?

Porque a vida acaba depressinha, e morto não transa,

né bem?

Pois então vá. Todo dia, querida. Te fez bem.

E você irá a cada noite *toc toc toc*, olhar aquele cara todo nu, aquele que você escolheu de “pantaleão”, ou “cana”, ou “camandro”, ou “ponteiro”, enfim, de estrovenga perfeita, para o conforto, o excelente rendimento, o puro gozo da tua fantasia. Muito boa noite, senhoras.

(domingo, 12 de julho de 1992)

BOAS MANEIRAS

Se você for a um jantar chique e perguntarem de repente o porquê do teu mutismo e soturnez, diga que é por causa de uma frieira que te aborrece há dias. Alguém vai te dizer para quebrar o gelo, e o grande silêncio se fará à sua volta se a mesa for redonda, que pingar vela na frieira é um excelente remédio. Ao invés de ficar calada e sorrir, você vai dar continuidade ao assunto “frieira”. Diga que você já fez isso e não deu resultado. Que estranho, o outro certamente vai dizer, não posso acreditar, pois sempre dá certo. Ah é?!? tô mentindo? E ameace mostrar a frieira. Não, não, acreditamos!., será o grito geral, e começarão a falar ao mesmo tempo sobre o excelente jantar e as estupendas lagostas. Comece em voz alta e pausadamente a descrever o horror que fazem com as lagostas. Vocês sabiam? Colocam-nas em água fervente ainda vivas. Ai vão dizer que não! não! que não sabiam! e que crueldade meu Deus. Fale agora do sofrimento de toda a espécie animal. E se alguém disser que prefere mesmo carne de galinha, diga-lhe do medonho que fazem com as galinhas de granja, que em algumas granjas cortam os pés das galinhas desde bebezinhas e fincam os tocos na terra para que as galinhas nunca se movimentem e só botem ovos em profusão. Aí a dona da casa vai dizer que isso é horrível e que não acredita nisso das galinhas. Ameace telefonar para os teus amigos jornalistas que sabem todo esse terror. E se todos te suplicarem para que não o faça, diga simplesmente: “O ser humano é um crápula, paranoico e nojento.” Dê em seguida um grande arrote (se possível um traque) antes de sair mancando por causa da tua frieira e por causa do pontapé que a tua amiga “expert” em boas maneiras te deu há pouco. Ria sozinha em casa às gargalhadas e coma tranquilamente (apesar de saber todos os horrores) teu peru, tua lagosta ou teu peito de galinha. Sinta-se nojenta também e vomite o mundo na pia do banheiro. Pense com fervor: “Tenho que sobreviver, meu Deus, tenho que sobreviver!” Ao deitar-se, leia *A Metamorfose* de Kafka e por isso não mate a barata que passou rente à tua cama. Pode ser ele. Telefone no dia seguinte à anfitriã do jantar e diga que tua frieira piorou. “Por quê?” Ela dirá com desdém e agressiva. Resposta: porque o teu marido chupou a noite inteira aquele dedão, cê não viu não?

P.S. Será que essa crônica vai ser reproduzida 20 mil vezes?
Ah! Como que queria...

(segunda-feira, 30 de novembro de 1992)

BOAS MANEIRAS II E III

II

Se você for à feira, não se esqueça de levar o motorista, sempre atrás de você. De farda e tudo. Quando passar pelos brócolis, tape o nariz e diga ao feirante por que ele não vende peidos ao invés daquele horror. Se ele te der uma banana, aquela de braço, diga que tudo é só brincadeirinha, que você acordou de muito bom humor, e afinal compre um maço. De brócolis. O motorista que se foda com o maço debaixo do braço e com aquele mormaço. Sim, porque você jamais deverá levar sacolas numa feira. Se as crianças te seguirem pedindo coisas, dê uma abóbora a cada uma delas para levarem pra casa. Os humanos adoram chutar abóboras e cabeças. Sorria sempre quando parar na banca de pepinos. Apalpe-os (com tuas alvas luvinhas, porque só se deve ir à feira de luvas) no sentido do comprimento e avalie a grossura. Se alguém começar a rir, saia correndo atrás com o pepino na mão. Hão de correr certamente porque não sabem onde você pode enfiar aquele pepino. Finalmente faça uma breve homilia sobre a nojeira das feiras e use palavras difíceis como “estultícia”, “caterva”, “consanguíneo”. Falando em consanguíneo, diga que é priminha do Collor e que coitadinho d'elle tremendo naquela haste, ó tão frágil passarinho! Cite Sully Prudhomme. Aprume as asas e zarpe. Tá todo mundo atrás de você, e alguns tarados estarão fungando adoidados na axila do teu motorista. Cuidado com os motoristas. Deixe-o para trás e esqueça os brócolis. Chegando em casa, tire os sapatos, deite-se e diga: “Que tédio meu Deus!... ainda bem que de vez em quando tem uma feira.” Depois cite Flaubert: “Eu sempre quis viver numa torre de marfim, mas uma maré de merda está a bater nas paredes a fim de derrubá-las.” Tente dormir.

III

Para o teu próprio velório, peça que te vistam de crepe sulfureo. É uma cor cálida e alegre e você estará fria e triste. Não permita que digam... ahhh? crepe

sulferino é difícil de achar! É assim, é? responda, então me atirem ao mar. Imediatamente vão dizer que isso é difícilimo, barcos, navios, lanchas tudo caríssimo de alugar. Então vão achar o crepe. Use luvas também porque se você morrer mais ou menos velhinha 50, 60 ou 70, aquelas manchinhas escuras que são chamadas de “flores do sepulcro” estarão nas tuas mãos, e é sempre deselegante mostrar manchinhas escuras. Ou verdes e amarelas. Enfim, manchas. Exija para tua maquiagem os produtos “Lancôme”. São caríssimos, mas, segundo as mais recentes divas da televisão, resolvem tudo: rugas, manchas, palidez e angústia. Rodeie-se de crianças (netas, bisnetas) e exija suas inocentes boquinhas beijando tua face gélida. Especifique no testamento que se esse item não for cumprido, toda tua grana irá para os canis de dona fulana. Mande tocar *I Love New York in June* e sirva concomitante um bom vatapá. É moderno e ousado cruzar culturas, é *cult*. Peça a alguém no final para ler em voz alta alguns textos de Bertrand Russell, por exemplo aquele: *Porque não sou cristão*. Aliás, exija. As pessoas vão ficar indignadas, mas algumas se lembrarão de alguns trechos e isso há de gerar discussões sem fim no seio das famílias. Você há de ser muito lembrada e terá o mérito de difundir cultura mesmo após a morte. E todos esses projetos são ou não são chamadas “ilusões intensificadoras da vida”? De sulferino, viu?

(segunda-feira, 7 de dezembro de 1992)

POR QUÊ, HEIN?

Se você não quiser ser compreendido, fale sempre através de parábolas. As pessoas, em geral, adoram não compreender. Isso não quer dizer que vão ler teu livro se ele for incompreensível. Mas hão de comprá-lo. É bonito ter em casa alguma coisa que não se compreenda. Experimente. Dê uma de Deleuze, Guattari e Michaux. Mande fazer a tal mesa esquizofrênica. Uma mesa onde ninguém possa escrever nem colocar coisa alguma sobre ela, feita de tal jeito que tudo escorregue ou se quebre. Pode ter certeza que todos vão adorar! Você entendeu, por acaso, por que o Cristo secou aquela pobre figueira sem figos?

Na verdade era inverno e a coitadinha não podia dar figos ainda que quisesse. Ah!, mas é tão bonito não compreender! Aparecem mil e uma interpretações desse único ato. Mil e uma interpretações frutuosas e frutíferas... E a vida pode ser um tédio de tão nojosa. Você entende, por exemplo, por que crianças e adolescentes adoram filmes de terror e de violência? Sangue, vampiros, estacas, garras, matanças, putrefação, uivos... E você sorri e diz que é assim mesmo com teu filhinho criança ou adolescente... que é só brincadeira, que é natural nessa fase da vida gostar de sentir medo... E depois os psicólogos dizem que etc. etc. Ah, é? Por isso é que os de antes criancinhas, os de antes adolescentes (agora adultos) andam comendo literalmente tanta gente! Aquela russa que um dia desses comeu o coração (achou saboroso) e o fígado (achou amargo) do marido viu o filme de terror da revolução (quando criança ou adolescente) e deve ter achado “um barato”, “legal”, mãe. E aquele americano que comeu as partes pudendas (como diria o abade) de tantos rapazitos, desde criancinha que ele vê a América e mora ali. O que eu escrevo nestas crônicas lhes parece incompreensível e nojento? Os buracos negros também são incompreensíveis e nojentos, pois engolem tudo (a consciência talvez não, segundo Hawking, e isso me parece obsceno de tão nojento!), e todo mundo agora fala deles. Essa modesta articulista que sou eu escreveu textos e poemas belíssimos e compreensíveis, e tão poucos leram ou compraram meus livros... Mas agora com essas crônicas... que diferença! Como telefonam indignados para o por isso eufórico editor deste caderno, dizendo que sou nojenta! Obrigada, leitor; por me

fazer sentir mais viva e ainda por cima nojenta! Isso é tão mais, tão mais do que nada! Como disse Schücking: “Os artistas são sensíveis e vivem, como os deuses, do incenso. Sem incenso não há deuses. A estima dá asas a seus talentos.” Permitam-me terminar com uma parábola-pergunta: por que os dentes caem quando estamos velhos, mas ainda vivos, e permanecem eternos nas nossas límpidas e luzidias caveiras?

(segunda-feira, 21 de dezembro de 1992)

A ALMA DE VOLTA

Às vezes, me perguntam o porquê de eu ter optado pelo riso depois de ter escrito as minhas ficções, meu teatro, minha poesia, com grandes e constantes pinceladas de austeridade. Optei pela minha própria salvação. E disse-o num poema:

... porque mora na morte
Aquele que procura Deus na austeridade. [\[2\]](#)

Vários articulistas têm escrito, a sério, nos mais importantes jornais, a respeito da fome hedionda de grande parte da humanidade e da fartura resplandecente do restante. Os outros temas são o neonazismo, a violência, a crueldade. Pois bem, meus amigos, eu, a sério, sou bastante pessimista. Não creio que haja salvação para o homem. O “Homo maniacus”. Quando penso que o conceito de muitos é o de “Homo sapiens”, começo a sorrir. Quando leio o que doutores, economistas políticos, professores escrevem com alguma esperança, tenho delicadas expansões de riso. Sim. Delicadas, porque sempre *par délicatesse j’ai perdu ma vie*. Meu Deus. O homem! “O verme no cerne”, como disse um prodigioso. Claro que há notáveis exceções. Mas alguém também notável disse: se repetires três vezes alguma coisa notável a um tolo, corres o risco de te tornares um deles. Alguns homens geniais sugeriram que o problema do homem é o de encontrar alguma substância química que o imunize da barbárie. E digo simplesmente que é preciso devolver a alma ao homem. Digo-o novamente, leitores:

Que te devolvam a alma
Homem do nosso tempo.
Pede isso a Deus
Ou às coisas em que acreditas
À terra, às águas, à noite
Desmedida.
Uiva se quiseses
Ao teu próprio ventre

Se é ele quem comanda
A tua vida, não importa.
Pede à mulher
Àquela que foi noiva
À que se fez amiga,
Abre a tua boca, ulula
Pede à chuva
Ruge
Como se tivesses no peito
Uma enorme ferida.
Escancara a tua boca
Regouga: A ALMA. A ALMA DE VOLTA. [\[3\]](#)

Vocês me preferem terna, lúcida, sensível, austera, ou naquele desopilante
escracho de antes, tornando alegre o teu às vezes desesperado café da manhã?

(segunda-feira, 28 de dezembro de 1992)

SENHOR DE PORCOS E HOMENS

*Descanso
O homem já se fez
O escuro cego raivoso animal
Que pretendias [\[4\]](#)*

A perplexidade de pertencer à raça humana. O que quer dizer ser humano? Os canalhas são humanos? Os santos são humanos? Os assassinos são humanos? A cada ano novo, nas retrospectivas, o que se vê é tão sórdido, tão absurdo, ou tão terrificante, que você se pergunta com renovada intensidade: o que é ser humano? Quem era mesmo a santa que lavava os pés dos leprosos e depois bebia a água das bacias? Criança, no colégio interno eu tinha convulsivos ataques de náusea quando a freira me lia a tal história. Era sempre um sair correndo com o lenço na boca e vomitar lá fora. Aquela santa era humana? Uma noiva de Deus, me diziam. Eu, no meu mais lá no fundo, meditava: que Ele nunca me perceba, que aos olhos dele eu seja apenas sombra. Deu certo. E até hoje nunca vou entender por que Deus ficava noivo de alguém que bebia aquela água nojenta. Com o mesmo horror e perplexidade, hoje me pergunto: por que alguém mata alguém com doze punhaladas? Daniela Perez, doze punhaladas. Margot Proença, minha amiga de infância, doze facadas. Aparício Basílio, meu amigo de mocidade, oitenta ou noventa tesouradas. E centenas, milhares de anônimos assassinados, torturados, linchados.

O que é ser humano? Entre a verdade e os infernos, seriam dez passos de claridade, dez passos de escuridão? Como se sabe tão pouco a respeito do ser humano, permitam-me reproduzir um dos textos mais informativos a respeito. O autor é o admirável Arthur Koestler:

O *Homo sapiens* é praticamente o único ser do reino animal carente de salvaguardas instintivas contra a matança de seres da mesma espécie, isto é, de membros de sua própria espécie. A “lei das selvas” só conhece um único motivo legítimo para matar: a necessidade de alimentação. E isto apenas sob a condição

de que o predador e a presa pertençam a espécies diferentes. No seio da mesma espécie, a competição e o conflito entre indivíduos ou grupos resolvem-se por simbólicas posturas de ameaça ou cerimoniais duelos que terminam com a fuga ou o gesto de rendição de um dos oponentes, raramente provocando ferimentos mortais. As forças inibidoras — tabus instintivos — contra a morte ou os ferimentos graves causados a seres da mesma espécie são tão fortes na maioria dos animais — inclusive nos primatas — como os instintos da fome, do sexo ou do medo. O homem é o único (afora alguns controvertidos fenômenos observados entre ratos e formigas) a praticar a matança de seres de sua espécie, em escala individual e coletiva, de maneira espontânea ou organizada, por motivos que variam desde os ciúmes sexuais até sofismas de doutrinas metafísicas. O permanente estado de guerra entre coirmãos é uma característica básica da índole humana. Ademais, é adornado pela aplicação da tortura nas suas mais variadas formas, a começar pela crucificação até a morte na cadeira elétrica. [5]

Agora, minha modesta contribuição dedicada ao Criador:

Porco-poeta que me sei, na cegueira, no charco
À espera da Tua Fome, permita-me a pergunta,
Senhor de porcos e homens:
Ouviste acaso, ou te foi familiar
Um verbo que nos baixios daqui muito se ouve
O verbo amar?

Porque na cegueira, no charco
Na trama dos vocábulos
Na decantada lâmina enterrada
Na minha axila de pelos e de carne
Na esteira de palha que me envolve a alma

Do verbo apenas entrevi o contorno breve:
É coisa de morrer e de matar, mas tem som de sorriso

Sangra, estilhaça, devora, e por isso
De entender-lhe o cerne não me foi dada a hora.

É verbo?

Ou sobrenome de um Deus prene de humor
Na péripla aventura da conquista? [\[6\]](#)

(segunda-feira, 11 de janeiro de 1993)

COMO SE UM BREJEIRO ESCOLIASTA...

Lembrei-me: aquela santa que bebia a água da bacia onde lavava os leprosos chama-se Santa Margarida Maria Alacoque. Também não sei mais nada sobre ela, só isso. Ainda bem. E por que será que todas as coisas ligadas à santidade são necessariamente ligadas ao sofrimento? Por que é preciso flagelar-se, jejuar, maltratar o corpo, mutilar-se, dar todos os bens, ser um pária na vida? Por que os humanos inventaram um deus ou deuses sempre ameaçadores, ávidos por sangue e martírio, as bochechas inchadas de tanto triturar a carne das criaturas? O conceito de martírio, holocausto, sofrimento para dar prazer a um deus é para mim inaceitável. O que pensar dos neurônios de Isaac entendendo que era para pôr o filho na fogueira? Todos esses supostos diálogos dos humanos com um suposto deus me lembram a Telesp em dias de chuva, você chamou Londres e te dão Carapicuíba ou Cururu-Mirim. Ninguém entendeu nada até agora (como na microfísica), e os humanos têm mesmo, segundo a Ciência, muitos parafusos soltos entre o neocórtex e o hipotálamo. Não me conformo também com isso de um deus mandar seu filho para o planeta Terra a fim de ser crucificado. Pra nos salvar, me ensinaram. Mas nós não fomos salvos de nada! Continuamos os mesmos estúpidos paranoicos (é só ler a História) em direção à loucura, ao pânico, ao desespero. Como é que você pode entender alguém que te diz: “Sim, meu amor, eu te amo, mas aguenta firme que vou te arrancar as unhas, aguenta firme que vou te furar os olhos, aguenta firme que vou te crucificar”? Até parece historinha sadô: “Me bate, amor, me corta de gilete, me põe o armário em cima.” Se Deus fosse só um amante enciumado e eu o traísse com o chifrudo, até dá pra entender. O sexo é ligado a muitas fantasias sórdidas. Ou vocês só fazem aquele buraco no lençol? Alguém muito especial me dizia: tens um inimigo? Deseja-lhe uma paixão. Mas a luz lá de cima, o grande sol das almas me condenando ao sofrimento, me pentelhando para sempre a vida? Ah, não.

Outra coisa: eu gosto muito de Jeshua. Foi um raro, um excepcional, um homem (?) da mais alta qualidade, mas também gosto muito da teoria da vitimologia. Jeshua não poderia ter sentido culpa pelos mais variados motivos?

Por excessiva bondade? Por ter amado ou desejado Marta, Maria ou Madalena? Por ter espancado aquela figueira? Por ter sido tão admirável, tão singular e tão raro? Por extrema beleza? Por tão grande poder de sedução? Sim, porque, afinal, não é todo dia que você vê alguém andando, pra cima e pra baixo, sempre acompanhado de doze homens. Eu me sentiria culpada por tanta sedução. E quem se sente culpado quer, no mais fundo, ser castigado. Aí vocês dirão: não, mas ele disse: “Pai, afasta de mim esse cálice.” Como é que você sabe o que ele disse? Alguém ouviu esse diálogo íntimo de Jeshua com seu deus? Ou vocês acham que ele ficou gritando feito um ator no palco, lá no Jardim das Oliveiras, assim aos quatro ventos, para acordar discípulos e passarinhos, justo ele que sabia ser tão delicado?

Ó, patéticas invenções, ó, nós, humanos, tão ambíguos e absurdos! Também tive eu um dia meu surto de vitimologia. Ei-lo. Leiam-no e esqueçam-no. O lá de cima, graças a Deus, tinha desligado o telefone quando escrevi o poema.

Honra-me com teus nada.
Traduz meu passo
De maneira que eu nunca me perceba.
Confunde estas linhas que te escrevo
Como se um brejeiro escoliasta
Resolvesse
Brincar a morte de seu próprio texto.
Dá-me pobreza e fealdade e medo.
E desterro de todas as respostas
Que dariam luz
A meu eterno entendimento cego.
Dá-me tristes joelhos.
Para que eu possa fincá-los num mínimo de terra
E ali permanecer o teu mais esquecido prisioneiro.
Dá-me nudez. E andar desordenado. Nenhum cão.
Tu sabes que amo os animais
Por isso me sentiria aliviado. E de ti, Sem Nome,
Não desejo alívio. Apenas estreitez e fardo.
Talvez assim te encantes de tão farta nudez.
Talvez assim me ames: desnudo até o osso
Igual a um morto. [\[7\]](#)

(segunda-feira, 18 de janeiro de 1993)

SISTEMA, FORMA E PEPINO

Quando perguntaram a Platão qual dos governos e sistemas atuais acreditava mais conveniente e útil à sabedoria, respondeu: “Nenhum dos existentes.” Eu, que sou apenas um poeta, hoje responderia o mesmo. Mas o poeta não existe. Esta última frase me lembra uma outra história: a rainha Vitória, encolerizada porque o ditador boliviano Mariano Melgarejo obrigou o embaixador da Inglaterra a beber um barril de chocolate por ter recusado um copo de chicha, uma bebida alcoólica, e, ainda por cima, fez com que o embaixador inglês montasse ao contrário num burro e passeasse assim pela principal rua da cidade de La Paz, a rainha Vitória, dizia eu acima, pediu um mapa da América Latina, traçou uma cruz sobre a Bolívia e vaticinou: Bolívia não existe. Digo mais: poetas e latino-americanos não existem. Existem, sim, para serem saqueados. Em qualquer forma de governo, presidencialismo, parlamentarismo ou (!?!) monarquismo, nós, brasileiros, latino-americanos, sempre seremos saqueados.

Ah... que triste que seja tão verdadeiro o fragmento do livro *Tu não te moves de ti*, cuja autora é esta modesta cronista de horas vagas, eu sim, que tenho sido apedrejada (coitaaada!). Recortem-no (comprar o livro seria pedir demais) e, por favor, desta vez não o esqueçam:

... sou um homem, tropeço, estou de bruços, de bruços, pronto para ser usado, saqueado, ajustado à minha latinidade, esta sim real, esta de bruços, as incontáveis infinitas cósmicas fornicações em toda a minha brasilidade, eu de bruços, vilipendiado, mil duros no meu acósmico buraco, entregando tudo, meus ricos fundos de dentro, minha alma, ah, muito conforme o seo Silva muitíssimo adequado, tu de bruços, e no aparente arrotando grosso, chutando a bola, cantando, te chamam de bundeiro os ricos lá de fora, o seo Silva brasileiro, seo Macho Silva, hôhô hôhô, enquanto fornicas bundeiramente as tuas mulheres cantando, chutando a bola, que pepinão, seo Silva, na tua rodela, tuas pobres juntas se rompendo, entregando teu ferro, teu sangue, tua cabeça, amoitado, às apalpadelas, meio cego, cedendo, cedendo sempre, ah, Grande Saqueado, grande pobre macho saqueado, de bruços, de joelhos,

há quanto tempo cedendo e disfarçando, vítima verde-amarela amado macho inteiro de braços flexionado, de quatro, multiplicado de vazios, de ais, de multi-irracionais, boca de miséria, me exteriorizo grudado à minha História, ela me engolindo, eu engolido por todas as quimeras. [\[8\]](#)

Machucou-se, leitor? Escandalizou-se, leitor? (coitaaado!)

(segunda-feira, 25 de janeiro de 1993)

PEQUENA FÁBULA PARA OS INDIGNADOS

*A resistência ao sexo é uma resistência à
fatalidade (...) O conflito sexual é assim
universal porque o corpo é um problema
universal para uma criatura que
tem de morrer*
Otto Rank

Absorto, centrado no nó das trigonometrias, meditando múltiplos quadriláteros, centrado ele mesmo no quadrado do quarto, as superfícies de cal, os triângulos de acrílico, suspensos no espaço, por uns fios finos, os polígonos, Isaiah, o matemático, sobrolho peluginoso, inquietou-se quando descobriu o porco. Escuro, mole, nas coxas diminutas e enrugadas existindo aos roncões e, em curtas corridas gordas, desajeitadas, o ser do porco estava ali. E porque o porco efetivamente estava ali, pensá-lo parecia lógico a Isaiah, e começou pensando spinozismos: “De coisas que nada tenham em comum entre si, uma não pode ser causa da outra.” Mas aos poucos reolhando, com apetência pensante, focinhez e escuros do porco, considerou inadequado para o seu próprio instante o Spinoza citado aí de cima, acercou-se e, de cócoras e olho-agudez, ensaiou pequenas frases tortas, memorioso: se é que estás aqui, dentro da minha evidência, neste quarto, atuando na minha própria circunstância, e efetivamente estás e atuas, diz-me por quê. Nas quatro patas, um esticado muito teso, nos moles da garganta, pequeninos ruídos gorgulhantes, o porco de Isaiah absteve-se de responder tais rigorismos, mas focinhou de Isaiah os sapatos, encostou nádegas e ancas com alguma timidez e, quando o homem tentou alisá-lo como se faz aos gatos, aos cachorros, disparou outra vez num corre gordo, desajeitado, e de lá do outro canto, novamente um esticado muito teso e pequeninos ruídos gorgulhantes. Bem, está aí. Milho, batatas, uma lata de água, e sinto muito não haver terra para o teu mergulho mais profundo, de focinhez. Retomou algarismos, figuras, hipóteses, progressões, anotava seus cálculos com tinta roxa, cerimoniosa, canônica, limpo bispal. Isaiah limpou dejetos do porco, muito

sóbrio, humildoso, sóbrio agora também o porco, um pouco triste, esfregando-se nos cantos, um aguado-ternura nos dois olhos e, por isso, Isaiah lembrou-se de si mesmo, menino, e do lamento do pai olhando-o: *immer krank*, parece, *immer krank*, sempre doente, parece, sempre doente, é o que o pai dizia na sua língua. É doença, não é, Hilde? Hilde, sua mãe, sorria, *ach nein*, é pequeno, é criança, e, quando somos assim, sempre de alguma coisa temos medo, não é doença, Karl, é medo. Isaiah foi adoçando a voz, vou te dar um nome, vem aqui, não farei mais perguntas, vem; e ele veio, o porco, anca tremulosa roçou as canelas de Isaiah; Isaiah agachou-se, redondo de afago foi amornando a lisura do couro e mimos e falas, e então descobriu que era uma porca o porco. Devo-lhes dizer que em contentamento conviveu com Hilde a vida inteira. Deu-lhe o nome da mãe em homenagem àquela frase remota: sempre de alguma coisa temos medo. E, na manhã de domingo, celebrou esponsais. Um parêntese devo me permitir antes de terminar: Isaiah foi plena, visceral, lindamente feliz. Hilde também. [\[9\]](#)

P.S.: Se você não compreendeu teu corpo nem meu texto, *rent a pig*.

(segunda-feira, 8 de fevereiro de 1993)

MUSA CAVENDISHI

Um dos personagens de Albert Camus diz que, se ganhasse alguma quantia em dinheiro, compraria um barraco, poria um pouco de cola no umbigo e uma bandeira. Assim, ele esperaria para ver de que lado sopra o vento. Pois não é que os ventos mudaram? Há pouco tempo, esta modesta articulista estava a ponto de ser apedrejada como uma infeliz rameira lá da Galileia. E não é que virei santa? Credo, Elias! Santo sofre.

— E agora —

Baixou o doutor Fritz!

Um senhorr insinuarr eu gostarr de ôvos podres e ttraques de senhorr Henrricas oitavas. Non senhorr, non gostarr. Mas, crrionça, senhorr non dava ttraques? Non tirrava melêcas de narriz? Non? Cuidada enton! Porrque aquele outro que nascerr em “Braunau sobre o Inn”, aquele Adolfo, crrionça também, non ttrrar melêcas nem dar ttraques, mas depoz, quando grrande, soía defecarr em cabeças de amantes! *Das Geist* (o espírrito) das gentes non poderr sempre ser ton severro e sorrumbático, como alguns sugerrem. *Got* (que serr Deus) cospe os mornnos. E devo acrescentarr: os taciturnos. Que fazerr eu de ton sórrrido parra algumas orrelhas? Pequenas atarrefatas bonitas, porrongas prrateadas rrecheadas de licorres e *manhattans*? Lembrarr também, senhorr, daquele outro senhorr soldado ton elegante que ser o brraço dirreito de santa Joana Darrco, o senhorr Gilles de Rais, que parecia ton fino, ton imponente no seu cavalo, ton belo aos olhos da turrba (óóó, as aparrências!), lembrarr que ele ttransformarr-se depoz em imundo mago negrrro, que matarr crioncinhas e sorverr sangue das coitadinhas, eu terr medo de santas porrrque pobrrzinhas nunca poderr saberr se estou ao lado de um anjo ou de um *Teufel* (que serr o chifrrudo), porrrque os caminhos do bem son muitas vezes atalhos parra o mal, e o que parece imundo pode em casos rrarros levar a caminhos fecundos; a ferrida que purrga, muitas vezes, é a que vai sarrarr. Se Lady Chatterley non converrsasse com John Thomas (que serr aquela bela porronga de seu

jardineiro), non saberia que aquilo era para usar. E para aquela senhora que diz que tem agora pena de mim porque não tem mais santa (óóó, que contradição!), devo mandar como mandaria meu amigo Drummond, “a figura simpática e esguia de uma banana”, bananas podem ser belas, mas também finas, tristes e amareladas.

(segunda-feira, 15 de fevereiro de 1993)

RECEITAS ANTITÉDIO CARNAVALESCO

Pequenas sugestões e receitas de espanto antitédio para senhores e donas de casa durante o Carnaval.

I

Pegue um nabo. Coloque duas ou três palavras dentro dele, por exemplo: bastão, ouro, amplidão. Chacoalhe. Você não vai ouvir ruído algum. É normal. Aí ajoelhe-se com o nabo na mão e diga:

Com o bastão que me foi dado
Com o ouro que me foi tirado
E sem nenhuma amplidão
De conceitos e dados
Quero renascer brasileiro
E poeta.
Quem te ouvir vai ficar besta.

II

Colha um pé de couve e dois repolhos. Embrulhe-os. Faça as malas e atravesse a fronteira. Tá na hora.

III

Pergunte ao seu filhinho se ele quer laranja descascada de tampinha ou de gomo. Se ele disser que quer laranja descascada de tampinha, diga que um menino bem-educado sempre escolhe a de gomo. Se ele começar a chorar, chupe você a laranja. De tampinha, naturalmente.

IV

Enfeite a mesa com flores. Compre um peru. Feche as crianças no banheiro. Antes de começar a ceia, convide seu marido para dançar ao redor da mesa (não mexa com o peru). Inopinadamente pergunte se ele gosta de trufas. Se ele disser que sim, gargalhe algum tempo atrás da porta e diga que “trufas não tem não, amorzinho”.

V

Compre manteiga. Passe-a nos dedos (esqueça Marlon Brando). Chupe-os. E diga em tom de oração: que vida solitária, meu Deus! (Contenha-se.)

VI

Compre uma língua de tucano (é uma umbelífera), uma língua de vaca (*Chaptalia nutans* é seu nome científico), um lírio branco (*Lilium candidum*), dois caquis (não é cáqui, não vá comprar o brim da cor dos caquis), ferva durante cinco minutos. Depois jogue fora, olhando para o alto. É uma simpatia para você não dormir.

VII

Corte um saco em pequenos pedaços. Um de estopa, evidente. Embrulhe vários ovos, um por um, em cada pequeno pedaço de estopa. Pinte caras descarnadas, dentes pontudos e beiços vermelhos na cara dos ovos (sempre esses de galinha ou de pato, é desses que eu estou falando). Quando alguma das tuas crianças começar a pedir aquelas coisas caríssimas e imbecis que são sugeridas na televisão, cubra-se de negro à noite, use tintas fosforescentes para ressaltar a cara dos ovos (aqueles) e quebre-os um a um nas pequeninas cabeças dizendo com voz rouca: parem de pedir coisas impossíveis à sua mãe, seus canalhas!

VIII

(Se você for ph.D., leia até o fim. Se não, pule esta.)

Faça um buquê de orelhas. É fácil. Peça apenas uma a cada um de seus dez amigos íntimos. Diga-lhes que é para uma causa nobre. Se perguntarem qual causa (não confundir com Cáucaso, é outra coisa), diga que você precisa mandar o buquê para tua velha e querida preceptora inglesa (quando você tinha quinze anos, lembra-se?), que arrancou as tuas duas porque você insistiu inquebrantável durante doze horas seguidas que aquela primeira frase de Marco Antônio para o

povão era, na “tua” tradução, “Emprestai-me vossas orelhas”. Todos concordarão, acredite, com o teu pedido. Ainda mais porque todo mundo sabe que “Lend me your ears” quer dizer isso mesmo.

IX

Se você quer se matar porque o país está podre, e você quase, pegue uma pedrinha de cânfora e uma lata de caviar e coloque ao lado seu revólver. Em seguida, coloque a pedrinha de cânfora debaixo da língua e olhe fixamente para a lata de caviar. Só então engatilhe o revólver. (É bom partir com olorosas e elegantes lembranças. Atenção: não dê um tiro na boca porque a pedrinha de cânfora se estilhaça.) [\[10\]](#)

(segunda-feira, 22 de fevereiro de 1993)

DELICATESSEN

Você nunca conhece realmente as pessoas. O ser humano é mesmo o mais imprevisível dos animais. Das criaturas. Vá lá. Gosto de voltar a este tema. Outro dia apareceu uma moça aqui. Esguia, graciosa, pedindo que eu autografasse meu livro de poesia, “tá quentinho, comprei agora”. Conversamos uns quinze minutos, era a hora do almoço, parecia tão meiga, convidei-a para almoçar; agradeceu muito, disse-me que eu era sua “ídala”, mas ia almoçar com alguém e não podia perder esse almoço. Alguém especial?, perguntei. Respondeu nítida: “pé de porco”. Não entendi. Como? “Adoro pé de porco, pé de boi também”. Ahn... interessante, respondi. E ela se foi apressada no seu Fusquinha. Não sei por que não perguntei se ela gostava também de cu de leão. Enfim, fiquei pasma. Surpresas logo de manhã.

Olga, uma querida amiga passando alguns dias aqui conosco, me diz: pois você sabe que me trouxeram uma noite um pé-perna de porco, todo recheado de inverossímeis, como uma delicadeza para o jantar? Parecia uma bota. Do demo, naturalmente. E lendo uma entrevista com W.H. Auden, um inglês muito sofisticado, o entrevistador pergunta-lhe: “O que aconteceu com seus gatos?” Resposta: “Tivemos que matá-los, pois nossa governanta faleceu.” Auden também gostava de miolo, língua, dobradinha, chouriços e achava que “bife” era coisa para as classes mais baixas, “de um mau gosto terrível”, ele enfatiza. E um outro cara que eu conheci, todo tímido, parecia sempre um urso triste, também gostava de poesia... Uma tarde veio se despedir, ia morar em Minas... Perguntei: “E todos aqueles gatos de que você gostava tanto?” Resposta: “Tive de matá-los.” “Mas por quê?!” Resposta: “Porque gatos gostam da casa e a dona que comprou minha casa não queria os gatos.” “Você não podia soltá-los em algum lugar, tentar dar alguns?” Olhou-me aparvalhado: “Mas onde? Pra quem?” “E como você os matou?” “A pauladas”, respondeu tranquilo, como se tivesse dado uma morte feliz a todos eles. E por aí a gente pode ir, ao infinito. Aqueles alemães não ouviam Bach, Wagner, Beethoven, não liam Goethe, Rilke, Hölderlin???? à noite, e de dia não trabalhavam em Auschwitz? A gente nunca sabe nada sobre o outro. E Aquele lá de cima, o Incognoscível, em que

centésima carreira de pó cintilante sua bela narina se encontrava quando teve a ideia de criar criaturas e juntá-las? Oscar, traga os meus sais.

(segunda-feira, 1º de março de 1993)

BANQUEIROS, EDITORES E PINICOS

Aos setenta e nove anos e pernetas, ela matou a pinicadas (golpes de pinico) o velhote (seu marido), quando ele se jactava de antigas façanhas sexuais, enquanto ela apenas mancava solitária pela casa. Onde foi isso? Na aldeia de Mókroie? Em Londres, gente! Há duas semanas atrás. Que vitalidade! Que altaneria! E que rabugice! Se fosse comigo, aos setenta e nove, eu apenas anotaria, quase sucinta, no meu diário: John, ontem à noite, contou-me deliciosas aventuras e acho que fez muito bem, porque convenhamos, com o meu coto é difícil manter-me no coito em equilíbrio.

Aos setenta e nove gostaria de loquear um pouco. É bom ser estranho e velho. Que menina medonha! É sua filhinha, é? E esse é seu marido? Ahhh... então é por isso! Coitaaaaada! E talvez colocasse um balde na cabeça à guisa de chapéu, como aquela baronesa Elza von Fretag von Loringhoven, que também enfeitava a cara com selos... e morava no mesmo bairro onde moravam Henry Miller e June. Eu andaria com o meu balde e desenharia lindas borboletas na minha cara, aqui mesmo, na minha torre de capim. E vou dizer muitas verdades a alguns, principalmente àquele meu amigo banqueiro, riquíssimo (aliás acho que vou dizer agora), a quem pedi que editasse meu livro como brinde, no seu banco, e ele disse: você é mesmo boba, Hilda, ninguém mais lê poesia... Eu disse: mas você era tão sensível e gostava tanto de poesia e é filho de um poeta... Ele: agora eu só sou sensível depois das nove da noite. E eu deveria ter dito a ele o que vou dizer agora: e se eu te chupar a bronha depois das nove da noite, te sensibiliza e você edita? Só que aos setenta e nove ia ser melhor porque eu estaria sem dentes... Ah, banqueiros, meus amigos, caixão não tem gaveta, viu? Ah, o que eu tenho visto de avareza e hostilidade quando estamos na dureza! Como é triste ser avarento quando se é velho e rico! Ou só como é triste ser avarento! E como é sórdido ser avarento com os poetas. E agora vou terminar com um poema porque já estou espirocando de ódio em relação a banqueiros e editores e a crônica foi pras picas. P.S. Querem saber? Acho que a velhota fez bem. E já vou comprar o meu pinico. Ninguém vai notar uma velhota aos sessenta e três entrando no banco ou na editora com um pinico na sacola.

Enquanto faço o verso, tu decerto vives.
Trabalhas tua riqueza, e eu trabalho o sangue.
Dirás que sangue é o não teres teu ouro
E o poeta te diz: compra o teu tempo
Contempla o teu viver que corre, escuta
O teu ouro de dentro. É outro o amarelo que te falo.
Enquanto faço o verso, tu que não me lês
Sorris, se do meu verso ardente alguém te fala.
O ser poeta te sabe a ornamento, desconversas:
“Meu precioso tempo não pode ser perdido com os poetas.”
Irmão do meu momento: quando eu morrer
Uma coisa infinita também morre. É difícil dizê-lo:
MORRE O AMOR DE UM POETA.
E isso é tanto, que o teu ouro não compra,
E tão raro, que o mínimo pedaço, de tão vasto
Não cabe no meu canto. [\[11\]](#)

(segunda-feira, 8 de março de 1993)

TÁ TUDO EM ORDEM, MEU BEM?

Ah, que delícia se alguém abrisse a porta da sala, do quarto ou do banheiro e me dissesse solícito: “Tá tudo em ordem, meu bem?” Há quantos anos isso não acontece comigo! E tô vendo todo mundo esbravejando porque o presidente Itamar tem uma divina assessora que abre todas as portas e diz exatamente isso: “Tá tudo em ordem, meu bem?” Seja lá quem for essa maravilhosa dona Rute, seria lindo encontrar um duplo dela para senhoras como eu, complexas, muitas vezes prolixas e com tudo em desordem. E ainda que as coisas não se arrumem com essa simples frase, a esperança de que um dia alguém possa arrumá-las já nos dá um grande alívio. “A ideia do suicídio nos alivia de muitas noites más”, disse Nietzsche. E que delícia então ter a ideia de chamar a Rute ao invés de pensar em se matar. No meu caso, eu digo porque o presidente não tem motivos para pensar nisso. A inflação está só vinte e sete por cento ao mês. Alguém em Nova York perguntou ao prefeito Maluf (dias atrás) a quanto estava a inflação no Brasil. Ele respondeu: vinte e seis por cento. O que perguntou: “Ah, isso é muito, *vinte e seis por cento ao ano* é muito mesmo!” Os ministros do presidente, os que se foram e os que “estão” ministros, resolveram aderir ao conceito de um Prêmio Nobel: “Só existe um meio seguro de evitar erros: não fazer nada ou ao menos evitar fazer algo novo.” Uma frase digna de um Dalai-Lama. Ou de um iniciado, pelo menos. Há um grande iniciado que todo mundo, no Brasil, devia conhecer ou aderir: padre Bede Griffiths. Ele diz em algum momento: “A divina escuridão... nela, encontramos Deus.” Tá tudo tão escuro por aqui, apesar do ainda verão. Será que é Deus que vem vindo? Outra coisa agora: quem é que vai ser a rainha se aparecer um rei? Não paro de rir atrás das portas com essa ideia de monarquia. Gente!!! Não combina! Já pensou todo o povão gritando: “Viva o rei! Viva a rainha!” E nós todos desdentados, famélicos apontando os dois: oia o rei, oia a rainha! E se alguém descobrir um dia (como naquela estorinha infantil) que o rei está nu? Agora, mais a sério:

Amada vida, minha morte demora.
Dizer que coisa ao homem,

Propor que viagem?
Reis, ministros
E todos vós, políticos,
Que palavra
Além de ouro e treva
Fica em vossos ouvidos?
Além de vossa RAPACIDADE
O que sabeis
Da alma dos homens?
Ouro, conquista, lucro, logro
E nossos ossos
E o sangue das gentes
E a vida dos homens
Entre os vossos dentes. [\[12\]](#)

(segunda-feira, 15 de março de 1993)

O VERME NO CERNE

Gente!!! Se quiserem me chatear seriamente é só começar a falar de política & negócios. Há tamanha escroteria, tamanha torpeza no cerne desses dois assuntos (na verdade um só), que me vem logo à cabeça “o verme no cerne”, expressão de William James, mas com novas conotações aqui, na minha modesta crônica, o verme dentro daquela rombuda e reluzente goiaba naquele galho logo ali, você nhac, e lá está ele mole e branquicento, puff, política & negócios. E também toda essa parvoíce de presidencialismo-parlamentarismo-monarquia, pretensos distintos rótulos para velhíssimas instituições, todas elas com suas respectivas curriolas, suas vaidades, suas eloquências vazias e outra coisa: não é uma forma específica de governo que nos há de salvar, mas toda uma ética, uma consciência coletiva visando ao bem-estar do Homem. E uma consciência cósmica. E solidariedade. Gosto de Ford Madox Ford quando diz: “Se esta civilização deve ser salva, só podemos salvá-la mediante uma mudança no coração de toda a população do globo. Nem o aperfeiçoamento das máquinas, nem os truques dos economistas (e eu, Hilda, acrescento: dos políticos) podem fazê-lo. Para termos uma civilização viva precisamos possuir corações civilizados.” E quem é que você conhece que é civilizado? Teu vizinho te engole e você dá bom dia e pergunta da criança e do cachorro. Cagam na tua cerca ou no teu muro, gargalham se você está na merda, matam o teu cachorro, incendeiam o teu gato, te roubam, te assaltam, te sequestram. Solidariedade? Ó. E se você tem alguma coisa pra vender, só faltam cuspir ou defecar na coisa, me lembro de uma vez, eu dura, querendo vender meus santos do século XVIII, uma linda santa Tereza D’Ávila, e o cara dizendo que a santa tinha a cara muito gorda, desfazendo da coitadinha como se a santa fosse uma vaca vestida. E um outro que se dizia meu amigo e trouxe a noiva (uma chata) e ela olhou tudo o que eu tinha pra vender (coisas lindas, diga-se de passagem) e riu com seus dentinhos negros de ogra e disse: “Ah, que pena! Tudo isso que você tem pra vender eu já ganhei no meu chá de panela.” Agora são seis da manhã e eu estou ouvindo a Jovem Pan. Gosto muito do Chico Falcão e ele comenta alguma coisa sobre o FMI. Digo pra mim mesma: “Meu Deus, que pesadelo! Bem que podia haver solidariedade

internacional!” Alguém dentro de mim ri. Bobona. Muito menos caridade internacional. E o que é o FMI? Aqui está: “Nascido nos Estados Unidos, com sede nos Estados Unidos e a serviço dos Estados Unidos, o Fundo opera como um inspetor internacional, sem cujo visto o sistema bancário norte-americano não afrouxa os cordões da bolsa.” Fico pensando: tanto ouro, tanto minério, tanta riqueza no nosso solo e subsolo e nós sempre atolados até o pescoço! E aí você vai se lembrando de tudo que leu e aprendeu em livros seriíssimos, toda a desgraça da América Latina e do teu triste Brasil, e vai pensando e se detendo no mundo da política & negócios e vai sentindo um cheiro de excremento, de cloacas abertas, de sordidez e pestilência... Você pensa: caguei-me? Não. Políticos e homens de negócios (deve haver obscuras e nítidas exceções), íncubos e súcubos a meu ver, é que defecaram no planeta. Levanto-me. Esbarro na linda pilha de meus lindos livros e uma página se abre. Arrisco um olho: “A Bolívia produziu ao longo de sua história minerais e petróleo bruto e discursos refinados. Abundam a retórica e a miséria, os escritores cafonas e os doutores encasacados se dedicam sempre a absolver os culpados de qualquer culpa.” Alguma semelhança com algum outro país?

Lobos? São muitos.
Mas tu podes ainda
A palavra na língua
Aquietá-los.
Mortos? O mundo.
Mas podes acordá-lo
Sortilégio de vida
Na palavra escrita.
Lúcidos? São poucos.
Mas se farão milhares
Se à lucidez dos poucos
Te juntares. [\[13\]](#)

(segunda-feira, 22 de março de 1993)

HORA DOS TAMANCOS

As incongruências, os absurdos, a estupidez, a selvageria, o imponderável, isso tudo é o que nos rodeia, e ainda assim temos de sobreviver e continuar como se estivéssemos no melhor dos mundos. Roubam bilhões, trilhões, mas se algum pobre coitado roubar um pão, o cara sai correndo atrás e cadeia nele. A maior parte dos seres humanos nasce louca, sim, porque nós não ficamos loucos, nem “pegamos” loucura como se “pega” gripe ou resfriado, a gente nasce louco. E por que estou falando sobre isso? Porque é só sobre a loucura e a estupidez das gentes que eu tenho vontade de falar. Lendo jornais, vendo televisão, ouvindo rádio você literalmente pira. Tudo o que tenho lido, visto, ouvido... por exemplo o caso Daniela Perez... cada vez mais confuso e complicado, as versões são agora totalmente contraditórias, agora ninguém sabe mais quem matou quem, a moça Paula, de início, confessou que matou, depois diz que não confessou, o marido confessou que matou, agora dizem que há mais alguém que matou, e sucessivos e contraditórios depoimentos fazem com que o caso fique cada vez mais obscuro. Por quê? Mistério.

Menores dão tiros na cabeça das pessoas nos cruzamentos. Por quê? Perguntam ao menino. Resposta: porque ele fez uma cara muito assustada, dotô. E aí mandam o menino para o SOS-Criança. E nós não temos SOS?

O senhor PC Farias tá todo contente por aí comprando o seu Mercedes quatro portas, o Collor também continua por aí com seus bilhões, trilhões e seus supositórios de “arroz”, e logo mais vai morar lindamente bem longe daqui. As baboseiras do tal plebiscito também continuam... rei, que rei? Gente, o único rei que vai ficar é o rei do baralho, presidente, quem? Os nomes que vão surgir... é de arrepiar! E parlamentarismo então... parece chique e modernoso falar em parlamentarismo... A Somália é parlamentarista, a Itália é parlamentarista... e todo aquele horror, e toda aquela corrupção! Engodos. E o que você propõe, sabichona? De início, uma boa trepada de despedida, depois entrar para a Ordem da Grande Cartuxa, lá ninguém abre a boca e escrevem, escrevem... e depois queimam tudo o que escreveram, ou fazer como os frades do deserto, trançar cestos de palha o dia inteiro e depois desfazer tudo, e orar, orar. Ou

simplesmente desafiar o incognoscível e começar com a hora dos tamancos, isto é, pôr a mão na cintura e bater o pezinho: como é, meu? Tá puxando o teu fuminho? Tá cintilando? Tá acariciando a bronha estrelada? O pessoal na Terra tá mal... Eh, planeta desgraçado!

Bom mesmo são estes pilotos de Fórmula 1 que ganham até quinze milhões de dólares por ano e estão sempre *down*. Claro, eles merecem ganhar muito mais, pois os pilotos de Fórmula 1 são indispensáveis para a Humanidade, sem eles morreríamos, lógico, deus deve ser um corredor, que pressa, haja vista como nos fez tão perfeitos, tão felizes, tão completos. E o preço para ver os deuses correrem... o mais baratinho é mais de um salário mínimo, mas tem ingresso até de cinquenta milhões de cruzeiros...

Com cinquenta milhões de cruzeiros você bebe, come, caga, tudo pertinho dos figurões! Hiii! A velha levantou de ovo, ouço vocês dizendo. Sim, de ovo e em pânico. E o que é o pânico? É o grotesco. Sylvia Plath chamava Deus de Rei Pânico. E agora, se me permitem, vou concluir com o admirável Ernest Becker, um dos meus amados favoritos:

“Que devemos concluir de uma criação na qual a atitude rotineira consiste nos organismos despedaçarem uns aos outros com dentes de todos os tipos mordendo, triturando carne, talos de plantas, ossos entre os molares, empurrando, satisfeitos, a massa goela abaixo, avidamente, incorporando a essência desta em seu próprio organismo, e depois excretando com mau cheiro e gases os resíduos?... A criação é um pesadelo espetacular que ocorre num planeta que vem sendo encharcado de sangue de todas as suas criaturas há centenas de milhões de anos.”

E ainda dizem que eu fiquei pornográfica... Gente, ninguém fica pornográfico, nós nascemos pornográficos.

(segunda-feira, 29 de março de 1993)

TEMPO DE POESIA

Entre cavalos e verdes pensei meu canto
Entre paredes murais lamentos ais
Um cenário acanhado para o canto
Se o que dele se espera é até demais
Pretendi cantar mais alto que entre os verdes
E encantar o meu sentir cansado
Naquele melhor sentir de quando era menina.
Vontade de voltar às minhas fontes primeiras.
De colocar meus mitos outra vez
Nos lugares antigos e sorrir
Como a ti te sorri, minha mãe, a vez primeira.
Vontade de esquecer o que aprendi:
Os castelos lendários são paisagens
Onde os homens se aquecem, sós, sumários
Porque da condição do homem, é o despojar-se.

TESTAMENTO LÍRICO

Se quiserem saber se pedi muito
Ou se nada pedi, nesta minha vida,
Saiba, senhor, que sempre me perdi
Na criança que fui, tão confundida.
À noite ouvia vozes e regressos.
A noite me falava sempre sempre
Do possível de fábulas. De fadas.
O mundo na varanda. Céu aberto.
Castanheiras douradas. Meu espanto
Diante das muitas falas, das risadas.
Eu era uma criança delirante.
Nem soube defender-me das palavras.
Nem soube dizer das aflições, da mágoa
De não saber dizer coisas amantes.
O que vivia em mim, sempre calava.

E não sou mais que a infância. Nem pretendo
Ser outra, comedida. Ah, se soubésseis!
Ter escolhido um mundo, este em que vivo,
Ter rituais e gestos e lembranças.
Viver secretamente. Em sigilo
Permanecer aquela, esquiva e dócil
Querer deixar um testamento lírico
E escutar (apesar) entre as paredes
Um ruído inquietante de sorrisos
Uma boca de plumas, murmurante.

Nem sempre há de falar-vos um poeta.
E ainda que minha voz não seja ouvida
Um dentre vós, resguardará (por certo)
A criança que foi. Tão confundida.

(segunda-feira, 5 de abril de 1993)

COMPAIXÃO TAMBÉM É POLÍTICA

*Tu sabes que serram cavalos vivos
Para que fiquem macias
As sacolas dos ricos?*

Já sei que tá cheio de gente sofrendo, velhos, crianças, mulheres, nordestinos, favelados, mas é preciso também fazer alguma coisa urgente e batalhar contra a crueldade em relação aos animais. Há algum tempo ouvi dizer que serravam cavalos vivos porque a dor fazia com que o couro ficasse macio... Fui vomitar ventando no meu pinico de barro. E depois comecei com aquilo tudo que vocês já sabem, a hora dos tamancos. Bem, continuando. Ouvi emocionada, há alguns dias, o relato de uma admirável jovem mulher, Mara Thereza, que há anos vem salvando cavalos doentes e abandonados, ou atados às carroças, com os cascos em carne viva, ou corroídos de sarna e de feridas, e aí ela, Mara, até pede para comprar, mas o dono diz: inda tá bonzinho, dona, veve mais uns dia trabaiano... E o bicho todo esfolado, sangrando. Eh... gente “simpres” e boa!

Em 1964, quando vim para Campinas, um amigo meu quis me levar à Hípica. Fui, achei tudo lindo até que me deparei com uma égua e sua cria num matagal ao lado. A égua cheia de carrapatos, doentíssima, e a cria também. Mas o que é isso? perguntei estarrecida. Explicação: a dona largou as duas aqui, não pagou o aluguel das baias e sumiu. Mas isso é um absurdo, eu disse. Vocês têm que tratar dos animais! Mas não dá não, dona, não pagando não dá... De início, fiquei aos prantos, só olhando, depois em seguidinha, furiosa, perguntei se me vendiam as duas. Claro, deram graças a Deus, e graças a Deus minha mãe tinha uma fazenda e chamei um caminhão e levei-as, mas só a égua foi salva porque a cria já estava muito mal. Alguns, que me viram comprar, sorriram e me chamaram de louca. Estou acostumada com tal rótulo e antes louca do que pérfida, nojenta e gélida, pactuando com a maioria dos humanos. Sou louca de compaixão sim, e é pena que eu não tenha poder nem dinheiro para salvar os animais das mãos dos humanos.

Se algum de vocês, leitores, puder ajudar de alguma maneira Mara Thereza, essa admirável jovem mulher, ou aceitando um sofrido animal em sua chácara ou no seu terreno cercado, ou às vezes emprestando um caminhão para tirar o animal de algum inferno ou do carrasco, escrevam para este jornal, aos meus cuidados, e os competentes façam leis, senhores, leis severas para os carrascos de animais, há carrascos em demasia no mundo, há também todo o meu asco e o Pessoa dizendo mais ou menos isso: hoje vomitei o mundo na pia. Eu também. Com licença. Vou indo.

Sobre o vosso jazigo
— Homem político —
Nem compaixão, nem flores.
Apenas o escuro grito
Dos homens.
Sobre os vossos filhos
— Homem político —
A desventura do vosso nome.

(segunda-feira, 19 de abril de 1993)

EGE (ESQUADRÃO GERIÁTRICO DE EXTERMÍNIO)

O poeta pode ser violento. A maior parte da vezes contra si mesmo. Um tiro no peito, gás, veneno, um tiro na boca, como fez Hemingway, que também foi poeta em *O velho e o mar*; Maiakóvski, um tiro no peito; Sylvia Plath, gás de cozinha; Ana Cristina César, um salto pelos ares; etc. etc. etc. “Os delicados preferem morrer”, dizia Drummond. Mas esta modesta articulista, sobretudo poeta, diante das denúncias feitas pela revista *Veja*, todos aqueles poços perfurados em prol de uma única pessoa ou em prol de amiguelhos de sua excelência, presidente da Câmara, senhor Inocêncio (a indústria da seca), e o outro com seu lindo carro às custas de gaze e esparadrapo... Credo, gente, quando você vê na televisão ou *in loco* o povão famélico, desdentado, mirrado... Um amigo meu foi para o Ceará e passou os dias chorando! As crianças todas tortas, todos pedindo comida sem parar... e quinhentas toneladas de farinha apodrecendo... e montes de feijão desviados para uma só pessoa... (Um parênteses, porque meu coração de poeta pede a forca, o fuzilamento, cadeia, cadeia para aqueles que se locupletam à custa da miséria absoluta, da dor, da doença.) Gente, eu já estou uma fúria e para ficar mais calma proponho algumas coisas mais sutis, por exemplo: o Esquadrão Geriátrico de Extermínio, a sigla óbvia seria EGE. Arregimentaríamos várias senhoras da terceira idade, eu inclusive, lógico, e com nossas bengalinhas em ponta, uma ponta-estilete besuntada de curare (alguns jovens recrutas amigos viajariam até os Txucarramãe ou os Kranhacarore para consegui-lo) nos comícios, nos palanques, nas Câmaras, no Senado, espetaríamos as perniciosas nádegas ou o distinto buraco malcheiroso desses vilões, nós, velhinhas misturadas às massas, e assim ninguém nos notaria, como ninguém nunca nota a velhice. Nossas vidas ficariam dilatadas de significado, ó que beleza espetar bundões assassinos, nós faceiras matadoras de monstros!

O curare é altamente eficiente, provoca rapidinho a paralisia completa de todos os músculos transversais (bunda é transversal?) e em seguidinha sobrevém a morte por parada respiratória. Ficaríamos todas ao redor do coitadinho, abanando: óóóó, morreu é? Um pedido ao presidente Itamar: severidade, excelência, é ignominioso, indigno, insultante para todos nós, deste pobre Brasil

tão saqueado, que essas terríveis denúncias terminem no vazio, no nada, na impunidade. É sobretudo perigoso porque:

de cima do palanque
de cima da alta poltrona estofada
de cima da rampa
olhar de cima

LÍDERES, o povo
Não é paisagem
Nem mansa geografia
Para a voragem
Do vosso olho.
POVO. POLVO
UM DIA.

O povo não é o rio
De mínimas águas
Sempre iguais.
Mais fundo, mais além
E por onde navegais
Uma nova canção
De um novo mundo.
E sem sorrir
Vos digo:
O povo não é
Esse pretenso ovo
Que fingis alisar,
Essa superfície
Que jamais castiga
Vossos dedos furtivos.
POVO. POLVO.
LÚCIDA VIGÍLIA.
UM DIA. [\[14\]](#)

(segunda-feira, 3 de maio de 1993)

TEOLOGIA NATURAL

A cara do futuro ele não via. A vida, arremedo de nada. Então ficou pensando em ocos de cara, cegueira, mão corroída e pés, tudo seria comido pelo sal, brancura esticada de maldita, salgadura danada, infernosa salina, pensou óculos, luvas, galochas, ficou pensando vender o quê, Tiô inteiro afundado numa cintilância carne de sol era ele, seco, salgado, espichado, e a cara-carne do futuro onde é que estava? Sonhava-se adoçado, corpo de melaço, melhoria se conseguisse comprar os apetrechos, vende uma coisa, Tiô. Que coisa? Na cidade tem gente que compra até bosta embrulhada, se levasse concha, ostra, ah, mas o pé não aguentava o dia inteiro na salina e ainda de noite à beira d'água salgada, no crespo da pedra, nas facas onde moravam as ostras. Entrou na casa. Secura, vaziez, num canto ela espiava e roía uns duros no molhado da boca, não era uma rata não, era tudo o que Tiô possuía, espiando agora os singulares atos do filho, Tiô encharcando uns trapos, enchendo as mãos de cinza, se eu te esfrego direito tu branqueia um pouco e fica linda, te vendo lá, e um dia te compro de novo, macieza na língua foi falando espaçado, sem ganchos, te vendo, agora as costas, vira, agora limpa tu mesma a barriga, eu me viro e tu esfrega os teus meios, enquanto limpas teu fundo pego um punhado de amoras, agora chega, espalhamos com cuidado essa massa vermelha na tua cara, na bochecha, no beijo, te estica mais para esconder a corcova, óculos, luvas, galochas é tudo o que eu preciso, se comprem tudo, devem comprar a ti lá na cidade, depois te busco, e espanadas, cuidados, sopros no franzido da cara, nos cabelos, volteando a velha, examinando-a como faria exímio conhecedor de mães, sonhado comprador, Tiô amarrou às costas numas cordas velhas tudo o que possuía, muda, pequena, delicada, um tico de mãe, e sorria muito enquanto caminhava.

[15]

P.S.: Neste nosso Brasil tão saqueado, ter mãe é um capital a ser respeitado.

(segunda-feira, 10 de maio de 1993)

LAMA, LHAMAS, PERUS

Que pena que no Nordeste não tem lhamas, porque já teria sido irrigado. Dizem que as lhamas, animais que habitam os altiplanos do Peru, têm olhos lindíssimos e olhar de mulher apaixonada, dizem também que a genitália das lhamas é delicada e perfeita como a de delicadas e perfeitas fêmeas humanas. Pois muito bem. Só posso entender o empréstimo de cem milhões de dólares para irrigar o Peru se o tal empréstimo foi feito para regar as lhamas, quero dizer que ministro e construtora se deliciaram com algumas e resolveram construir balneários e bidês para os usuários e para as ditas-cujas. Gente!... Não tenho nada contra lhamas nem contra bidês e muito menos contra o Peru... mas as coisas por aqui vão mal! Primeiro furam poços no Nordeste para abastecer as privadas e as piscinas de suas excelências, os políticos, e deixam o povão morrendo de sede, o gado também, e agora querem cumprir contratos de cem milhões de dólares, alhures, quando o Brasil tá todo esturricado! Tem sido mais fácil compreender Heidegger, Wittgenstein, sânscrito, copta, do que compreender explicações de ministros e quejandos. A língua anda mesmo enrolada e confusa com as tais “pistolas” de pele da senhora Roseane Collor. E é um tal de ministro entrar e sair, credo, até parece o fiofó da mãe Joana. A ministra Crusius ficou dois meses e saiu considerando a tarefa a que se propôs concluída. Mas dois meses não dá nem para arrumar as gavetas! Eu mesma levei três para arrumar as gavetinhas aqui de casa... E claro que na gaveta de um poeta não há nada parecido com o que há na gaveta de um ministro, e um poeta dificilmente vira ministro e dificilmente arruma gavetas. Um poeta pode, sim, se apaixonar por uma lhama, mas dificilmente terá os tais cem milhões de dólares... Dificilmente um poeta ficaria íntimo de um alto funcionário de uma grande empresa e, se ficasse, logo mais levaria um pontapé no traseiro.

Poeta e povo jamais compreenderão empréstimos de cem milhões de dólares para irrigar coisa alguma alhures, porque o teu próprio país está *doente famélico sedento triste pobre inflacionado demente*. Só a Poesia salva. Ei-la:

Amada vida:

Que essa garra de ferro
Imensa
Que apunhala a palavra
Se afaste
Da boca dos poetas.
PÁSSARO-PALAVRA
LIVRE
VOLÚPIA DE SER ASA
NA MINHA BOCA.

(...)

Que essa garra de ferro
Se desfaça
Diante da luz intensa
Da palavra.

PALAVRA-LIVRE
Volúpia de ser pássaro

Amada vertiginosa.

Asa. [\[16\]](#)

(segunda-feira, 17 de maio de 1993)

TEJE PRESA!

Diante da situação caótica miserável assustadora paupérrima de todos nós (menos daqueles que todo mundo sabe quem são: PC, Collor, banqueiros — é o cúmulo um banco te cobrar quarenta e seis por cento de juros! —, sequestradores, deputados que têm verba de mais de duzentos milhões de cruzeiros para tratar dos dentes — os meus estão caindo — e ainda conseguem empréstimos lá mesmo na Câmara e sem juros — (!!!) — e acham o salário de mais de cem milhões de cruzeiros um lixo...), bem, dizia eu que, diante da situação absolutamente calamitosa, além daquela sugestão adorável do Esquadrão Geriátrico de Extermínio que lhes propus, proponho uma nova, também só para velhinhas... Suspense... Um bordel geriátrico, que tal? Há gosto pra tudo... E contrataríamos velhinhas magníficas, risonhas, letradas, umas quituteiras (que fazem quitutes), outras paciosas, adorando ouvir relatos chatérrimos como este “ah... como eu quis tanto dormir com mamãe, ela era linda gostosa etc., como não consegui, sou assim agora”. E depois será que não tem alguém curioso que até pague para ver uma velhinha pelada? Até só para rir um pouco? É tão difícil rir nos tempos de hoje! Eu, por exemplo, adoraria ver velinhos deslumbrantes como Bertrand Russell, o Einstein, meu Deus, acho que riríamos tanto... Olha que engraçado que você ficou! E isso aqui, o que é? É aquilo. Não acredito, ficou assim é? E riríamos, riríamos. Outra coisa, gente, tenho pensado tanto em como ganhar dinheiro... Que tal se importássemos os dejetos do Primeiro Mundo pra fazer qualquer coisa, sim, porque os dejetos do Primeiro Mundo devem conter todas as vitaminas e mais sais minerais do que aquelas pastilhas geriátricas caríssimas contêm. E será que não é mais barato bosta de rico? Tô pensando, gente, tô pensando. Aceito sugestões para uma possível sociedade. E se alguém quiser me trancafiar pelo acúmulo de obscenidades que venho sugerindo, gostaria de ser trancafiada em algum lugar como a Bastilha, porque, não sei se vocês sabem, certamente não, a ignorância também grassa como grama no país, mas se alguém tiver dinheiro o bastante para comprar o livro *Cidadãos (uma crônica da Revolução Francesa)*, de Simon Schama (eu não comprei, roubei), saberia que o marquês de Sade teve vários

privilégios lá dentro. E eu, como fui editada na Itália em companhia do marquês, de Jonathan Fast e Choderlos de Laclos, com meu livro *Il Quaderno Rosa de Lori Lamby*, também teria os mesmos privilégios, naturalmente. E foram estes:

“Levou para a cela, entre outras coisas, escrivadinha, guarda-roupa, *nécessaire*, camisa, calções de seda, casacas, roupões, vários pares de botas e sapatos, apetrechos de lareira, quatro retratos de família, tapeçaria para pendurar nas paredes brancas, almofadas de veludo, colchões para tornar a cama mais confortável, uma coleção de chapéus, três fragrâncias — água de rosa, água de flor de laranjeira e água de colônia — para se perfumar e uma grande quantidade de velas e lamparinas. Estas eram necessárias, pois, ao entrar no cárcere, em 1784, Sade levou também uma biblioteca de cento e trinta e três volumes, entre os quais as histórias de Hume, a obra completa de Fénelon, romances de Fielding e Smollett, a *Ilíada*, as peças de Marmontel, livros de viagem sobre Cook e Bouganville nos mares do Sul, uma *Histoire des Filles Célèbres* e o *Danger d’Aimer Etranger*”,

Outra coisa: olhem só a comida da Bastilha:

“Uma sopa excelente, um suculento bife, uma coxa de frango pingando gordura (uma virtude no século XVIII), um pratinho de alcachofras frias e marinadas, ou de espinafre, deliciosas peras de Cressane, uvas frescas, uma garrafa de velho borgonha e o melhor café”. [\[17\]](#)

Trancafiei-me assim, senhores, por favor. É a única maneira de eu sobreviver.

(segunda-feira, 24 de maio de 1993)

PAUSA PARA A BELEZA

Diante da selvageria, do pânico, da desordem só nos resta a poesia. Araripe Coutinho, carioca, radicado em Aracaju/Sergipe, 25 anos, tão jovem, mas poeta maior dilata de significados o meu dia. Leiam-no.

Águas
Que as águas
te devolvam
o ódio e a prece

a carcaça do tempo
sob os olhos

Que as águas
te devolvam
o fel e o resto

este espaço vazio
estes todos

Que as águas
te devolvam

eu apenas
mudo.

De anjos e deuses
De anjos e deuses
foram feitos meus cascos
e assim me desdobro
vasto e sonâmbulo

e os cacos dos teus óculos
cambaleiam no jardim
onde begônias adormecem sós
De saltos e rastros
o destino e a vaga
o poeta conhece o asco
o assombro o torpor
e viaja por um trem de sombras
anêmonas vertigens
e não se cansa da couraça
O casco se mutila
e nem é mais preciso
vinhos cereja poesia.
O poeta apenas passa.
Traz o teu deserto
Traz o teu deserto para dentro de mim
E assim possuiremos terras. Vastos
Campos sem flores nem destinos
Caminhos nem passado nem janelas
Que nos renovem o pecado de amar
As mesmas costelas largas e
sublimadas
Traz o indesejável
Aquilo que já não olhas
(nem consolas)
Traz um chamado
De vísceras de abandono
Um deserto de infâncias
De infinitos. E enquanto
Eu engulo o teu deserto
Leva meu grito.

(segunda-feira, 31 de maio de 1993)

MINHA FELIZ INVENÇÃO

Gosto de escrever do avesso das gentes, do avesso das coisas, o que ninguém vê, gosto de falar de gente rara, louca naquele sentido da ousadia, os loucos de piedade, por exemplo, como essa admirável Mara Thereza que foi a semana passada a um circo e encontrou três tristes leões magérrimos esqueléticos e um com tanta fome que comeu o rabo do outro e aí ela me diz que está procurando alguém para ficar com os três leões... e eu tô procurando alguém que fique comigo, quem sabe um leão para eu ser comida (no pior sentido, engolida mesmo) e aí acaba tudo e eu não preciso mais ler notícias como as que vêm da Iugoslávia, esta: várias mulheres grávidas foram desventradas e tiveram seus fetos arrancados da barriga e depois pisoteados... O ser humano é de uma estupidez desembestada... e ainda dizem que é preciso ser otimista, que só os otimistas constroem... Besteira, tenho sido pessimista desde sempre e escrevi bravamente. — O que é preciso conservar são as chamadas “ilusões intensificadoras da vida” (Otto Rank), e traduzindo quer dizer engana-te a ti mesmo, aja “como se” tudo não fosse como é, só vai levar 500 anos para todo mundo ficar “normal” no melhor sentido e 500 anos passam depressa, acalma-te, “tudo vem a seu tempo”, ninguém é canalha, ninguém é sórdido, todo mundo nasce bom, coitaaados! São todos bonzinhos. Preservemos a sórdida canalha e estúpida raça humana com suas mesquinharias, sua malvadez, sua ilimitada crueldade. E esses caras da engenharia genética tão fazendo o quê? Não dá pra fazer um bom espermicida não? Enquanto isso não acontece, vamos brincar de “como se”.

Vamos brincar meus amigos

De ver beleza nas coisas.

Beleza no desatino

No teu amor descuidado

Beleza tanta beleza

Na pobreza.

Vamos brincar meus amigos

De ver beleza na moça
Que por amor não se dá.
Nem por nada. E se reserva
Ao homem que Deus dará.
Vamos brincar meus amigos
De ver beleza na morte.
Mais que na morte, na vida.
Tão doce morrer em vida
Tão triste viver em vão.
Vamos brincar meus amigos
E de mãos dadas cantar
Minha feliz invenção:
Beleza tanta beleza
Em tudo que se não vê
Beleza.

(segunda-feira, 7 de junho de 1993)

CREDO, A MUIÉ PIRÔ!

Se eu tivesse que nascer de novo queria ser homem. Um homem lindo, porque “beleza é fundamental”, segundo Vinícius e eu gostava muito de Vinicius, fui até namorada dele (quem não o foi?), depois queria ser forte, fortíssimo, só pra dar porrada, porrada principalmente nesses que deixam apodrecer toneladas de milho, toneladas de feijão, porradas para os mentirosos de campanha, aqueles que prometem tudo e depois fazem nada. Ouvindo a *Rádio Cultura*, soube estarrecida, que 95% do esgoto de Campinas não é tratado, jogam tudo nos rios... gente! Mas é absurdo! La mer d’ici, la mer de lá. O ser humano ainda não compreendeu que ele e os rios, ele e os mares, ele e as florestas, ele e os animais, ele e o Cosmos são um só, e se você não entrar em harmonia com isso tudo, você simplesmente se fode. Perdão para as criancinhas que leem o jornal (!), segundo algumas mãezinhas, mas o termo foder-se é do tempo do foda-se, quero dizer com isso que é antiquíssimo e todo mundo fala e sabe o que quer dizer e não é mais palavrão. Palavrão é não dizer tudo que estou dizendo aqui. Bem, voltando à vaca fria (esse também é do tempo do foda-se, vovó falava muito), a ecologia não é uma invenção de vadios, é um negócio seriíssimo, você não pode impunemente ficar jogando merda (devo dizer dejetos? devo dizer excrementos? a maior parte das gentes não sabe o que é isso) nos rios, nem ficar cagando (perdão, defecando) nos mares, nem as empresas podem ficar jogando venenos, e agrotóxicos e petróleo, e a cada dia você ouve e lê notícias de que tudo isso continua sem parar... gente! É demais! E a cada dia você lê e ouve e vê na televisão que encontraram toneladas de cocaína, dez toneladas hoje, dez toneladas amanhã... e por que não deixam que a cocaína role por aí? Quem quiser se foder que se foda. Não há os que bebem? Os que fumam? Dá cirrose? Dá câncer? Fica louco? Todo mundo sabe disso. As pessoas querem se matar? Que se matem. Há até um poema de Pessoa: “Se te queres matar, por que não te queres matar? Ah, aproveita! que eu, que tanto amo a morte e a vida, se ousasse matar-me, também me mataria... ah, se ousares, ousa!”. Agora o chato é quando você não quer e te obrigam. O chato é jogarem toda a bosta nos rios que são do Planeta e você mora nele, o chato seria me obrigarem a cheirar cocaína ou a

beber ou a fumar ou a dar um tiro no ouvido. Outra coisa, isso dos cassinos, por exemplo, é uma grana preta, por que não abrem o jogo? Todas as praias do Nordeste com lindos cassinos, dólares em penca pagando nossas dívidas. Se o cara quer jogar, gente, ele vai jogar até em Timbuctu, mas vai jogar mesmo! E por que não joga aqui? Teríamos estradas, água em cascatas no Nordeste, e não só os poços do senhor Inocêncio... Grana, minha gente, grana salva tudo! E mais: todo mundo não sabe que a Aids tá matando? E não há milhões de idiotas o tempo todo fornicando? A cabeça de cima ninguém usa... e mais: todos os negócios não são feitos em dólares? E porque não dolarizam a economia? Por que o tempo todo escondendo o sol com a peneira? (Minha avó também falava isso do sol com a peneira). As grandes companhias não são uma mamata deficitária? Já não se sabe que só privatizando é que dá certo? E por que não privatizam logo e acabam com isso? O que há afinal por detrás de tudo que não se sabe? O FMI não manda na gente? Manda, gente, manda. E por que não falamos logo a língua inglesa e ficamos insistindo nessa besteira de nós vai nós fica (que é a língua que se fala mesmo), e os americanos nos adotam (uff! que alívio!), e a gente não precisa mais falar nem escrever, e eu ficaria aqui de barriga pra cima ouvindo os passarelhos, falando telepaticamente com os meus cães para gáudio dos meus vira-latas e dos meus adentros, estes sim, fartos de ler e ouvir e depois falar e escrever sobre notícias recorrentes de um mundo inteiro pestilento e demente. Bye bye. Tô indo. Na verdade fiquei. Mas tô pirando.

(segunda-feira, 14 de junho de 1993)

O QUANTO A VIDA É LÍQUIDA

Atenção: ouvi às quatro da matina, através da Central Brasileira de Notícias (CBN), que, em Rondônia e no Acre, quinhentas mil meninas de doze a catorze anos são vendidas como prostitutas aos garimpeiros. Se forem virgens, valem vinte milhões de cruzeiros reais. O preço das não virgens não foi dito. Se adoecem, são em seguida assassinadas. Fiquei em estado catatônico. Ainda estou. Pausa longa. Segundo os astrólogos, no meu mapa astral há a chamada “trindade da alma”, e isso quer dizer que eu recebo no peito, como um soco, as múltiplas dores do mundo. E por isso, de dor e de compaixão, posso em seguidinha morrer. E para morrer “esquecendo”, resolvi beber além do que já bebo, e como vou ficar bebendo algum tempo (porque o teor da notícia lá de cima é insuportável e sinistro), esta crônica e mais algumas serão dedicadas às minhas “Alcoólicas”, e vocês terão a chance de ler alguns dos mais belos poemas da língua. Boa noite. Aí vão os primeiros três:

I

a Jamil Snege

É crua a vida. Alça de tripa e metal.
Nela despenco: pedra mórula ferida.
É crua e dura a vida. Como um naco de víbora.
Como-a no livor da língua
Tinta, lavo-te os antebraços, Vida, lavo-me
No estreito-pouco
Do meu corpo, lavo as vigas dos ossos, minha vida
Tua unha plúmbea, meu casaco *rosso*
E perambulamos de coturno pela rua
Rubras, góticas, altas de corpo e copos.
A vida é crua. Faminta como o bico dos corvos.
E pode ser tão generosa e mítica: arroio, lágrima

Olho-d'água, bebida. A vida é líquida.

II

Também são cruas e duras as palavras e as caras
Antes de nos sentarmos à mesa, tu e eu, Vida
Diante do coruscante ouro da bebida. Aos poucos
Vão se fazendo remansos, lentilhas-d'água, diamantes
Sobre os insultos do passado e do agora. Aos poucos
Somos duas senhoras, encharcadas de riso, rosadas
De um amora, um que entrevi no teu hálito, amigo
Quando me permitiste o paraíso. O sinistro das horas
Vai se fazendo tempo de conquista. Langor e sofrimento
Vão se fazendo olvido. Depois deitadas, a morte
É um rei que nos visita e nos cobre de mirra.
Sussurras: ah, a vida é líquida.

III

Alturas, tiras, subo-as, recorto-as
E pairamos as duas, eu e a Vida
No carmim da borrasca. Embriagadas
Mergulhamos nítidas num borraçal que coaxa.
Que estilosa galhofa. Que desempenados
Serafins. Nós duas nos vapores
Lobotômicas líricas, e a gaivagem
Se transforma em galarim, e é translúcida
A lama e é extremoso o Nada.
Descasco o dementado cotidiano
E seu rito pastoso de parábolas.
Pacientes, canonisas, muito bem-educadas
Aguardamos o tépido poente, o copo, a casa.
Ah, o todo se dignifica quando a vida é líquida. [\[18\]](#)

(segunda-feira, 21 de junho de 1993)

LIQUIDIFICA O MUNDO!

Releio Ionesco, *O solitário*. É a estória de um homem que recebe uma herança e começa a beber. Mas não é isso, é lindo! E eu que não recebi nenhuma por esses dias, tenho bebido sim. E que quentura, que delícia, que êxtase, à tardezinha (quando o sol já se pôs), tomar aquele encantado-maravilha, aquele dourado, ainda que sozinho. Dizem que não é bom beber sozinho. Besteira. Você vive, bebe e morre sozinho. Porque você nunca sabe do verdadeiro rosto de ninguém. Todos com suas meigas, neutras ou duras máscaras... Aquele ali ama o teu verso? Mentira, te vê como uma anódina ovelha velha, antegoza teu pelo, tua lã e sonha com o dele próprio casaco de inverno... Beber sozinho é bom, mas com cães ao lado, porque esses sim, têm a cara que têm. Focinho e bicudez. E tanta ternura. Ontem morreu Coli Ronquinha, uma dulcíssima cadela. A cada noite, ao meu lado, eu lhe dizia muda o que Bem Johnson dizia para Célia: “Drink to me, onely, with thine eyes, and I will pledge with mine”, e isso quer dizer: “Bebe comigo apenas com teus olhos, e de penhor dar-te-ei os meus”. E aí vão mais três Alcoólicas para os amantes da Vida que é a Poesia. Boa noite.

I

*E bebendo, Vida, recusamos o sólido
O nodoso, a friez-armadilha
De algum rosto sóbrio, certa voz
Que se amplia, certo olhar que condena
O nosso olhar gasoso: então, bebendo?
E respondemos lassas lérias letícias
O lusco das lagartixas, o lustrino
Das quilhas, barcas, gaivotas, drenos
E afasta-se de nós o sólido de fechado cenho.
Rejubilam-se nossas coronárias. Rejubilo-me
Na noite navegada, e rio, rio, e remendo
Meu casaco “rosso” tecido de açucena.*

Se dedutiva e líquida, a Vida é plena.

II

*Te amo, Vida, líquida esteira onde me deito
Romã baba alcaçuz, teu trançado rosado
Salpicado de negro, de doçuras e iras.
Te amo, Líquida, descendo escorrida
Pela víscera, e assim esquecendo
Fomes
País
O riso solto
A dentadura etérea
Bola
Miséria
Bebendo, Vida, invento casa, comida
E um Mais que se agiganta, um Mais
Conquistando um fulcro potente na garganta
Um látego, uma chama, um canto. Ama-me.
Embriagada. Interdita. Ama-me. Sou menos
Quando não sou líquida*

III

*Vem, senhora, estou só, me diz a Vida.
Enquanto te demoras nos textos eloquentes
Aqueles onde meditas a carne, essa coisa
Que geme sofre e morre, ficam vazios os copos
Fica em repouso a bebida, e tu sabes que ela é mais viva
Enquanto escorre. Se te demoras, comesças a pensar
Em tudo que se evola, e cantarás: como é triste
O poente. E a casa como é antiga. Já vês
Que te fazes banal na rima e na medida.*

*Corre. O casaco e o coturno estão em seus lugares.
Carminadas e altas, vamos rever as ruas
E como dizia o Rosa: os olhos nas nonadas.*

Como tu dizes sempre: os olhos no absurdo.

Vem. Liquidifica o mundo

(segunda-feira, 28 de junho de 1993)

FOI ATINGIDO?

Com estes três poemas terminam minhas *Alcoólicas*. Ao todo foram nove. Quando os escrevi não bebi uma só gota. Algum gaiato dirá: bebeu milhares. Não. E espero que alguns “raros” tenham compreendido que é de uma outra embriaguez, de um fervor descomedido, o roteiro voluptuoso destes versos. É triste explicar um poema. É inútil também. Um poema não se explica. É como um soco. E, se for perfeito, te alimenta para toda a vida. Um soco certamente te acorda e, se for em cheio, faz cair tua máscara, essa frívola, repugnante, empolada máscara que tentamos manter para atrair ou assustar. Se pelo menos um amante da poesia foi atingido e levantou de cara limpa depois de ler minhas esbraseadas evidências líricas, escreva, apenas isso: fui atingido. E aí sim vou beber, porque há de ser festa aquilo que na Terra me pareceu exílio: o ofício de poeta.

I

Mandíbulas. Espáduas. Frente e avesso.
A Vida ressoa o coturno na calçada.
Estou mais do que viva: embriagada.
Bêbados e loucos é que repensam a carne o corpo
Vastidão e cinzas. Conceitos e palavras.
Como convém a bêbados grito o inarticulado
A garganta candente, devassada.
Alguns se ofendem. As caras são paredes. Deitam-me.
A noite é um infinito que se afasta. Funil. Galáxia.
Líquida e bem-aventurada, sobrevoou. Eu, e o casaco *rosso*
Que não tenho, mas que a cada noite recrio
Sobre a espádua.

II

O casaco *rosso* me espia. A lã
Desfazida por maus-tratos
É gasta e rugosa nas axilas.
A frente revela nódoas vivas
Irregulares, distintas
Porque quando arranco os coturnos
Na alvorada, ou quando os coloco rápida
Ao crepúsculo, caio sempre de bruços.
A Vida é que me põe em pé. E a sede.
E a saliva. A língua procura aquele gosto
Aquele seco dourado, e acaricia os lábios
Babando impudente no casaco.

É bom e manso o meu casaco *rosso*
Às vezes grita: ah, se te lembrasses de mim
Quando prolixa. Lava-me, Hilda.

III

Se um dia te afastares de mim, Vida — o que não creio
Porque algumas intensidades têm a aparência da bebida —
Bebe por mim paixão e turbulência, caminha
Onde houver uvas e papoulas negras (inventa-as)
Recorda-me, Vida: passeia meu casaco, deita-te
Com aquele que sem mim há de sentir um prolongado vazio.
Empresta-lhe meu coturno e meu casaco *rosso*: compreenderá
O porquê de buscar conhecimento na embriaguez da via

[manifesta.

Pervaga. Deita-te comigo. Apreende a experiência lésbica:
Estilhaça a tua própria medida. [\[19\]](#)

(segunda-feira, 5 de julho de 1993)

DECOLA OU DEGOLA

Daqui a dois dias é o dia 14 de julho, data oficial para as comemorações da Revolução Francesa. Eu fui qualquer um na Revolução Francesa, posso até ter sido aquele velho leão que, no Jardin-des-Plantes, sobreviveu ao terror, mas era cutucado, escarnecido e cuspidos só porque era o “rei” dos animais, “criatura da realeza”. Ficou só pele e osso e cheio de sarna e feridas, mas ficou vivo. Posso sim ter sido esse leão, tenho muito a ver com bicho, mas aí eu não teria essa mancha vermelha na minha nuca, mancha de nascença, e às vezes penso que deve ter sido a marca daquilo, da “machine” do doutor Guillotin, “invenção que conjugasse horror repressivo e eficácia indolor”, segundo recomendação de Marat.

Outra coisa: por algum motivo minha mãe sabia a data em que fui concebida: dia 14 de julho. E mais: sempre tive verdadeiro pânico-fascínio de ler sobre a Revolução Francesa, mas sempre acabava lendo e ficava gelada e tremia, mas lia. Certamente não fui a rainha nem Robespierre nem Danton, muito menos Camille Desmoulins. Deste último, há quatro anos tenho um livro notável: *Eu sou Camille Desmoulins*, escrito por Hermínio C. Miranda e o jornalista Luciano dos Anjos. Luciano submeteu-se a várias sessões de regressão de memória, realizadas por Hermínio, e o resultado foi espantoso: a vida inteira de Camille Desmoulins nos seus mínimos detalhes. Tenho certeza da vida depois da morte, não me perguntem por quê, mas sei que ela existe. E também não me importo com aquele sorriso alvar, meio abestado dos metidos a doutores (“Livrai-me dos abestados e dos atoleimados”), mas a física do futuro, daqui a alguns anos, será toda virada do avesso, e dimensões desconhecidas e invisíveis (e nem por isso menos reais) para nós hão de se fazer nítidas e matematicamente rigorosas e belas.

Se você desconfiar, leitor, que foi o leão (aquele lá de cima) ou um valete do rei ou um ministro ou um João-ninguém durante a Revolução Francesa e tiver o tal pânico-fascínio semelhante ao meu, procure encontrar o livro: *Eu sou Camille Desmoulins — A Revolução Francesa revelada por um dos seus líderes*, de

Hermínio Corrêa de Miranda e Luciano dos Anjos, Editora Arte e Cultura Ltda., 1989, Caixa Postal 100.285, CEP 24.001, Niterói, Rio de Janeiro.

Já pensou que aventura-desventura essa de viver infinitas vidas e deduzir que a vida é sim uma delirante ideia criativa e por isso ninguém pode definitivamente morrer?

O poeta é sempre um profeta. Há muito eu me disse:

Em direção a muitas vidas
Muitas mortes
Meu caminho de agora.

P.S.: Sem pretender sutis analogias entre a época pré-revolucionária francesa e a atual, neste nosso Brasil, destaco a opinião de um dos violentos teóricos daquele período: “A única propriedade é a existência, e é preciso comer a qualquer preço.”

(segunda-feira, 12 de julho de 1993)

DEIXOU DE SER MICO?

E se eu ficar lúdica, pastosa, permissiva, sonora, casta e contundente e não disser mais nada congruente, se eu ficar esmolando pelas ruas, lúcida espirocando, se eu levitar enquanto sobre o meu texto tu flutuas, se eu disser que aos cinco anos de idade aquela prodigiosa Simone Weil (informe-se) sentindo frio depois do banho disse ao seu próprio corpo e diante de sua perplexa mãezinha: “Tu tremes, carcaça?”, o que tu sentirias? O que é o insólito, o imponderável, o horrível? O que é ser feito de carne, hem, gente? O que quer dizer coisa, pensar, acontecer? Como é o teu tempo? O que é o Tempo? E antes e depois? É obsceno dizer pústula? E salário mínimo, também? E fruta? E maçã, com aquele rego do meio? E boca? E fome? E fora de cena, é obsceno ficar? E ser velho e disforme e verrugoso, ainda é ser? E ser uma jovem mula acariciante, mulher, loira ou crioula, é ser o quê? E se dividissem o país em vinte e três países e contratassem um milhão de japoneses, tudo aqui não ia ser do cacete e crescer? O que é isso de sonhar escombros como parece ser o sonho de todos os ministros, e chupar o dedão do pé dos banqueiros todos como sói acontecer a múltiplos políticos, o que é isso, hem, de em sendo assim não ser? O que é isso que tá acontecendo que mandam a gente esquecer tudo o que ele escreveu de bonito? Será o Fernando ou o Benedito? Ah, Benedito, eu gosto tanto do teu *Renascer*.^[20] Ah, Fernando, eu gostava tanto de te ler... E o que será isso, triste, de ter que morrer? E matar então, que descabido! E não ter cabimento, o que é? Vem de cabide e lamento? O que é? É o choro do armário o tempo todo em pé? E o Homem ficou melhor porque leu ortodoxamente começo, meio e fim de sua própria História? E terno gravata dólar, só por isso deixou de ser mico? Deixou? E o átomo a Bomba a Bósnia o Infinito... Descreva o oco, um ponto torto, a bilha. O que é estar vivo? E você sabe que o morto fervilha?

(segunda-feira, 26 de julho de 1993)

ME EMPRESTA A SUA “9 MILÍMETROS”?

Um dos caras que assassinou aqueles coitadíssimos meninos lá na Candelária fez uma bela orgia antes. Mulheres, bebidas, sauna. Só depois fez aquilo. Continuo catatônica. Vocês não? E o tal espermicida humano onde está? Em São Paulo um rapazinho chamado Robson foi linchado por outros vinte menores, a pauladas e canos de ferro. A cabeça voou pelos ares, naturalmente.

Arthur Koestler: “Algo saiu errado em algum lugar durante os últimos estágios explosivos da evolução biológica do *Homo sapiens*”!!!!!! (as exclamações são minhas, porque quando leio ou escuto “*Homo sapiens*” fico rindo três horas atrás da porta). “E que existe uma falha, algum erro de construção potencialmente fatal, ocorrido em nosso equipamento original — mais especificamente nos circuitos do nosso sistema nervoso — que explicaria o traço de paranoia que perpassa toda nossa história. Os mais intuitivos diagnosticadores — os poetas — jamais cessaram de nos afirmar que o homem é ruim e sempre foi assim. Mas os antropólogos, os psiquiatras e os estudiosos da evolução não levam os poetas a sério e continuam inabaláveis diante da evidência que lhes salta aos olhos.” Amado Koestler. No fim da vida, muito doente e sem esperanças, matou-se. A mulher o acompanhou.

Quanta gente impressionante que se mata, não? Virginia Woolf atirou-se no rio. Mais especificamente no rio Ouse. Encheu os bolsos de pedra e foi-se. Van Gogh, o deslumbrante, um tiro no peito... E falando em Van Gogh, outro dia fui à farmácia procurar uma pasta de dentes para fumantes, e atrás do balcão tava sentado um homem tão triste que resolvi brincar um pouco e perguntei sorrindo: cê não tem uma pasta de dentes pra clarear? e arreganhando os meus: olhe, eles estão sobre o amarelo Van Gogh (e nesse pedaço eu ri), e por isso etc. etc. O homem triste fez uma cara louquésima, esbugalhou, rosnou agressivo: que gog? que gog? que cê qué, dona? Aí eu disse: o Gogh dos girassóis, aqueles lindos amarelos, aquele Gogh da cadeira, aquele que pintou aquela cadeira que ninguém nunca viu de tão fabulosa, aquele... O homem triste ficou bem mais louco (a tristeza tem muito a ver com a loucura e com o demo, dizem que o demo é triste) e esganiçou: não sei quem é gog não sua louca, sai, sai! Saí

ventando com os meus amarelos. Gosto tanto de amarelo, de fúcsia também, mas eu queria ser toda vermelhusca! De cólera e paixão. Alguns dizem sim que eu sou vermelha, mas eu mesma me vejo bege, e triste e pálida e louca sim. Gente, como a gente faz pra não dar um tiro no dedo mindinho, hein? E uma facada no peito? Aquela “só dói quando eu rio”.

Como a gente faz pra vida não doer tanto? Como a gente faz pra morrer no laguinho, bossa Ofélia, rodeada de flores, sem antes ser devorada pelas piranhas? Como a gente faz pra acabar com a tal Evolução, com suas químicas, seus tubos, suas alquimias, seus espiroquetas, todo esse salseiro que é o Planeta? Tô mal, *to mouse*, *to* Mauss, mais pra rato que pra antropólogo. Bom dia.

(segunda-feira, 2 de agosto de 1993)

BATE-PAPO COM O CHEFE

Norbert Wiener (informe-se), aos oito anos de idade, já era considerado um gênio, e lia às escondidas os ensaios que os psicólogos escreviam a seu respeito. Aos dezesseis era doutor em Ciências e aos vinte redigiu sozinho uma enciclopédia de trinta e cinco volumes. Nasceu no século XX e morreu em meados de 1970. Pois bem. Tenho certeza de que ele, criança, nunca teve a audiência que esse menino bobo tem, esse tal de Jordi, cantando gugu dadá babá, e tirando meleca do nariz e grudando a meleca na mesa. Que é isso, gente? Que é isso? É um boi peidando? É um fiofó parindo um fedelho lindo? É um peru rosnando? E quem sabe se eu, também, não posso ter um dia uma audiência régia? Vamo vê a veia escrevê? Vamo vê a veia pitá? Vamo vê a veia bebê? Vamo vê a veia morrê de tanto se espantá? E eu com uma espingarda de prata atirando nos que me roubam palavras, eu velhíssima claudicando e dando bengaladas, eu armada até os dentes, amarga amarga, eu maga, dialogando com o Louco lá de cima:

tá puxando um ronco, Meu?

tô sim, por quê?

não tá ouvindo nada, não?

uns urros uns uivos uns berros uns gemidos

é aqui da Terra, ó Cara Escura, é gente sofrendo

é ainda a Bósnia, é? tô mais preocupado com os textos de

[Boscovitch que tão por lá.

é do Brasil, dotô, que eu tô falando, lembra?

aquele do céu de anil?

esse! esse!

aquele das bundas, da bola, da ladroeira, da coca, do Collor?

o Collor já caiu

caiu, é? aquele bonitão?

beleza é bobagem, né Alteza?

nem sempre, filha, nem sempre

Vinicius tá por aí?

passou por mim, agora tá por lá
por lá onde?

no mundo da Poesia, das verdades eternas, e isso não é

[comigo

é não?

E aí o Cara Escuro começou a rugir, fez alguns gestos crispados no nada, de pardo ficou romã, depois escarlate, e ouvi algumas frases emboladas, outras empoladas, ouvi principalmente soltas palavras: “córtex”, “asneira”, “hipotálamo”, “mitocôndrias”, “livre-arbítrio o baralho”, “esquizofisiologia”, “babá gugu dadá...” e então fiquei besta vendo o Rubicundo cair babando na sua cesta. As últimas palavras foram: Brasil, é? Errei de novo!

(segunda-feira, 9 de agosto de 1993)

Tô só

Vamo brincá de ficá bestando e fazê um cafuné no outro e sonhá que a gente enricô e fomos todos morar nos Alpes Suíços e tamô lá só enchendo a cara e só zoiando? Vamo brincá que o Brasil deu certo e que todo mundo tá mijando a céu aberto, num festival de povão e dotô? Vamo brincá que a peste passô, que o HIV foi bombardeado com beagacês, e que tá todo mundo de novo namorando? Vamo brincá de morrê, porque a gente não morre mais e tamô sentindo saudade até de adoecê? E há escola e comida pra todos e há dentes na boca das gentes e dentes a mais, até nos pentes? E que os humanos não comem mais os animais, e há leões lambendo os pés dos bebês e leões babás? E que a alma é de uma terceira matéria, uma quântica quimera, e alguém lá no céu descobriu que a gente não vai mais pro beleléu? E que não há mais carros, só asas e barcos, e que a poesia viceja e grassa como grama (como diz o abade), e é porreta ser poeta no Planeta? Vamo brincá

de teta
de azul
de berimbau
de doutora em letras?

E de luar? Que é aquilo de vestir um véu todo irisado e rodar, rodar...
Vamo brincá de pinel? Que é isso de ficá loco e cortá a garganta dos otro?
Vamo brincá de ninho? E de poesia de amor?

nave
ave
moinho
e tudo mais serei
para que seja leve
meu passo
em vosso caminho. [\[21\]](#)

Vamo brincá de autista? Que é isso de se fechá no mundão de gente e nunca mais ser cronista? Bom dia, leitor. Tô brincando de ilha.

(segunda-feira, 16 de agosto de 1993)

QUI CÊ DISSE?

Jota, porque você não desenha alguém desesperado, arrancando os cabelos, e eu invento o roteiro? Esse alguém pode estar sentado manhãzinha no galinheiro e descobre que Deus é aquele frango ali, magrelo e depenado, ciscando ávido, e depois de descobrir isso, esse alguém rola no chão e baba e baba e estertorando come o frango inteiro. Teve um *insight*. Por falar nisso de comer frango cru, contaram-me que um dos meninos metralhados lá na Candelária, tinha o apelido de “Gato” porque adorava comer gatos crus. O depoimento foi do tio dele. Disse o tio que o “Gato” era um bom menino, só tinha essa esquisitice de esfolar gato e comer ali e assim mesmo, à la cru. Que gentes que são as gentes, não? Gente que metralha, gente que come gatos crus, gente que degola crianças e mulheres, gente que come gente, há tantas obtusidades inacreditáveis no Planeta. Pois não há até um PC com o dom da ubiquidade? Vão acabar fazendo um caminho sagrado, PC passou por aqui, e hão de vender patuás, escapulários, santinhos, porque é coisa de santo isso de estar no Caribe, em Quito e ao mesmo tempo no Chile... e o Chile é tão estreitinho pro PC gordão... Ó delícia isso de ser tão rico e ladrão e invisível pra polícia!

Ah, como eu queria entender as platitudes verbais (desses todos da área do poder) que eu leio a cada dia nos jornais! Queria entender esses porquês que a gente nunca entende... Por exemplo: por que é de hábito das “otoridade” deixar apodrecer coisa que é de comer? Toneladas de feijão, arroz e milho, e o povão lambendo paralelepípedo... Cadeia existe pra quê, hein, gente? Pra aquela garota que roubou um pão?

Jota, desenha o silêncio, a boca fechada, um poeta sem palavras. E uvas e vindimas ao invés de na Mesopotâmia a maçã assassina, e nós todos sem pecado e sem serpente, nós dionisiacos apenas no jardim da frente, e atrás, no quintal alecrim, azedinha, arruda, artemísia e muitas galinhas. Também é bom ser simples, é bom ter nada, dormir sem desejar, não ser poeta, ser mãe se não puder ser pai. Pai é melhor. Tem a ver pouco com o todo. Camille Paglia define o esperma assim: “Um ranho de detrito”. Chato, não? As feministas radicais vão adorar: que é seo bobo? Cê é só um ranho!

E como é que a partir de um frango lá de cima eu cheguei até aqui? Existem as chamadas “evidências tardias”, no dizer de um filósofo. Quem sabe se mais tarde vamos compreender roteiros insuspeitados, atalhos que parecem dar no nada e eis que de súbito aparece a casa. A nossa. E muito muito velhinha, vou compreender que a partir de um frango ávido, ciscando no galinheiro manhãzinha (ó Jota, desenha o frango?) eu afinal compreendi. Tô ficando zen. Amanhecendo. “Tu quoque”, leitor, bom dia, solta a franga! A vida é uma armadilha.

(segunda-feira, 23 de agosto de 1993)

CULTURA DO PAÍS? FIOFÓ DE SAPO

Seguinte: aqueles intelectuais, escritores e artistas que dizem amar até a crua as massas, mentem. Outro dia, ligando de repente a televisão, vejo moçoilas ensandecidas se esgoelando totalmente histéricas diante de cantores patetas, e só se viam bocas torcidas e línguas porejando, e desmaios, e outras mongóes amparando a doidésima relinchando. Depois, se entrar uma bronha pelo meio das pernas, vai ser aquele salseiro pro pai pra mãe pra polícia. Experimente colocar uma música do deslumbrante compositor Almeida Prado e a negada irá naturalmente se levantar e preferir as privadas e seus dísticos memoráveis nas paredes: “Um milhão de mosquitos não podem estar errados, como também teu bocado”... Que vergonha que dá ver jovens mulheres tão cretinizadas! E o outro, pelo amor de Deus, com sua execrável “amada amante”! E as pausas e os silêncios entre versos tão songo-mongos, pausas e silêncios que, por favor, só num Bergman seriam admissíveis. E a gritaria, a cólera de todos os atoleimados quando se toca nisso! Cê até pode ser linchado! Como é patética a ignorância. Como é patética a massa grotesca. Mas aí penso na Alemanha, um povo cultíssimo, e aconteceu e continua acontecendo toda aquela selvageria insana que é o nazismo. E aí penso na Inglaterra e vejo morte, violência e crueldade nos jogos de futebol exatamente como aqui. E aí penso na Holanda e vejo duzentos holandeses impassíveis deixando morrer afogada uma menina, só porque é marroquina. Não dá mais nem pra escolher o bom selvagem, a vida “simpres” e ir viver nas tabas nas malocas, porque aí te degolam, e nunca mais te encontram, nem corpo nem cabeça. E as criancinhas que estão ficando diminuídas com uchas e hélicas, e helicópteros cor-de-rosa voejando sobre as baixinhas acéfalas... Êta mundão! Pensar que gênios morreram obscuros e esquecidos... Pensar que tivemos um Jorge de Lima, um Mário Faustino, tão admiráveis e nunca lidos... Se você perguntar a alguém quem são, se for um homem há de coçar os bagos e dizer sei não, se for mulher há de coçar a xota, bocejar e babar no blusão.

Outra coisa: chacinas medonhas, quadrilhas paranoicas vinculadas às artes marciais... Arte marcial é coisa que só dá certo no Japão. Aqui, é coisa que tem a ver com machismo e culhões, lá tem tudo a ver com austeridade, ascese,

disciplina, controle da mente e do coração. Ensinar artes marciais sem um contexto rigoroso de intenções é como ensinar um tigre a ser tigre o tempo inteiro, sem pausa nem pra dormir nem pra beber, só rugir e caçar. Bom dia, moçoilo. Liga aí a tua televisão e aproveita pra depená o sabiá, vendo ganir salivasas, as mocinhas babando verde-amarelo no blusão. É... gente... Como dizia Alain (informe-se): “A futilidade é um estado violento.”

(segunda-feira, 30 de agosto de 1993)

DE RERUM NATURA (DA NATUREZA DO RÉU)

coisas extravagantes: você não é suficientemente pulha pra eu deitar com você.

coisas piradas: um cão com asas aportando na tua janela e falando: alô, negada! (principalmente se você estiver sozinho).

coisas sutis: meu Deus!!! cê tá velha!!!

cosas del amor: qué ficá em cima ou embaixo?

coisa polêmica: “bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus.” E a louca aqui, morre afogada?

coisas de arrepiar: “o sexo é do corpo e o corpo é da morte.”

coisas porcas: a gente nascendo entre fezes e urina.

coisas ilusórias: e depois se achando caralhal e até divagando sobre o intemporal.

coisas que eu amo: meus cachorros, meus gamos.

coisas de Baudelaire: amamos tanto mais as mulheres quanto mais estranhas elas nos parecem. Gostar de mulheres inteligentes é um prazer de pederastas. A bestialidade exclui a pederastia (chiiiii! os bofes não vão mais gostar de mim!).

cosas locas: eu cegueta, confundindo leão com capeta.

coisas admiráveis: bandeira desfraldada, bichona!

coisas factíveis: levar cem pimpolhos pra defecar no salão do governador, *tu quoque* defecando, e gritar: isto sim é um ato político, excelência!

cosas del bandonéon: corrientes três quatro ocho

coisas da xota preta: credo, não tô enxergando.

coisa de macho: e precisa?

coisas que caem: dentes tetas nádegas e berimbau. E cruzeiros reais, naturalmente. E maçãs, lógico.

tragicismos:

(cena rápida)

uma perna cintilante de penduricalhos, os cabelos duros e dourados apontando o alto, morta, na viela vazia. E os “de menor” chegando e olhando. E os “de maior” gritando lá dentro entre as painéis: “Carma, pessoal! não gasta munição! a dona já tá morta!”. E agora a polícia chegando e acabando com meio quarteirão (câmara focalizando na falecida os penduricalhos no rego dos seios).

ela: muito russo, né bem?

ele: cê aaacha?!?!

(domingo, 6 de setembro de 1993)

CRONISTA: FILHO DE CRONOS COM ISHTAR

Uma das coisas que eu mais admiro em alguém é o humor. Nada a ver com a boçalidade. Alguns me pedem crônicas sérias. Gente... o que fui de séria nos meus textos nestes quarenta e três anos de escritora! Tão séria que o meu querido amigo, jornalista e crítico José Castello escreveu que eu provoco a fuga insana, isto é, o cara começa a me ler e sai correndo pro funil do infinito. Tão séria que provoco o pânico. E nestas crônicas o que eu menos desejo é provocar o pânico... Já pensaram, a cada segunda-feira, os leitores atirando o jornal pelos ares e ensandecendo? Já pensaram o que é isso de falar a sério e dizer por exemplo: que é isso, meu chapa, nós vamos todos morrer e apodrecer (ainda bem que não é apodrecer e depois morrer, o lá de cima foi bonzinho nesse pedaço), tu não é ninguém, meu chapa, tudo é transitório, a casa que cê pensa que é sua vai ser logo mais de alguém, tu é hóspede do tempo, negão, já pensou como vai ser o não-ser? Tá chateado por quê? Tu também vai envelhecer; ficar gling-glang e morrer... (há belas exceções, como o Bertrand Russell fazendo comício aos noventa, mas tu não é o Bertrand Russell). Até o Sartre, gente, inteligentíssimo, ficou na velhice se mijando nas calças e fazendo papelão... Se todo mundo pensasse seriamente no absurdo que é tudo isso de ser feito de carne, mas também olhar as estrelas, de ter um rosto, mas também ter aquele buraco fétido, se todo mundo tivesse o hábito de pensar, haveria mais piedade, mais solidariedade, mais compaixão e amor.

Mas quem é que vocês conhecem que pensa? As mães que nos colocaram no planeta pensaram? Claro que não. Na hora de revirá os óinho ninguém pensa. Só seria justificável parir se o teu pimpolho fosse imortal e vivesse à mão direita Daquele. Mas o teu pimpolho também vai morrer e apodrecer não sem antes passar por todos os horrores do planeta. Tá jogando fora o jornal, benzinho? Então vamos brincar de inventar uma nova semântica:

Semântica — Antologia do sêmen

Solipsismo — Psiquismo solitário

Hipérbole — Bola grande

Xenofobia — Fobia de Xenos
Ligadura — Liga das Senhoras Católicas
Ânulo — Filete colocado por sob o bocel da cornija do capitel dórico
Bocel — Corruptela de boçal
Ânus — Pronúncia errada de anus (aves da família dos cuculídeos)
Ku — Lua em finlandês
Cou (Pronuncia-se cu) — Pescoço em francês
Hipocampo — Campo de hipismo
Proclamas — Alvorço de amas
Misantropia — Entropia do Méson Mi
Democracia — Poder do demo
Paradoxo — Oxiúros em estado de repouso (parado)
República — Ré muito manjada

Bom dia, leitor! Tá contente?

Contente — Filho do ente do Heidegger (informe-se) com Cohn-Bendit (informe-se).

(domingo, 13 de setembro de 1993)

POESIA SEMPRE

Aos amantes da Poesia transcrevo meu Moderato Cantilabe, seis poemas que fazem parte do meu Júbilo Memória Noviciado da Paixão, livro que não se encontra mais em lugar algum:

I

*A ideia, Túlio, foi se fazendo
Em mim. Era alta a lua, e aberta
A porta escura da minha casa vazia.
Te pensei. E na minha alma fez-se
Um gosto licoroso, mordedura*

*Mais doce do que a própria ventura
De existir
E te pensando foi subindo a lua
E vivendo meu instante fui te vendo
Da minha vida cada vez mais perto.*

*A ideia, Túlio, redonda, esboçada
Em azul, em ocre e sépia
Era a tua vida em mim, circunvolvida.*

II

*E circulando lenta, a ideia, Túlio,
Foi se fazendo matéria no meu sangue.
A obsessão do tempo, o sedimento
Palpável, teu rosto sobre a ideia*

Foi nascendo

*E te sonhei na imensidão da noite
Como os irmãos no sonho se imaginam:
Jungidos, permanentes, necessários
E amantes, se assim se faz preciso.*

*Tocar em ti. Recriar castidade
Não me sabendo casta, ser voragem
Ser tua, e conhecendo
Ser extensão do mar na tua viagem.*

III

*Ser nova e derradeira, recompondo
Madrugada e manhã no teu instante.
Ser tão extrema, Túlio, tão primeira*

*Mais te valendo percorrer meu corpo
Do que a matriz da terra. Tu me dirias:
Louca, pastora do meu tempo, te demoraste
Eterna.*

*A ideia, Túlio, vai se fazendo rubra
À medida que vou te refazendo.*

IV

*E quanto mais te penso, de si mesma
Se encanta a minha ideia. Vertiginosa
E tensa como a flecha, contente de ser viva*

Te procura

*Sagitário-algoz, homem-amor, teu nome
Que é preciso esconder do meu poema.*

Te chamarás quem sabe, Rufus, Antonio

*Se outros olhos se abrirem sobre o verso.
A justiça dos homens, essa trama imprecisa*

*Me puniria a mim, me chamaria ilícita
Se o verso se mostrasse com teu nome.*

*A ideia, Túlio, essa ilha escondida
É límpida, encantada, se faz prata
Vive através de ti. Por isso brilha.*

V

*E se parece a Mei, pequena estrela
Viva na constelação de Sagitário.
Vive dentro de ti, dupla grandeza
O existir de agora, o céu em mim*

No meu viver de sempre, solitário.

*E de viver a ideia, de mim mesma
Do rosto, dos cabelos, do meu corpo
Dos amigos também, ando esquecida,
Rodeiam-me sem rosto, me perguntam:
E a ideia? E se vão apreensivos
Pois dupla vida é o que vive o poeta:
Entendimento e amor, duplo perigo.*

*A ideia, Túlio,
(resguarda-te do susto, não te aflijas)
É na verdade tudo o que me resta.*

VI

*Soergo meu passado e meu futuro
E digo à boca do Tempo que os devore.
E degustando o êxito do Agora
A cada instante me vejo renascendo*

*E no teu rosto, Túlio, faz-se um Tempo
Imperecível, justo
Igual à hora primeira, nova, hora-menina
Quando se morde o fruto. Faz-se o Presente.
Translúcida me vejo na tua vida
Sem olhar para trás nem para frente:
Indescritível, recortada, fixa.*

(segunda-feira, 20 de setembro de 1993)

“CASA DO PRAZER”

Se eu escrevesse num outro jornal, um jornal fulero, e não neste querido *Correio Popular*, eu começaria assim esta minha crônica: alô, negada! Prazer não é só o fornicar, não é só cachaça, bunda, carnaval. Prazer não é só futebol, churrasquinho, cerveja e arrotar. Prazer pode ser Conhecimento. Triste é o país cujo maior ídolo do momento responde ao jornalista (quando este lhe pergunta se ele gosta de ler): “Não leio nada”. Foi essa a resposta de Romário. Triste é o país cujos habitantes são chamados lá fora de “bundeiros” porque cultuam traseiros. Triste é o país que está sempre de quatro para o Primeiro Mundo e não se enxerga dobrado, saqueado, dando sempre o buraco. Triste é o país cujos líderes cagam solenemente para a Cultura, zero vírgula zero três por cento de seu orçamento nacional. Triste é o país cujas crianças famintas não podem nem sequer pensar em ir à escola, e, drogadas, tornam-se assassinas e são assassinadas. Triste é o país onde o povão aparece no vídeo, todo “anarfa”, “nóis vai”, “nóis fica”, a boca vazia, e no Congresso os líderes, títeres de suas próprias vaidades, se esmurram, boçaloides.

Ah! Gente... há tanta tristeza e solidão demais dentro de todos nós. E como é bom descobrir dentro de um livro (por exemplo) teu outro eu, escuro ou solar, te dando as mãos! Aquele que escreve, se é um verdadeiro escritor, está inteiro ali, intenso, e sempre perguntando através de seus personagens: você já sentiu isso como eu? Já sentiu assim tão escuro, tão fosso, tão poço e tão dorido? Sentiu uma insólita esperança como esse que pensava que tudo se perdia? E se lendo, teu lado solar amanhece numa primeira poesia e súbito te descobres poeta e trovador? Que alegria de se saber alguém que se descobre novo! Você se dizendo inteiro outro, um outro que antes não se percebia!

E porque há tanta solidão dentro de nós e tanta vontade de alegria, sugeri o nome de “Casa do Prazer” ao projeto cultural que dois amigos, Walter Amaral e Hillas Mariante, pretendem implantar aqui em Campinas. Sim senhores! Um conceito novo de prazer. Cursos de literatura, música, artes cênicas, artes plásticas. Colaborem com esse esplêndido projeto. Você que está só e algumas vezes sonha em dilatar o significado de sua vida, inscreva-se na “Casa do

Prazer”. La você vai berimbar com a cabeça, ativar a tua serotonina (informe-se com seu neurologista), incendiar teus neurônios antes que eles morram de ócio, da mesquinhez do cotidiano, antes que você se torne definitivamente o sonâmbulo que você se adivinha.

PS: Se você quiser se inscrever nos cursos da “Casa do Prazer” telefone para 32-5179 – Avenida Monte Castelo, 427 – Jardim Proença.

*Ávidos de ter, homens e mulheres
Caminham pelas ruas. As amigas sonâmbulas
Invadidas de um novo a mais querer
Se debruçam banais, sobre as vitrines curvas
Uma pergunta brusca
Enquanto tu caminhas pelas ruas. Te pergunto:
E a entranha?
De ti mesma, de um poder que te foi dado
Alguma coisa clara se fez? Ou porque tudo se perdeu
É que procuras nas vitrines curvas, tu mesma,
Possuída de sonho, tu mesma infinita, maga,
Tua aventura de ser, tão esquecida?
Por que não tentas esse poço de dentro
O incomensurável, um passeio veemente pela vida?

Teu outro rosto. Único. Primeiro. E encantada
De ter teu rosto verdadeiro, desejarias nada.*

(segunda-feira, 27 de setembro de 1993)

O ARQUITETO DESSAS ARMADILHAS

Uma das coisas que mais me chateiam nisso de escrever crônicas é a quase obrigação de ser sempre pra cima, vivaz, alegriinha, ou então estar sempre em dia, na crista, notícias cintilantes... Ser sempre interessante como se todos fossem inteligentíssimos, profundos, finos, cultos, delicados... E se eu quiser falar do tempo do foda-se, da estupidez que grassa desmedida no país, do costumeiro engodo dos políticos em relação ao povo, se eu quiser perguntar sem parar, por exemplo, onde é que estão aqueles canalhas que roubaram bilhões e bilhões da Previdência, onde é que eles estão, hem? Estão nas suas celas, com seus bidês de ouro, jogando bilboquê com suas bolotas de diamante? Bilboquê é do tempo do foda-se, mas como roubar também o é, não peço por incongruência em minha crônica. E no mais profundo da crise, ao invés dos líderes se unirem para a reconstrução do país (reconstrução, sim, porque está tudo despencando nas águas da boçalidade), há cisões nos partidos, pavões abrindo seus leques e exibindo os feios dedões, perus enraivecidos regurgitando... Gente! O país não aguenta nem mais um ano se os homens inteligentes não se unirem sem ressentimentos, sem vaidades, sem egotismo, para levantá-lo! E o que é essa baboseira de nos empurrarem goela abaixo que toda polícia do mundo não encontra o senhor PC? Mas o que é? O homem é feito de matéria quântica? De neutrinos? Atravessa paredes, não tem massa e só é visto quando colide com algum alguém, como no caso do jornalista? Casa de cristais, é? Não era uma joalheria, não? Comprando o seu pinico de rubi? E vocês acham que alguém prende alguém que expõe o verdinho por todos os buracos? Ah, como é bom ser rico, gordo e invisível! Ando cada vez mais pobre, mais magra e mais visível. Acho que todos nós. Ando mais triste também. Meu amigo Hillas Mariante, cada vez que me ouve dizer três palavras, dá suas retumbantes gargalhadas. Me emprestou trinta paus o outro dia, e eu fiquei besta quando ele disse sim, porque cem haviam dito não. É difícil alguém ajudar velhinhas pobres e ilustres. Ando procurando um Mecenaz, mas acho que só houve aquele, o primeiro. Um amigo meu, muito rico, diz que artista não precisa de dinheiro, que quanto mais pobre, melhor a obra. Verdade, logo se matam. A obra fica. E hoje estou como Neruda

quando dizia: “Puedo escribir los versos más tristes esta noche...”. Também eu. Aí vai:

Vida da minha alma:
Recaminhei casas e paisagens
Buscando-me a mim, minha a tua cara.
Recaminhei os escombros da tarde
Folhas enegrecidas, gomos cascas
Papéis de terra e tinta sob as árvores
Nichos onde nos confessamos, praças.
Revi os cães. Não os mesmos. Outros
De igual destino, loucos, tristes,
Nós dois, meu ódio-amor, atravessando
Cinzas e paredões, o percurso da vida.
Busquei a luz e o amor. Humana, atenta
Como quem busca a boca nos confins da sede.
Recaminhei as nossas construções, tijolos
Pás, a areia dos dias

E tudo que encontrei te digo agora:
Um outro alguém sem cara. Tosco. Cego.
O arquiteto dessas armadilhas. [\[22\]](#)

Bom dia, leitor. E ainda que as janelas se fechem, é certo que amanhece.

(segunda-feira, 4 de outubro de 1993)

MENTIRA, ENGODO, MORTE, HIPOCRISIA

Porque eu vi na revista *Veja*, de 13 de outubro, fotografias apavorantes de somalis exibindo contentíssimos nacos de carne de soldados da ONU que ali estavam para lhes matar a fome... Porque eu vi o corpo de um soldado ser arrastado e a turba ensandecida às gargalhadas (os dentes dos somalis são belíssimos, gengivas também, os periodontistas iam morrer de fome... por que será que um povo tão famélico tem tão bons dentes? Estranho, não?). Porque, continuando, eu li toda a matéria, vomitei a manhã inteira no meu pinico de estanho (o meu outro de barro quebrou), e enquanto vomitava pensava na possibilidade de alguém tirar do prego aquele meu revólver de prata e madrepérola que vovô me deixou e assim estourar dignamente meus cintilantes miolos. Alguém lá dentro de mim me diz: pô, mulher, será que você ainda não entendeu? Os homens continuam aqueles, iguaizinhos do Neanderthal, estúpidos, boçaloides, absolutamente cruéis. E eu sou o quê, hein? Ah! Não! Não venham me dizer que eu faço parte da raça humana... no cu, gaivota, sou não, sou gente não, posso até ser uma excrescência, mas sou gente não, sou do Quinteto do Pégaso, sou de Sirius, sou de Andrômeda, mas Não Mesmo Daqui. Não venham me dizer que todo mundo é igual. A rodela talvez, mas sou gente não.

Porque eu li as histórias do coronel da Aeronáutica (também na revista *Veja*), Pedro Corrêa Cabral, sobre os últimos dias da guerrilha do Araguaia, tive uma séria disenteria. E enquanto defecava não mais no meu pinico de estanho, mas na minha modesta bacia esmaltada, pensava: capitalismo, comunismo, maoismo etc., tudo a mesma bosta. E o que você propõe, sabichona? Uma alquimia que resulte ao menos numa pasta inodora.

E agora, leitor, um trecho da minha *Obscena senhora D*, que está em cartaz no Rio, na Casa da Gávea, e cuja atriz principal é Vera Fajardo, esta, absolutamente deslumbrante. E absolutamente deslumbrante é também Joana Ribeiro, a pequena porca ruiva perguntante. Aí vai:

Diante da vila, das casas quase coladas, entre as gentes, sou uma grande porca acinzentada, diante de muitos a quem conheci, sou uma pequena porca ruiva perguntante, rodeando mesas e cantos, focinhando carne e ossatura, tentando chegar perto do macio, do esconso, do branco luzidio do teu osso. Diante de minha mãe, fui apenas pergunta, altanaria, paradoxo, Hillé, diante do pai, foi o segredo, a escuta, a concha. O que é paixão? O que é a sombra? Eu mesmo te pergunto e eu mesmo te respondo: Hillé, paixão é a grossa artéria jorrando volúpia e ilusão, é a boca que pronuncia o mundo, púrpura sobre a tua camada de emoções, escarlate sobre a tua vida, paixão e esse aberto do teu peito, e também teu deserto. E sombra, Hillé, é nosso passo, nossa desesperança subida. E para Ehud, Hillé foi apenas uma letra D, primeira letra de Derrelição, doce curva comprimindo uma haste, verticalidade sempre reprimida, cancela, trinco, toco cadeado. Textos, palavras, e de repente a mãe do Porco-Menino me entupindo a boca de terra, de cascalho, de palha. Engasgo neste abismo, cresci procurando, olhava o olho dos bichos frente ao sol, degraus da velha escada, olhava encostando meu olho naquele olho, e via perguntas boiando naquelas aguaduras, outras desde há muito mortas sedimentando aquele olho, e entrava no corpo do cavalo, do porco, do cachorro, segurava então minha própria cara e chorava.

Que foi, Hillé?

O olho dos bichos, mãe.

Que é que tem o olho dos bichos?

O olho dos bichos é uma pergunta morta.

E depois vi os olhos dos homens, fúria e pompa, e mil perguntas mortas e pombas rodeando um oco, e vi um túnel extenso forrado de penugem, asas e olhos, caminhei dentro do olho dos homens, um mugido de medos, garras sangrentas segurando ouro, geografias do nada, frias, álgidas, vórtices de gentes, os beijos secos, as costelas à mostra, e, rodeando o vórtice, homens engalanados, fraque e cartola, de seus peitos duros saíam palavras, Mentira, Engodo, Morte, Hipocrisia, vi o Porco-Menino estremecendo de gozo vendo o Todo, suas mãozinhas moles reverberavam no cinza oleoso, ele estendia os dedos miúdos para o alto. Procurava quem? Seu irmão gêmeo, estático, os olhos cegos em direção ao próprio peito, a cabeça pendida, o corpo perolado, excrescência e nácar. [\[23\]](#)

Bom dia, leitor. Boa missa.

(domingo, 17 de outubro de 1993)

DENTRO DE MIM, “SAGRADO DESCONTENTAMENTO”

Falemos por parábolas e, ao invés de comentar sordidezes, sobre malas de trezentos mil dólares (um momento, agora tive o famoso orgasmo tríplice que algumas amigas dizem que têm e eu nunca havia tido), ao todo mais de dois milhões de dólares (continuo tendo o tal orgasmo tríplice), bem, um momento, então, ao invés de comentar sobre os sete anões, e agora me lembrei de uma musiquinha dos meus tempos de faculdade lá do largo São Francisco: “Tão piquinininho, tatará, tão grande”, claro que “tatará” tem um nome, mas desde que resolveram não dar nome aos bois abaixo da cintura, e para não chocar senhoras da sociedade e crianças que nunca ouviram falar em culhão, pus o nome de tatará em lugar de.

Então, ao invés de falar sobre os sete anões, ou sobre Ali Babá e os vinte e três ladrões, por sinal, a respeito dos anões, onde é que está a Branca de Neve?, eu gosto muito da madrasta da Branca de Neve, aquela, assustadora, de gola alta, que pergunta: espelho, espelho meu, haverá outra mais bela do que eu? Então lhes pergunto: leitores, leitores meus, haverá texto mais belo do que o meu?

Eis aí minha parábola, beleza da minha língua portuguesa.

O projeto

Hamat, eu Hiram, quero construir a casa. Dentro de mim, “sagrado descontentamento”. Tu és minha mulher e o teu olho traduz desejo de eloquência. Sei que posso falar a noite inteira e esvaziar teus eternos conceitos, sei tudo o que tu és, veludosa e decente, redondez, faminta do meu gesto, sei, Hamat, que vais dizer que, se mudo de casa, mudo de natureza, e que é inútil querer o real do meu espaço de dentro, sei que vais dizer que eu, homem político, devo permanecer junto aos homens, abrir e fechar constantemente as mandíbulas, sei quase tudo de ti, de mim sei nada, sei muito dessa palha que se chama aparência, sei nada dessa esquiva coisa entranhada no meu ser de dentro. Hamat: a memória e seus ossos, a torpe lucidez, minha viagem através dos retratos, eu e meu rei trocando segredos, ressonando espaço-viuvez, e a cólera de

saber que tudo me possui e ao mesmo tempo nada, que nada em mim é permanência, e tudo é permanência, vínculo, tudo se adere ao círculo, tudo é a mesma linha que se estende, tudo é tangente, tudo está colado a mim. Da mãe e do pai guardo minúcias. De ti, mãe, um amarelo-claro enrolado no pescoço e descendo desmaio pelo dorso, olho-d'água distorcendo a visão das hortênsias, o dourado dos cogumelos, os caramelos importados, e tu, meu pai, tua altura, magreza, teu olho duro, teu círculo de ouro, distanciamento e secura, teus papéis, teus livros, teu tesouro ser assim — que ninguém me perceba, não estou em casa, diga, Hiram, que desde ontem sumi e ainda não me achei, frivolidade e fadiga desta casa, tua mãe, Hiram, esse perfume-injúria pela casa, senta aqui, meu filho, que a tua relação com as mulheres seja breve, confidente de ti mesmo, não misture as fêmeas com teu todo austero, poupa a tua palavra, fecha a boca com as fêmeas, vai metendo, fêmeas e loucos, se for preciso escolher, não vacila, escolhe os dementados, escolhe um homem quando te der a bambeza nas pernas, medo covardia nojo de existir, o choro que é do homem, porque a mulher não chora, Hiram, a mulher esfarela e vai se abrindo se o homem emudece e se fecha, meu filho, se tu tagarelas — Perdoa, Hamat, quando falo dos meus, essa agressão de mim — Gostaria de ter nova síntese para todos os dados anteriores, gostaria de te dizer do secreto das palavras, um vir-a-conhecer sem o lustro de agora, que eu dissesse, Hamat, Política poder, e tu dissesses assim: isso quer dizer vida, e o melhor de ti mesmo no outro, não é isso, Hiram, Política Poder? E eu dissesse, sim, é verdade.

(...)

O rei, repressão, corpo. O rei, sepultura do povo. Cochicho em seus ouvidos: meu rei, não será para sempre seu envoltório de gozo, um dia a garra do teu povo se alonga até a garganta e rasga a lâmina metálica que tu colocaste. Fecundo e odioso pode ser o grito de quem jamais ouviu sua própria palavra, experimenta, meu rei, repetir FACA FACA, mentalmente desenhá-la, FACA FACA, e pensa numa bota sobre a tua cara, FACA FACA, e a tua boca de sangue, e de repente ao teu alcance o instrumento de aço. Não te tornarás inteiro fogo e agressor? FACA, meu rei, palavra que dirá teu povo, com a mesma volúpia com que dizes amor. E com a mesma inflexão dos justos. Eu, Hiram, vou construir a casa. Dentro de mim, sagrado descontentamento. [\[24\]](#)

(domingo, 24 de outubro de 1993)

RIDENDO CASTIGAT MORES

A Casa “do prazer” (sugestão minha) não se chamará mais Casa do Prazer, mas Casa de Cultura do Proença, que é o bairro onde ela se encontra. Não se chamará mais Casa do Prazer porque dignos representantes da sociedade campineira e também o povão, a caterva, o populacho, a súcia, a horda, o bando, a malta, a récuia e a matula associam a palavra prazer à velhacaria, sujidade, bordelice, obscenidade, chulice, imundo, libidinoso, torpe e impuro. E eu também não estarei mais lá, e peço desculpas a Walter Amaral e Hillas Mariante, porque sei que esses adoráveis amigos gostam do meu trabalho, mas é impossível isso de me explicar a senhores atoleimados com suas hediondas máscaras de *grand seigneure* e conversar com senhoras que dizem: “Meu marido jamais me deixará frequentar um curso num lugar com o nome de Casa do Prazer.” Certamente seu marido não a deixará dilatar o significado de sua vida com livros e Arte, ele gosta mesmo é de vê-la arteira afagando-lhe a estroenga a cada noite bocejante quando o tédio invade nossas alminhas simplórias e magras. Pois muito bem. Para aqueles que rejeitaram a Casa do Prazer, envio-lhes a “figura esguia e simpática de uma banana” (Drummond). E agora, caro leitor, amenidades para sua leitura domingueira. Boa missa.

I

Há dez anos tentava escrever o primeiro verso de um poema. Era perfeccionista. Aos trinta, anteontem madrugada, gritou para a mulher: consegui, Jandira! Consegui!

Ela (sentando-se na cama, desgrenhada): O quê? O emprego?

Ele: Claro que o verso, tolinha, olha o brilho do meu olho, olha!

Ela (bocejando): Então diz, benzinho. Declamou pausado o primeiro verso: “Igual ao fruto ajustado ao seu redondo...” Jandira interrompendo: peraí... redondo? Mas nem todo fruto é redondo...

Ele: São metáforas, amor.

Ela: Metáforas?

Ele: É... E há também anacolutos, zeugmas, eféreses.

Ela: ?!?!? Mas onde é que fica a banana?

Ele enforcou-se de manhãzinha na mangueira. O bilhete grudado no peito dizia: a manga não é redonda, o mamão também não, a jaca muito menos, e você é idiota, Jandira. Tchau.

Ela (tristinha depois de ler o bilhete): E a pera, benzinho? E a pera então que ninguém sabe o que é? E a carambola!!! E a carambola, amor?

II

Tínhamos discussões intermináveis. Eu lhe mostrava os meus textos e ele dizia: tu não tens fôlego, meu chapa, tudo acaba muito depressa, tu não desenvolve o personagem, o personagem fica por aí vagando, não tem espessura, não é real. Mas é só isso o que eu quero dizer; não quero contornos, não quero espessura, quero o cara leve, conciso, apressado de si mesmo, livre de dados pessoais, o cara flutua sim, mas é vivo, mais vivo do que se ficasse preso por palavras, por atos, ele flutua livre, entende? Não. E ajeitava os óculos, não e não. Achei conveniente não lhe mostrar mais os textos. Ele me encontrava e dizia: hof hof hof, fôlego, meu chapa, fôlego, espanta as nuvenzinhas flutuantes, dá corpo às tuas carcaças, afunda os pés no chão. Eu implorava: para com isso, para, um dia quem sabe tu entendes. Não entendeu. Na frente de amigos, de minha mulher, de meus filhos, ele começava: hof hof hof, fôlego, meu chapa. Um dia fomos à praia. Entre uma caipirinha e outra, propus-lhe nadar até a ilha. Disse um sim chocho mas topou. No meio da travessia, enquanto ele se afogava, eu aperfeiçoava a minha *butterfly*, e meu ritmo era rápido, harmonioso, cheio de vigor. Gritei-lhe antes de vê-lo desaparecer: fôlego é isso, negão. Estou em paz. E dedico-lhe este meu breve texto, leve, conciso, apressado de si mesmo, livre de dados pessoais, muito mais vivo do que ele morto.

III

O homem reclamava: já disse que não gosto de ver você usando essas blusas fininhas.

Por quê?

Porque aparecem os teus bicos.

E daí? Bico é bonito, amor.

Bonitos, sim, os bicos da mulher; rosadinhos, miúdos, ela inteira clara, uma madoninha holandesa... já viram uma madoninha holandesa? Certamente, todos

aqueles Van de alguma coisa pintaram madoninhas holandesas. Sem os tamancos.

Eu sei que bico é bonito, mas não gosto que todo mundo veja os teus.

A mulher era brejeira, grácil. Grácil também é bonito. Ele olhava para ela e refletia: por que será que mulheres pequeninas dão tanta sorte com homens? Alguns amigos meus também haviam se apaixonado por mulheres pequeninas. Parecem-se aos bichos de infância (quando se teve uma infância), aqueles fofinhos, ursos, cachorrinhos e coelhos, aqueles que a gente-criança dormia com eles, apertava entre os braços, entre as coxas... mulherzinhas-criança, mulherzinhas-bicho.

Ela: Ninguém liga pra bico, benzinho, depois são tão fresquinhas essas blusas fininhas...

Mania de se exhibir que as mulheres têm: no último carnaval ficou abestado. O tempo inteiro bundas, xerecas, convulsões, sacolejos. Há de chegar uma hora em que bundas e xerecas devem manifestar uma outra qualidade além das evidentes, porque isso de só se exibirem ficou chato.

Haveria, por exemplo, bundas falantes, xerecas que se metamorfoseassem em flores, oitis que assoviassem Mozart, quem sabe. Encontrou a mulher miúda naquele carnaval. Os bicos de fora. Tudo bem, era carnaval. Mas inadmissível, a cada dia agora, a mulher e seus bicos pelas ruas. Insistiu: cubra os seios. Ela foi ficando amuada, ranzinza, não conversava mais. Uma noite ele repensou sua própria história, a dele, a solidão, o dolorido, o meloso, aquiesceu:

Tudo bem, ponha a blusa que quiser; vamos dar uma volta.

Cintilante, fininha, a blusa mostrava não somente os bicos, mas as duas tetas, firmes redondezas trêmulas. Ela pediu cerveja. Ele pediu sorvete. Os homens do bar olhavam a mulher miúda como se ele não estivesse ali. Ela ria: tô bonita, né bem? Foi nesse instante que ele rosnoou aturdido:

Vai ficar linda agora. Num ímpeto, agarrou-lhe as tetas, mordeu-lhe o bico esquerdo, decepou o moranguinho e, sujo de sangue e aos gritos, colocou o bico na ponta do sorvete de creme, marshmallow e banana. Gritava: agora, benzinho, todo mundo pode ver, chupar e se fartar do teu bico, adeus. A ambulância chegou logo depois. Os caras do bar esclareciam: é aquela ali, de blusa fininha. Ninguém sabe que fim levou o bico. O nome do bar mudou: o Bar do Bico. Há novos sorvetes. Um moranguinho na ponta. Sorvete, dona? Com bico ou sem bico, madama? [\[25\]](#)

(domingo, 31 de outubro de 1993)

“SÓ PARA RAROS”

Em decorrência da fetidez que assola o país, só tenho vontade de escrever textos sórdidos, coléricos, cínicos, degradantes ou estufados de um humor cruel e até me permitiria sugerir ao caríssimo editor que bolasse uma maneira de a crônica ser fechada assim como certas revistas envelopam um pequeno mimo, uma tirinha de seda, um saquinho de perfume, e envelopariam minha crônica e colocariam sobre ela uma fitinha negra: “censurado” ou “só para cínicos”, ou “só para fazer sorrir os desesperados”. Ou quem sabe, à maneira de Hesse: “só para raros”. Porque, convenhamos, há pulhas em demasia. E enquanto não se resolve isso da minha crônica-envelope, não consigo escrever nada de coerente e agradável, nada que seja uma “crônica”. A cólera pode ser sanada através de um texto escuro ou licencioso, mas diante de uma realidade tão acabrunhada como é a nossa realidade brasileira me vem um texto de G. R. Urban, citando Bergson: não são somente as palavras que “se extenuam, racham e, às vezes, quebram sob a carga”, mas as ideias também sofrem tensão e se desintegram ante a inibidora presença das palavras.

E porque dia 2 de novembro foi o dia dos mortos, e porque ninguém está mais vivo dentro de mim do que o meu pai, partilho com você, leitor, meu momento de luz, aquele momento prodigioso que me foi dado quando escrevi:

Odes maiores ao pai

I

(Largo Pesante)

Uns ventos te guardaram. Outros guardam-me a mim. E

[aparentemente separados

Guardamo-nos os dois, enquanto os homens no tempo se

[devoram.

Será lícito guardarmo-nos assim?

Pai, este é um tempo de espera. Ouço que é preciso esperar
Uns nítidos dragões de primavera, mas à minha porta eles
[viveram sempre,
Claros gigantes, líquida semente no meu pouco de terra.

Este é um tempo de silêncio. Tocam-te apenas. E no gesto
Te empobrecem de afeto. No gesto te consomem.

Tocaram-te nas tardes, assim como tocaste
Adolescente, a superfície parada de umas águas? Tens ainda
[nas mãos

A pequena raiz, a fibra delicada que a si se construía em solidão?
Pai, assim somos tocados sempre.

Este é um tempo de cegueira. Os homens não se veem. Sob
[as vestes

Um suor invisível toma corpo e na morte nosso corpo de medo
É que floresce.

Mortos nos vemos. Mortos amamos. E de olhos fechados
Uns espaços de luz rompem a treva. Meu pai: Este é um
[tempo de treva.

II

Ah, essas dores! E o voltar contínuo ao silêncio das tardes!
Junto ao muro dos mortos o passeio se fazia longo. Estacávamos.
A tarde empobrecia de luz. O tempo galopava.
Vês? Tenho a alma pesada. Uma avidez no olhar
Antes ingênua, agora se fez grave. Há naquele campo a
[imutável paisagem:

As papoulas abertas, as ruas estreitas e uma grande e única
[alameda.

E datas, retratos. E súbito o ocre da terra sob os passos.
A mulher caminhava. Comprimia no peito a sua flor e de
[humildade

Era o olhar à procura do nome. Se tu viesses depois que
[luminosa altivez

Se insinuava, quando voltava leve, sem o peso das dádivas.
E muitas passaram vagarosas. Umas lunares, com seus rostos
[aduncos.
Outras com a centelha escondida dos sacrários.

III

Não é teu este canto porque as palavras se abriram sobre a mesa.
Se chegavas era em silêncio e tocavas as coisas
Com a leveza dos meninos arminando os altares. Uma rosa
[tardia
Mesmo assim desmanchava-se e tua presença na noite eu
[procurava.
Ninguém jamais nos via quando nos falávamos. As perguntas
[de sempre,
Os castiçais, o adro vazio da capela em frente. E as persianas
[fechadas,
Para que o sal de fora não pousasse
Nas baixelas incríveis da memória. Aquele mar repetindo seu
[canto
E as vozes partindo teus cristais! Como te abrigavas do ruído
[das estradas
E os teus livros abertos, como se desfizeram naquelas areias!
Nem sei de onde me vêm estes musgos, açoites, esta fonte
[que é nova
Em minha boca, nem sei dizer da morte o que te ouvi dizer
[nos ecos de umas noites.

Enquanto te celebro, as janelas do ocaso trazem risos.
E um hóspede atravessou incógnito teu jardim, afundou-se
[na névoa
Cansou-se do teu hálito nas arestas, nas muradas, nos cálices,
[em mim
És presente como um vento que corre entre portas abertas.

IV

Na tua ausência, na casa o perfume das igrejas. O odor
Da castidade antiga dos incensos, reacendeu a alegria da infância
E aspirei contigo o perfume menos casto das cerejas. Na casa,
Um ruído de contas de rosário, mas eu só, meu pai, te vigiava.
Os ventos te seguiram. E próxima do teu passo, eu mesma
[era o silêncio
A pedra. Impossível de abraço.
Uma torre contigo caminhava. Nos muros, nas escadas,
[refizeram ardis
Fibras trançadas, e aqueles pareciam mais largos, aquelas mais
[altas.
No teu andar, um quase nada definido. Tinhas o caminhar
[dos animais,
Espaçado e perdido. Respirei teu mundo movediço: Pai, não
[viste o sal da terra
Corroendo os pilares, as cruzes, a capela? E o sonho sobre a
[tua fonte
E mesmo uma crisálida pronta para ter asas?
Abriram-se os portões, mas a casa era nova. A que foi nossa.
Tuas filhas te disseram que na noite, um homem e sua torre,
Com paciências guardadas, pouco a pouco a demoliram.

V

Sobrevivi à morte sucessiva das coisas do teu quarto.
Vi pela primeira vez a inútil simetria dos tapetes e o azul
[diluído
Azul-branco das paredes. E uma fissura de um verde anoitecido
Na moldura de prata. E nela o meu retrato adolescente e gasto.
E as gavetas fechadas. Dentro delas aquele todo silencioso e raro
Como um barco de asas. Que fome de tocar-te nos papéis
[antigos!
Que amor se fez em mim, multiforme e calado!
Que faces infinitas eu amei para guardar teu rosto primitivo!
Desce da noite um torpor singular, água sob o casco de um
[velho veleiro
Calcinado. Em mim, o grande limbo de lamento, de dor, e o

[medo de esquecer-te
De soltar estas âncoras e depois florir sem ao menos guardar
[tua ressonância.
Abraça-me. Um quase nada de luz pousou na tua mesa
E expandiu-se na cor, como um pequeno prisma.

VI

Há tanto a te dizer agora! Meus olhos se gastaram
Procurando a palavra nas figuras, nos textos, nas histórias.
Era preciso viajar e levantada em renúncias redescobrir a
[morte
Além de seu sudário e suas tremuras. Quase nada aprendi.
De nada me lembrei.
Há talvez a memória de tatos, um sentir rarefeito, um ouvido
[inexato
Deitado em solidão sobre o teu peito. E adeuses ingênuos,
[calados de vitória
E aquele de fereza, de acerto, dissolvido em orgulho,
[ressuscitado
Vagamente em canto. E na manhã, o meu sonho passara e a
[minha voz
Não se erguera em poesia.
Será preciso esquecer o contorno de umas formas que vi:
[naves, portais
E o grande crisântemo sobre a faixa restrita do canteiro.
Através do gradil, no terraço do tempo te percebo.
E ainda que as janelas se fechem, meu pai, é certo que
[amanhece. [\[26\]](#)

(domingo, 7 de novembro de 1993)

SOLTE O SEU ANJO

Vamos continuar vivendo “como se”. Como se fosse possível acreditar. Como se fosse possível a esperança. Vamos acreditar no imponderável, na reconstrução. E ao invés de invocarmos Purah, o Anjo do Esquecimento, invoquemos nosso alter ego de luz. É preciso sobreviver. Ainda que Deus seja uma superfície de gelo ancorada no riso. Frieza e humorismo. Vamos acreditar como se fosse sempre Tempo de Poesia:

Canto primeiro

*Se algum irmão de sangue (de poesia)
Mago de duplas cores no seu manto
Testemunhou seu anjo em muitos cantos
Eu, de alma tão sofrida de inocências
O meu não cantaria?
E antes deste amor
Que passeio entre sombras!
Tantas luas ausentes
E veladas fontes.
Que asperezas de tato descobri
Nas coisas de contexto delicado.
Andei
Em direção oposta aos grandes ventos.
Nos pássaros mais altos, meu olhar
De novo incandescia. Ah, fui sempre
A das visões tardias!
Desde sempre caminho entre dois mundos
Mas a tua face é aquela onde me via
Onde me sei agora desdobrada.*

Canto segundo

*Se te anuncio lágrimas e haveres
É para te encantares do meu canto.
Um tempo me guardei
Tempo de dor aquele
Onde o amor foi mar de muitas águas.
Se te anuncio ainda
É porque sempre em pedra fui talhada.
Em sal me consumi. E perecível
Tem sido a minha forma:
Estes dedos lunares, estas mãos
E tudo o que não foi tocado em ti.
Me queres em renúncia, em humildade
Ou íntegra e sozinha nestes cantos?
Tive ressurreição e anteprantos
E alegrias inteiras.
E muitas madrugadas
A sós me confessei
Àquela irmã soturna e mais amada.
Vi quase tudo. E quase tudo andei.*

Canto terceiro

*E largamente amei as criaturas.
Os ouvidos se abriam. Ramas frágeis
Meus ouvidos, aceitando ternuras.
Uns regressos de vida me contavam:
Pactos, adolescências, heroísmos.
(Tessitura franzina
Se estendendo sobre a pele mais fina)
Acaso não fui cúmplice dos meus?
Desses vindos da noite e turbados
Com seus próprios destinos?
Que terrível engano antes de ti!
E vigílias inúteis e pobreza
E punições maiores, tais cilícios
Na carne! Tramas, tramas.
Que era feito de ti? Em mim, não eras.*

Canto quarto

*E por que me escolheste?
Em direções menores me plasmei.
Entre uma pausa e outra fui cantando
Umas reminiscências, uns afetos
E carregava atônita meu gesto
Porque dizia coisas que nem sei.
Ouvi continuamente muitas vozes.
Uma de fogo e água, tão intensas
Outras crepusculares
E entendia
Que era preciso falar de uma ciência
Uma estranha alquimia:
O homem é só. Mas constelar na essência.
Seu sangue em ouro se transmuta.
Na pedra ressuscita.
No mercúrio se eleva.
E sua verdade é póstuma e secreta.
Ah, vaidade e penumbra no meu canto!
Meu dizer é de bronze
E essa teia de prata
A mim mesma me espanta.*

Canto quinto

*Eu nem soube falar do amor nos homens.
(Amor feito de júbilo aparente)
Nem soube replantar no que era terra
Uma mesma semente.
Tive no peito o mantra mais secreto
E não pude vibrá-lo, alento, lira
Corda divina no seu veio certo.
Elaborei em vão todos meus sonhos.
E súbito me tomas e me ordenas
A solidão mais funda:*

*Estes cantos agora, alguns poemas
Um amor tão perfeito e indizível
Porque não é tumulto nem tormento.
(E se o homem na carne foi punido
O verbo diz melhor do sofrimento).
Que nome te darei se em mim te fazes?
Se o teu batismo é o meu e eu só te soube
Quando soube de mim?*

Canto sexto

*A noite em verso torpe me atingia.
As coisas insofridas
Sofridas se faziam
Se eu repousasse a mão sobre suas vidas.
Umas tardes maus olhos repensaram
Uma alvura de águas pretendida.
Tão leve caminhei sobre essas águas
Que a memória foi quase imerecida.
Onde estavas então? Nem me sonhavas.
Deitei-me sobre um tempo que viria
E um ciclo de visões me revelava
Que no ódio dos deuses fui lembrada
Em alto voo de ave, a esquecida.
E porque paz e voo me faltavam
Eu desejei perder-me mais e tanto
Quanto fossem as perdas destinadas
Àqueles incapazes de algum pranto.
Perenidade e vida: onde estavas?*

Canto sétimo

*Te ocultaste. Eu morria.
Tinha na fronte a chaga
E o dorso calcinado, em agonia.
Na treva de mim delirava
E as pálpebras em brasa*

*Não sabiam de tua claridade
Porque minha alma toda se perdia
E uma vida terrena começava
Seu círculo de cinza
Sua casa.
Anjo, asa,
Mão poderosa sobre a minha mão
Que o verso nunca mais transfigurava.
Prisma solarizado
Transcendência primeira
Dulcíssima presença:
Alta noite
O que foi treva em mim
Em ti resplandescia.*

(domingo, 14 de novembro de 1993)

NEM JOYCE, NEM CHESTERTON

Releio vezenquando, porque acho um livro especialíssimo, o ensaio de Simone de Beauvoir, *A velhice*; [\[27\]](#) há nele relatos notáveis. Por exemplo: “Lilian P. Martin abandonou a Universidade de Stanford para se tornar ‘principal conselheira’ da velhice, aos sessenta e cinco anos aprendeu a escrever à máquina, aos setenta e sete, a guiar um carro, aos oitenta e oito subiu o curso do Amazonas num barco, aos noventa e nove, auxiliada por quatro assistentes de sessenta anos, empreendeu a exploração de uma fazenda de vinte e cinco hectares. E a velha que se fez conhecida com o nome de Ma Moses tendo se tornado, aos setenta e cinco anos, incapaz para os trabalhos manuais, começou a pintar miniaturas. Aos cem anos realizou sua obra mais célebre, intitulada *Véspera de Natal*. Morreu em Nova York aos cento e um anos de idade.”

Gente! É fantástico! Eu, aos sessenta e três, me sinto um lixo. Tenho tudo a ver com o inanimado. E meus velhos cães são mais elásticos e mais ágeis do que eu. John Cowper Powys escreve: “Entre um velho que está se aquecendo ao sol e um fragmento de sílex que o sol está aquecendo existe uma reciprocidade indizível.” Ah, como eu queria ter me tornado a velha que eu inventei, esta extraordinária Leocádia, que está inteira aqui, neste meu texto que se intitula:

Bestera

Cansei-me de leituras, conceitos e dados. De ser austera e triste como consequência. Cansei-me de ver frivolidades levadas a sério e crueldades inimagináveis tratadas com irrelevância, admiração ou absoluto desprezo. Sou velha e rica. Chamo-me Leocádia. Resolvi beber e berimbar antes de desaparecer na terra, ou no fogo ou na imundície ou no nada. Contratei uma secretária-acompanhante e disse-lhe o seguinte: és jovem e apetitosa. Quando os homens quiserem ter relações contigo, diga-lhes que façam um esforço e deem-se comigo. Pagarei muitíssimo bem a cada um deles e terás régias comissões a cada êxito. Ficou perplexa. Olhou-me a figura ainda esguia, mas bastante deteriorada, pediu-me que levantasse a saia, levantei, olhou aturdida minhas

coxas murchas. Senhora, retrucou, será muito difícil convencê-los, mas portar-me-ei, desculpe a mesóclise... E saiu correndo em direção ao banheiro. Na volta explicou-me que havia sido professora e sempre tinha pequenas náuseas quando usava a mesóclise, mas diante de um assunto tão repugnante (no seu entender) e acrescido de mesóclise, teve que vomitar mesmo. Estava vermelha e lacrimosa, mas bastante ativa. Continuou: hei de portar-me indignamente para satisfazê-la, desde que meu salário seja compatível com tamanha velhacaria. Disse-lhe a quantia. Ficou radiante. Chama-se Joyce (!). É *mignon* e deliciosa, peitinhos de adolescente, tem trinta, mas dá-se-lhe vinte (eu não tenho medo da mesóclise), a boca de cantinhos levantados, os olhos claros entre o amarelo e o castanho, os cabelos quase ruivos, elegante no olhar e na postura. Perguntou-me de chofre, ao anoitecer, diante do meu primeiro uísque (aprendi que qualquer bebida é menos fatal se se começa a beber a partir das seis da tarde), se eu conhecia Chesterton. Não acreditei no que eu ouvia. Seria algum Chesterton amiguinho dela? Um professor? Algum político? Não senhora, refiro-me a Gilbert Keith Chesterton, novelista, ensaísta, crítico e humorista inglês. Meu Deus!, exclamei eu, que deixei de pensar para continuar a viver me encontro diante de alguém que leu Chesterton. Por favor, Joyce, previno-a, e previno-a com uma frase do citado: “Se a tua cabeça te ofende, corta-a fora.” Foi o que aconteceu com a minha, porque para mim depois de todas as reflexões sobre a sordidez, a ignomínia, a canalhice da humanidade, prefiro esquecer que um Chesterton existiu.

Muito bem, madame, não falaremos mais nele. A senhora gostaria de deitar-se com um homem todos os dias?

Nem pensar. Uma vez por semana está bem. Nos outros dias prefiro beber sozinha, traquear; bater caixeta e pensar em nigrinhagens.

Como?

Esqueça.

No meu quinto uísque ela já havia entendido quase tudo. Expliquei-lhe principalmente que o homem deveria ser jovem. Que ela se certificasse de sua potência. Que não me mandasse ninguém com bimba ou bilunga. Que, estando comigo, o homem ficasse mudo. Que eu já havia providenciado uma linda franha com rendas francesas para enfiar a minha cabeça. Espantou-se. Esclareci: minhas rugas são bastante nítidas, não quero assustá-los.

Penso, senhora Leocádia, que a senhora está sendo demasiado cruel, cruel consigo mesma.

Isso não interessa. Sei tudo sobre a crueldade. Conheço Deus.

Mostrei-lhe um lindo pijama de cetim azulado e perguntei se gostava. É lindo, senhora, pretende usá-lo na próxima semana? É para você, Joyce, quando o jovem estiver no ponto, mande-o para mim.

Perfeitamente, madame.

O bolo de dinheiro estará lá.

Onde?

No meu quarto. Mande-o olhar para todos os lados. Descobrirá, o dinheiro cintila.

Bem, agora quero lhes contar do meu filho. Tem quarenta anos. Casado. Sua mulher é tolinha, dessas que falam sem parar; sempre imbecilidades. Leu algum que discorreu sobre a importância de “agilizar o conceito fala”, de extravasar. Sua visita era um inferno, eu colocava meu xale acastanhado e cantava baixinho, só para ela, uma canção muito engraçada dos meus tempos de faculdade: “cumé que é, meu capim barba de bode,/ faz tempo que nós num mete/ faz tempo que nós num fode...”. Ela se arrepiava inteira. Dizia para meu filho: Leocádio, sua mãe está louca. Como é que você pode deixá-la aqui sozinha quando ela deveria estar naqueles belos lugares onde as velhinhas bordam, cantam canções de ninar, fritam bolinhos... Você já viu as ferramentas que ela tem debaixo da cama? Que ferramentas?

Ancinhos, pás, enxadas... e imagine! Um emaranhado de terços!

Aí eu explicava, com perfeita harmonia entre as palavras, que o mais sensato era guardar as ferramentas ali, porque a edícula que havia nos fundos poderia ser alvo de ladrões e que aqui no meu quarto só entram o jardineiro e o monsenhor Ladeira.

Entram no seu quarto? Pra quê?

O jardineiro para pegar as ferramentas e o monsenhor para rezar.

E ele não tem o seu próprio terço?

Tem. Mas pode esquecê-lo. E aí tenho outros para rezarmos juntos.

Claro que tudo isso não era verdade. O monsenhor Ladeira foi um excelente amante, mas sempre se esquecia do terço e a cada semana comprava um. Mandaram-no para Roma. Pena. As ferramentas eram o fetiche de um taurino. Amava tanto a terra que só conseguia prazer se tivesse ancinhos, pás, enxadas ali ao pé da cama. Desgostoso com a vida, foi ser jardineiro num convento. Um tipo Wittgenstein. Tinha um bom mondrongo. Mas meu filho pareceu contentar-se com aquelas explicações lá de cima e disse à cretina da minha nora: Leocádia está completamente lúcida. Depois de tê-lo convencido da minha lucidez, rodeei minha nora com pulinhos hostis e, lançando-lhe perdigotos à cara, repeti minha

cançãozinha sem que meu filho ouvisse. Graças a Deus, agora não me incomodam mais. Leocádio me telefona vez ou outra. Ah, como é delicioso e prático que as pessoas nosensem estranhas... O conforto de não ser mais levado a sério, esse traquear de repente e sorrir como se não fosse com você, e poder acariciar um peixe morto na peixaria e chorar diante de um cão sarnento e faminto. É bom ser estranho e velho.

Joyce tem sido muito hábil. Encontra-se com os jovens e explica-lhes tudo. O primeiro foi um sujeito muito do franzino, o peito encovado, mas uma esplêndida verga, olhou o dinheiro, acariciou-o, guardou-o e disse-me sorrindo: tô sempre às ordens, viu, dona? Quando ia saindo do quarto, levantei um pouco a franha e vi seus pentelhos chamuscados e perguntei o porquê.

É que fui fazer um virado de ovo e uma fornada de batata lá na pensão e o forno explodiu.

Ah...

Quer dizer que a senhora fala, dona, e vê sem ver?

Claro, não está vendo?

Tem alguma coisa na cara pra esconder?

Só velhice.

Minha avó é velha e eu gosto dela.

Mas não fodes com ela, pois não?

Ah, mas também ela não tem essa pataca.

Compreendo.

Saiu do quarto. De repente gritou do outro lado da porta: tenho um amigo chamado Bestera que também é supimpa de caceta, posso indicá-lo à Joyce? Pode sim, respondi, e por que ele se chama Bestera?

Um cara quis dar o roxinho e muita grana pra ele, e ele respondeu: cu de mancebo só espio e não meto. Todo mundo achou uma bestera, porque com grana a gente mete em qualquer buraco.

Claro. Pode mandar o Bestera sim.

Quer saber, dona? A senhora é uma veia muito sensuar!

O Bestera também é muito “sensuar”, pensei semanas depois, quando o conheci. Estou feliz. Até já tiro a franha. [\[28\]](#)

(domingo, 21 de novembro de 1993)

PARA BUCHOS E NEURÔNIOS

Por que não agilizar aquela minha ideia do Esquadrão Geriátrico de Extermínio, o *muy conocido* EGE, *muy conocido em mi casa*, velhinhas contundentes com suas bengalas em ponta de estilete, estilete lambuzado de curare, e iríamos lá no Congresso, e faríamos parcas perguntas antes de espetar-lhes a bunda: então não se lembra da compra de uma fazenda de um milhão e seiscentos mil dólares? Não lembra mesmo, negão? E aí, a espetada fatal na gorda ilharga. E o senhor, seu dotô, não lembra de nada, nem onde a enterrou? E com facas de prata e frigideiras com azeite besuntadas, teríamos miúdos de anões (ao ponto, à marsala, *aux fines herbes*), meros tostões para a fome da plebe. Por que ao invés de comermos belíssimos faisões, doces rãzinhas, delicados coelhos, não fazemos “o rango do anão”, assim grosso e curto, para o gáudio e a delícia dos glutões? E, se insistirem em várias CPIs, teremos iguanas estocadas até o fim dos dias. E me vem de novo à memória aquele japonês que comeu a amantezinha holandesa, comeu literalmente, e quando saiu do manicômio (ninguém sabe por que saiu), comentou: “Fui mal interpretado.” Nós, os brasileiros, jamais responderíamos assim. Inclusive porque ninguém de bom senso iria nos perguntar o porquê de comermos literalmente os anões. E é sempre um alívio viver sem perguntar. Quando se pergunta, por exemplo, de onde vem o mal, é aquela lenga-lenga sem fim, e ouvimos bocejantes e abestados o cara espumando seu texto chinfrim. Frente a frente com Deus, serei aquele amontoado de perguntas e já posso lhe ver a língua longa, dourada, e perdigotos azuis roçando-nos com suas diminutas asas. E o trono de fogo, e o telefone celular, ali, telefone de Deus, de todo e de tudo desligado. “Objetos estéticos”, há de me responder, como um elegante filósofo requintado. E eu, aos trinta, era tão bela, ingênua e finda — “mas as coisas findas, muito mais que lindas...” (Drummond) —, que me permiti pensar também Deus e escrevi também elegante e requintada estes:

Exercícios para uma ideia

Exercício nº 1

Se permitires
Traço nesta lousa
O que em mim se faz
E não repousa:
Uma Ideia de Deus.

Clara como Coisa
Se sobrepondo
A tudo que não ousa.

Clara como Coisa
Sob um feixe de luz
Num lúcido anteparo.

Se permitires ousa
Comparar o que penso
A Ouro e Aro
Na superfície clara
De um solário.

E te parece pouco
Tanta exatidão
Em quem não ousa?
Uma ideia de Deus
No meu peito se faz
E não repousa.

E o mais fundo de mim
Me diz apenas: Canta,
Porque à tua volta
É noite. O Ser descansa.
Ousa.

Exercício nº 2

Épura, que translúcida
Se projeta.

Épura, feixe solar,
E de cristal. E ereta.

Épura, réstia de luz
Sobre a mão destra.

Épura, que a um só tempo
Se renova. E sem limite
Ou aresta

Toma corpo no Todo
E recomeça.

Exercício nº 3

Dentro do prisma
A base, o vértice
De suas três
Pirâmides contínuas.

Dentro do prisma
A Ideia
Que perdura e ilumina
O que já era em mim
De natureza pura.

Dentro do prisma
O universo
Sobre si mesmo fechado
Mas aberto e alado.

Dentro de mim
De natureza ígnea:
Uma Ideia do Amado.

Exercício nº 4

De espaço-tempo
De corpo e campo
Teu fundamento.

E teu nome é matéria.
Única. De estrutura
Infinitamente múltipla.

E se teu vértice pausa
Te fazes igualmente
Em Delta. E repousas.

Em ti
Começaria a minha Ideia.

Exercício nº 5

E se a mão se fizer
De ouro e aço,
Desenharei o círculo
E dentro dele

O equilátero.

E se a mão não puder,
Hei de pensar o Todo
Sem o traço.

E se o olhar
A um tempo se fizer
Sol e compasso
Medita:
Retículo de prata
Esfera e asa

Tríplice
Una
E infinita.

Exercício nº 6

E de todos os rumos
Pensei
(Como quem vê a prumo)
Um só núcleo pulsando
Claro-Escuro.

Se quiseses
Chamaremos de Delta
O feixe que se esconde,
E Eta o júbilo de ser
Área de luz e cone.
E se o núcleo é um só,
É lícito entenderes
O que Delta resguarda
Do teu olhar alerta.

E poderás dizer
Que um e outro
São infinitos-extensos
De um só Ser.

Exercício nº 7

Vereis em cada círculo
Três dimensões de um todo
Aparentemente bipartido.

Alfa se refaz. É expansão
E é cíclico. Ômega se contrai
Em nova direção. Em essência
Alimenta-se

Daquela que é princípio.

Mas sempre é o mesmo Ser
Num movimento líquido
De inspiração-expiração.

Sem finitude ou arbítrio [\[29\]](#)

(domingo, 28 de novembro de 1993)

MISÉRIA HUMANA

Gente, por favor, não quero mais ser gente! Então você se veste, se perfurma, se faz linda, (lúdica) se entenece, e degusta teu vinho com aquele que é teu homem, teu amado, teu tudo, e o cara te estrangula e te entrega aos carrascos, e te estrangula tão incompetente que ainda estás viva quando a picareta te arrebenta três vezes! E és, meu Deus, enterrada viva!!!

Atônita, afônica, enjoada, doente há vários dias por me saber à raça humana pertencente, permitam-me como sempre a pausa da poesia o que me faz pensar que estou atada a uma ínfima luz, ainda que seja o NADA.

É TEMPO DE PARAR AS CONFIDÊNCIAS

1

Teus esgares, de repente,
Teus gritos
Quem os entende?
E todos os teus ruídos
Teus vários sons e mugidos
Quem os entende?

E foi assim que o poeta
Assombrado com as ausências
Resolveu:
Fazer parte da paisagem
E repensar convivências.
Em vão tenho procurado
A glória das descobertas.
Em vão a língua se move
Trazendo à tona o segredo.
Em vão nos locomovemos.
Para onde pés e braços?
Até quando estas andanças

E até quando este passo?

Distantes os hemisférios
E as relíquias da memória.
Tão distante a minha infância
Pudor, beleza, invenção
E o ouro da minha trança
Não teve sequer canção.
Cresci tão inutilmente
Quando devia ficar
Debaixo das laranjeiras
À sombra dos laranjais.

Cresci, elegi palavras
Qualifiquei os afetos.
Vestígios de madrugada
Diante dos olhos abertos.
Claridades, esperanças,
Em tudo a cor e a vontade
De ver além da distância.

Depois as visões, as crenças
Algumas falas a sós
Premeditadas vivências
Graves tremores na voz.
Era ou não
Abrasada adolescência?

2

O vocábulo se desprende em longas espirais de aço.
Ajustemos a mordaca
Porque no tempo presente
Além da carícia, e a farsa
Aquele que se insinua.
Faço parte da paisagem.
E há muito para se ver
Aquém e além da colina.

Há pouco para dizer
Quando a alma que é menina
Vê de um lado o que imagina,
Do outro o que todos veem:
O sol, a verdura fina
Algumas reses paradas
No molhado da campina.
Ventura a minha, a de ser
Poeta e podendo dizer
Calar o que mais me afeta.
Ventura ter o meu mundo
E resguardá-lo das cinzas
Das invasões e dos gestos.
Ah, poderiam ter sido
Encantados e secretos

Aqueles brandos colóquios
Que outrora se pareciam
Às doces falas do afeto.

3

As coisas que nos circundam
(Na aparência desiguais)
Conservam em suas essências
Ai, aquela mesma e triste
Parecença.

Difícil é escolher
Entre viver e morrer.
Difícil é o escutar-se
E ao mesmo tempo escutar
Rigores que vêm da terra
Lirismos que vêm do mar.
Auroras imprevisíveis
Entre Platão e Plutão.
Entre a verdade e os infernos
Dez passos de claridade

Dez passos de escuridão.
Consinto que me surpreendas
Dizendo palavras densas.
O não dizer é o que inflama
E a boca e o movimento
É que torna o pensamento
Lume
Cardume
Chama.

Não tenho tido descanso
Do falarar de quem ama.
Amor é calar a trama.
É inventar. É magia.
As palavras engenhosas
E os teus dizeres do dia
À noite não tem sentido

Quando arquiteto a elegia.
E sendo assim continuo
Meu roteiro de silêncio
Minha vida de poesia.

4

Não te espantes da vontade
Do poeta
Em transmudar-se:
Quero e queria ser boi
Ser flor
Ser paisagem.
Sentir a brisa da tarde
Olhar os céus, ver as tardes

Meus irmãos, bezerros, hastes,
amar o verde, pascer
Nascer junto à terra
(À noite amar as estrelas)

Ter olhos claros, ausentes,
Sem o saber ser contente
De ser boi, ser flor, paisagem.

Não te espantes. E reserva
Teu sorriso para os homens
Que a todo custo hão de ser
Oradores, eruditos,
Doutos doutores
Fronte e cerne endurecido.
Quero e queria ser boi
Antes de querer ser flor.

E na planície, no monte,
Movendo com igual compasso
A carcaça e os leves cascos
(Olhando além do horizonte)
Um pensamento eu teria:
Mais vale a mente vazia.
E sendo boi, sou ternura.

*Aun que pueda parecer
Que del poeta
Es locura.*

(domingo, 5 de dezembro de 1993)

DESCIDA

O velhote Zé Vitinho era taciturno, mas bondoso. Cara fechada. Vivia pensando, lia, lia. A mulher dele, dona Santa, era santa mesmo. Quietinha, sempre de terço, a toda hora chamando: Zé Vitinho! Olha o beija-flor ali! Zé Vitinho levantava os olhos do livro e balbuciava: já vi, Santa, já vi. Um dia ele disse: Santa, li uns mil e duzentos livros e tô na mesma. Ela respondeu: ah, é? E isso é ruim, Zé Vitinho? Muito ruim mesmo, minha santa. Só disse isso e começou a dar uns saltos patéticos, bastante insólitos. Santa começou a rir. Ele continuou a saltar. Depois parou e começou a rir também. No dia seguinte sumiu. A vizinhança ficou apatetada. Sumiu como? E dona Santa contava a estorinha de novo! Já falei, gente, ele disse que leu mil e duzentos livros e tava na mesma e depois pulou e depois riu, e de noite comeu bolinho de arroz e mandioca frita, depois dormiu e de manhã não tava mais lá. Lá onde? Na cama, gente. Alguns viram Zé Vitinho peladão subindo uma colina. Que colina, menino? Uai, aquela colina logo ali. E lá ia todo mundo na colina logo ali. Outro viu Zé Vitinho mijando atrás do ipê-amarelo. Que ipê-amarelo, Janjão? Credo, gente, aquele ipê-amarelo ali. E lá ia todo mundo pro ipê. Tinha gente que até urinava no ipê pra vê se aparecia Zé Vitinho. A filha da Maricota diz que viu Zé Vitinho apontando pra ela e gargalhando e dizendo assim: cê também vai ficá velha, Marisinha, e nojenta e pelada como eu, e assim sem dente! E Marisinha contou que nesse pedaço ele arrancou a dentadura da boca e jogou no bueiro. Que bueiro, Marisinha? Aquele bueiro ali, perto do toco negro. Que toco negro, menina? Uai, o toco que pegou fogo. Quando? Pois trasanteontem, gente! E todo mundo corria pra ver o toco negro. E nada do Zé Vitinho. E a dentadura, acharam? Era de madeira, dona Santa aclarava, ele dizia que era igualzinha a de George Washington, de madeira clarinha. De madeira, é? Pois nem parecia, né, gente? É que ele nunca ria. Ah! Passaram-se muitos meses. Alguém viu um velhote bêbado sentado no penhasco. Que penhasco, Etelvina? Pois o único penhasco que existe aqui, aquele lá! E foram todos madrugadinha até o topo do penhasco. E lá estava Zé Vitinho. Bêbado. E um burro ao lado. Meu velho! Meu querido velho!, choramingou dona Santa. Vem pra casa, meu lindo! Eu não sou

Zé Vitinho, não, Zé Vitinho é esse meu colega aqui, e apontava o burro, e ninguém vai me separar dele não, sai, sai, negada. E como ninguém saísse e dona Santa ficasse ali apatetada, Zé Vitinho montou no burro, que escoiceou três vezes, e os dois escafederam-se penhasco abaixo, e a negada ficou de boca aberta vendo o burro correr como sangue puro e Zé Vitinho gritando: vamos ver Deus, Zé Vitinho, vamos juntos ver Deus! E sumiram nos longes, manhãzinha, quando o sol apontava.

Moral da estória: Pra baixo todo santo ajuda.

Capitalismo e outros ismos

Curvada, magrela, a barriga inchada de roer tijolo com cachaça e canela, Maria Eulália, oitenta, tinha a ponta dos dedos descarnada, de tanto bater nas teclas de sua velhíssima máquina Lettera. A cada manhã chegava o maldito editor: tá muito acabadaça, Maria Eulália? Quantas palavras hoje, hein, nojentosa? E levava cem laudas e deixava-lhe na mesa dois tostões. Mas que estórias assombrosas e belas escrevia a velhota! Corredores, abismos, pomares onde os abios cantavam, poços de ferrugem e ouro onde consciências se corporificavam em matéria viva, relatos-vida de Maria Eulália para a caterva. E lá vinha o editor tirar os dois tostões da véspera, porque lembrou-se de que havia deixado na cozinha uma códea de pão e duas nêspas.

Assim não dá, seu Lalau, tenho também minha cachorrinha Zefa.

Pois não sabes, Eulália, que na China os cães se somam às finas iguarias?

Ó, seu Lalau, eu jamais poderia!

Velha idiota, desnude a carcaça enquanto tento desembainhar meu chicote de prata!

E Maria Eulália corria rapidinho, e o editor atrás soltando guinchos e fazendo trilhos nos pobres canteiros de rúculas magras e de tristes salseiros. Um dia Maria Eulália enfiou a cabeça num bueiro. O editor Lalau ganhou dois milhões de dólares na primeira edição de bolso e pôs a cachorrinha Zefa na vitrine de sua livraria. Uma medalha folheada a ouro enfeitava o pescoço da bichinha, e havia sempre leite e carne moída e fígado e outros deleites, mas Zefa morreu de negra saudade e anorexia. Maria Eulália ainda está lá, de pernas pro ar, porque ninguém se importou de ver na rua um bueiro enfeitado com túbias de escritor.

Moral da estória: *Non omnis moriar* (Informe-se).

Domingo

A mulher se arrumava em frente ao espelho. O homem assomou à janela (como diria o abade), e puxando o gatilho rosnou: “Já está suficientemente feia para morrer.” Ela caiu inteira. As canelas hirtas.

Moral da estória: Cuidado com caseiros e ações trabalhistas.

(domingo, 12 de dezembro de 1993)

POETAS DE TODO MUNDO, UNI-VOS!

Os poetas são seres irreais, absurdos. Filhos da Quimera, da Ilusão. Não há nada mais exdrúxulo sobre a Terra do que o Poeta. Só o ornitorrinco. E é em homenagem aos poetas-ornitorrincos, os mais extravagantes de todos os seres, os líricos-devastados, os inoportunos, aleijões da praticidade e do cotidiano, os patéticos inconsumíveis, os *loucos-outsiders*, em homenagem a todos eles que eu transcrevo este meu poema, dedicado a um dos maiores ornitorrincos da Espanha, Federico Garcia Lorca:

Companheiro, morto desassombrado, rosácea ensolarada
Quem senão eu te cantará primeiro? Quem senão eu
Pontilhada de chagas, eu que tanto te amei, eu
Que bebi na tua boca a fúria de umas águas
Eu, que mastiguei tuas conquistas e que depois chorei
Porque dizias: “amor de mis entrañas, viva muerte”?
Ah, se soubesses como ficou difícil a Poesia.
Triste garganta o nosso tempo, TRISTE TRISTE.
E mais um tempo, nem será lícito ao poeta ter memória
E cantar de repente: “os arados van e vêm desde a Santiago a Belén”.
Os cardos, companheiro, a aspereza, o luto
A tua morte outra vez, a nossa morte, assim o mundo:
Deglutindo a palavra cada vez e cada vez mais fundo.
Que dor de te saber tão morto. Alguns dirão:
Mas está vivo, não vês? Está vivo! Se todos o celebram
Se tu cantas! ESTÁS MORTO. Sabes por quê?

“El pasado se pone
su coraza de hierro
y tapa sus oídos
con algodón del viento.
Nunca podrá arrancársele

un secreto.”

E o futuro é de sangue, de aço, de vaidade. E vermelhos
Azuis, brancos e amarelos hão de gritar: morte aos poetas!
Morte a todos aqueles de lúcidas artérias, tatuados
De infância, o plexo aberto, exposto aos lobos. Irmão.
Companheiro. Que dor de te saber tão morto. [\[30\]](#)

(domingo, 19 de dezembro de 1993)

REVIVER É VIVER MAIS

Dedico estes meus poemas, que fazem parte de meu livro *Da morte. Odes Mínimas*, a alguns “mortos iluminados”, alguns meus amigos pessoais, e outros, irmãos de toda a vida, porque irmãos da mesma perplexidade: Vinicius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, Carlos Maria de Araújo, Clarice Lispector, Pedro Nava, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Ernest Becker, Guimarães Rosa, Antônio Olavo e Lupe Cotrim Garaude.

I

Te batizar de novo
Te nomear num trançado de teias
E ao invés de Morte
Te chamar Insana
Fulva
Feixe de flautas
Calha
Candeia
Palma, por que não?
Te recriar nuns arco-íris
Da alma, nuns possíveis
Construir teu nome
E cantar teus nomes perecíveis:
Palha
Corça
Nula
Praia
Por que não?

II

Demora-te sobre minha hora.
Antes de me tomar, demora.
Que tu me percorras cuidadosa, etérea
Que eu te conheça lícita, terrena

Duas fortes mulheres
Na sua dura hora.

Que me tomes sem pena
Mas voluptuosa, eterna
Como as fêmeas da Terra.

E a ti, te conhecendo
Que eu me faça carne
E posse
Como fazem os homens.

III

Pertencente te carrego:
Dorso mutante, morte.
Há milênios te sei
E nunca te conheço.
Nós, consortes do tempo
Amada morte
Beijo-te o flanco
Os dentes
caminho candente a tua sorte
A minha. Te cavalgo. Tento.

Levarás contigo
Meus olhos tão velhos?
Ah, deixa-os comigo
De que te servirão?
Levarás contigo
Minha boca e ouvidos?
Ah, deixa-os comigo

Degustei, ouvi
Tudo o que conheces
Coisas tão antigas.

IV

Levarás contigo
Meu exato nariz?
Ah, deixa-o comigo
Aspirou, torceu-se
Insignificante, mas meu.
E minha voz e cantiga?
Meu verso, meu dom
De poesia, sortilégio, vida?
Ah, leva-os contigo.
Por mim.

V

Cavalo, búfalo, cavalinha
Te amo, amiga, morte minha,
Se te aproximas salto
Como quem quer e não quer
Ver a colina, o prado, o outeiro
Do outro lado, como quem quer
E não ousa
Tocar teu pelo, o ouro.

O coruscante vermelho do teu couro
Como quem não quer.

VI

Porque conheço dos humanos
Cara, Crueza,
Te batizo Ventura
Rosto de ninguém

Morte-Ventura
Quando é que vem?

Porque viver na Terra
É sangrar sem conhecer
Te batizo Prisma, Púrpura
Rosto de ninguém
Unguento
Duna
Quando é que vem?

Porque o corpo
É tão mais vivo quando morto
Te batizo Riso
Rosto de ninguém
Sonido
Altura
Quando é que vem?

VII

Uns barcos bordados
No último vestido
Para que venham comigo
As confissões, o riso
Quietude e paixão
De meus amigos.

Porque guardei palavras
Numa grande arca
E as levarei comigo

Peço uns barcos bordados
No último vestido
E vagas
Finas desenhadas
Manso friso

Como as crianças desenhavam
Em azul as águas.

Uns barcos
Para a minha volta à Terra:
Este duro exercício
Para o meu espírito.

(domingo, 26 de dezembro de 1993)

RETRETE

Pediram-me uma retrospectiva do Brasil de 1993, mas o filósofo húngaro Max Nordau, nascido em 1849 e falecido em 1923, já fez uma retrospectiva do nosso Brasil de sempre. E da política de “quase sempre” em vários países do Planeta Terra. Transcrevo alguns trechos do seu livro *As mentiras convencionais da nossa civilização*, porque é tão moderno, tão atual e tão verdadeiro que o leitor saberá em que consiste a tão ambicionada ética política. Sinto muito, senhores, mas somente mudando o coração do homem, somente se o Criador lhe devolver a alma, é que o repulsivo “homem político” transformar-se-á. Se não, vejamos:

“O que é para o deputado o interesse geral e o bem público? Mero negócio de comédia: o deputado quer subir, e o eleitor tem de servir-lhe de estribo. Trabalhar para o povo? Besteira! O povo é que deve trabalhar para ele. Apelidam os eleitores ‘gado que vota’: essa metáfora é de rara exatidão... gado metafórico que no dia da eleição deposita a cédula na urna.

“O político não tem outro fim nas suas ações senão o gozo de seu egoísmo. Para aí chegar, deve obter o apoio da massa. Ora, não se obtém esse apoio senão à força de promessas e das tradicionais palavras de sensação que recitam tão maquinalmente, como o mendicante o seu *Pater Noster*. O político submete-se a esse uso sem hesitar. Desde que eleito pelos eleitores, o seu amor-próprio fica satisfeito, e a massa desaparece completamente de suas vistas para surgir de novo quando o ameaçam de lhe tirar o poder. Então fará o que for necessário para conservá-lo, como fez antes para obtê-lo. Conforme as exigências da situação, ele dobrará de novo a enfiada das promessas e das frases de sensação ou ameaçará com o punho aqueles que murmurarem.

“Os eleitores não conhecem o indivíduo, nada sabem de seu caráter, se tivessem que emprestar-lhe por algumas horas uma chaleira velha, informar-se-iam dele certamente melhor; no entanto, confiam-lhe os maiores interesses do Estado.

“Eis os homens que seguem a carreira política: são conduzidos pelo egoísmo, entretanto, têm necessidade de certa popularidade, e a popularidade só é adquirida ordinariamente por aquele que auxilia a felicidade da comunidade ou

finge auxiliá-la; os nossos ambiciosos terão, pois, de ocupar-se dos interesses públicos, ou farão pelo menos semblante de interessar-se por eles. Devem, para ser bem-sucedidos, possuir diversas qualidades que não atraíam simpatias. Devem saber fingir e mentir, porque são constrangidos a sorrir para homens que lhes são repugnantes ou indiferentes, sob pena de criar inumeráveis inimigos; devem fazer promessas que sabem previamente não poder cumprir. Devem, enfim, lisonjear as inclinações e as paixões vulgares da multidão, fingir partilhar seus preconceitos, suas ideias tradicionais. Todos esses traços reunidos formam um personagem repulsivo ao homem de caráter firme. Em qualquer romance, semelhante personagem não atrairia nunca a simpatia do leitor; na vida, o mesmo leitor lhe dá seu voto de todas as eleições.”

Feliz ano-novo, leitor, ainda que a vida seja “uma história contada por um idiota cheia de ruído e fúria e sem nenhum sentido”. Shakespeare para vocês também. Enfatizando: “A mosca é que muda, mas a merda continua a mesma.” Bom dia.

(quinta-feira, 30 de dezembro de 1993)

FELIZ ANO “CUERVO” PARA NÓS TAMBÉM!

Sinto muito, leitor. Mas só se eu estivesse louca ou babando verde é que eu desejaria feliz ano-novo pra todo mundo. Então o país é saqueado em cento e noventa bilhões de dólares por anões, INSS e quejandos e só o PC na cadeia? E o resto da corja? Por que não nos devolvem o que nos foi saqueado? Por que os bens de todos esses canalhas não são devolvidos ao país? Por que os trâmites burocráticos são tão demorados para punir ladrões que deixaram o país em estado de calamidade? E por que é tão rapidinho impingir impostos para o povo e tão lerdo tomar de volta o que tomaram do povo? Gente! A dívida externa do país é de cento e quarenta bilhões de dólares! Os canalhas roubaram mais do que a dívida externa de todo o Brasil! Ahhhhhhhh!!!! Mas aí vêm as bichonas e dizem: não se pode ferir a democracia, coisas inéditas estão sendo feitas pela primeira vez, e aí vem o tal do “veja bem”. Então, veja bem, negada, quando é que o país vai ver a cara da grana que foi roubada? É preciso provar mais o quê? Quer dizer que há toda uma ética política para os saqueadores e, pro povão, zero? Os impostos vêm rapidinho, amanhã mesmo o teu IPTU vai ser corrigido diariamente, quando “eles” querem é tudo rapidinho. E podem dizer que é lugar-comum isso de malhar. O que vocês acham? Acham que eu devia ser original e dizer: tudo está indo bem, senhora marquesa, coma os seus brioches, pois, pela primeira vez, temos um presidente deposto. Muito bem, a CPI está aí, mas os anões continuam riquíssimos; se forem para a cadeia, terão o seu champanhe, seu salmão, suas trufas e suas trutas e grana também para continuarem corrompendo. Deve ser uma delícia isso de só ficar comendo e fornicando na sua saleta com sauna, espelhinho e banho quente. Amanhã, se eu ficar com lepra (Deus me livre!!!) e fizer uma listinha de um cruzeiro real para passar entre os amigos, na mesma hora viriam os olheiros: ainda tem esse toquinho de mão, dona, dá pra bater à máquina com o toquinho, ainda tem dedo mindinho, dá pra ir andando, velhota, tá extorquindo! Tá extorquindo!

É assim que fazem com povos e poetas. Mas com os pulhas, os facínoras de colarinho-branco, que tiram a boia do povão, há todo um luxo de delicadezas, filigranas conceituais tão bizantinas, e que peninha deles, e coitadinho desse aí

que não sabe como foi parar um milhão de dólares na continha dele, ficou tão magrinho de tanto chorar, tadinho! Ele é bão! Ele é bão! Sem dúvida, senhores, que é preciso conservar a democracia, mas agilizem, agilizem, confisquem as fortunas dos canalhas que roubaram do povo. Ou vocês são do bando que acredita que eles ganharam na SENA e/ou que são sobras de campanha? Então alguém te dá dez milhões de dólares pra você ser presidente de qualquer coisa, ou deputado, e você acha que esse alguém que deu não vai te comer o anel? Até morto, bicho! Claro que vai te comer a rodela! Tu tá podre lá no fundo, e o cara tá berimbando Anões? Gigantes Pantagruélicos do Saque, isso sim! Meus pêsames, por enquanto, Brasil. Estou colérica, que é como estão aqueles que apostam sim, mas na vida. Bom dia. O que já é difícil.

(domingo, 2 de janeiro de 1994)

“REINÁVAMOS IMPRUDENTES SOBRE A VIDA”

Transcrevo para os leitores o texto quase profético, pungente, do admirável escritor Mora Fuentes, hoje com 42 anos, e a quem o excelente Osman Lins considerava um dos grandes de sua geração (o que eu endosso). Recorte-o e guarde-o, leitor, porque este texto (extraído do livro *Fábula de Um Rumo*, Editora Moderna, 1979), desvenda para todos nós o que pode ser o “Corpo do Poder” se regido por canalhas:

Cosmogonia – Memórias do Velho Soberano. “Os bons e velhos tempos das antigas perversões. Depois que a mulher se foi (e mais nada aconteceu de definitivo em minha vida), resta-me recordar com dulçor e espanto a época em que gloriosos reinávamos no Reino dos Tolos. Unidos numa tenra e airosa juventude sucumbíamos nobres e autárquicos a essa vileza esgarçada de comandar vida e morte. O manto e a coroa, atavismo natural de quem governa, caía em nós na mesma íntima afinidade com que esse leve úmido matinal se une às folhas no princípio do dia, aderência amiga entre a aranha e a teia que constrói. Impregnávamos de espanto nossos súditos com nossa realeza encantada e ignipotente. Mesmo depois, exilados e silenciosos, ainda conseguíamos ludibriar, urdir com loquacidade. E quase prefiro esse tempo, quando expulsos do palácio nos instalamos numa aprazível caverna, onde a suntuosidade da corte se perdia e tomava rumos de pobreza, tanta magnificência e esplendor aquela entranha de rocha possuía. Representava convicto o papel de ermitão-monarca. Alguns súditos, os mais imbecis sem dúvida, permaneceram fiéis, vinham nos visitar, traziam notícias, levavam outras ao grupo que subterraneamente lutava por nós. Instalara-se no país um governo provisório, tentativa limpa e inabalável de remover a treva e a imundície que minha administração supostamente impusera à população. Os novos dirigentes eram mansos, inexperientes como pombas. Pela primeira vez governavam. Destituídos da virtual ardileza de reis e potentados, desconheciam que o povo, esse cardume plácido e derrotado que silenciara de morte a sua voz diante da rigidez e soberania do meu império, que ele partiria desenfreado em todas as direções se palavras vigorosas e limpas

fossem usadas, que destruiriam o poder nesse arrojamento impensado, e a digna e sibilina ordem do mundo seria conduzida ao caos. Não sabiam do ócio profundo ajustado a mentes e corações, forte como a fronteira do inferno, perigoso e feroz se perturbado. Outras coisas mais eu sabia e eles não. Com simplicidade compreendi sempre, porque sempre fui rei e reinei, que é impossível ter o poder e não cair no aprazível hediondo pecado de desrespeitar limites. Em pouco tempo podridão e vício gerariam nas novas propostas os mesmos velhos erros, o que se iniciava como governo iluminado indo de encontro aos outros, logo se transformaria na luta da perpétua permanência. Tem-se uma vez o poder e ele te faz diferente, se entranha na víscera, agarra tua alma como a cadela no cio se agarra ao macho que a visita. Preferimos centenas de vezes a morte pousando sobre tudo do que nos desfazer dessa avidez de possuir, ter, ser dono de. Abocanhar. Sangrar, se necessário, ceder nunca. O desvelo inicial nunca sobrevive tempo suficiente para injetar nesses milhares milhões diretrizes justas e perenes. Inúteis e ineficientes se desejamos o monopólio da vida. Degradados e cáusticos absorvíamos o reino. Assim nos queriam. Éramos assim. A alma do poder nos fez assim. Apenas exercíamos fascinados a função para a qual nos designaram. Reinávamos imprudentes sobre a vida.”

P.S. — Se você, leitor, quiser ler Mora Fuentes e com isso “crescer”, procure o livro *Fábula de Um Rumo*, na Livraria Papirus. E muito bom dia.

Não se esqueçam: Saquearam o Brasil US\$ 190 bilhões! Mais do que a nossa dívida externa, que é de US\$ 140 bilhões! Exijam devolução! Exijam os pulhas na cadeia!

(domingo, 9 de janeiro de 1994)

TAMO NUMA BOA!

Segundo consta, não está acontecendo nada. Notícias recentes nos informam que só catorze deputados é que serão cassados. Dos bilhões de dólares que saquearam do país ninguém fala em devolução, ninguém sequestrou os bens de ninguém, todos continuam com seus belíssimos apartamentos de cobertura, fazendas etc. Os pulhas do INSS continuam por aí. O ministro da Fazenda está sempre sorrindo. Tudo vai bem no melhor dos mundos. Tudo ok, negada, no país das musas cavendishi. Durante a Revolução Francesa, o jornal *Mercure de France* publicava *Odes ao meu canário*, de um poeta local. Como está tudo tão parecidinho e como a história, dizem, sempre se repete, e para não quebrar a roda irreversível do tempo, por que não coçarmos tranquilamente nossas cricas, bem à maneira Brasil, ó cu de sapo, ó cu de lagoa? Ando numa boa, bundões, e bola pra frente, viva o BrasilLLLLLLLLL! E prueque o amooooorrr, genti, é que sarva, o amooooorrr genti, é que é a doçura dos coração veementi, aí vai minha belíssima contribuição para este belíssimo momento nacional, vamo ganhá a Copa, vamo votá nos pulha de novo, vamo brincá gostoso neste carnavá! Vamo sonhá com nosso rainho de Sol.

O sapo Liu-Liu tinha muita pena do seu cu. Olhando só pro chão! Coitado! Coitado do cu do sapo Liu-Liu! Então ele pensou assim: vou fazer de tudo pra que um rainho de Sol entre nele, coitadinho! Mas não sabia como fazer isso. Conversando um dia com a minhoca Léa, contou tudo pra ela. Mas Léa também não sabia nada de cu. Vivia procurando o seu e não achava.

— Tá bem, vá, então cê não tem esse problema — disse Liu-Liu.

— Mas não fica bravo, Liu-Liu, eu vou me informar. Vou saber como você pode fazer pra que um rainho de Sol entre no teu fiu-fiu.

— Que beleza, Léa! Fiu-fiu é um nome muito bonito e original!

— Não seja bobo, Liu, todo mundo sabe que cu se chama fiu-fiu.

— Ah, é? Pois eu não sabia.

Então Léa viajou pra encontrar a coruja Fofina, que tinha fama de ser sabida. Fofina pensou, pensou, pensou, abriu velhos livros, consultou manuscritos,

enquanto Léa dormia toda enrolada.

— Acorda, Léa! Achei! — disse Fofina. A minhoca toda retesada de susto.

— Relaxa, relaxa! — disse Fofina.

— Olha, Léa, Liu-Liu tem que aprender uma lição lá da Índia — disse Fofina.

— Eu tenho medo de índio — disse a minhoca Léa.

— Não seja idiota, Índia é uma terra que fica longe daqui.

— Ah, então tá bom — disse Léa.

— Olha, Léa, lá na Índia eles se torcem tanto que engolem o próprio cu.

— Credo! E como é que o cu sai?

— Bem, isso é uma outra história que eu tenho que estudar, mas o Liu-Liu tem que ficar com a cabeça pra baixo e as pernas de trás pra cima. Assim.

Fofina ficou vermelha como um peru e não conseguiu mostrar o exercício pra minhoca Léa, mas Léa entendeu e foi ventando contar tudo a Liu-Liu. Demorou três dias, mas chegou.

Foram meses muito difíceis para o sapo Liu-Liu, mas toda a sapaçada ficou torcendo por ele. E quando o primeiro rainho de Sol entrou no fiu-fiu de Liu-Liu foi aquela choradeira de alegria. Hoje, até no lago Titicocu, todo sapo que se preza toma sol no fiu-fiu. E no país do cu-quente, onde mora o Liu, desde então é uma festa! Do levante ao poente!

Quando o cu do Liu-Liu olhou o céu pela primeira vez, ficou bobo. Era lindo! E ao mesmo tempo deu uma tristeza! Pensou assim: eu, fiu-fiu, que não sou nada, sou apenas um cu, pensava que era Algo. E nos meus enrugados até me pensava perfumado! E só agora é que eu vejo: quanta beleza! Eu nem sabia que existia borboleta! [\[31\]](#)

Borboleta pra vocês também! Bom dia!

(domingo, 16 de janeiro de 1994)

PAIXÕES E MÁSCARAS

Um adorável amigo, Jobi, me contou uma deliciosa “piada de português”, é assim: Seo Manoel, depois de anos de infindáveis experimentos, conseguiu transformar bosta seca em pura manteiga. Foi surpreendente. Técnicos do mundo inteiro não cabiam em si de estupefação. Aquilo tinha tudo de manteiga: cor, consistência, cheiro, igualzinho. Um dos técnicos resolveu passar o dedo e experimentar o sabor. E aí foi horrível. Pura bosta. Mas seo Manoel! Isso é inadmissível! É merda mesmo! Seo Manoel respondeu: senhor Smith, esse foi o único senão que eu não pude resolver, pena, pois não? Comigo também tem sido assim ao olho do outro sobre o meu texto. É difícil explicar, mas o olho do outro sobre o alheio tem tudo a ver com a piadinha aí de cima, há infinitas ilações, mas o tema faz parte da psicologia profunda, e certamente não vou me aventurar. Passemos. Antigamente, na Índia, alguns párias levavam uma pequena caixa atada ao pescoço, porque não deviam cuspir no chão. Contaminariam a terra. E a terra era reservada para os cuspes das castas mais elevadas. Incrível, não? Algumas pessoas se sentem párias e matam-se por isso. Van Gogh, por exemplo. Outros enlouquecem, também por isso. Mas nem todo mundo que bebe ou enlouquece se sentiu um pária. E ninguém foi tão Van Gogh quanto Van Gogh. Minha querida amiga Inês Mafra, que há pouco defendeu seu mestrado com uma dissertação, *Paixões e máscaras*, sobre o meu trabalho, mandou-me um lindo livrinho, da autoria de W. H. Auden, sobre Van Gogh, e num certo trecho que tem tudo a ver com esse inexplicável que estou tentando lhes dizer, escreve Van Gogh: “As ideias um tanto supersticiosas que eles têm aqui a respeito da pintura às vezes me deprimem mais do que lhe poderia dizer, porque inegavelmente é bem verdade que um pintor, como homem, fica absorvido demais no que seus olhos veem, e não suficientemente mestre do resto de sua vida.” E também é verdade que um escritor, enquanto ser humano, fica absorvido demais em tentar compreender a si mesmo e ao outro, e não suficientemente mestre do resto de sua vida. Hoje estou menos explícita, mas quem sabe se alguém vai entender o que pretendi dizer, através deste meu poema:

Tudo vive em mim. Tudo se entranha
Na minha tumultuada vida. E porisso
Não te enganas, homem, meu irmão,
Quando dizes na noite, que só a mim me vejo.
Vendo-me a mim, a ti. E a esses que passam
Nas manhãs, carregados de medo, de pobreza,
O olhar aguado, todos eles em mim,
Porque o poeta é irmão do escondido das gentes
Descobre além da aparência, é antes de tudo
LIVRE, e porisso conhece. Quando o poeta fala
Fala do seu quarto, não fala do palanque,
Não está no comício, não deseja riqueza
Não barganha, sabe que o ouro é sangue
Tem olhos no espírito do homem
No possível infinito. Sabe de cada um
A própria fome. E porque é assim, eu te peço:
Escuta-me. Olha-me. Enquanto vive um poeta
O homem está vivo.

(domingo, 23 de janeiro de 1994)

SOS PARA TODOS NÓS! SOS PARA OS ANIMAIS!

Quando a minha peça *O verdugo* (Prêmio Anchieta de 1969) foi encenada no Teatro Oficina, em 1973, colocamos um cartaz com os seguintes dizeres: POLÍTICA É DAR VIDA A TODOS. Mas desde sempre o termo “política” tem evocado Ignomínia, Torpeza, Mentira. O país está vivendo uma crise de abandono, de total desamparo. Milhares de pessoas famintas, milhares de pessoas nas filas quilométricas da saúde, da Previdência etc. etc. Tanto nos confins do país, em Monte Santo, na Bahia, onde os bebês têm morrido de fome, onde não há nem o mandacaru, onde a miséria é absoluta, como nas capitais, nas cidades onde pessoas moram em bueiros e se alimentam do lixo. Em Pirajuí (SP), uma família não vê um litro de leite há três meses, e a filha de dez anos mama nas tetas da Dindinha, uma cachorra. Tanto nos confins como por aqui, o teor de miséria é de estarrecer. Não entendo como os políticos possam ainda sorrir e tratar de assuntos prementes do país em elegantes almoços e cafés da manhã, todos sorrindo e todos muito bem alimentados, muito bem-vestidos, com suas gravatinhas grife qualquer coisa. Ohhhh!!!, senhores, tenham um pouco mais de sobriedade quando aparecerem nos vídeos, mais modéstia, mais severidade, mais luto, porque a hora é de luto, de cinzas na cabeça. Milhares estão mal, e nesta crônica quero pedir a todos que arranquem de seus corações o egoísmo, a mesquinha. O que será de nós todos logo mais, se não dilatarmos nossos corações ao infinito?

Ao teu encontro, Homem do meu tempo,
E à espera de que tu prevaleças
À rosácea de fogo, ao ódio, às guerras.
Te cantarei infinitamente
À espera de que um dia te conheças
E convides o poeta e a todos esses
Amantes da palavra, e os outros,
Alquimistas, a se sentarem contigo
À tua mesa. As coisas serão simples

E redondas, justas. Te cantarei
Minha própria rudeza
E o difícil de antes
Aparências, o amor
Dilacerado dos homens
Meu próprio amor que é o teu
O mistério dos rios, da terra
Da semente. Te cantarei Aquele
Que me fez poeta e que me prometeu
Compaixão e ternura e paz na Terra
Se ainda encontrasse em ti o que te deu. [\[32\]](#)

A ferocidade, a maldade com que as gentes têm tratado também os animais é inadmissível. Não abandonem os seus animais, muito menos os que estão doentes e famintos, pelas ruas. O que tenho visto em matéria de descaso e maus-tratos é de adoecer. O filósofo Nietzsche enlouqueceu abraçado a um cavalo que havia sido barbaramente espancado. Enlouqueceu ou não suportou o lúcido desespero da compaixão? Que nenhum cínico venha me dizer que Hitler também amava o seu cão. Se amava, foi certamente a única qualidade desse sinistro.

Nas antigas civilizações era costume abandonar os velhos pais ou avós nas montanhas, para morrerem de sede e de frio. Um desses históricos relatos me impressionou particularmente: o filho levou o velho pai até a montanha e, na hora de partir, disse-lhe: “Aqui tens um cobertor.” O pai respondeu: “Guarda-o para ti, para quando chegar a tua hora, quando estiveres aqui onde estou.” Se àquele tempo eu escrevesse uma crônica indignada, certamente me chamariam de louca, pois era um costume, um hábito. Hoje em dia, a maior parte das pessoas entende que não é preciso dar atenção aos animais, é um hábito, é um costume. Por favor, leitor, repense seus hábitos, seus costumes. RECONSTRUA-SE.

Ajudem a Associação Protetora dos Animais, a única de Campinas, mandem o que puderem: tostões, rações, remédios. Veterinários! Deem alguns minutos de seus trabalhos para tantos animais desesperados, vítimas dos homens. Senhor prefeito! Em nome dos animais abandonados, peço-lhe funcionários para ajudar na Associação Protetora dos Animais. E, por favor, que o controle da zoonose, tão imprescindível, tenha recursos para ser exercido com humanidade e consciência. Universidades!, anestesiem corretamente as pobres cobaias para suas experiências. Tenham piedade, tenho adoecido do horror de vários relatos.

Quero nesta crônica deixar um abraço especial a Iraci Marques Brazão, que tem sido incansável e é a mais preciosa voluntária da APA. Quem puder ajudar, por favor, telefone para dona Carolina (241-8728), igualmente uma grande batalhadora nessa humilde tarefa.

Finalizo transcrevendo Isaac Bashevis Singer (prêmio Nobel de Literatura): “A pergunta das perguntas e o sofrimento das criaturas, a crueldade do homem para com o homem e os animais. Mesmo se desse resposta a todas as outras perguntas exceto a essa, a filosofia ainda não valeria a pena.”

(domingo, 30 de janeiro de 1994)

“*EPPUR, SE MUOVE*” (INFORME-SE)

A Organização de Direitos Humanos *Americas Watch* lança um relatório onde nos diz: “Entre 1988 e 1991, 5.644 crianças entre cinco e dezessete anos foram mortas de forma violenta no Brasil.” E continua: “No Brasil, a impunidade continua a prevalecer, e ela é produto da falta de vontade política de investigar os responsáveis.”

Outras modestas notícias: o deputado Ibsen Pinheiro (aquele que não se lembra de como apareceu na sua conta bancária a irrisória quantia de um milhão e quinhentos mil dólares e que tem chorado e emagrecido muito, ó, quem não o faria?) foi aplaudido com veemência por mais de duzentos deputados, ao discursar no Congresso. O que será que ele estava falando, hein? O ministro Fernando Henrique ameaça esvaziar as gavetas e nos dizer adeus. Bonzinho ele, não?

A CPI deve inaugurar logo mais sua mais recente pizzeria. Haverá pizzas para todos os paladares e parlamentares.

A inflação, segundo cálculos dos mais competentes, já está cinquenta por cento ao mês. Quando chegar a cinquenta e um por cento, vamos todos tomar nossa cachacinha. E quando chegar a cem por cento, repensemos aquele belo *insight* que tivemos: por que não importar do “Primeiro Mundo” os dejetos? Principalmente os dejetos da Suíça, da Alemanha, do Canadá, dos Estados Unidos, que devem ser os mais ricos portadores de proteínas, vitaminas, sais minerais. Por que não importar esses magníficos toletes para o Terceiro Mundo, ou melhor, o “Quinto Mundo” que somos nós? Com molho de alcaparras, ou, como dizia Araci de Almeida, de “alcaporras”, iam resultar num belo prato para o gáudio de nossos estômagos tristes pardos e mirrados.

E se transplantássemos estômagos? De colibris, para nós daqui? Colibri fica contente só com uma gota. E pensar que no Brasil tem gente que tem “gota”. É a doença dos reis. Editor, principalmente, tem muita “gota”. Se o escritor, pobrezinho, toma-lhe vinte paus, a “gota” lhe dói tanto que ele pode parar no hospital. Ou de vingança te manda um bolo envenenado lá das Américas, lá onde ele dejeta codornas, caviar e guisados. Falando em guisados, você sabe que já é

possível fazer bifes perfeitos (não os de soja), bifes mesmo, sem precisar matar nenhum herbívoro do Planeta? A engenharia genética já sabe fazer isso. Mas o que há de ser dos ladrões de gado, produtores e quejandos e açougueiros rosados, se isso acontecer? E o que há de ser do sadismo e da fome de matar que assola o homem? Bom dia, leitor. Bom churrasquinho. E para quem tem fome de poesia, aí vai:

Tenho pedido a todos que descansem
De tudo o que cansa e mortifica:
O amor, a fome, o átomo, o câncer.
Tudo vem a tempo no seu tempo.
Tenho pedido às crianças mais sossego
Menos riso e muita compreensão para o brinquedo
O navio não é trem, o gato não é guizo.

Quero sentar-me e ler nesta noite calada.
A primeira vez que li Franz Kafka
Eu era uma menina. (A família chorava.)
Quero sentar-me e ler, mas o amigo me diz:
O mundo não comporta tanta gente infeliz.

Ah, como cansa querer ser marginal
Todos os dias.
Descansem, anjos meus. Tudo vem tempo
No seu tempo. Também é bom ser simples.
É bom ter nada. Dormir sem desejar,
Não ser poeta. Ser mãe. Se não puder ser pai.
Tenho pedido a todos que descansem
De tudo o que cansa e mortifica.
Mas o homem não cansa.

(domingo, 6 de fevereiro de 1994)

A VIDA? ESSA MONSTRUOSIDADE DE IRREALIDADES

A crônica é um verdadeiro martírio para mim, porque de alguma forma tem que se aproximar de um texto “arrumadinho”, um texto que todos entendam, você lê pro fedelho, pra Zefa, pro dotô, e todos têm de dizer “óóóó sim! entendi!”, mas a verdade é que nada faz sentido, a própria vida é isenta de sentido, pois faz sentido você nascer, crescer, envelhecer e depois apodrecer? O escritor quer mais é esmiuçar os mil atalhos dessa insanidade, e usa na linguagem todos os possíveis códigos da vida. Se algum físico, por exemplo, for obrigado a explicar pro povão o mundo das partículas, ninguém vai entender, e não há maneira de transformar a linguagem da física em “nóis tamo vendo aqui uma coisa, tamo vendo não, tamo só vendo a caminhada da coisa etc. etc. etc.”. A física e a vida têm muito a ver, e as duas andam num salseiro difícil de entender. Você pode entender, na física, uma coisa que entra por dois buracos ao mesmo tempo? E na vida, pode? Ao mesmo tempo não dá, negão. Você pode entender a tal coisa que não é uma coisa, mas que é algo que pula de um lugar pro outro (eles dizem órbita), sem passar pelo espaço intermediário? Como se a bolinha de gude fosse parar de súbito na tua rodela sem se deslocar? Pois essa coisa é o elétron, pessoal! Uma coisa que não é uma coisa e ninguém nunca vê.

E de ambiguidades, de paradoxos, de evasivas, e escorregadia igual à enguia, também a própria vida. Você pensa que tua mulher é um amor, tua criança uma gracinha, no dia seguinte, tá lá você com dois cornos e tua criança estrangulando o gato da vizinha. Dá pra entender o ser humano fazendo tudo pra tudo morrer? Emporcalhando os ares, os rios, os mares, esburacando o ozônio, e só deixando intacto teu ilustre sovaco?

E aquelas “eficientes bombas limpas” que inventaram, tão “eficientes” que destroem toda vida ao redor e deixam intactos os conglomerados de concreto? Dá pra entender a Bósnia? O Brasil? Dá pra entender nossa dívida externa que nunca termina, mas a gente mil vezes já pagou mais de bil? (Atenção, revisão, é bil mesmo, de bilhões.)

Dá pra entender um país desesperado com quase cinquenta por cento de inflação ao mês, com gente faminta, hospitais em agonia, quadrilhas matando

crianças (mais de cinco mil de 1988 a 1991), deputados roubando bilhões, um país que ainda assim “brinca” o carnaval, e o maior tesão do povão continua sendo a bunda e a bola?

Claro, claro, ainda é possível, “ó, não perca as esperanças”, como diria o abade, tudo ainda é factível e pode ser surpreendente. Pois não houve um homem que fez de orelhas de porcos uma bolsa de seda? Você não acredita? Então leia:

“Em 1921 Arthur Dehon Little, um dos fundadores e diretor da Arthur D. Little Inc., decidiu dar uma contribuição à filosofia americana, denunciando um ditado da sabedoria tradicional que ele sentia ser destituído de imaginação. O ditado era: ‘Não se pode fazer uma bolsa de seda usando orelha de porco.’

“Primeiramente, comprou quase cinquenta quilos de orelhas de porco de uma companhia de enlatados de Chicago. As orelhas foram reduzidas a uma substância algo parecido com o líquido viscoso produzido pelo bicho-da-seda. Depois, os cientistas da Little diluíram essa substância em água, forçando-a a gelatinar-se com pequenas quantidades de acetona (...)” etc. etc. etc., por aí vai.

A bolsa ficou linda. Está exposta na Instituição Smithsonian, em Washington. Se você quiser saber como fazê-la, está no livro *Centrais de ideias*, de autoria de Paulo Dickinson, Editora Melhoramentos.

Agora pergunto: e será que uma bolsa recheada de dólares pode virar um porco? Taí uma sugestão para os químicos... jovens, naturalmente. Mas, por favor, leitor, não arranque as orelhas dos seus porquinhos se precisar de uma blusa de seda ou de uma bolsinha para o seu carnaval. Bom dia. Engov pra vocês também.

(domingo, 13 de fevereiro de 1994)

UM HOMEM E SEU CARNAVAL

Gente! Que novidade! O presidente e a outra sem calcinha! Que estupor! E, ao mesmo tempo, que graça! Não é que presidente também sente? Eu pensava que presidente não tem tesão por nem pena de ninguém. Tá todo mundo esperando que o mundo se acabe no barranco para morrer encostado, como dizia minha falecida cozinheira e amiga Clementina. Tá todo mundo embriagado e triste e despencando, e eis que a genitália da outra surge (inopinada) ao lado da “otoridade”. Que graça é o país, não é mesmo? E dizem que mineiro come quieto, mas desta vez comeu de camarote e aberto aos quatro ventos! Querem saber? Eu adoro o Brasil! É tão frondoso, barroco, imprevisível, louco, tão cafô, tão nada sério que todo mundo se sente esquizo, mas sem culpa, em sendo brasileiro. E eu, que já havia renunciado aos meus textinhos pornô, fiquei toda revitalizada ao ver que em idade avançada ainda se tem projetos. E vendo Itamar tão trigueiro, tão “ainda” ao lado da modelo, pensei: será que eu, presidente do nada, vice do vazio, eu, de quem se diz que sou “velhinha ilustre” e muito contundente, será que posso ter a esperança de algum moçoilo-modelo, todo desabotoado no parapeito do meu galinheiro? Eu, que há tantos anos não vejo um besugo, um ganso, um peru, uma raiz, uma seta, um cambão, eis que posso ter ainda a beatífica visão de uma ereta e rubicunda flauta... Ohhh, céus, que esperanças “do amor” me deu o presidente Itamar! Que país! Que refinamento! Que dengos! Que sutilezas! Tô toda arrepiada! E que beleza também isso de ficar bêbado em sendo ministro, que liberdade, e que conceito adorável de humildade, isso de um ministro da Justiça ficar bêbado como qualquer um de nós, todos párias. E que frase escorreita e digna quando a repórter perguntou se ele não teria se excedido: “Você queria que eu bebesse água benta no Carnaval?”. Que gente tão “estadista” essa “gente-otoridade do país”! Que facúndia! Que eloquência! Bom dia.

(domingo, 20 de fevereiro de 1994)

ILUSÃO TAMBÉM ENCHE A BOCA

Ossuda, velha, roendo sempre uma códea de pão, morando nas esquinas porque tinha pena dos cantos, das quinas, dos vazios, esta que se chama Zéfira, foi um dia funâmbula, aramista, aquela que se equilibra nos arames. Ah, foi exímia, agora mendiga, as pernocas finas, cheias de feridas. Ficava por ali na vila apaziguando bêbados e ratos. Vivia calmosa, em paz com sua fome de códeas. Vezenquando alguém esticava o arame de uma ruazinha à outra, e riam, riam de Zéfira-mendiga-balouçante e seu guarda-chuva verde-amarelado cheio de estrelinhas. Certa vez apareceu um gordote de colete, cara grossuda, pele bexiguenta, relógio de ouro dando volta no colete: oi, Zéfira, tô parrudo de grana, a partir do amanhã vais ter casa, rango, e até o fim da tua vida vais encher a barriga. Foi andando e foi falando: a partir do amanhã, Zéfira, me aguarde.

Ela ficou ali, a velha, achou até que o cara era deus, com aquela pinta de rico, relógio grosso de ouro, o terno azul-anil, e começou a gritar: tô salva, negada, deus passou por aqui! Viva o Brasil! Deus passou por aqui e tudo vai me dá! Passaram-se os dias, sim, e nada. Súbito, à tardezinha, o cara ali:

— Fui à Islândia, à África, fui a Manhattan, Zéfira, mas tô aqui de volta... e a partir do amanhã...

— A partir do amanhã o quê, dotô?

— A partir do amanhã, a casa, o rango que eu te prometi, tua barriga enrugada vai ficar rombuda e lisa de tanta comida, agora adeus, tenho muitas querelas para resolver.

Querelas? Querelas?, perguntava a velha a todos que passavam. Alguém respondeu: é discussão, é briga. Ah, então é mesmo deus, pacificando as gentes, bondoso, acariciando urtigas. Passaram-se os dias, e nada do gordote-maravilha. Zéfira, antes quietosa, agora roía cada vez mais tensa suas duras códeas. Cada vez mais triste, mais cinzenta, de esperança foi até ficando preta. As pessoas paravam na esquina de Zéfira: O cara já passou? Que nada!, respondia, esquálida.

Mas uma noite-noitinha. Quando a vila dormia, ele voltou:

— Fui à Irlanda, ao Congo, ao Ceilão, importei cem carros do Japão, mas a partir do amanhã...

— O quê, dotô?

— Já esqueceu?

— Não, sinhô! A casa, o rango...

— Pois muito bem, velha Zéfira, toma já por conta do amanhã esse *hot dog* de dotô — disse-lhe o gordote, abrindo a braguilha. — E boa sorte!

Zéfira chorou, mas engoliu quietinha o régio presente de nosso sinhô. E ninguém jamais viu a cara do homem que Zéfira vira.

Na vila-vida brasileira, neste nosso Quinto Mundo, ó meus amores, assim como fazem com Zéfira, fazem conosco os líderes do país, os tais doutores.

Moral da estória: há menos códeas entre o céu e a terra do que supõe nossa vã filosofia.

(domingo, 27 de fevereiro de 1994)

URRAR RIR VOCIFERAR?

Ah! Como devia ser bom naquele tempo, quando a pessoa dizia: quer trocar a mula por cem galinhas? E dois porcos pelo meu colete? E um par de sapatos pela tua vizinha? Hoje, sessenta milhões de miseráveis estão de boca aberta (boca, aliás, onde não entra nada, só mosca), tentando se urbanizar. Sessenta milhões de miseráveis vendo doutores baterem boca nos supimpas cafés da manhã, melões moções uvas laranjadas, conversão, indexação real, complexidades e abstrações só admissíveis nas questões teológicas e em James Joyce, naturalmente.

Uai, dotô, é *u* de urro é?

É *erre* de riso?

É *v* de vocífero?

É *u* de urna?

É *u* de ubre?

É *u* de uma-ova?

É *r* de rabo?

É *r* de rebembela?

É *r* de rola?

É *v* de vintém?

De vira-tripa, dotô, e vai-e-vem?

E nesse vai e vem um neném também logo mais, e como será? Rosado gordo ou esquelético de barriga inchada como sói acontecer sempre que os doutores da economia praticam o ato de pensar? Adoro aquela piadinha do sapo falando pra mocinha: me beija, bem, sou um economista que virou sapo por artes de magia, me beija, bem, por favor, para que eu volte a ser economista. A amiga da mocinha: não beija ele não, boba, tá assim de economista no país, e sapo quase não tem mais. E deixaram o outro coaxando por ali, nos vazios do planalto. Editor e economista só usam a cabeça do pau. Deviam engaiolar todos eles na gaiola de Faraday. E na cadeia mesmo todos aqueles que remarcam comida, os

abutres: tua fome pelo meu lucro. E agora para o seu domingo, caro leitor, ouça um diálogo entre o capeta e o escritor:

escritor: teus cornos estão curtinhos, não?

capeta: tenho-os lixado, mas não há meio de acabar com eles.

escritor: e por que deveria?

capeta: imagens gastas, (amiga), não impressionam mais, mas... (pigarreia com estrondo) deixa eu ler o meu poema pra você, deixa?

escritor: (entediado) é muito comprido?

capeta: não, é bem curtinho.

escritor: então vai, vá.

capeta: é um poema infantil, viu?

escritor: tudo bem, desembucha.

capeta: A bruxa perversa
voltou do mato às pressas.

Numa valise

guardava o nariz

da antítese

na outra, a boca da antítese

no guarda-roupa

guardou as tetas da tese.

Logo depois ficou louca

com a epiclese contínua das pombas.

Morreu de parangolese desconjuntada

coisa mais complicada é a metalepse.

A aldeia assombrada

só encontrou vestígios da valise:

fundo, alças

e um cheiro nauseabundo de palavras.

capeta: que tal?

escritor: pros filhinhos do Rosa tá bom.

capeta: que Rosa?

escritor: gente...! o Guimarães. cê não conhece, não?

capeta: não sou chegado a escritor brasileiro, não, aliás é uma língua que comecei a estudar há pouco tempo, não tem quase consoante, né? bem que alguém disse que é língua de criança e de velho, é molengona, né?

escritor: fala isso pro Euclides.

capeta: que Euclides?

escritor: o da Cunha. também não conhece, não?

capeta: não.

escritor: aquele... “O sertanejo é antes de tudo um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral.”

capeta: coisa de sertão, é? nunca fui lá. tenho horror daquele vazão.

Gostaram? É uma fabulazinha esotérica como a URV, para vocês meditarem enquanto se urbanizam. E *urbes rabos*, *vinténs* para vocês também. Bom dia! AMIGA.

(domingo, 6 de março de 1994)

GALOPANDO INSANA PELA CASA

S.O.S.! Help! Socorro! Aiuto! Ayuda! Aide!

Tô no poço, no bueiro, na cova ainda não, mas to por perto, e tô olhando o meu retrato aqui na sala, eu aos 26 (todo mundo pergunta quando entra: quem é?), e ao contrário daquele de Dorian Gray, o meu é lindo e mais pro “Dorian Gay”, e eu na carne, velhíssima, tristíssima, paupérrima, amarela... Comprem alguma coisa minha, meu dedo mindinho por exemplo, que tem uma “anomalia de distribuição de sulcos”, segundo meu admirável professor de biologia, que me fazia decorar tudo aquilo de anélidas platelmintos nematelmintos artrópodos moluscos moluscoideias. Então comprem meu dedo mindinho, ou minha rodela, fui sempre casta nesta escatológica e escura fundura, ou comprem o meu abismo de ser e de ter sido, meu lado compassivo, o fervoroso de mim que foi perdido, minha boca aberta (ou comprem meus dentes, ao menos para sorrir amarelo), comprem minhas frases (se as houver) na agonia visceral da despedida, e se eu nada disser comprem o silêncio do poeta, ou minha pele manchada, égua vermelhusca e manca galopando insana pela casa. Comprem minha mesa, minha terra, meu lápis, meu sovaco claro, meus poemas primeiros, meus versos derradeiros, ah sim, minha garganta preclara, meus rutilantes neurônios, minhas rugas magras, comprem, comprem! Tô inteirinha à venda, negada!

Estamos todos à venda, os escritores, nesta terra de bolas ladrões eleições presidentes doutores, terra onde a palavra vale menos que um gato putrefato, onde um poema no jornal só serve para uma eventual escarrada, onde um livro só é lido se for de um pulha rábula, ou se for um guia pra tua melhor trepada.

Mas a verdade é que há este amanhecer, estes lilases orvalhados pela cara, este porre patético, eu e meu jovem e sóbrio amigo a quem chamo de Vivo, também ele um poeta, que para me arrancar desta noite de sombras e de mitos leu para mim este seu poema, enquanto eu maldizia a mim mesma e a Deus:

Deixa-me tatear teu hálito
obscuro que estou

de todos os sentidos.

Deixa-me (ao menos) concluir
que essa ilusão de formas
é apenas minha inconclusa
maneira de ocultar-te.

Deixa-me (em sigilo)
beirar a secura do teu corpo
— o abismo de tocar-te.

P.S.: Dialogozinho esotérico à maneira da URV:
Depois disso ela morreu, é?
“Não sei ao certo. Mas alguém teve a liberdade de enterrá-la.” (Frase atribuída
ao pai de James Joyce).
E “Gloomy Sunday” pra vocês também.

(domingo, 13 de março de 1994)

POEMAS MALDITOS GOZOSOS E DEVOTOS

Pensar Deus é apenas uma certa maneira de pensar o mundo.

Simone Weil

I

É rígido e mata
Com seu corpo-estaca.
Ama mas crucifica.
O texto é sangue
E hidromel.
É sedoso e tem garra
E lambe teu esforço
Mastiga teu gozo
Se tens sede, é fel.
Tem tríplexes caninos.
Te trespassa o rosto
E chora menino
Enquanto agonizas.
É pai filho e passarinho.
Ama. Pode ser fino
Como um inglês.
É genuíno. Piedoso.
Quase sempre assassino.
É Deus.

II

É neste mundo que te quero sentir.
É o único que sei. O que me resta.

Dizer que vou te conhecer a fundo
Sem as bênçãos da carne, no depois,

Me parece a mim magra promessa.
Sentires da alma? Sim. Podem ser prodigiosos.

Mas tu sabes da delícia da carne
Dos encaixes que inventaste. De toques.

Do formoso das hastes. Das corolas.

Vês como fico pequena e tão pouco inventiva?
Haste. Corola. São palavras róseas. Mas sangram
Se feitas de carne.

Dirás que o humano desejo
Não te percebe as fomes. Sim, meu Senhor,
Te percebo. Mas deixa-me amar a ti, neste texto
Como os enlevos
De uma mulher que só sabe o homem.

III

Poderia ao menos tocar
As ataduras da tua boca?
Panos de linho luminescentes
Com que mágoas
Os que te pedem palavras?
Poderia através
Sentir teus dentes?
Tocar-lhes o marfim
E o liso da saliva
O molhado que mata e ressuscita?
Me permitirias te sentir a língua
Essa peça que alisa nossas nucas
E fere rubra
Nossas humanas delicadas espessuras?

Poderia, ao menos tocar
Uma fibra desses linhos
Com repetidos cuidados
Abrir
Apenas um espaço, um grão de milho
Para te aspirar?
Poderia, meu Deus, me aproximar?
Tu, na montanha.
Eu no meu sonho de estar
No resíduo dos teus sonhos.

IV

Atada a múltiplas cordas
Vou caminhando tuas costas.
Palmas feridas, vou contornando
Pontas de gelo, luzes de espinho
E degredo, tuas omoplatas.

Busco tua boca de veios
Adentro-me nas emboscadas.
Vazia te busco os meios.
Te fechas, teia de sombras
Meu Deus, te guardas.

A quem te procura, calas.
A mim que pergunto, escondes
Tua casa e tuas estradas.
Depois trituras. Corpo de amantes
E amadas.

E buscas
A quem nunca te procura.

V

Sobem-me as águas. Sobem-te as fúrias.

Fartas me sobem dor e palavras.

De vidro, nozes, de vinhas, me sobem dores
Tão tardas, tão carecentes.

Por que te fazes antigo, se nunca te demoraste

Na terra que preparei, nem nas calçadas
Da casa? Me vês e me pensas caça?
Ai, não. Não me pensas. Eu sim, nas noites

Que caminhadas! Que sangramento de passos!
Que cegueira pretendendo
Seguir teu próprio cansaço. Olha-me a mim.
Antes que eu morra de águas, aguada do que inventei.

(domingo, 20 de março de 1994)

CUIDADO! NUNCA MAIS!

Texto do meu duplo (um dos muitos que me habitam) embriagado, caído na calçada, há muitos anos, certa madrugada: tem gente parada me olhando, vem vindo um avestruz, tá chovendo azedo, acho que fiquei louco e estou perdido, estou onde? Em Goa? No Haiti? Há bananeiras por aqui, o avestruz outra vez, digo vem cá avestruz, avestruz que nada, moço, é o pavão do vizinho, aí fico pasmado, também nem tanto me dizem, é até parecido, um magriço me consola e diz que até já confundiu bode com bola, credo, bola é?

tá melhorzinho?

tô triste demais, cara

E pergunto: onde é que a gente tá? No Brasil, responde. Não acredito, vim parar aqui é?

cê é de onde?

de Pégaso, do Quinteto, e lá não há botas nem punhais, nem terror, nem torturas.

O cara me olha vesgo e vai saindo. Vou empurrando as gentes, digo que quero me enforcar na bananeira. Riem. Um outro esganiça: sai, gente! o moço quer se enforcar na bananeira, abram alas. Um cão tristíssimo me olha com seu olho de cão que é também o meu, me agarro a ele, e chorando me dispo, digo que sou o sol e rodopio, riem riem.

Vem o padeiro da esquina e me traz um sanduíche, um casaco e diz: vai embora. Vem um menino: me leva, moço, pra esse lugar no céu onde você mora? Eu fico repetindo: “triste triste esse Brasil onde você mora... vamos voar, menino, vamos pegar o avião subindo na cacunda do pavão, você aí me empresta o guarda-chuva pra eu pular agora mesmo aqui da ribanceira e voar e voar!”.

o moço espirocô

tá triste mais que espinho na coroa do Sinhô

E não é que alguém me abraça: “Vem, Poeta, não chora! Haverá tempo suficiente pra chorar agora.”

Ele é Poeta, é?

Aí fico sóbrio, ereto como alguém que desperta para morrer a sua hora.
E declamo eloquente e colérico:

Amada vida:
que essa garra de ferro
Imensa
Que apunhala a palavra
Se afaste da boca dos poetas:

PÁSSARO-PALAVRA
LIVRE
VOLÚPIA DE SER ASA
NA MINHA BOCA.

Que essa garra de ferro
Calcinada

Se desfaça
Diante da luz
Intensa da palavra.

PALAVRA-LIVRE
Volúpia de ser pássaro

Amada vertiginosa.

Asa.

Era 1964, o começo do holocausto! E porisso a tristeza, a cólera, o porre dementado. Atenção, amigos! Verdade, o país ameaça naufragar, mas ainda que naufrague um pântano, e os pulhas continuem sobrenadando: NUNCA MAIS!!! Ouço alguns namorando a ideia sinistra desse horrído voltar atrás. Cuidado! 1964 NUNCA MAIS!

(domingo, 27 de março de 1994)

RESÍDUO

A maior perda do homem tem sido a perda gradativa da alma. E do significado mais profundo do seu estar aqui. Rompeu-se a corda de luz que ligava a criatura Àquele, seja qual for o seu nome para cada um de nós. E por isso o sentido das grandes comemorações também se perdeu. Páscoa, Natal transformaram-se em comilanças, pimpolhos rubicundos agarrando-se frenéticos às saias maternas pedindo tudo, adultos acéfalos e desenfreados batendo incansáveis pernas à guisa de leitões, perus, bebidas, vomitórios do amanhã, e a metade do país famélica exibindo os magros braços nus. Os deuses da Terra exibem músculos pernas rodas e bolas, mas o olhar e a palavra perderam a luz que um dia lhes foi dada. Mas quem sabe se estou errada e “de tudo fica um pouco”. Assim seja, segundo o admirável Drummond. Eis aí, pura beleza, para o teu domingo de Páscoa, meu improvável e desatento leitor:

De tudo ficou um pouco.
Do meu medo. Do teu asco.
Dos gritos gagos. Da rosa
ficou um pouco.

Ficou um pouco de luz
captada no chapéu.
Nos olhos do rufião
de ternura ficou um pouco
(muito pouco).
Pouco ficou deste pó
de que teu branco sapato
se cobriu. Ficaram poucas
roupas, poucos véus rotos
pouco, pouco, muito pouco.

Mas de tudo fica um pouco.

Da ponte bombardeada,
de duas folhas de grama,
do maço — vazio — de cigarros, ficou um pouco.

Pois de tudo fica um pouco.
Fica um pouco do teu queixo
no queixo da tua filha.
Do teu áspero silêncio

um pouco ficou, um pouco
nos muros zangados,
nas folhas, mudas, que sobem.

Ficou um pouco de tudo
no pires de porcelana,
dragão partido, flor branca,
ficou um pouco
de ruga na vossa testa,
retrato.

Se de tudo fica um pouco,
mas por que não ficaria
um pouco de mim? no trem
que leva ao norte, no barco,
nos anúncios de jornal,
um pouco de mim em Londres,
um pouco de mim algures?
na consoante?
no poço?

Um pouco fica oscilando
na embocadura dos rios
e os peixes não o evitam,
um pouco: não está nos livros.

De tudo fica um pouco.
Não muito: de uma torneira

pinga esta gota absurda,
meio sal e meio álcool,
salta esta perna de rã,
este vidro de relógio
partido em mil esperanças,
este pescoço de cisne,
este segredo infantil...
De tudo ficou um pouco:
de mim; de ti; de Abelardo.
Cabelo na minha manga,
de tudo ficou um pouco;
vento nas orelhas minhas,
simplório arroteio, gemido
de víscera inconformada,
e minúsculos artefatos:
campânula, alvéolo, cápsula
de revólver... de aspirina.
De tudo ficou um pouco. [\[33\]](#)

(domingo, 3 de abril de 1994)

VITA BREVIS

A brevidade da vida, a rudez dos sentidos, o torpor da indiferença e ocupações sem proveito nos permitem conhecer muito pouco. Repetidamente, o veloz olvido, ilusão do conhecimento e inimigo da memória, sacode do espírito, com o tempo, até o que sabemos.

Nicolau Copérnico

E quem fotografasse a tarde de Tadeu, e eu mesmo colocado na paisagem, no parapeito de pedra, os cotovelos cravados, esse alguém nos diria que há apenas um homem debruçado olhando um mangueiral e uma planura, que se percebe sim que é um cair da tarde... como naquela manhã, Rute, no noivado, o passeio de nós dois aos grandes lagos, a flor aquática verde-bojuda, te inclinaste e disseste uma das tuas santas banalidades, assim Tadeu qualificava àquele tempo as tuas frases, eras incapaz de descobrir nas coisas o vestígio do Intocado, dizias o disforme, o que não estava nas coisas, pensavas em usá-las, a flor aquática verde-bojuda depois de batizada pelas falanges de Rute e colocada aqui ali — que tal na cintura, olha Tadeu, presa a uma grande fivela ou na cabeça num importante chapéu no ombro num vestido de gaze soberano depois te cansaste de pensar como seria possível mantê-la fresca e viva na tua carne e largaste o encantado no caminho de pedra. O noivo, Rute, repensou teu gesto. Não seria completo te colocar aqui ali, sobre Tadeu, debaixo de Tadeu, te cobrir com meu suor, te usar, te fornicar veloz e leviano e depois te atirar às águas e contemplar da beirada num enorme silêncio o lago outra vez, acrescido de Rute, e outra vez as flores aquáticas? Rute no fundo. E rio porque penso no impossível, Tadeu teu noivo incapaz de se permitir um ato impermissível, te amo é verdade, ou penso que te amo, o corpinho tão claro, quando te inclinaste tuas nádegas eram perfeitas como se se juntassem duas pequenas ameixas, te abraço e no abraço meus olhos pousam sobre o vivo que arrancaste das águas, naquele meio minuto em mim compaixão e verdor, ri num soluço, acanhado num gesto comprido devolvi o vivo, a flor aquática, à sua morada. Acanhado de mim, tateando uma fugidia solidez, pertencença eu queria para poder viver na Terra, uma única

articulação exata, mover os nós sem ruídos, sem assustar com os meus guinchos as gentes ao redor, precisava do fato, exposto, útil, e tu és Rute minha noiva porque Tadeu almeja para pertencer, uma praticidade Ruteante. Rute, a empresa, a minha vida, caberiam num copo, como cabe a cinza na urna mínima, ainda que pertencido parecesse não pertenci a Rute, olhei-a sem poder agarrar Ruteidade semeando o vazio, não pertenci à empresa e nem ela valia pertencença, pertenciam os outros, aqueles empolados, à verdadeira Causa? Ganhar o dinheiro e usá-lo para aprender a olhar, quem o faria? Tão poucos os que se detêm na raiz, o olhar alagado de vigorosa emoção, estou vivo e é por isso que o peito se desmancha contemplando, o coração é que contempla o mundo e absorve matéria do infinito, eu contemplando sou uma única e solitária visão, no entanto soma-se a mim o indescritível e único ser do outro, um contorno poderoso, uma outra vastidão de corpos, frescor e sofrimento, mergulho no hálito de tudo que contemplo, sou eu-teu-corpo ali, lançado às estrelas, sou no infinito, sou em tudo porque meu coração-pensamento existe em tumulto, espanto, piedade, te sabe, te contempla. Eu, homem rico Tadeu agora tento o veio, o nódulo primeiro, estou em algum lugar onde me pretendo, sagrada ubiquidade, braçadas neste pleno do espaço, nascido de uma carne nado veloz à esplêndida matriz.

— Então, Tadeu, dispenso o motorista?

(domingo, 10 de abril de 1994)

“ESQUECERAM DE MIM” OU “TÔ VOLTANDO”

*Atenção! Atenção!
Por que tens medo?
Sexo e Morte
São cônjuge e consorte*

Alô, negada! Ando toda desvitalizada porque ninguém mais me trata mal. Só recebo cartas dizendo que sou um primor, uma rosa, uma orquídea rara, um Nobel, um Pégaso, até um jabuti, e toda vitimologia que construí com esmero, acuidade, pertinácia ao longo da vida, vai fenecendo como lebre arredia, famélica e assustada. Ah! Mandem de novo aquelas missivas tão graciosas e educadas me chamando de louca, de velha lunática, de pingüça, de porca, fico tão excitada... O nosso Nelson Rodrigues dizia qualquer coisa assim: todas as mulheres normais gostam de ser maltratadas, só as neuróticas, não. E eu sou tão normaaaalll! Quem sabe se consigo ativar vossas serotoninas com esta crônica primorosa, feita especialmente para incitar-vos à cólera, às espuminhas-esquizo no canto da boca, à gritaria, óóóóhhhh, lá vem ela outra vez, a odiosa! Vamos lá!

O bambu peregrino

Segundo textos antiquíssimos persas chineses hindus iorubás coptas bantus, os rituais para a maximização exemplar *suma cum laudae* de um sexo oral são complicadíssimos. Fazia-se necessário o Mestrado, o Doutorado e qualidades anatômicas, psicológicas emocionais raramente encontradas nos dias de hoje. Um pálido exemplo: para a perfeita sucção do “envernizado” (informe-se), o parceiro, ou a parceira, não deveria ter dentes. Se por infelicidade os tivesse, que se fizessem mínimos àquela hora ou, quando muito, redondos. Aqueles ou aquelas de arcada estreita, deveriam ter o máximo cuidado para não ferir o “dito-cujo”. E cuidados redobrados para não deixá-lo encravado no palato. Se aqueles ou aquelas não quisessem arrancar os dentes (o arrancar era considerado

“sublime” prova de afeto), seria criterioso e conveniente alugar a cada noite sábias anciãs para fazer o religioso “serviço” (enquanto as velhinhas faziam-no, você ficava ao lado tocando flauta, ou ukulelê, ou talvez nos dias de hoje você lixasse as unhas. Chato, não?).

Bem, vejamos o exemplo bantu, número 78, cognominado apropriadamente Takanelê: curve os dedos em concha, pegue “aquilo” (brr!, o brr! é meu), faça de início suaves movimentos para baixo e para cima, acelere gradativamente até que sua mão fique semiparalisada. Se sentir que isso aconteceu, mantenha a calma, não se afobe, pare por alguns segundos e dê violentas pancadas com a mão esquerda na sua direita que está paralisada. Contenha a ira do parceiro nesse hiato, sussurrando-lhe ao ouvido doces palavras, e aí abra imediatamente a boca (boca essa ou boquessa ou bocarra que deve estar sem dentes ou com dentes redondos ou mínimos), introduza “aquilo” (brrrr!) na dita-cuja fazendo aquele bico de chupar o pico da manga. Fique ali um bom tempo suando em bicas, quase rachando as mandíbulas, até o outro estertorar com um “grrr” ou grunhidos equivalentes. Nesse trecho há detalhes extensos e muito originais, porque algumas facções recolhiam o sumo em cuias de jade e davam-no ao gato, e outras facções passavam-no na epiderme à guisa de cura da astenia ou da acne. Mas, em seguida, o consenso geral era o de esmurrar a própria mandíbula para voltar ao normal e não ficar ali inconveniente ou aparvalhada com o bocão aberto. Bem, tudo isso você fez ajoelhado ou ajoelhada, porque, segundo a tradição, o Bambu Peregrino ou “aquilo” (brrrr!) era considerado um Deus, ainda que fosse mínimo. Levante-se e coloque as joelheiras (pode-se comprar na Casa Fretin), que você previamente empapou em óleo canforado, e descanse até amanhã à noite, quando tudo começa novamente.

Que tal avivar o mito do Bambu Peregrino neste nosso Brasil banguela e tão rico de ritos? Carnaval, Bicho, Bola, Anões, Saques, Cartolas, corruptas e obscenas cabriolas para escapar da jaula?

Oh, por favor, sorriam! Os corpos de todos nós estão cURVos, os semblantes estão tURVos, sorriam! Quanto a mim, tô saindo correndo, pois em vendo bambus, nestes tempos, só vejo túbias.

E esculhambem-me de novo por favor! Ando minguada e lívida de tanto amor! Amor também doe, negada. Ou dói?

Boa missa, Godoy! Jota, uma casta beijoca! E a grana, Marini? Anda tão chinfrim! Me manda um Grant’s-mirim!

(domingo, 17 de abril de 1994)

PRESIDENTE, ABRA O OLHO: TÃO COMENDO GENTE!

Há alguns dias, através da imprensa, soube que alguns encontraram num monturo de lixo de hospital, em Olinda, uma teta. E devoraram-na. Cuidai-vos, jovens senhoras, de exhibir tetas e nádegas portentosas num país onde uma pobre teta estropiada encontrou esse surpreendente e singular destino. Peruas! Façam-se sóbrias, soturnas, façam-se nulas, achatem-se a bombordo e a estibordo, e vós também, coxudas queimadas e branquelas, guardai-vos! Há de vir uma horda de famintos desejando-vos nuas, mas nunca para deitar-vos no leito onde a bela Mirra se deitou gulosa de seu pai, o rei Ciniras; hão de vos deitar nas grelhas, salpicadas daquela pimenta-do-reino, reino que é o nosso, sem rei e sem lei, reino onde uma chusma de biltres, pulhas, cafres, saqueou e ainda não devolveu ao povo cento e noventa bilhões de dólares. Não esqueçam, é mais do que a dívida externa, que é de cento e quarenta bilhões de dólares! Desgraçado país onde um povo famélico, esfarrapado, doente, encontra na podridão o seu guisado! Desgraçado país onde milhões não têm sequer um colchão de palha para morrer, muito menos hospitais. País que se dá ao luxo de deixar apodrecer milhões de toneladas de cereais, onde uma “otoridade” nos diz que a cada ano isso é frequente e normaaaallll. Desgraçado país que fez da burocracia a estrada da maldade e do sem tempo: “Vorta daqui a um ano, negona, e aí tu recebe os benefício do falecido. E tu aí? Tá morrendo, é? Num tem vaga, não. Morre em pé.”

E candidatos grossos e finos, os tais famintos de poder, com seus indefectíveis terninhos, discutindo ambiguidades bizantinas. Que deliciosos sorrisos! Sinto muito, negada, estamos a perigo, o navio está afundando, amigas, e me pergunto: vamos morrer afogadas?

Presidente Itamar, apenas uma desprezensiosa *meditatio*: na África, vinte mil cadáveres jazem a céu aberto, e não consta que alguém tenha lhes devorado um só dedo. Não lhe parece estranho, esquisito, tremebundo que aqui se ponham a comer tetas estropiadas oriundas do lixo de hospitais?

Licença, hora de vomitar

Buaaahh, buaaahhh, buaaahhh.

E atenção, mulheres pitanguisadas (palavra composta do dr. Pitangui e de guisado), nada de silicone para estufar as tetas: não se atrevam a enganar o consumidor na hora do Terror! Atenção, Procon. Acalme-se, amiga, coma seus ovos (os que estiverem à mão). Boa missa.

E agora me batam, me chamem de bisca por dizer a verdade nesta crônica, esta, sim, escabrosa, ainda que não trate de cacetas.

(domingo, 24 de abril de 1994)

HORA DE DESLIGAR, NEGADA!

Domingo. O cara tava lá, quietoso, sentadão, olhando o vazio. A mulher lixava as unhas. O pimplinho dava saltos histéricos em cima do sofá. O pai disse: quebra, quebra, quer uma marreta? A mãe olhou furiosa para o cara-metade. O menino parou e perguntou: pai, a gente pode dizer eu nasço?

pai: não, não pode.

pimplinho: por quê?

pai: porque ninguém diz isso quando nasce.

mãe: ele pode ter dito e ninguém ficou sabendo.

pai: se ele tivesse dito, seria hoje um Demóstenes.

mãe: quem foi esse?

pai: foi um bom de bico.

pimplinho: e eu posso dizer eu morro?

pai: não, não pode.

pimplinho: por quê?

pai: porque ninguém fala assim quando tá morrendo.

mãe: cê tá implicando com ele.

pimplinho: e se eu disser tô morrendo...

mãe: tá se sentindo mal, filhinho? olha, ele tá branquinho.

pai: não seja idiota, Otávia, o menino é um bolha.

mãe: ah, é? e você é outro.

pai: ah, é? então, tô saindo.

mãe: era isso que você queria, encher a cara por aí,

me deixá aqui plantada, como todo domingo.

pai: era isso, sim, tchau.

Ela lembrou-se do Fabito. Telefonou. Ainda tá solteiro, benzinho? Tô sim, e você? Tô casada. Melhor, ele disse. Quando?, ela disse. Pra já, ele respondeu. E foi assim que o pimplinho-bola conseguiu, aos domingos, um segundo pai. Agora vive de boca fechada, todo gabola, sempre ganha um monte de bala, tênis, casaquinho, e vive repetindo pro pai-bolha: eu não nasço mais, viu, pai, nem morro, mas hoje, que é domingo de novo, eu posso dizer eu fodo?

(Cena rápida. Cortinas fechando-se velozmente. Grunhidos alarmantes dos pimpolhos nos bastidores. Abrem-se as cortinas. Cabeça do ex-pimpolho rolando pela plateia. Público foge espavorido. Alguém espeta a cabeça do ex-pimpolho numa vara. Começa a revolução brasileira. FIM)

Moral da estória: quem é bom já nasce feito.

Sugestão de um leitor: vinde a mim as criancinhas.

Bom dia. E sinédoque, metonímia, catacrese pra vocês também. (informem-se)

Outra:

O homem tava olhando o mar. Chegou outro e disse: bonito o mar, não?

É.

Ficaram horas ali. Aí o segundo disse pro primeiro: é tão bonito que vou me afogar. Vai, disse o outro. Foi, sacudiu algumas vezes a mão direita à guisa de adeus e afundou.

Cada coisa que me acontece... disse o primeiro. Levantou-se da areia, tomou três talagadas no bar da esquina, urinou no poste, foi pra casa e dormiu muito bem.

Moral da estória: “A cada momento, alguma forma alcança a perfeição ao nosso tato ou visão.” (Walter Pater)

(domingo, 1º de maio de 1994)

OS QUERIDOS DOS DEUSES

Será que... se eu fosse correndo descabelada até o muro e desse uma cabeçada explodindo assim, a cabeça preclara teria ao menos no meu enterro um editor e um livreiro?

E se eu me degolasse lânguida em cima do muro (que é rosa-bombom, mas espargido de sangue vira bordô-chocolate), tu saberias, leitor, que fui um dia um vate?

E se eu furasse os olhinhos (para que a luz dos teus não se ofuscasse), e cegueta te procurasse pela rua deserta, porias uma rosa na minha campã aberta?

E se eu pusesse um ovo de ouro no jardim, e jubilosa na tua janela esgoelasse, me deixarias livre ou seria coagida a dilatar minha rodela fria e luzir e luzir para ti até o fim dos meus dias?

E se eu te lavasse inteiro com a minha língua, depois de teus três dias estafantes de coveiro, me oscularias, ainda que sorrateiro?

E se eu virasse um tapete pros teus pés, só para te sentir o tato, me enxotarias como fizeste ao gato?

Considerações patéticas diante do possível enterro de um Poeta.

Considerações mais específicas

Nenhum de nós quer morrer. Queremos ficar, ainda que seja a marretadas, no coração do outro. Nenhum de nós quer não ser. Aliás, como seria não ser mais, já tendo sido um dia?

Que eu morra olhando as alturas.

E que a chuva no meu rosto

Faça crescer tenro caule

De flor. (Ainda que obscura) [\[34\]](#)

Luminoso ficará para sempre Flávio de Carvalho, pois teve como biógrafo o admirável J. Toledo, também ele pintor exímio de emoções, e seu texto tem a linguagem rica, vívida, delicada e rigorosa dos melhores da escrita. Seria desejar

muito sonhar um povo que também amasse os seus artistas? Li, há dias, uma crônica do meu querido amigo Eustáquio Gomes onde ele nos conta que foi almoçar com um rico empresário e este lhe disse que não entendia o porquê de terem colocado na nota de cem cruzeiros antigos o retrato de uma velha e feia mulher. Essa velha e feia mulher (que aliás era linda) é Cecília Meireles, poeta maior, que em vida foi homenageada pelo Mahatma Gandhi e recebeu o título de doutor *honoris causa* pela Universidade de Nova Delhi. O empresário preferia a Xuxa na nota de cem cruzeiros antigos. A mula do empresário (coitadas das mulas), o asno do empresário (coitados dos asnos) deveria quando mais lixar ao menos seus cascos.

Morreu obscuramente (aos oitenta e sete anos), como vivem e morrem os poetas, Mário Quintana, dia 5. Adeus, Mário.

P.S.: O título da biografia de Flávio de Carvalho, de J. Toledo, é *Flávio de Carvalho: o comedor de emoções*, publicada em coedição pela Editora Brasiliense e Editora da Unicamp.

(domingo, 8 de maio de 1994)

TU. ESTÁS VIVO?

*A unidade do pensar e do ser só tem sentido e
verdade quando se concebe o homem como
fundamento, como sujeito dessa unidade.*

Ludwig Feuerbach

Pensar “Política” deveria ser uma nova maneira de pensar. O ranço colado às palavras do universo político é cada vez mais aderente e tosco. “Política” no nosso tempo se parece uma perua velha preocupada com o par de brincos do amanhã, se vai ou não usar na festa do “arraiar” do seo Quinzó. Direitas e esquerdas, ismos de todos os calibres, rótulos se desfazendo como as rendas no baú da vizinha. A palavra “partido” soa grosso rígido emporcalhado como certamente seria o porongo de um Neandertal do Cáucaso, ou um pulha daqui mesmo, estuprador.

O importante é dar vida, abastança, dignidade, trabalho e esperança ao ser humano. O importante é arrancar as máscaras, recriar ação e palavra, mover-se corajoso, nítido, íntegro. Os cínicos dirão: isso não é Política, é poesia e ingenuidade. Que seja. É assim que seria para mim o verdadeiro homem político: poeta no seu sentido mais fundo, intenso e livre. Ingênuo a ponto de tomar para si mesmo a dor do outro. E tentar extirpá-la.

Tudo vive em mim. Tudo se entranha
Na minha tumultuada vida. E porisso
Não te enganas, homem, meu irmão,
Quando dizes na noite, que só a mim me vejo.
Vendo-me a mim, a ti. E a esses que passam
Nas manhãs, carregados de medo, de pobreza,
O olhar aguado, todos eles em mim,
Porque o poeta é irmão do escondido das gentes
Descobre além da aparência, é antes de tudo
livre, e porisso conhece. Quando o poeta fala

Fala do seu quarto, não fala do palanque,
Não está no comício, não deseja riqueza
Não barganha, sabe que o ouro é sangue
Tem os olhos no espírito do homem
No possível infinito. Sabe de cada um
A própria fome. E porque é assim, eu te peço:
Escuta-me. Olha-me. Enquanto vive um poeta
O homem está vivo. [\[35\]](#)

(domingo, 15 de maio de 1994)

POR QUE SERÁ QUE EU TÔ FALANDO NISSO?

*O homem nasce livre
e em toda a parte está a ferros!*
Engels

Escrevi várias vezes nestas crônicas que tenho horror a partidos rótulos seitas igrejinhas, portanto o que vou dizer agora está isento de sectarismos e ideologias. Se você, leitor, quiser saber “de verdade” o que acontece nos bastidores da política nacional ou internacional (sim, porque estão atadas, tigre e fúria, uma à outra), leia apenas um livro: *Banhos de sangue*, de N. Chomsky e E. Herman, Editora Edifel — escrito por dois professores universitários americanos, sendo que o primeiro, Chomsky, é considerado o maior linguista vivo e muito mais: “(...) aquele que elevou a ciência das linguagens à categoria de ciência teórica efetiva — tão constituída, tão fundamental como a física da matéria e da luz.” No livro acima citado você aprende a conhecer o sórdido mais abjeto, não o sórdido pueril de algumas de minhas crônicas, mas o mais repugnante, impensável, o sórdido feroz de que é capaz o ser humano. Eis o que nos diz um dos prefaciadores, Jean Pierre Eaye: “Ignoramos a geografia do século em que vivemos, se não conhecemos este livro ou nos recusamos a conhecer a sua descrição.”

“As diferenças são evidentes. Aqui, o autor do testemunho não pertence à imensa nação das vítimas. Vive no campo daqueles que poderiam permanecer ‘neutros’ ou fazer o elogio da indiferença ou, melhor ainda, optar por tornarem-se ‘peritos de legitimação’ e, finalmente, os ‘defensores profissionais’ dos carrascos, ocupados em trazer-lhes as bênçãos da ideologia: tal opção foi a de muitos ‘intelectuais’, em lugares diversos — durante a guerra da Argélia, perante a invasão de Praga ou o esmagamento do Chile popular. A escolha de Noam Chomsky é, pelo contrário, aplicar a análise ao terreno mais perigoso. Aquele em que o simples fato de enunciar linguagens justifica, torna inaceitáveis e até conduz a massacres imensos de homens, mulheres e crianças.”

Nenhum de nós sabe, na verdade, o que se passa nos bastidores da política nacional ou internacional. Quem é que lê no Brasil? E por que a área da cultura e da educação é tão desprezada? Porque não só não convém que leiam como não convém que tenham uma formação crítica.

Porque se o povo compreendesse o que está escrito nesse livro, compreenderia também que qualquer meta em direção à dignidade do ser humano está fadada à derrota. Nós, países do Terceiro, Quarto ou Quinto Mundo, somos todos títeres de deuses com dedos de aço prontos a esmagar-nos ao primeiro grito. E agora transcrevo também a “democracia de Rimbaud” (“Les Illuminations”, III):

“A bandeira anda pela paisagem imunda e o nosso patoá abafa o tambor.

Nos centros alimentares a mais cínica prostituição. Massacraremos as revoltas lógicas.

Nos países excitados e exangues! — ao serviço das mais monstruosas explorações industriais ou militares.

Até à vista aqui ou noutro sítio qualquer. Recrutas da boa vontade teremos uma filosofia feroz.”

Boa missa, leitor. Reza por ti. Pelo planeta. Por mim, se lhe sobrar tempo.

(domingo, 22 de maio de 1994)

NÓS ESCRITORES: BRASILEIROS-ZUMBIS

Ah! Mas há muita coisa para o pavilhão do Brasil na Feira de Frankfurt! Mandaríamos, por exemplo, aquele cara matando a dentadas uma galinha, e a bichinha estertorando na frente do vídeo (TV Bandeirantes). Que exótico, não? “Que interressantes essas brrrasileirros! Ton senssuaais devorrandos assim as bichinhas!” Mandar índios empalhados, múmias de escritores, por exemplo, eu mesma que escrevo há quarenta e quatro anos (tenho sessenta e quatro), agora perdoem-me a imodéstia, e de quem o crítico Anatol Rosenfeld, considerado um dos maiores especialistas em literatura, escreveu:

“É raro encontrar no Brasil e no mundo escritores, ainda mais neste tempo de especializações, que experimentam cultivar os três gêneros fundamentais de literatura — a poesia lírica, a dramaturgia e a prosa narrativa — alcançando resultados notáveis nos três campos. A este pequeno grupo pertence Hilda Hilst.”

E meu trabalho foi ao menos citado nessa Feira de Frankfurt? Não.

Por que não mandam os dedinhos do PC Farias, aquilo roxo do Collor, a calcinha da outra, o topete do presidente, o orgasmo epilético da Daniela Mercury tal como uma enguia estertorando nas redes e entupida de Antártica? E os entulhos de Angra dos Reis, por que não? Vendidos agora a preços módicos para os alemães? Hein? Hein? Tudo de volta? Alemão é bão, viu, gente? Vendeu barato tudo! O prejuízo foi só de um trilhão de cruzeiros. Ô terra fofa a nossa! Ô país porreta o nosso! E livrinhos em tupi-guarani? E uma paisagem tranquila de Quirinquinquá? “E porrr que non aquelas cabecinhas de jagunças ton perrfeitamente rreduzidas? Lampion e Marria Bonito? Ton bonitinhos brrasileirrinhos, coitadas!”

E por que não pelo menos uma fotografia dos únicos escritores do mundo, os brasileiros, que em vida são definitivamente considerados mortos?

E por falar em morte, aí vai este meu textinho grácil e hermético para o vosso feliz domingo:

A morte me apareceu certa noite no quarto. Era uma menina vestida de negro, os cabelos loiros escorridos. O vestido era estufado, brilhoso. Assim que a vi,

soube que era a morte. Recostou-se em um canto da parede a minha frente, os pezinhos cruzados, não usava sapatos.

Então, Hans, está pronto?

Não, respondi-lhe agoniado.

Sorriu. Tinha dentes negros e minúsculos. Assustei-me. Esperou que eu me acalmasse e perguntou:

Quanto tempo você ainda deseja?

Algum tempo.

Respondeu-me que era preciso que eu fosse mais preciso. A frase tinha humor e pude até sorrir. Disse-lhe:

Mais dez anos, talvez.

Dez anos talvez é hoje.

Impossível.

Não. Para ser mais exata: dez anos e dez dias. O tempo é outro quando eu apareço.

Senti náuseas e uma dor profunda no peito. Ainda pude perguntar-lhe:

Há uma outra vida?

Sim. Milhões de crianças como eu. Você será uma delas. É tedioso e até inaceitável, mas é assim.

O espelho do quarto refletiu um menino vestido de negro, calças curtas e camisa comum, os cabelos loiros escorridos. Olhei-me assombrado. Depois disso, nunca mais me vi. [\[36\]](#)

(domingo, 29 de maio de 1994)

NO DO OUTRO NÃO DÓI, NÉ, NEGÃO?

É inadmissível que até mesmo pessoas tidas como inteligentes, cultas, ainda rotulem de “comunistas”, de “esquerda festiva” aqueles que ficam indignados diante da extrema miséria em que vivem quarenta e dois milhões de brasileiros! Isso me deixa colérica. Quer dizer que não é pra se indignar? É pra deixar que poucos enrabem muitos, que “é assim mesmo a vida”, uns nasceram para ser enrabados e outros para enrabar?

Aliás, agora me lembrei da fala de um então ministro de Estado (1968) quando lhe perguntaram por que as empresas nacionais deviam pagar cinquenta por cento de juros pelos créditos que conseguiam com dificuldade dentro de seu país. O então ministro respondeu: “Obviamente o mundo é desigual. Há quem nasce inteligente e há quem nasce burro. Há quem nasce atleta e há quem nasce aleijado; o mundo se compõe de pequenas e grandes empresas. Uns morrem cedo, no primor da vida; outros se arrastam, criminosamente, por uma longa existência inútil. Há uma desigualdade fundamental na natureza humana, na condição das coisas. A isto não escapa o mecanismo do crédito. Postular que as empresas nacionais devam ter o mesmo acesso que as empresas estrangeiras ao crédito externo é simplesmente desconhecer as realidades básicas da economia...”

Então é isso, negada: nasceu pobre, f..., foi Deus quem quis. Tá com fome? E... Uns “comem”, outros não; é coisa de “karma”, né, negada? Tá sem teto? Chato, né, mas f... também! E até mesmo a Igreja, que sempre foi puxa-saco de reis, quando resolve dar um palpitinho mais ansioso, cai todo mundo matando: comunista! esquerda festiva! E pau nos padrecos!

Vem dar uma olhada no mundo, vem, Jeshua. Vem ver o orangotango raivoso que engoliu o homem! Experiência inútil, meu querido, esta tua cruz e teus gemidos. Lembra-te, amado, quando Satanás te mostrou todos os reinos do mundo com seu esplendor e te disse:

“Todas estas coisas *te darei* se prostrado me adorares” (Mateus; 4,9). Gente! O mundo todo é do demo desde sempre. Nem Jeshua o quis! Pois se o tomasse para

si estaríamos todos num paraíso terrestre. E este, sim, teria sido o grande sacrifício! Mas continua tudo igual, o mundo todo é do demo, fofos!

Tá sem teto? E... Tá com fome? Também! Amém. Estas são as respostas que esperam de nós diante da miséria humana, da ferocidade, do dissoluto sem nome que há no homem. Tá morrendo, cara? E..., espera, o Brasil ganhará o Tetra! Aí, sim, vai ser tão bão! Né, negão?

E cuidado, madamas: não pensem muito, que isso de pensar acentua as rugas! Comam vossos churrasquinhos e os brioches do amanhã também. Bom domingô, ou “Bom *dimanche*”, como diria, antes “daquilo”, Monsieur Guillotin.

(domingo, 5 de junho de 1994)

SACI TEM CAPA

Estou aqui, com os dois pés na cozinha, preparando um chá e um ovo duro, lamentavelmente as duas únicas coisas que sei fazer na cozinha, e um pouco sobre a desgrenhada e patética, como convém a legítimos poetas, repenso o mundo e as gentes e textos, discursos, palrações, e tento ficar otimista ao invés de Cassandra lamuriosa, tento reconquistar as chamadas “ilusões intensificadoras da vida”, mas porém todavia contudo e principalmente “*but*” não consigo.

Aí a Oroxis me diz: dona Irda, fica fria, o mundo é do saci. É. sim, Oroxis. Remoinhos, ventanias e lá no centro o pernetá com sua capa preta. Saci tem capa? Sei, não. O que sei é que ainda há no Planeta umas poucas pessoas extraordinárias, prenhes de lucidez, uma delas é G. R. Urban, cujo texto transcrevo para vocês, para que a cabecinha dos meus fofos fique também desgrenhada e patética como convém a todos nós masô-sadôs e certamente legítimos poetas. E *gloomy sunday* pra vocês também.

“No ano 2000 a população mundial terá atingido 6.400 milhões, dos quais somente 23% serão norte-americanos ou europeus (incluindo a URSS). A cada ano que passa estes 23% se tornarão mais ricos, e os restantes 77%, mais pobres. Os norte-americanos e europeus serão responsáveis por 80% do PNB mundial (90%, se o Japão for incluído), estarão utilizando mais de três quartos das riquezas mundiais e aproveitando mais de três quartos da renda mundial, sendo que só os Estados Unidos lucrarão mais da metade. Não é uma questão de se, mas de quando, a empobrecida e sempre crescente maioria desafiará a rica e sempre menor minoria, por uma distribuição mais equilibrada de alimento, espaço e recursos.

“Se as sociedades ocidentais fossem governadas com um mínimo de razão, ou somente com simples interesse próprio, os problemas comuns pelos quais os partidos políticos se candidatam ao poder não corresponderiam às expectativas e haveria uma proibição na ética da sociedade consumidora, a saber, menos comida a preços mais altos, habitações mais simples, menos automóveis, um racionamento de todos os combustíveis extraídos da terra, redução de viagens e

feriados, cuidados médicos restringidos, a interdição da gerontologia, o imposto fertilidade após o segundo filho, uma taxa por qualquer procriação casual e uma simultânea e maciça canalização dos frutos da tecnologia ocidental, juntamente com sua experiência, dos 23% para o resto da humanidade.

“A sugestão é absurda, somente igualável ao absurdo de nos deixarmos impelir à autodestruição pelo progresso da civilização tecnológica. Todavia, com o grande mas legítimo auxílio da compreensão, se pode acreditar como Hegel que ‘as pessoas e os governos ainda não aprenderam nada da história’, e é precisamente para essa autodestruição que estamos caminhando.”

(domingo, 12 de junho de 1994)

POESIA SEMPRE

I

(Andante tranquilo)

Ainda é cedo, Ricardo, para o tempo que dizes
Da velhice. Não que sejas menino. Não o és.
Mas na noite flutuas pela casa tão dissipado em meiguice
Que a mulher vê no homem o menino que é.
Sei do teu riso extremo insinuando
A ferocidade da tua meninice. E pensas porque te amo
Que esqueci a arena ensolarada de outros dias
O rio coalhado de anzóis, a matança das aves
No sol do meio-dia.
Vê, Ricardo, se me foi dado cantar tua brandura,
É porque aquele que tu foste um dia, sendo feroz
Amou. Talvez por isso é que eu te amo agora.

II

(Poco piu animato)

Que te alegres de mim, Ricardo. Que a clareza do verso
Não te saiba à fatuidade e tola singeleza. Posso, para te celebrar;
Ser tecelã de um dia. E se o verso nasceu enquanto a mão tecia
É porque a cadência do tear trouxe de volta ao peito
Meu mundo amável de reminiscência.
Tive uma rua clara e a vontade gentil de descobrir o mar.
E se o ombro apenas começava um movimento rítmico de asa
Eu era navegante e navegava. Que te alegres de mim.
Entardecí possuída de infância.

III

Sendo tu amor; irmão, comigo te pareces.
Em ti me dessento e contigo me aplaco.
Esta larga vertente se parece à água
Do teu amor em mim onde um dia feneço
Porque também fenece a flor apaziguada
Essa que não nasceu para ter alimento
Antes para morrer do amor desmemoriada.
E se tudo me dás, num sopro eu anoiteço.
Eu sempre serei terra. E tomando a semente
Tomo para mim uma tarefa inteira:
A de guardar um tempo, o todo que recebe
E livrá-lo depois de um jogo permanente.
Outros te guardarão. Não eu que só pretendo
Libertar na alegria o coração e a mente.

IV

Lê Catulo para mim pausadamente.
Ressuscitei memórias na manhã dos ventos
E abrasei-me de um sol sem arvoredos.
Vi mulheres e aves e a mim mesma revi
Ave-mulher; passeio adolescente
De umas manhãs iguais e mais amigas.
À tarde viajei nas artérias do tempo
E para não arder pensei palavras novas
E repeti meu verso mais ameno.
Foi tão longo o meu dia. Tão escura
A visão de mim mesma. Lê. Sereno. [\[37\]](#)

(domingo, 19 de junho de 1994)

IN DOG WE TRUST OU MUNDO-CÃO DO TRUSTE

Minha vontade é a de colocar cada vez mais poesia neste meu espaço, para encher de beleza e de justa ferocidade o coração do outro, do outro que é você, leitor. Porque tudo o que me vem às mãos através dos jornais, tudo o que me vem aos olhos através da televisão, tudo o que me vem aos ouvidos através do rádio é tão pré-apocalipse, tão pútrido, tão devastador que fico me perguntando: por que ainda insistimos em colocar palavras nas páginas em branco?

Alguns amigos venezuelanos telefonam: você anda tão amarga... tão triste... Pois bem, vejamos as notícias recentes: no Rio (e dizem que ainda continua lindo), esquadrões de extermínio são contratados (por quem?) para matar sistematicamente prostitutas, débeis mentais, mendigos e supostos ladrões, meninos e adolescentes. Ouvi esta notícia na CBN, de madrugada. A miséria grassa adoidada, a crueldade também, os homens políticos continuam com suas mesmices, um dizendo ingenuamente que com uma só “penada” vai dar terra a todos, outro comendo buchada de bode, mas arrotando *tripe à la mode*, e um dia desses disse que se saiu bem com a “dívida externa”, quando qualquer um bem informado sabe que nunca nos sairemos bem com a nossa dívida externa, porque (devo citar novamente os especialistas): “O FMI foi criado para institucionalizar o predomínio financeiro de Wall Street sobre o planeta inteiro, quando, em fins da Segunda Guerra Mundial, o dólar inaugurou sua hegemonia como moeda internacional. Nunca foi infiel ao amo.”

A esperança para os países da América Latina é e será sempre uma grande ilusão, porque “no mundo dos grandes negócios” só pulhas e vilões é que se saem bem, e a América Latina é e sempre será um grande negócio” para todos os do “Primeiro Mundo”. Enquanto não forem feitas reformas políticas e econômicas essenciais e, principalmente, leitor, um ardente coração, um dilatar-se da alma do Homem, tudo ficará como está. Podem me chamar de louca, de fantasista, de gling-glang, de utopista, ingênua, chamem do que vocês quiserem, até de... Não sei se vocês sabem, mas “Putare” foi uma grande deusa da mitologia grega. Vem do verbo “putare”, que quer dizer podar, pôr em ordem, *pensar*. Era a deusa que presidia à podadura. Só depois é que a palavra degingolou na

propriamente dita, e em “deputado”, “putativo” etc. Se eu, de alguma forma com os meus textos, ando ceifando vossas ilusões, é para fazer nascer em ti, leitor, o ato de pensar. Não sou deusa, não. Sou apenas poeta. Mas o poeta é aquele que é quase profeta:

Olhando o meu passeio
Há um louco sobre o muro
Balançando os pés.
Mostra-me o peito estufado de pelos
E tem entre as coxas um lixo de papéis:
— Procura Deus, senhora? Procura Deus?
E simétrico de zelos, balouçante
Dobra-se num salto e desnuda o traseiro. [\[38\]](#)

E há indivíduos e povos iludidos que ainda acreditam que o traseiro do louco possa ser o retrato do divino. *Voilà*. Ilusões de cegos e de moucos. Bom domingo, fofos.

(domingo, 25 de junho de 1994)

MIRAGENS DO TERCEIRO MUNDO

Gostaria de ser coeso, calmo, frívolo. Sim porque há coesão e calma na frivolidade. Ou não pensam assim? Então repensem. Tinha horror ao sexo. Cheiro gosmas ginástica convulsão. Horror principalmente ao silêncio daquelas horas. Melhor, horror dos guinchos e outros sons que se pareciam aos sons das funduras, dos poços, das borbulhas. Gostava de sentar-se e ler. Principalmente Chesterton e sua Ortodoxia. Os amigos perguntavam: tu não gosta de... não? Não, ele respondia, tenho nojo. Nojo de quê? De corpos se juntando, dos cheiros, dos ruídos. Foi ficando sozinho com seus livros e seu nojo. Gostava de pensar mas pouco a pouco foi sentindo o cheiro das ideias, e as mais possantes, as mais genuínas, as mais veementes tinham o mesmo cheiro de sexo e daquela gosma da casuarina. Então pela disciplina e pelo jejum foi esvaziando a mente. Via cores e as cores não tinham cheiros e isso era bom. Sentou-se no chão da sala e ficou ali até perceber que tinha se tornado um ponto vivo de luz dourada. Até que o garotão o acordou e disse: qué mais uma na breba, doutor?

*Fui comprar um pão
me deram uma broa.
Fui comprar uma bala
me deram uma casa.
Dei algum pro mendigo
me deu um tapa na cara.*

Ephedrine pra vocês também!
Bom dia, negão.

(domingo, 3 de julho de 1994)

EMERGÊNCIA, DOUTORES: SEM ASAS, SEM CARROS E SEM CAVALO

Socooooorro, amigos médicos amados, tô sentindo tudo: Otávio Coelho, saudade! O coração anda a sós, neblinado e em descompassada imprecisão! Pinotti, *santo uomo*, cada vez que entro no chuveiro e apalpo as tetas, tenho medo de encontrar aquilo e cair no berreiro! Walter Toledo, *dottore bello*, tô com as pernas bambas, a pressão na montanha e nenhum amor! Isaac Federman, caridoso e *amabile*, não tenho mais carro, mas só vejo luzes por todos os lados, serão os faróis de dentro, fosfenas da solidão? Trágicos molimentos? Vou perder a visão? Relendo Sartre outro dia, fiquei vesga dez segundos, igualzinho a ele toda a vida, relendo Lilian Hellman, *dottore bello*, fiquei bêbada... Flamínio Maciel, egrégio, tô vermelha só de pensar que devo lhe mostrar minha pele crestrada de muito sol e a(mar)gura de estar velha e pura. Bressani, meu dentista genial, tenho pensado tanto naquela nossa insondável questão de “por que os dentes duram na caveira e caem se a gente dura mais que a vida inteira”? Não tenho mais ido porque não tenho patins nem cavalo nem um real chinfrim. Senhores doutores, estou toda estufada no plexo igualzinha a um balão. Otávio, vou ter um enfarte? Vou ficar paralítica, Walter?

Pinotti, se eu encontrar aquilo nas tetas que ninguém toca, por favor, corta!

Isaac, a vesguice foi Sartre? Flamínio, me tira os engruvinhos, me faça moça com cara de louça!

Bressani, me ponha mais caninos para morder o destino! Se eu usar estilete, esvazio a emoção?

Ó, mandem remédios! Eu sou aquela que entrava na farmácia e perguntava delicada: há alguma novidade? E agora a cavalo (Pinotti, cadê aquele que você ia me dar, mas, se ele comesse, eu não comeria minha ração do dia? Mesmo em jejum, agora tô a fim), a bicicleta sem guidom nem selim, de pernas bambas, curva de escrever tanto meus textos turvos, sem nenhum mecenas pra me dar asas e penas, a terra intacta porque não quero as casas geminadas, meu ouro de dentro que não vale nada para os desatentos, minha palavra rara que não é

amada, minha poesia que não é mais-valia, meu buraco, que graças a Deus continua intacto, meu por fazer, meu bordel geriátrico, minhas plangentes utopias, meu ser-ninguém, meus poucos vinténs, meu poço seco, meu vizinho rico com seus cem mil litros, meu Chesterton esquecido e a Ortodoxia de não ser Raquel nem Lia. Ó, Basileus de Cos, saudades de quem está no Hades.

(domingo, 10 de julho de 1994)

E PARRA QUEM FICARRÁ O QUE AJUNTASTE?

Venho através de meu aparelho, senhorra Hilst, que está adormecida em posizon de lótus, mas psicocraando meu mensagem, dizerr-lhes que o aparelho precisa de dinheirras parra pagarr imposto petú e, parra supostas velhacas amicos que emprrestarrom dinheirras e agorra ameaçam matarr aparelho, que aparelho está perrigosamente abstêmia porr falta de dinheirras e que editorras son canalhas porque uma querr picotarr e jogarr na ponte livrras da referruda senhorra-aparellho, e outra, frrancesa, grrande Gallimard pagarr mijarrias, e outra, italiana, Sonzogno, non pagarr, e amicos rricus que aparelho tinha non querem mais falarr con referruda senhorra-aparelho porque está velha e non mais tetuda, que serr muito trriste vida obscura em ton rarra criaturra ou vida miserrável en serr ton amigável, que aparelho precisa dentadurras durras, precisa dollárres porque sempre acreditar em prrimazia de verrdes notas ainda que estejam em baixarria, ourro também pode serr, cordons, correntinhas brrrilhantes também poderr serr, que referruda senhorra-aparelho querrerr venderr terrinhas, mas aparrecerr pessoas de vilania que non querrerr pagarr, que imaginam escrritorres como burricos que non saberr contarr, que dedos de escrritorra eston sangrrando de tanto trrabalharr, que aparelho querrerr venderr sua choça porr un milion de dolláres parra serr “casa de escrritor” e ela-aparelho poderr ficarr lá até baterr as botinas o que falta poco porque senhorra-escrritora gostarr muito de beberr e de pitarr, que podem mandarr também escoceses, non homens, mas garrafas, porque senhorra-aparelho terr noxo de humanidade e de homens principalmente, que son torrpes e avarros con coitodinhas velhinhas que non poderr mais fornicarr porque... porque son velhinhas. Que se fizerrem essas delicatessen con escrritorra eu, senhorr doutorr Fritz, arranjarrei um lugarr aqui em cima parra vossas magrras alminhas, porque Fritz conhecerr Deus que é sobrrinho e afilhado de um outro aqui que está chiffrudo ao meu lado e este serr meu amigo de há muito já expulsado do paradiso, mas até hoje muito bem frrequentado. Favorr mandarr cheques parra esse pobrrre jornal que também pagarr muito poco parra aparelho-ilustrre e trriste con falta de dinheirras. Que aparelho pensarr eu non escreverr

nunca mais parra nenhum dono de livrros letras jornais porrque non é de ferro.
Senhorres rricas velhinhos: mães nos bolsos porr favorr! Aparrelho agorra
acorrdarr e pedirr parra falarr e Fritz non deixarr porrque non erram palavrras de
amorr, erram aquelas noxentas que non se podem exporr. *Gute Nacht!*

(domingo, 17 de julho de 1994)

O TEU DIA “D”

Fofos: se vocês pretendem ficar famosos, aluguem antecipadamente uma família. A não ser que sua mãe seja aquela do Bataille, *Minha mãe*, sensualíssima e insólita criatura, ou a madrasta do *Elogio da madrasta*, de Vargas Llosa, o mais sábio é alugar mãe, pai, e talvez a família inteira. Particularmente, lhes daria a sugestão de alugar uma família inglesa. As mulheres inglesas são louças, os homens, elegantes, rubicundos e com senso de humor. Se você não tiver recursos e forem todos muito bregas, diga que a família inteira morreu num desastre na Birmânia. Pode ter certeza de que ninguém vai checar. Nossa agência teria não só mães e pais, mas ambientes, apetrechos, joias e textos perfeitos para o caso de você ganhar qualquer prêmio Nobel ou similar e mami e papi precisarem se manifestar. Uma mãe bossa Marie Curie ou Ella Fitzgerald também conseguiremos, um pai Bertrand Russell também; mas custaria mais caro. Como você vai ficar famoso só depois, as despesas ficariam para depois, naturalmente. O negócio seria feito em ienes, porque nunca se sabe o que vai acontecer com o real, e com o dólar muito menos. Cuidamos de detalhes também, por exemplo, se você não gostar das mãos de sua mami, temos mãos artificiais perfeitas e sorrisos à *La Gioconda*. Se a sua verdadeira família começar a se esgoelar ou a fazer papelão, mande toda a cambada para o Sri Lanka ou adjacências, pode ter certeza de que ninguém vai checar. Pra Cururumirim também ninguém vai. Faremos montagens fotográficas belíssimas de você jogando polo aos quinze, sua primeira comunhão na catedral aos seis, mamando com o teu vestidinho rendado em belas tetas maternas aos três meses, com seu cavalinho inglês aos doze, sua primeira namoradinha parecida com a Sonia Braga, se você for “escurinho”, como sói dizer o ex-ministro, ou a réplica da Vivian Leigh, se você alugar a tal família inglesa. Temos dentaduras lindas para o sorriso de sua suposta mãezinha. E casas delicadas, suntuosas ou modestas, todas condizentes, em perfeita harmonia, com a personagem que você se tornou agora. Já pensou, fofinha, você *miss* aos vinte e aparece tua mãe aos cinquenta, obesa, mastodonte pastosa, igualzinha àquela que você vai ficar? Se ela começar a citar em prantos aquela frase — “Ser mãe é desdobrar fibra por fibra o

coração” —, diga-lhe que, neste teu momento de glória, ter mãe é que é. Se tudo isso te enojar e acentuar perigosamente teu complexo de culpa, faça como Beckett, que se vestiu de árabe quando ganhou o Nobel e ninguém conseguiu achá-lo. Muito menos alguém de sua família. Alugue um bebê com cara de cupido se quiserem entrevistar seu filhinho com cara de joelho. Eu também já estou alugando uma réplica minha, mas a primeira tentativa não deu certo. Fiquei com a cara do Churchill. Pensaram que eu queria um pai. Tentaram novamente e fiquei Golda Meir. É que eles me acharam muito inteligente. Nossa agência teria um slogan: “Não core, não vire um tomate, alugue uma família”, ou, para que todos entendam melhor: “*Don’t blush, don’t turn in a tomato, rent a family!*”, ou simplesmente: “Alugue uma família pro teu Dia.”

(domingo, 24 de julho de 1994)

VOZ DO VENTRE?

Eu tinha uma amiga que morava longe e ela sempre me dizia que eu precisava conhecer a filhinha adolescente porque a filhinha era uma verdadeira princezinha. Aí a princezinha chegou. Minha cachorrinha Coli Ronquinha (que essa sim era uma princesa) começou a latir como sói acontecer com cachorrinhas e aí a tal da mocinha disse: pô, manda a cachorra calá o bico, pô que saco pô, que droga pô. Aí eu disse: é essa a sua tal princezinha? Nunca mais a mãe falou comigo. Eu tinha um amigo que resolveu dar uma casa de praia de cem mil dólares pro filhinho dele de vinte. Eu disse: não faz isso, aluga uma casa, guarda pra você que já está “entrado em anos” esse dinheiro, teu filho vai beber e cheirar a casa de cem mil dólares. Dito e feito. O amigo também nunca mais falou comigo. Você odeia o meu filhinho, ele gritava, depois do outro ter bebido e cheirado a casa e mais três carros zerinho. Uma outra mãezinha trazia o filhinho aqui de doze aninhos. O menino só faltava cagar no meu sofá. Dava saltos de mono com seu tênis Reebok e eu não podia falar nada. Um dia eu disse: por favor, mocinho, dá pra você ir morar na árvore ao invés de macaquear em cima do meu sofá? Adivinhem se ela ainda fala comigo. Uma outra: o filhinho ficava uma hora tomando banho quente no meu magro chuveiro. Não sei se depenava o sabiá durante o banho, não sei se fazia troca-troca com o amiguinho dele que também vinha sempre e aí eu pedi: ô meus queridos, tomem banho mais depressinha porque a vovó aqui morre afogada na hora da pagar a conta de luz. Saíram de casa logo depois do banho porque os fedelhos não podiam nem tomar banhinho. Coitados!!!

Eu não sei o que acontece com papis e mamis. Desce um asno do céu e incorpora nos dois. É a tal estorinha da coruja pedindo pro gavião não comer os filhinhos dela. E como vou saber que são os seus?, disse o gavião. São os mais lindos que você vai encontrar. Aí você já sabe que o gavião comeu mesmo, pois só achou os mais feios que certamente (pensou) não eram os de sua amiga coruja. Outra de mãe, a Josefa: dona Hirda, olha o que o meu menino fez pra mim. Eu: credo, Josefa, cê tá pingando sangue! Quem te arrebitou a cabeça assim? Foi meu menino! O menino dela era um boçal de vinte anos. Eu: ele tá

louco, Josefa, vamos interná-lo imediatamente! A mãe Josefa: só pru causa disso, dona Hirda? Josefa morreu um mês depois esfaqueada pelo seu garotinho boçaloide. Essa não brigou comigo, coitada.

Cuidado, fofos: fiquem mais atentos na hora de revirar os olhinhos. Pode lhes custar a vida. Outra coisa: não foi Ele quem disse: “Deixai vir a mim as criancinhas.” Ele mesmo me disse: não caia nessa, Hilda, é texto apócrifo. O que não é apócrifo é aquele: “Mulher, que coisa tenho eu a ver contigo?” que Ele disse pra mami aos doze.

Moral da estória: Ainda entre doutores... pimpolhos causam dissabores.

(domingo, 31 de julho de 1994)

LA MER D'ICI, LA MER DE LÀ

É o seguinte, negada: tudo isso de partidelhos, grupelhos, coligações me soa a bandalheira. Já pensou Jeshua coligando com os vendilhões do Templo? Se Ele tivesse “coligado”, poderia ter usado o chicote para expulsá-los? Céus! O que há com as gentes? Por que não escolhem alguns raros, de “notório saber”, e elaboram um plano-modelo para o país? Qualquer idiota sabe que é preciso erradicar a miséria, dar chances do cara ter casa, comida, escola e poder tratar da própria saúde. Que homens poderiam fazê-lo? E de que forma? Se você já coligou com assassinos, ladrões, pulhas, tá fora. “Políticos” deveriam passar por uma junta médica, por psiquiatras, psicólogos, médicos da alma, porque é demais o que se vê estampado na cara, nos gestos, no olho, no sorriso... e parece que ninguém vê. Coitadinhas das gentes! Esses tristíssimos banguelas esfarrapados, sofredíssima gente!

Ai, cada vez que se liga o rádio e a televisão vem aquela enxurrada de besteiras, as mesmíssimas promessas, as vozes tonitroantes, e ninguém fala “como vai fazer” o que pretende. Tá chovendo bosta no mundo, gente! Até o monte Everest, oito mil e tantos metros de altura, está coalhado de bosta! Agora um escocês vai pedir auxílio à Grã-Bretanha e viabilizar um plano pra tirar a montanha de excremento que se fez no topo! Com a mania de “mens sana in corpore sano”, a negada do mundo inteiro resolveu “alpinar”, chegam lá em cima e defecam naquela beleza! Quem sabe se o mesmo plano vai servir pros baixios daqui e do porvir? Basculantes de excremento montanha abaixo: lotes de políticos despencando lá do Corcovado! Valetas profundíssimas ao redor do monte sagrado! Todos de boca aberta vomitando palavras! Josué de Castro nos diz: “É hora de palavras duras e inconvenientes.” É sim, senhores: basta de pulhas! O ideal de homem político deste fim de século teria de possuir um coração limpo, a alma dilatada de fraternidade, compaixão e coragem. Ah, que difícil! Mais difícil ainda porque me lembrei agora das terríveis palavras de santa Angela de Foligno (séc. XIII), que relata a visão que lhe foi dada: “Certa vez minha alma elevou-se e vi Deus imerso numa claridade e numa plenitude jamais

vista por mim de forma tão intensa e plena. E ali não havia nem sombra de amor.” Ficou arrepiado, negão? Eu também.

(domingo, 7 de agosto de 1994)

QUE O MANTENHAM VIVO (II)

Pensar Deus, amar Deus, é apenas uma certa maneira de pensar o mundo.

Simone Weil

I

O Deus de que vos falo
Não é um Deus de afagos.
É mudo. Está só. E sabe
Da grandeza do homem
(Da vileza também)
E no tempo contempla
O ser que assim se fez.
É difícil ser Deus.
As coisas O comovem.
Mas não da comoção
Que vos é familiar:
Essa que vos inunda os olhos
Quando o canto da infância
Se refaz.
A comoção divina
Não tem nome.
O nascimento, a morte
O martírio do herói
Vossas crianças claras
Sob a laje,
Vossas mães
No vazio das horas.
E podereis amá-Lo
Se eu vos disser serena
Sem cuidados,

Que a emoção divina
Contemplando Se faz?

II

Vereis um outro tempo estranho ao vosso.
Tempo presente mas sempre um tempo só,
Onipresente.
A dimensão das ilhas eu não sei.
Será como pensardes ou como é
Vossa própria e secreta dimensão.
Às vezes pareciam infinitas
De larguras extremas e tão longas
Que o olhar desistia do horizonte
E sondava: ervas, água
Minúcias onde o tato se alegrava
Insetos, transparências delicadas
Tentando o voo quase sempre incerto.
O peito era maior que o céu aberto.
Parávamos. E sabeis
Que o que contenta mais o peito inquieto
É olhar ao redor como quem vê
E silenciar também como quem ama.
Éramos muitos? Ah, sim
Eram muitos em mim.
O perigo maior de conviver era o perigo de todos.
Nosso Deus era um Todo inalterável, mudo
E mesmo assim mantido. Nosso pranto
Continuadamente sem ouvido
Porque não é missão de divindade
Testemunhar o pranto e o regozijo.
O que esperais de Deus?
Ele espera dos homens que O mantenham vivo.

(domingo, 21 de agosto de 1994)

TÔ LIGADONA EM DEUS (SORRY)

I

Vou pelos atalhos te sentindo à frente.
Volto porque penso que voltaste.
Alguns me dizem que passaste
Rente a alguém que gritava:
Tateia-me, Senhor,
Estás tão perto
E só percebo ocos
Moitas estufadas de serpentes.
Alguém me diz que esse alguém
Que gritava, a mim se parecia.
— Mas era mais menina, percebes?
De certo modo mais velha
Como alguém voltando de guerrilhas
Mulher das matas, filha das Ideias.
— Não eras tu, vadia. Porque o Senhor
Lhe disse: Poeira: estou dentro de ti.
Sou tudo isso, oco moita
E a serpente de versos da tua boca.

II

Se te ganhasse, meu Deus, minh'alma se esvaziaria?
Se a mim me aconteceu com os homens, por que não com Deus?
De início as lavas do desejo, e rouxinóis no peito.
E aos poucos lassidão, um desgosto de beijos, um esfriar-se
Um pedir que se fosse, fartada de carícias.
Se te ganhasse, que coisas ainda desejaria minh'alma
Se ficasses? Que luz seria em mim mais luminosa?

Que negrume mais negro?
Não haveria mais nem sedução, nem ânsias.

E partirias. Eu vazia de ti porque tão cheia.
Tu, em abastanças do sentir humano, de novo dormirias.

(domingo, 28 de agosto de 1994)

MIRTA

*Quero ficar, quero ficar
Ainda que
No teu olhar*

Era brancona, leitosa, loira e pequenina. Dava quase pra levar no bolso. Parecia um biscoito. A boca em bico. Olhinhos de raposa. Morava em Saco de Cima, nos confins do bairro Fundó. Um homem apareceu por lá. O semblante severo, a cara triste. Comprou a casa da praça. Quem é? Quem é?, Mirta perguntava. Só mexe com papel o cara, fica lá escrevendo, não tá vendo ele de costas, a caneta na mão? À noite às vezes grita: preciso de uma estória, preciso de uma estória. Só isso que ele grita? E tu acha pouco? Quem é que tem uma estória? Tu, por acaso, tem uma? E a chacota descia sobre Mirta, a prostituta loira do bairro do Fundó. Ele é lindo, ele é lindo, ela suspirava.

mas ninguém vê o cara, Mirta, só de costas
que nada, a Etelvina viu
vem cá, Etelvina, conta da cara do homem
é triste à beça, tem olhinho caído... verde
a Delci diz que ele parece o Cristo
o Cristo?! de olho verde?! nunca vi

Mirta foi ficando encolhida. Vinha o Joca, o Nilo, o Zé do Fogo, o Cara-ruim e ela dizia não pra todo mundo, davam paçoca que ela amava, um real por bimbada, deram até um porco recheado de ovo e nada.

o que é que tu qué com o homem, Mirta?
quero ser a estória dele, cara, quero ficar no papel, no livro,

[no jornal

pobrezinha, quer ficar estampada

Foi definhando a prostituta loira do bairro do Fundó. Uns até achavam que ela havia sim diminuído. O Zé do Fogo diz que tentou abrasá-la até com pinga do porto, e ela só chorava. O Cara-ruim diz que lhe sorveu as tetas até ficar com a boca de chupa-ovo, e ela nem piu. O Nilo fez melhor, dedicou-lhe um poema:

a Mirta do Fundó
é a mina mais bonita
desse quiproquó

e o que é quiproquó, Nilo?
e eu sei? foi a rima que me deu o tal doutor na lei
e o que ela fez?
olhou e chorou

Mirta matou-se diante da casa da praça do cara triste. Tomou veneno pra rato e deixou um bilhete na barriga: “Eu quero ser sua estória.” Todo mundo chamou o cara triste pra ver. Ele disse: Que pena, até podia ser, mas ela é tão pequena... Só se for uma estória infantil. E pela primeira vez sorriu.

(domingo, 4 de setembro de 1994)

SANTOS? SIM. MAS NÃO DO PAU OCO

Fofada: teria sido menos escandaloso flagrar o ministro dando um “banho de gato” numa hipotética “barregã” do que flagrá-lo escandalosamente pretensioso e cínico naquele *pillow talk* com seu priminho. Se eu fosse ministro, a essa altura, teria entrado naquele convento dos Cartuxos onde a palavra é interdita, ninguém fala, talvez quando se cruzam nos corredores digam *memento mori*, que quer dizer: lembra-te de que morrerás. E tudo o que os Cartuxos escrevem, quando terminado, tem que ser destruído, o que seria prudente para o sr. Fernando Henrique a esta altura, pois não é que ele mudou? Lembrei-me daquele samba agora: “Você não tem mais a metade do valor que tinha outrora, mudou mudou mudou...” Teria sido menos vexatório, pra qualquer um de nós, dar um traque no elevador do que ver Fernando Henrique no vídeo muito à vontade, sorrindo, com notável *aisance* (como se dissesse “não liga, bem”), como se tudo aquilo do sr. Ricupero fosse molecagem, uma brincadeirinha de *dandies* estadistas. Gente, o planeta Terra precisa é de santos. Muito mais de santos do que de doutores e “políticos”, e foi precisamente isso o que eu disse, quando no dia 26 de agosto fui à solenidade da Universidade Estadual de Campinas na qualidade de “patrona”. E pode ter parecido inadequado o meu poema, porque é o avesso do que os chamados *winners* pretendem, mas também sei que é o que cada um de nós deveria dizer a cada dia, ao menos como exercício de humildade, essa que nos falta a todos nós, intelectuais do baralho, narcisos, doutores de barro.

Honra-me com teus nada.
Traduz meu passo
De maneira que eu nunca me perceba.
Confunde estas linhas que te escrevo
Como se um brejeiro escoliasta
Resolvesse
Brincar a morte de seu próprio texto.
Dá-me pobreza e fealdade e medo.

E desterro de todas as respostas
Que dariam luz
A meu eterno entendimento cego.
Dá-me tristes joelhos.
Para que eu possa fincá-los num mínimo de terra
E ali permanecer o teu mais esquecido prisioneiro.
Dá-me mudez. E andar desordenado. Nenhum cão.
Tu sabes que amo os animais
Por isso me sentiria aliviado. E de ti, Sem Nome
Não desejo alívio. Apenas estreitez e fardo.
Talvez assim te encantes de tão farta nudez.
Talvez assim me ames: desnudo até o osso
Igual a um morto.

(domingo, 11 de setembro de 1994)

MEMENTO HOMO!

Resolveram “limpar” a cidade de São Paulo atirando ao lixo os colchões daqueles pobres coitados que “moram” debaixo de pontes viadutos, dentro de buracos etc. Por que não desinfetam os próprios neurônios e buracos, todos esses, dirigentezinhos do baralho, porque, convenhamos, senhores, tirar o colchão de mendigos é coisa de bandido! Então você tá lá esbodegado paupérrimo desgraçado, *hodido* (que em espanhol quer dizer a mesma coisa), e vem um pulha e te tira o colchão. Ah, eu puxava o canhão! Eta sociedade porreta! Eta capitalismo bão! Cadê a fraternidade, gente? Cadê as virtudes teologais, uma delas a caridade? Cadê os estadistas só abrindo o bocão pra discutir cabalísticas? Leiam esse pequeno trecho do Bataille: “... o verdadeiro luxo de nossa época cabe ao miserável, àquele que se estende sobre a terra e despreza. Um luxo autêntico exige um desprezo total pelas riquezas, a sombria indiferença de quem recusa o trabalho e faz da sua vida, por um lado, um esplendor infinitamente arruinado, e por outro, um insulto silencioso à laboriosa mentira dos ricos... o esplendor dos farrapos e o obscuro desafio da indiferença.” [\[39\]](#)

Mendigos do mundo inteiro, uni-vos! Também estaremos lá, na nossa coitadez de alma, que é a mesma coisa. (Traques para os protestos! É a mesma coisa, sim.)

Outra coisa: por que a imprensa não pode entrar na gráfica do Senado? Por que o povo não pode saber o que fazem por lá os dois mil funcionários? O que fazem além de calendários e cartõezinhos de Natal? E por que gastam cinquenta milhões de reais ou mais num só ano? Tão editando Camões, Hilda Hilst, que por aqui é esnobada pelas editoras e nas Oropa foi publicada pela Gallimard a semana passada? Eta paisinho bão pra mendigo e pra escritor! E a bola, fofada, e a rola e a tua engole-espada? Oremos: Pater Noster etc. (Não confundir com Walter Pater, que é ótimo, mas nem tanto.)

(domingo, 18 de setembro de 1994)

TEMPO DE TREVAS

O que eu queria mesmo é arrebentar meu lado compassivo, não sofrer mais de piedade, ficar dura como o quê? Como granito, diamante, como a jiribaita de algum jegue-gorila, ou ficar gling-glang bossa Ofélia caindo dentro de regatos, lerda abobada, ou fazer lobotomia e ficar fria. Porque convenhamos, fofada, você abre revistas e jornais e é estupidez grassando do Oiapoque ao Chuí e também lá longe nos confins do lá e do daqui. A maldade tomando corpo a cada dia, povos inteiros abandonados, a crueldade fazendo parte cada vez mais do cotidiano, chineses largando criancinhas do sexo feminino no lixo para morrerem de fome, a Bósnia que ninguém resolve, Haiti Honduras Ruanda aquele horror, o Nordeste continua o mesmo, sede, miséria extremada e a pança de alguns cada vez mais avantajada...

Outra coisa: alguém tem que fazer uma lei que proíba circos explorando e maltratando animais. Leões famintos, camelas velhas morrendo a porretadas, elefantes trabalhando com as costelas quebradas, hipopótamos secando engruvinhados sem uma poça d'água... Só falta crucificar passarinhos para gáudio da caterva e da gurizada! Eta mundão bão! Que tal uma praga de bruxa para os donos de circos: nascer cadela espúria no planeta Terra!

Um boçal lá no Rio, universitário (!), saiu do bar e foi urinar na cabeça de um cachorro que estava sendo conduzido pelo dono. O dono do cachorro deu uma porrada no boçal, coisa muito pertinente que eu também faria se urinassem na cabeça do meu. E aí cinquenta boçais (*soi disant* universitários!) quiseram linchar o dono do cachorro, dono esse que se escondeu em uma loja que foi inteira depredada e aí chegou a polícia e o cara se salvou. Praga de bruxa: cinquenta jegues urinando nas cabecinhas preclaras. Ô mundo trevoso e duro, a gente sempre caindo despedaçada dentro do mata-burro! Tem uma nove milímetros por aí? Tem veneno de rato? Tem excremento de dono de circo pra cair fulminada? Tem uma corda? Alguém pode matar meu lado compassivo? Mandem receitas, por favor! Ou navalhas, guilhotinas, ou quem sabe um chupa-umbigo, pra me alegrar nesta manhã tristíssima de domingo!

(domingo, 25 de setembro de 1994)

NO ARRANQUE DAS TRETAS

“...não surpreende que, como resultado do milagre econômico brasileiro, os ricos tenham se tornado mais ricos, nem que uma grande parte da população humilde se encontre agora muito pobre, não só em termos absolutos, como também relativos.” (Noam Chomsky, professor universitário americano, considerado um dos maiores linguistas deste século, dissidente da política americana em relação aos países subdesenvolvidos.)

— É entrevista?

Poeminha “pras Massa”

Hirido Hirdis

Se tu lesse o Chomsky
Tu ia compreendê
Porque os dotô se lava nos Caribe
E tu só lava a ti nos Tietê.
Se tu lesse o Chomsky
Tu ia gargalhá
Da besta que tu foste
De tanto acreditá.

Se tu lesse o Chomsky
Porias no antebraço
Uma fita preta
E não dispensarias a corneta

P’ranunciá teu luto
E chorá e chorá
Teu rombo no buraco
E teu crânio chifrudo

Porque não leste o Chomsky.

Procura, negão, o Chomsky, o Noam
Para que não apodreças
Todo coligado e coligando-te
Esperando agachado a colisão

No arranque das treta.

Refrão:

Porque os dotô se lava no Caribe
E tu só lava a ti nos Tietê?

(domingo, 2 de outubro de 1994)

OU ESTAREMOS EM LONDRES?

Gente! Tô besta! Nunca vi uma urna provocar tanto bizantino fuzuê! Não é de uma urna qualquer que eu estou falando, mas de uma urna fúnebre! Resumindo: os meios literários de São Paulo estão alvoroçados porque dois vates brasileiros, os senhores Bruno Tolentino e Augusto de Campos, fizeram diferentes traduções de um poema intitulado *Praise for an urn* (que naturalmente todos vocês conhecem), do poeta norte-americano Hart Crane (matou-se em 1932, atirando-se ao mar). Dois grandes jornais paulistas têm publicado páginas e páginas sobre a “celeuma” das traduções, e os dois vates se digladiaram com muita emoção. Um, porém, o sr. Bruno Tolentino, escreveu com bastante *fair-play* e graça, no meu entender, e outro, o sr. Augusto de Campos, com a cólera espumante de Jeová, aquela de te deixar largada e acabadaça. Quero, neste meu espaço, dar minha modesta contribuição a essa “querela” da maior importância pro nosso miserável, analfabeto e triste quinto mundão. Ou estaremos em Bizâncio? Alô alô, Constantinopla?

Modesta contribuição de Hirdo Hirdis, poetinha da região

E rabo de rei cê come assado?
E do sapo Liu-Liu cê come cru?
E que cor que é a crica da barata?
E bunda de grilo é poesia abstrata?
E concretude, negada, o que é, o que é?
E fiofó engole bolinha de gude?

Ode a uma turma

Ó Tolentino, Ó Augusto
Que importa se houve “urnas”, “corcéis”
E “arrebóis” até?

O certo é que entre vosotros
Houve cascos
E ao invés de licores e “gargântuas”
Houve turras e mé.
O coração preclaro do Poeta
Emurcheceu de tantos dissabores
E a rodela de muitos escritores
Vos sentiu a curra
Fechando-se no escuro
Engruvinhada, aos urros
Panicosa de medo das palavras
De dois vates de lustro
Mexericando sobre urnas fúnebres.
Aquietai-vos, vos peço.
Já não nos basta o pejo
De saber nada nos Brasis-“subúrbio”
Muito menos em inglês
Essa língua de lobbies e de reis
Pois, porque os nós daqui
Só reconhecem o braço do FMI
Que quando se levanta
Se transmuta em machado
E portanto da língua não sabemos
Pois na hora da crica, os celerados
Graças ou não a Deus, nunca a meteram.
Meteram-na ou não? De gramática
E prazeres, perdão, ando esquecido
Pois de sabença, foi-se-me
Formalidade e tesão.
Aquietai-vos, ó bardos!
De oiti fechado
Muito menos não durmo
E muito menos cago
Tremuloso de medo
dos dois dardos!

(domingo, 9 de outubro de 1994)

TEM CERTEZA QUE ERA BRANDY?

Gente, tô na Groenlândia, tô num iglu. A paisagem daqui é assim, ó:

Por favor, Janete, pede pro Godoy não descontá. Mas acabou a eleição? Alguma coisa mudou? O bode já saiu do quarto? Estocaram quanto mesmo de feijão? Algum outro filhinho matou papi e mami? Tá na moda, é?

O demônio tá solto? Tá tá tá, dizem que ele apareceu um dia desses pra um cara que ia se matar porque tava tudo ruim pra ele. Assim: apareceu um magrela todo vestido de preto e disse: se você me der o fiofó, tudo melhora. O cara deu. O magrela de preto já ia indo embora quando o outro disse: peraí, negão, quando é que melhora? Resposta: o fiofó melhora agora mesmo, de resto, tu tá grandinho pra acreditá no demo.

Cara de Brasil, não é, não?

E a feira de Frankfurt? Dizem que tinha cachaça, capoeira, luzidios bundões, livro que é bom, não.

Que cê disse?

Nada.

E a minhoca?

Taí

Credo, tá morta!

Qué vê minhocão?

Ah, por favor, Godoy, num desconta!

Tu é paga pra escrevê, te vira...

Ah, num dá, nem pra você, meus guias não permitem.

A mulher se olhou no espelho, se olhou, se olhou, resolveu tirar o barrigão. Aí o marido voltou do Canadá e disse: que cê fez, cretina? Eu vivia sonhando em afundar minha cabeça no teu barrigão.

Ah, Godoy, não desconta, por favor!

E se você se lembrar a cada dia que tem um fiofó e por isso deve ser forte e humilde, generoso e fraterno? E que tudo que é teu agora um dia vai ser do outro? E que você, assim como eu, vamos apodrecer? Tá vomitando por quê?

Sorry, mas não é todo dia que é dia de faisão.

Gente! Todo mundo coligô! Dotô com rábula! Banqueiro com antropô!

(domingo, 16 de outubro de 1994)

VIGIAI E ORAI

Ih... as “otoridades” tão andando de um jeito lá nos Cáucaso... um jeito, aquele jeito assim:

eu sou eu
macaúba é um coco
jacaré é um bicho
barata é um inseto
e porisso que eu sou eu!

Outra coisa: quem pagou os oitenta jornalistas que acompanham o “que sou eu”?

Notícias também recentinhas: setenta milhões de reais serão gastos para ampliar os gabinetes dos senhores deputados e senadores. Setenta milhões de reais dariam para construir catorze mil casas populares! Agora um recadinho para o sr. ministro da Fazenda: o burro do seu Zequinha tava quasi acostumando de passá sem milho, quando... coitado... morreu.

Uma para meditação: um presidente chamou seus auxiliares e disse-lhes: procurem todos os reitores das universidades e peçam-lhes para dar ênfase às áreas de pesquisa, porque todo o Primeiro e o Quinto Mundo também estão a toda e nós não fizemos nenhuma *real* descoberta. Foi um azáfama adoidado, mas quinze dias depois vieram os auxiliares e disseram ao presidente: uma linda descoberta, magnífica!

sim, vejamos

Colocaram a descoberta na mesa. Dentro da caixa havia uma aranha imensa, peludona, negrona. Um dos ministros disse à aranha: dê um passo para a frente (a aranha deu).

agora um para trás (a aranha deu)
um para o lado (a aranha deu)

para o outro lado agora (a aranha deu)

Sim, e daí, disse o presidente, é apenas uma aranha amestrada. Um momento, senhor presidente. Aí um outro ministro pegou uma enorme tesoura e cortou as pernas da aranha. A aranha desabou, acachapada. O ministro disse à aranha: dê um passo para a frente (ela não deu).

dê um passo para trás (ela não deu)

um passo para o lado (ela não deu)

para o outro lado (ela não deu)

O presidente furioso: E daí? E daí? Calma, senhor: descobrimos que a aranha perde a audição se lhe cortamos as patas. (Pano rápido.)

Ih... que coisa gravíssima todo esse probleminha da princesa. Estamos preocupadíssimos, coitadinha. Depois desse probleminha só aquela pessoa de Timbaúba comendo rato frito. Mas isso naturalmente é um probleminha menor para as “otoridades”. Será que a princesa tem fiofó? Será que povo tem boca? Perguntou o príncipe. Tem não, dotô.

Reze pelo país. Bom domingo.

P.S.: “Saiba que, se eu reencarnasse, gostaria de voltar como um urubu. Ninguém o odeia ou inveja nem o quer ou precisa dele. Ele nunca se vê importunado ou em perigo, e pode comer qualquer coisa.” (William Faulkner)

Atenção! Os americanos, segundo fontes fidedignas, andam pagando mil dólares por um casal de urubus. Cuidado! Que tempos! Até urubu é comprado!

(domingo, 23 de outubro de 1994)

AS AFINIDADES NÃO ELETIVAS

Perguntaram àquele mocetão que degolou pai e mãe o porquê daquele horror. Resposta: “Meus pais me reprimiram.” Coitadinho! Fofada: enquanto durar essa epidemia de matricídios e parricídios, sinto-me na obrigação de “ofertar” alguns prudentes conselhos aos pais e às mães. Primeiro: se o seu certamente brilhante filhinho adolescente estiver tristinho ocioso ou com *spleen* ou *cafard* ou inquieto, com pulsões surreais sensoriais, por favor, não o tensione, não o reprima, não se atreva a sugerir a prima “faça você mesma”, coloque-se de imediato em decúbito dorsal, peça perdão aos guias, e tente antes de deitar-se a dança do ventre, pois se você tiver sorte ele há de se tranquilizar só com isso. Se ele ficar muito agitado procurando o facão, chame o papi, e os dois poderão ir juntinhos ao lupanar (informe-se) mais adequado. Tente tudo pelo seu certamente brilhante filhinho adolescente, para que ele possa se desenvolver em liberdade e em plenitude, e você, mami, possa envelhecer sem levar cem facadas no peito, ou uma só, bossa guilhotina. Se o mocinho quiser arrebentar o carro zero no muro, consinta, não o reprima, os muros são feitos pra isso mesmo, são rompantes benéficos esses que irrompem na certamente brilhante “ervilha craniana” de seu certamente brilhante filhinho adolescente, rompantes que retardam consideravelmente a *dementia precocex*, e o que é mais importante: transferem para o muro a porrada letal que vocês iam levar na cabeça. Nunca digam não, viu, mami? Acumule-o de mimos. Não seja preconceituosa a ponto de descartar o mais velho emprego do mundo, aquele de virar a bolsinha. Isso de sexo é uma bobagem, é só desligar, enquanto um gorila está por cima você faz meditação transreal, pense nas lindas praias de Majorca (sim, porque o Caribe já é coisa de pobre agora), e na linda moto que você com sorte poderá ofertar ao seu certamente brilhante filhinho adolescente, e naquele capacetão também para proteger a tal ervilha. Ah! Quando eles não vos assassinam, que bênção são os filhos, não? A três por quatro estão sempre ganhando o prêmio Nobel, adoram música erudita, leem demais, são finos cultos e meigos, e que humor tem essa moçada de hoje! Conheci um moçoilo que deu uma porrada de mestre na “mina” dele e ela ria tanto que quase se afogou. Ria, é? Sim, porque a mãezinha dela

pedia: Ria, Carolina, ria, ele não pode perceber que te magoou! Carolina morreu em seguidinha, linda, mas com aquele esgar devocional, e a mãezinha do moçoilo dizendo pro próprio:

viu, filhinho, ela dormiu contentinha
num fiz nada, né, mãe?
claro que não, amorzinho!
foi só uma cravada, uma munhequinha, né, mãe?
claro, filhinho!
e pur que que ela tá puxando um ronco, hein, mãe?
brincadeirinha, né, bem
hu hu hu! então vou brincar de vampiro!
cuidado com os teus incisivos, queridinho, ela já tá durinha!
(pano rápido)

P.S.: “Crescei e multiplicai-vos.” (Asmodeu)

(domingo, 30 de outubro de 1994)

DA MORTE. ODES MÍNIMAS.

*Quietly they go, the intelligent, the witty, the brave.
I know. But I do not approve.
And I am not resigned.*
Edna S. Vicent Millay

I

Te batizar de novo.
Te nomear num trançado de teias
E ao invés de Morte
Te chamar Insana
 Fulva
 Feixe de flautas
 Calha
 Candeia
Palma, por que não?
Te recriar nuns arco-íris
Da alma, nuns possíveis
Construir teu nome
E cantar teus nomes perecíveis:

Palha
Corça
Nula
Praia
Por que não?

II

Uns barcos bordados

No último vestido
Para que venham comigo
As confissões, o riso
Quietude e paixão
De meus amigos.

Porque guardei palavras
Numa grande arca
E as levarei comigo

Peço uns barcos bordados
No último vestido
E vagas
Finas desenhadas
Manso friso

Como as crianças desenhavam
Em azul as águas.

Uns barcos
Para a minha volta à Terra:
Este duro exercício
Para o meu espírito.

III

Nos veremos de frente:
As gargantas vítreas
Plexo e ventre
De todos os lados:
Dorso de nós duas
Flanco e braços.

As grandes palavras
Trancadas e vivas
No meu peito baço.

(domingo, 6 de novembro de 1994)

NEGÃO SACANA, ISSO SIM!

Um daqueles líderes alemães, Hess, Goering, Himmler, um deles (fico inteiramente gelada quando penso que existiram) dizia mais ou menos o seguinte: “Não me falem em cultura, pois a primeira coisa que faço quando ouço essa palavra é puxar o revólver.” O inacreditável foi que, àquela época, a Alemanha, os alemães, o povo mais culto do mundo, foi capaz de tudo aquilo medonho que vocês já sabem. Pois bem, o Brasil, um dos povos mais incultos do mundo, também tem no seu cerne (“o verme no cerne”) certa Imprensa que odeia cultura e faz o possível para achincalhar pessoas que ao longo de anos se tornaram ilustres pela qualidade de seu trabalho.

A revista *Interview* deste mês publica uma entrevista sobre a minha modesta pessoa ilustre, entrevista essa muito simpática, divertida e bem escrita pela excelente jornalista Beatriz Cardoso. Mas, na capa, a revista *Interview* me classifica de “poetisa pornô”, e no índice me rotula de “poetisa que só pensa naquilo”, distorcendo integralmente o texto. Os títulos não são de responsabilidade da jornalista. Os títulos são certamente de responsabilidade de algum “canalha”, “patife”, “sem caráter”, “malandro”, “sabido”, “espertalhão”, sinônimos esses referentes à palavra “sacana”. “Sacana” refere-se também a pessoas trocistas, brincalhonas, zombeteiras. Agora, “POETISA SACANA QUE SÓ PENSA NAQUILO” é certamente “a mami” de um dos editores, “mami” essa que deve rimar cu com bu e aí sim é, sem sombra de dúvida, uma moça prendada, “poetisa sacana”.

A quem possa interessar: ao longo dos meus quarenta anos de literatura, a crítica “me agraciou” com os prêmios mais prestigiosos: Prêmio Pen (poesia), Prêmio Anchieta (teatro), Prêmio Cassiano Ricardo (poesia), Prêmio Jabuti (poesia), Prêmio Jabuti (prosa), Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (Obra Completa), novamente APCA (pelo livro *Ficções*).

Outra coisa: recentemente o jornal francês *Libération*, um dos jornais mais importantes do mundo, veio ao Brasil me entrevistar pelo lançamento do meu livro na França, *Contes sarcastiques — Fragments erotiques*, pela Gallimard, a

mais importante editora do mundo. E aqui, no meu país, eu sou tratada, depois de quarenta anos de trabalho, exatamente como era tratada aos olhos dos “hipócritas” quando eu tinha vinte anos: uma puta. Sim, porque eu era tão autêntica, tão livre, tão inteligente, tão bela e tão apaixonante! AHHHH! O ódio que toma conta das gentes quando o talento é muito acima da média! E como se agrava contra nós esse ódio quando se é mulher! E quando se fica uma velha-mulher, aí somos simplesmente velhas loucas, putas velhas, poetisas sacanas, asquerosas, enfim! AHHHH! Que lindo que seria ter nascido um homem só para dar porrada, um homem com um bíceps da grossura de um tronco, só para quebrar as mandíbulas jumentosas de “focas” presunçosos que se imaginam “focas” porretas porque achincalham os outros.

(domingo, 13 de novembro de 1994)

TÁ COM PRESSA?

Um dia repensei um certo relógio sem ponteiros. Havia ali uma frase: “É mais tarde do que supões”.

E escrevi estes poemas:

I

Corroendo
As grandes escadas
Da minha alma.
Água. Como te chamas?
Tempo.

Vívida antes
Revestida de laca
Minha alma tosca
Se desfazendo.
Como te chamas?
Tempo.

Águas corroendo
Caras, coração
Todas as cordas do sentimento
Como te chamas?
Tempo.

Irreconhecível
Me procuro lenta
Nos teus escuros.
Como te chamas, breu?
Tempo, criatura.

II

Passará
Tem passado
Passa com a sua fina faca.

Tem nome de ninguém.
Não faz ruído. Não fala.
Mas passa com a sua fina faca.

Fecha feridas, é unguento.
Mas pode abrir a tua mágoa
Com a sua fina faca.

Estanca ventura e voz
Silêncio e desventura.
Imóvel
Garrote
Algoz

No corpo da tua água passará
Tem passado
Passa com a sua fina faca.

P.S. não fica assim, benzinho, a vida é assim mesmo. Boa noite.

(domingo, 20 de novembro de 1994)

DOMINGO À TARDE

O homem ficou olhando a mulher, as crianças. Olhou o quintal, o cachorro. Ficou com pena de tudo. De si mesmo também. E se eu largasse tudo agora, saísse de mansinho, madrugada, sacola, escova de dente pra quê? Uma hora cai tudo mesmo, pra quê? Pra quê? Eu ia saindo, ia andando e em algum lugar encontraria alguma coisa. O quê? Um brilho, um sapo, a pena de um grande pássaro, um diamante. Ahhhh! Um diamante seria ótimo, ficaria rico, um diamante de vinte quilates... Bem, aí sim largaria a mulher de qualquer jeito, de qualquer jeito não, dava muita grana para ela, e teria muitas mulheres... dez, vinte, muitas, e daí... daí ia ficar tudo chato outra vez, algumas anunciariam gravidez só para me assustar e me tomar algum bem, problemas, mas haveria tantos novos prazeres... Comer fundos de alcachofras, por exemplo, faisões, aqueles lindos (coitadinhos!), fiofós de canário, trufas, ostras, tordos, me empanturrar de tudo o que ainda não comi. Tudo bem. Empanturrei. Comprar umas cuecas de seda, umas suecas também, não cuecas suecas, suecas mulheres, isso isso, enormes lindonas clarinhas... Ah, jogar golfe com gente bem-humorada e breaca, *bloody mary* manhãzinha, aquele lindo uísque à tardezinha, depois de novo xerecas cuecas suecas, depois aquele sem saber o que fazer (como agora, aliás), todo mundo me puxando o saco, uns cultos pernósticos pobretões aparecendo, uns coitados de uns músicos pintores poetas, toda essa caterva me pedindo patrocínio... e eu lá fazendo o fino...

Heitorrrrr!

que foi, benzinho?

credo, cê tá meio bobo, olhando o vazio!

é mesmo, é?

tava pensando no quê?

nada não, Lazineha

tô achando você esquisito...

é mesmo, é?

não tá doente, não? deixa ver, tá com febre, não?

essa roupa é nova, Lazinha?
gostou, bem?
cê não para de comprar, né, Lazinha?
e a gente precisa se distrair um pouco

Olhou para a mulher. Um dia foi gostosa. Foi sempre meio diminuída, mas sim, era muito gostosa. Agora tristonha, um pouco curvada, varicosa, meu Deus, coitadinha da Lazinha! Ficou desse jeito coitada!

E começou a chorar.

que foi, Heitor? que foi? tá doente, sim!
nada não, meu bem, é que você tá tão bonita...
e o vestido é lindo
sim, Lazinha, você também.

P.S.: Bom dia. Nada de ilusões, negão. Não sai pra nada.

(domingo, 27 de novembro de 1994)

COMO VOCÊ É MÁ! OU GORILA? ONDE? ONDE?

Se você quiser estuprar algumas donas neste verão e Carnaval, vista-se de índio, encomende colares-cocares aos caiapós e estupe quantas donas desejar, porque as leis brasileiras não consideram como prova material o esperma do índio, e mulher de índio é inimputável, então leve também sua amiguinha sadô, modelito Irecrã, para dar dentadas na escolhida. Seus amiguelhos vão adorar tão sóbrio exotismo e tão divertida façanha. O caso Paiacã/Irecrã é um exemplo das circenses e grotescas leis brasileiras e exemplo também da grossura jumentosa de alguns juízes.

Sugestão número dois: se você quer uma empregada para toda a tua vida, jamais se dirija a ela em tons suaves ou educados nem comece a frase pedindo por favor, nem ajude com extras pagando-lhe médico ou dentista, pois ela sempre vai achar que você é idiota e também vai gargalhar três horas atrás da porta se perceber que você tem a intenção de tratá-la como um ser humano. Nunca dê casa de graça, banho quente, luz, nem tenha pena dos filhinhos que aos cinco comem como estivadores, não faça isso, porque aí sim ela irá à Justiça Trabalhista, porque já viu que você é imbecil e sempre ganhará qualquer causa, ainda que tenha arreventado o bolso e o fiofó e entupido tua garganta de tremoços. Outra coisa: nunca dê bom dia. Ela pensa que você está gozando. Um grunhido ela entende.

Cuidado com aquelas velhinhas do Esquadrão Geriátrico de Extermínio. De início, só matavam políticos corruptos, agora continuam usando aquelas bengalas com estilete banhado em curare, mas resolveram ampliar o alvo em direção à humanidade inteira. Anões são os mais perseguidos. Ninguém sabe o porquê. Eu também não.

Têm aparecido bebês amestrados em vários pontos da cidade. Cuidado. Eles te imobilizam só com o bafo. Dizem, quando falam (mas só em inglês), que são guias turísticos do cosmo. Ninguém sabe o que isso vem a ser. Mas sempre te fodem.

Consta, segundo estatísticas francesas ou inglesas, que o livro *O suicídio: modo de usar* está na bilionésima edição, mas singularmente usado para matar

mãezinhas avaras e paizinhos truculentos-mãos-de-vaca. Cuidado! Façam depressinha doações em vida a seus filhinhos. Eles estão com pressa de comprar toda essa parafernália importada, o Natal tá aí, cuidado!

Cuidado também com aleijados.
São todos dissimulados
Escondendo algo...
Cuidado com gorilas
Se você defecar no mato...
Porque aí você vai ficar apaixonado
E ele nunca vai mandar carta
Nem telegrama, nem recado

P.S.: Chupa pau, né, menina?
Sim, senhor, dez real.

(domingo, 4 de dezembro de 1994)

ODE DESCONTÍNUA E REMOTA PARA FLAUTA E OBOÉ. DE ARIANA PARA DIONÍSIO. I E II.

I

É bom que seja assim, Dionísio, que não venhas,
Voz e vento apenas
Das coisas do lá fora

E sozinha supor
Que se estivesses dentro

Essa voz importante e esse vento
Das ramagens de fora

Eu jamais ouviria. Atento
Meu ouvido escutaria
O sumo do teu canto.
Que não venhas, Dionísio.
Porque é melhor sonhar tua rudeza
E sorver reconquista a cada noite
Pensando: amanhã, sim, virá.
E o tempo de amanhã será riqueza:
A cada noite, eu, Ariana, preparando
Aroma e corpo. E o verso a cada noite
Se fazendo de tua sábia ausência.

II

Porque tu sabes que é de poesia
Minha vida secreta. Tu sabes, Dionísio,

Que a teu lado te amando,
Antes de ser mulher sou inteira poeta.
E que o teu corpo existe porque o meu

Sempre existiu cantando. Meu corpo, Dionísio,
É que move o grande corpo teu

Ainda que tu me vejas extrema e suplicante
Quando amanhece e me dizes adeus. [\[40\]](#)

(domingo, 11 de dezembro de 1994)

ODE DESCONTÍNUA E REMOTA PARA FLAUTA E OBOÉ. DE
ARIANA PARA DIONÍSIO. III, IV E V.

III

A minha Casa é guardiã do meu corpo
E protetora de todas as minhas ardências.
E transmuta em palavra
Paixão e veemência

E minha boca se faz fonte de prata
Ainda que eu grite à Casa que só existo
Para sorver a água da tua boca.

A minha Casa, Dionísio, te lamenta
E manda que eu te pergunte assim de frente:
A uma mulher que canta ensolarada
E que é sonora, múltipla, argonauta
Por que recusas amor e permanência?

IV

Porque te amo
Deverias ao menos te deter
Um instante

Como as pessoas fazem
Quando veem a petúnia
Ou a chuva de granizo.

Porque te amo

Deveria a teus olhos parecer
Uma outra Ariana

Não essa que te louva

A cada verso
Mas outra

Reverso de sua própria placidez
Escudo e crueldade a cada gesto.

Porque te amo, Dionísio,
É que me faço assim tão simultânea

Madura, adolescente

E por isso talvez
Te aborreças de mim.

V

Quando Beatriz e Caiana te perguntarem, Dionísio,
Se me amas, podes dizer que não. Pouco me importa
Ser nada à tua volta, sombra, coisa esgarçada
No entendimento de tua mãe e irmã. A mim me importa,
Dionísio, o que dizes deitado, ao meu ouvido
E o que tu dizes nem pode ser cantado
Porque é palavra de luta e despudor.
E no meu verso se faria injúria

E no meu quarto se faz verbo de amor. [\[41\]](#)

(domingo, 18 de dezembro de 1994)

NOSSA! O QUE HÁ COM TEU PERU?

Espírito natalino é um saco preto, hordas de delinquentes, turbas de atoleimados te exigindo caras, posturas, o riso alvar, cestas, granas e tu mesmo basicamente arruinado, e criancelhas peidando adoidadas, escoiceando os ares, e mãezinhas num azáfama de um cair de tarde bordelesco, pra lá pra cá, e Jeshua entregue às traças, imagine o arrepio do Divino vendo o trotoar dos humanos, enchendo as panças, arrotando grosso, chupando os dentes, enchendo as latrinas, as mandíbulas sempre triturando, e o neném lá na manjedoura, entre a vaca e o jumento... Que pai é esse que manda o filho pra um planeta de bosta como é a Terra...? Se fosse um bom pai, o filho teria encarnado num corvo, a gente só ficaria olhando lá pro corvo nas alturas e dizendo: olha lá o divino, olha que lindo! E o divino com asas, só de nos ver de longe se escafederia, tem dó, pai, aquela gente não, por favor, pai, Abracadabra, pai, me transforma em fumaça, em rojão, em poeira, mas me afasta daqui, me afasta!

E aquele médico bonzinho que arrancou os olhos do Einstein morto e pôs no vidro e agora vai vendê-los por cinco milhões de dólares! Meu Deus, meu Deus, e o olho tristíssimo (porque viu muito e muito compreendeu) lá no vidro zoiando...

Sim, é verdade, eu tenho medo das gentes, pra dizer a verdade eu me cago de medo das gentes! O que eu tenho visto de pulhas, de máscaras atadas dia e noite sobre umas caras de pedra... O que eu tenho visto de mesquinharia, de crueldade, de torpeza, de estupidez... Que Natal? Que Natal? mudou o que depois do nascimento do bebê?

“Oia a veia de novo enfezada! E até sendo paga pra escrevê só mardade! E nós aqui no bem-bom comendo esses pardá, essas rola e esse gato gordo da vizinha! que que tem arrotá? e chupá dente num é bom? e pur que ela chama a gente de delinquente? que é horda, hem? e turba? E querê que o divino seja corvo, ó dotô, manda prendê essa muié, que eu até esqueci de fritá os ovo do menino Josué, também que que tem, é Natar e ele já tava morto! Bom dia! Bom almoço!

(domingo, 25 de dezembro de 1994)

VIROU É, BENZINHO?

Não se iluda, negão, o ano só virou na tua cabeça, é tudo abstração, tu não vai pra Aruba, não vai ficar milionário, não, logo mais vem a chata com os teus pimpolhos, te pedindo extranumerário, o mundo continua o mesmo, vai preparando o bicaço pra beijá o fiofó do demo, porque não há mais anjos aqui na Terra, só anjo caído e caído sem querer, outro dia ouvi a conversa de dois:

Flu-flu-ah: cruzes, Ain, a linha caiu na cloaca da Terra, desliga depressa senão emperra.

Ruriel-Ain: credo, Flu, fiquei inteiro no escuro, eu que sou luz sobre os caminhos tô todo preto e duro.

E outra coisa: não se queixe da vida, e muito menos da mulher. Você já devia ter adivinhado quem era ela quando, no restaurante, naquele primeiro almoço, ela pediu Joelho de Porco, e você fingiu que não ouviu, e até fez mais, sorriu, sorriu achando que era pura brincadeira, e era mesmo grossura — você tão fino com o teu filé de linguado e ela ali com o Joelhão no prato. E hoje ela só fala ô meu, pô, ô louco, ô droga, e você com Hart Crane na mão e aquela Urna toda.

E mais: o rabo dela caiu. Era uma ameixa rosada e hoje tá mais pra pera. E tu tá no escuro fingindo que já dormiu e ela largadona pentelhando: é ano-novo, amor, faz de novo!

E agora me lembrei: aquela amante que você tinha aos vinte e que tu largou porque alguém palpitou que ela era meio velhusca porque tinha trinta, continua linda plastificada fina e riquíssima e você em nome do rabo, que já virou pera, casou com a tua Isabelinha!

Quanto a mim, minha nove milímetros, de cabo de madrepérola e diamantes branquíssimos pequeninos, tá no prego, é pena, resolvia tudo um tiraço bem no meio da goela, a arma foi presente do meu primeiro namorado, eu aos vinte, linda e boboca como tu, ele aos quarenta e inteiro apaixonado... mas rompi, rompi porque inopinadamente “um deus dormiu lá em casa”, um deus de vinte, mas tão duro de situação quanto potente de ação...

E então estou aqui, sem numerário, meu arquivo no lixo, o reitor “nem te ligo”, eu em guerra comigo mesma, o IPTU me hipotecando a terra, e pior do que tu:

ninguém para me pedir “é ano-novo amor, faz de novo”!

O ano virou, é? Só se foi do avesso, negão, para nos mostrar o ilusório de todos os começos.

(domingo, 1º de janeiro de 1995)

O ESPAÇO-LUZ DE GISELA GUIMARÃES

Na arte, como em outras manifestações da criação do homem, é difícil renovar e ser compreendido. Com Gisela aconteceu o raro: seu trabalho tem um público entusiasta e amoroso. A última exposição que fez levou, durante dois meses, novecentos e oitenta pagantes por dia ao Museu da República. O público normal não chega a um vigésimo disso. Desta vez pude ver e compreender o porquê. Ela acaba de terminar o espaço do Museu do Folclore Edson Carneiro, no Rio. Antes, me falava do espaço enquanto meio, enquanto linguagem, e eu sabia mais ou menos pelas fotos do seu trabalho o que ela queria dizer. Outra coisa foi estar envolvida por esse espaço, me sentir pertencendo e ao mesmo tempo em encantamento. Já à entrada, duas elipsoides te abraçam e te convidam. Dentro delas, as múltiplas etnias que compõem o povo brasileiro, não só negros, índios e portugueses, mas japoneses, alemães, poloneses, ucranianos, todos enlaçando um pequeno ovo vindo do Paraná e transformado em joia por esse dom de Gisela que faz o espaço falar. Mas tudo é nada quando se chega à sala da religiosidade. Procissões de santos, nenhum escrúpulo em fazer lado a lado caminharem são Francisco e Omolu, uma passarela de flores como nas procissões de *Corpus Christi* e, atrás dessa passarela, uma pintura com a Igreja da Glória no seu passado e, sobre ela, um são Jorge de botequim. Sob uma escada, ex-votos pendurados: todo o clima dos milagres e nada copiado, tudo reinventado nesse espaço que é nossa realidade religiosa. A liberdade de misturar obra de arte popular a peças de indústria, uma Nossa Senhora de Aparecida de rodoviária na sua glória de quem é consumida por quem de direito. Deslumbramento foi o que senti. E na saída, no livro de presença, todos assinando, comentando, os olhos úmidos, a alegria e a emoção de compreender. Tenho a honra de conhecer Gisela Magalhães desde menina. Foi sempre minha maior amiga. A ela dediquei minha novela *Matamoros*: à Gisela Magalhães, irmã de toda a vida, irmã da mesma perplexidade. Hoje, o país inteiro, irmanado e perplexo, compartilha a minha desde sempre emoção diante dela.

(domingo, 8 de janeiro de 1995)

IHHHHH! ELA TÁ MAL

Tirei do prego aquela minha nove milímetros de cabo de madrepérola e diamantes branquíssimos, pequeninos. Um leitor me telefonou, perguntou quanto era, mandou. Ele também anda cheio de problemas, só que são aqueles, os da paixão, e combinou comigo o seguinte: se “ela” não voltar, ele se mata; se eu não resolver meu problema do IPTU, quero dizer, se não me comprarem algum pedaço de terra, ou meus dentes de ouro, meus fantásticos sisos, ou meu esqueleto, ou meu pé esquerdo, ou meu menisco, dou aquele tiraço, luz e aço nos meus preclaros traços de poeta. Tudo isso no dia 21 de abril, dia do meu aniversário, e da fundação de Brasília e da descoberta do Brasil, e da morte de Tancredo. Explico o porquê do dia 21: Caio Fernando Abreu escreveu que quem morre no dia do aniversário, conjunção sol com sol, queima todo o karma e fica limpinho, limpinho por toda a eternidade. Caio é totalmente contra o suicídio, tem que ser morte natural, mas lendo *A arte de morrer*, textos do padre Antônio Vieira compilados por Alcir Pécora, livro belíssimo, resolvi repensar. “Nóis semo pó”, eu ouvia desde piquinininha quando frequentava os botecos da vida, quero dizer, desde mocinha, quando frequentava a Faculdade de Direito do largo São Francisco e havia uns botequins bem em frente, mas “nóis semo pó” dito pelo Vieira é mesmo ouro em pó. Ando com medo de tudo, desde Parkinson, lepra, tumor na cabeça, aquele que mata ventando, boca torta e tudo, que não sei se vai dar pra esperar a velha louca chegar. E ficou claro para mim, segundo Vieira, que o mais perfeito é estar morto. O padre era um sábio, um erudito, e Alcir Pécora, além de gênio, é um moço bonito. Não fica triste, viu, Alcir; porque eu mesma já escrevi: o corpo é tão mais vivo quando morto! Aquelas borboletas todas! Aquele vívido alvoroço!

Agora tô toda ligadona com as lhamas, olhem só o que o Eduardo Galeano nos diz das ditas-cujas: “As lhamas... o único animal que o homem não consegue envilecer. As suaves lhamas são mais ágeis que as mulas e sobem mais alto. Resistem ao frio, às fadigas e cargas pesadas. Em troca de nada, oferecem ao índio das montanhas transporte, leite, carne e as sedas limpas e brilhantes que cobrem seus corpos. Mas jamais se deixam amarrar nem maltratar; nem aceitam

ordens. Se alguém bate nelas, as insulta ou ameaça, as lhamas se atiram no chão: erguido o longo pescoço, viram para o céu os olhos, os mais belos olhos da criação, e suavemente morrem.”

Megalômana que sou, ressentida que estou, me sinto lhama. Lama também. E não me venham com aquilo de “cultivar o alto-astral”, porque tá cheio de mendigo embaixo da ponte e há décadas pensando positivo!

Chiiii!, ela tá mal!

Outra coisa: dia 21 também é dia de Tiradentes. Mas gente, força é demais. E eu nunca encontrei uma corda nesses matagais!

(domingo, 15 de janeiro de 1995)

MISTÉRIOS...

Descubro textos de uma mulher-poeta que viveu em Pola, na Iugoslávia, em 1908. Lá também viveram algum tempo James Joyce e Nora Barnacle, muito jovens, em 1904. A mulher-poeta chamava-se Giusta Santini. E imaginem só o que ela escrevia em 1908:

Mulheres têm medo de cobras
de lagartas, baratas
mas não têm medo daquilo
que lá no fundo lhes toca.
Mulheres podem ser negras
ou pé de milho ou cegas
mas reverberam com aquilo
(se são velhas)
e se são moças gostam de espigas
negras
ao invés de batatas nas suas bocas.

Fiquei pasma! Imaginem, 1908! Tão livre e tão deliciosamente libertina! Joyce dizia que Pola era um lugar “esquecido por Deus”! É porque não conheceu Giusta Santini. Será mesmo que não? Joyce e Nora eram paupérrimos em Pola. Consta que ele tinha um único terno e ela, um único vestido. O quarto onde moravam era mínimo, ele escrevia sentado na cama e os dois tiritavam de frio. Giusta Santini nos diz no seu diário que foi comer pudim certa noite na casa de um tal Jim. Sabemos que Nora Barnacle, com toda aquela pobreza, às vezes convidava amigos para comer pudins ingleses. Outro incrível poemeto de Giusta:

Os homens podem ser magros
e ter um terno só.
Ainda assim nos olham
tórridos em seus guarda-pós.

Estranho, não? Não seria Joyce esse magro de olhar tórrido? E de um terno só? Se alguém tiver notícias de Giusta Santini, escreva-me. Consta que antes de morrer, quero dizer, na hora da morte, disse ao irmão Giulio, ao seu lado:

Morrer é rir, Giulio,
e a morte é pequenina
e tem olhinhos duros.

Estranho, não? E agora, um mimo de Alcir Pécora:

Sorry, periferia!
Eu, sim, que tantos nada tenho sido
Domingo fui aquele de quem Hilda
Disse que além de gênio era bonito.

Genialidade confirmada com seu *Teatro do Sacramento*. Perfeição assim só Chesterton e Jim e Brasil Fontes, Joaquim.

(domingo, 22 de janeiro de 1995)

ESCRITOR? FORA! FORA!

Leio notícias surpreendentes:

Que o nosso presidente está constrangido porque dobraram o salário dele e ele não pode dar cem pratas para o salário mínimo... coitaaaado!

Que o delicioso Romário vai receber milhões de dólares por um novo contrato. E eu então quero saber a opinião de vocês: será que se eu vendesse os direitos autorais de todos os meus escritos, depois da morte também, tudo tudo, montanhas de papéis (quarenta anos de trabalho) para algum bom de bola de sucesso limpar o rabinó para o resto da vida, ia dar certo? Meu medo é porque os meus papéis não são aquele papel-bíblia (a transação ficaria mais fácil com esse papel fininho...), é aquele papel comum, e aí não haveria vantagem pra ninguém comprar, porque existe o adequado nos mercados. Fico sem saber o que fazer, mandem sugestões.

Ai! É um horror isso de ter tanto prestígio e todo o teu texto não valer nem o excremento nem o mijo de algum sedutor de massas, nem o peido de um cantor! Quando o lá do Alto tiver outro espasmo de invencionice na feitura de um novo homem, atenção, Cara Escura: que seja sem cabeça, um acéfalo prodigioso de pés, grunhindo sempre, ou pode ter até uma enorme cabeçorra, sem esquecer a guitarra.

Voltemos a Giusta Santini. Descubro uma hipotética carta “a um desconhecido”:

Pernalta, peralta, pernilongo, olhar azul-prata, tuas palavras são de névoa e ágata, dizes “abismors”, de fundura e treva e adoras desfalecer sobre a anca e nácar das mulheres. Dizes:

Desfaleço se te penso.

Meu olhar conspícuo e tenso

Se abruma se não te vejo.

Ama-me, giusta.

A palavra “desfaleço” era amada por Joyce, mas “giusta” aqui não é nome próprio, quer dizer apenas: ama-me, porque é justo amar. Agora, se o texto lá de cima é para Joyce, é bastante adequado. Chamar Joyce de peralta é conhecer muito bem o texto joyciano, peraltices da língua, de conduta, espertices, vejamos: “(...) eu deveria ser sustentado pelo Estado, porque sou capaz de aproveitar a vida. Quanto a escrever, posso aproveitar meus momentos sóbrios corrigindo erros gramaticais dos mais iletrados entre os gênios toscos.”

Ahhh! Eu também queria ser sustentada de novo por alguém! Quando jovem o fui por muitos, ah, que delícia que era! Mas quando resolvi ser mesmo uma grande escritora *pour cause* ser quase donzela, e também porque não dava mais tempo, tudo acabou. A turba gritava: fora! fora!

E para vosso domingo, uma linda frase de Camus: “Só os ricos podem reencontrar o tempo perdido! Para os pobres, o tempo marca apenas os vagos vestígios da morte.”

(domingo, 29 de janeiro de 1995)

QUIMERAS

Jamais se esqueçam da frase de Simón Bolívar para toda a América Latina: “Nunca seremos afortunados, nunca!” E só bobo é quem acredita em empréstimos de vinte ou cinquenta bilhões sem sangrar o fiofó da nação que aceita um óbolo tão generoso. E só bobo ou bisca adjetiva de “generoso” aquele que empresta isso a um povo...

O que há de canalhice, rapacidade, sigilo e seita nas áreas econômico-políticas é tão emerdado e vasto, tão tenebroso e podre, que só o pode suportar o estômago dos bodes. E o mundo está caindo de bodes! Turvos dissimulados, de início paradões e meio escondidos nos cantos, depois a toda numa corrida em direção à tua fonte de vida, teu sul-americano coração.

Mas eu não vou falar disso não, porque aí vem a verborragia (não confundir com blenorragia) dos endomingados, dos pulhas também, vêm peruonas, com cabelos espetados, as bocas sangrando de cerejas importadas, vem toda a turba do “tá tudo bem!”. E esta modesta articulista anda velhíssima para suportar bate-bocas, pois tem dois mil anos de alma e duzentos de corpo, e anda encantada com Giusta Santini e suas cartas de amor para aquele desconhecido, aquele Jim caviloso.

“A minha vida é agora de ninguém porque não mais em mim o percurso do teu passo, só quando estás é que os espaços se iluminam, só da tua boca é que saem palavras viçosas e também ladinas e também pesadas, mas todas de um laranja licoroso, um que só viceja no dorso e na anca de um deus. Sim, sei que na velhice hei de rir sozinha dessa minha alma de agora, vestida à colombina, mas não sei se vou rir de mim mesma, ali na plataforma da estação, vendo sumir o trem, aquele vagaroso que te levou daqui para uns longes que nem sei.

Ama-me

Meu nome é Poeira.

Não sou justa nem santa

E amo como se não existisses!

Perfeito, claro, indômito

No escuro paraíso do meu peito.

Mas como disse aquele ilustre alguém:
“shadow and sunlight are the same”

(domingo, 5 de fevereiro de 1995)

CADÊ O BISPO?

Aquele meu amigo genial, Alcir Pécora, que escreveu *Teatro do Sacramento*, descobriu no Centro de Documentação o terceiro volume do diário de Giusta Santini e me telefonou, encantado com as anotações de Giusta logo após aquele artigo no *Giornaletto de Pola* que transcrevi no domingo passado.

Diálogo entre dom Petrus (bispo local) e Giusta Santini:

Dom Petrus: Tem sido deletéria a influência de seus artigos na consciência da comunidade.

Giusta: Por quê, dom Petrus?

Dom Petrus: Porque não é lícito nomear partes pudendas a quem sequer sabe manuseá-las.

Giusta: Como disse, dom Petrus?!

Dom Petrus: Que é preciso saber usar o instrumento antes de lhe saber o nome.

Giusta: Pois não, dom Petrus, o nome.

Dom Petrus: Enxada, por exemplo, senhora Giusta, antes de lhe saber o nome o homem já sabe de sua serventia.

Giusta: ... enxada, é, dom Petrus?! Ah, sim!

Dom Petrus: Compreendeu?

Giusta: Dom Petrus, se o “crescei e multiplicai-vos” continua sendo, penso que sabem usar o instrumento...

Dom Petrus: Engano seu, senhora Giusta, saber usar é deleitar-se e merecer.

Giusta respondeu:

Se amor é merecimento
tenho servido a Deus mui a contento

Consta que dom Petrus convidou Giusta no dia 14 de julho de 1920 para tomar um chá na sua “sala negra”, e havia ali um belíssimo samovar; nêspas e um triclinio persa de cor púrpura... E que os dois comemoraram o centésimo

trigésimo primeiro aniversário da Revolução Francesa cometendo mútuas crueldades, e dom Petrus ainda lhe sussurrou: aquele sr. Guillotin, aquele, sim, soube usar o instrumento...

Abstrações à parte, deduzimos que Giusta e dom Petrus gozaram de uma belíssima tarde.

Aí digo a Alcir: Tu não achas que ela era ficcionista?

Alcir: Certamente, minha cara, e uma grande humorista.

E, agora, para vosso deleite dominical, eu, Hilda Hilst, sem dom Petrus e triste:

É meu este poema ou é de outra?
Sou eu esta mulher que anda comigo
E renova a minha fala e ao meu ouvido
Se não fala de amor, logo se cala?

Sou eu que a mim mesma me persigo
Ou é a mulher e a rosa que escondidas
(Para que seja eterno o meu castigo)

Lançam vozes na noite tão ouvidas?
Não sei. De quase tudo não sei nada.
O anjo que impulsiona o meu poema
Não sabe da minha vida descuidada.

A mulher não sou eu. E perturbada
A rosa em seu destino, eu a persigo
Em direção aos remos que inventei.

(domingo, 19 de fevereiro de 1995)

YES, NÓS TEMOS BANANAS

Gente... que coisa! o cara colocando a camisinha na banana! E que música mais chinfrim! Não acredito que nestes nossos tempos epidêmicos de Aids e Ebola nenhum comunicador tenha encontrado uma fórmula sóbria e eficaz para alertar o povão sobre o perigo das relações sexuais sem o uso de preservativos! Vocês acham que lá nos cafundós (que é o Brasil inteiro) seo Mané vai entender o que estão querendo dizer em meio àquela suarenta de traseiros e tetas, e todos rebolando frenéticos num frenesi dementado e patético? O que vai acontecer com essa estória de banana é o seguinte:

ô seo Mané, já comprô as bananas pras camisinhas?

já, seu Jucão.

põe no cacho inteiro, viu? assim a gente pode metê pra valê.

Sorry, mas não dá pra “maneizar” nesses assuntos, é vida ou morte, meus caros. Se vocês querem o texto bizantino é melhor transcrever Lacan ou Wittgenstein, ou os doutores em semântica semiótica linguística epistemologia, esses, sim, discursam sobre o subjacente inacessível, um código que só eles entendem. E ainda dizem que eu é que sou uma tábua etrusca! Eu que sou até “simpres”, meu Deus!

Outra coisa: não pensem que o perigo do sexo oral é aquilo de não falar de boca cheia. Cuidado, moçoilas! Consultem seus dentistas no Carnaval! Sei que o Brasil está mais é de boca vazia, sem dentes e sem rango, mas avisar é sempre “mais-valia”, principalmente se vocês, moçoilos ou moçoilas, são daqueles que costumam pôr o linguão na glote ou no palato dos parceiros! Palato é céu da boca, viu? Não é palavrão. E muito cuidado também com suor junto com arranhões e pequenas escoriações. Vocês não leram sobre o caso da juíza que pegou leptospirose só manuseando manuscritos? Então, benzinho, imagina só um tato (não um rato), um tato de mão cheia (que quer dizer se alguém mete a mão) nos teus baixios, e esse alguém é alguém que tu nem conhecias...

Atenção: “O sexo é do corpo e o corpo é da morte.” (Isso é Brown).

Norman, acho que será conveniente ficarmos em casa esses três dias...
por quê, *darling*?
lê essa crônica aqui
já li. indubitavelmente, *chère amie*.

(domingo, 26 de fevereiro de 1995)

MORREU?!?!!!

Minha amiga Baby tem complexo de culpa em relação a empregados. Ontem ela se esqueceu de grunhir e perguntou pra Zefona: dormiu bem, minha linda? Zefona fechou a carranca o dia inteiro. Baby me ligou aos prantos: eu gosto tanto dela, coitada, queria tanto que ela entendesse que eu gosto dela!

Eu: Baby, por que você não põe a Zefona pra morar na árvore, dá-lhe um par de bananas a cada dia, e toda vez que você for falar com ela solte um traque. Ela vai adorar!

Baby: ai, Hildinha, como você é horrível!

Aí repito pela centésima vez a estória da Candinha:

Candinha era uma santa com os empregados, mas todos eles morriam de rir com a extrema generosidade dela, fantástica, delicadíssima, inteira bondade. Foi tão explorada, tão ridicularizada, tão roubada que virou uma fera aos cinquenta. Aí ela chegava na fazenda e dizia: o gado já chegou? O gado não era o gado, não, eram os empregados. Eu visitava Candinha muitas vezes quando ela passava alguns meses lá, e a primeira vez que ouvi a frase fiquei constrangida, mas logo compreendi perplexa que os empregados adoravam-na. Mistério? Não sei. Vejamos: todos tinham sido colonos da mãe de Candinha, nasceram e se criaram no campo, os filhos eram iguais aos pais, idênticos, aliás. Neste momento, quero transcrever um trecho do gênio Ernest Becker: “(...) a mentalidade camponesa é bem menos romântica do que Montaigne quis fazer-nos crer. A serenidade do camponês está intimamente ligada a um estilo de vida que tem elementos de loucura real, e por isso o protege: uma corrente submersa de ódio e amargura constantes, expressa em inimizades tradicionais, opressões, disputas e brigas familiares, mentalidade tacanha, autorreprovação, superstição, controle obsessivo do cotidiano por um autoritarismo rigoroso, e assim por diante. O título de um ensaio de Joseph Loreato é: ‘Até que ponto você gostaria de ser um camponês?’”

Baby levou uma paulada da Zefona, na cabeça, porque à tardinha insistiu: tá trstinha, minha nega?

Fui visitar Baby na Clínica.

Baby: a Zefona tá preocupada?

eu: tá nada, tá contentíssima.

Baby: como assim?

eu: mandei dar uma surra nela e ela tá morando na árvore, pulando de galho em galho, sofreu um processo de individuação.

Baby: não fala isso, coitada...

eu: ela diz que me adora, que quer demais ser minha empregada... que você trata ela bem demais, e quem faz isso é porque quer que o outro seja escravo...

Baby: meu deus!!!

eu: Baby, deus tá no triclinio de ouro, recostadão, grunhindo com a gente o tempo inteiro, não tá ouvindo, não?

Baby: meu deus!!!

Aí enfureci, e antes de bater a porta mandei Baby tomar na “tunda”.

Deus também se enfureceu, e hoje manhãzinha Baby morreu.

Moral de estória: fica entre os teus

Comentários: reaçã, não?

— nem diga

— eu sempre suspeitei que ela é uma bisca

(domingo, 5 de março de 1995)

SOLIDÃO? NÃO. SOZINHEZ.

As notícias do mundo inteiro, e no país também, são tão ameaçadoras, tão à beira de alguma coisa alarmante (bolsas despencando, bancos falindo, políticos metidos em assustadoras falcatruas, crimes medonhos, esquadrões da morte a cada dia mais organizados, execuções sumárias, terrorismo, sequestros, estupros, mulheres — uma a cada minuto — entre quinze e vinte e quatro anos contaminadas pela Aids, doenças horrorosas e novíssimas, lepras fulminantes etc. etc. etc.), que acho mais adequado e sábio dar seguimento à estória da Zefona.

Pois bem, Zefona transformou-se mesmo numa mona, não fala mais, só come bananas, dá saltos quase mortais, guincha, e com gestos meticulosos nos deu a entender (a mim e ao irmão de Baby) que exige as camisinhas nas bananas porque assim ela não precisa tirar a casca quando vai comer (!!!). Naturalmente são lembranças confusas daquelas imagens do Carnaval, aquela didática simiesca.

O irmão de Baby, que herdou a casa, diz que não vai morar lá nem que a vaca tussa se a Zefona continuar na árvore. Chamamos amigos psicólogos, psiquiatras também, e há três dias eles estão ali anotando todo o comportamento da Zefona. Chegaram à conclusão: foi o mais rápido processo de “individuação” (eles chamam de “ipseidade”) jamais visto. E também comentam entusiasmados que o atávico em Zefona manifestou-se soberbo. Mas ficou sendo uma maçada tudo isso, porque turbas gargalhantes vêm visitá-la, ela faz gestos truculentos e se coça inteira, espalhando piolhos nos que estão lá embaixo.

Agora lembrei-me de Rimbaud, que fazia isso mesmo, atirava piolhos nos passantes e urinava nos copos dos coleguinhas (Verlaine dentre eles) de bar. Ah, mas Rimbaud escreveu aquilo aos dezenove e tudo lhe foi perdoado.

Ah, se tudo me fosse perdoado, que eu não atirei piolhos em ninguém, muito menos urinei em copos alheios (o que seria difícilimo, aliás...), eu, que escrevi tão bem quanto aquele, e agora Baby de mim, morri. A velhice traz sonhos malditos: desesperança, medo, sozinhez. Como se você fosse uma única vaca

num pasto alagado e infinito. As vacas me comovem. Vacas e poetas se parecem: dão tudo e tudo perdem.

Eis Jorge de Lima, poeta tão maravilha, e a vaca imortalizada na poesia:

A garupa da vaca era palustre e bela,
uma penugem havia em seu queixo formoso;
e na fronte lunada onde ardia uma estrela
pairava um pensamento em constante repouso.
Esta imagem da vaca, a mais pura e singela
que do fundo do sonho eu às vezes esposo
e confunde-se à noite a outra imagem daquela
que ama me amamentou e jaz no último repouso.

A poesia continua, mas eu estou com os olhos úmidos e só quero gritar:
Mãeeeeeeee! Socorro!!!

(domingo, 12 de março de 1995)

RECEITA

Se você quiser se “livrar definitivamente” de um “amigo”, torça para que ele seja nomeado ministro ou pró ou reitor, ou seja eleito vereador prefeito deputado senador, ou secretário de alguém “importante” e pode ter certeza que NUNCA MAIS você vai encontrá-lo. Minha amiga Baby, falecida (lembra-se?), tinha alguns amigos, mas num determinado momento todos foram eleitos ou nomeados alguma coisa. Baby nunca mais conseguiu falar com nenhum deles. Estavam sempre em reunião (meu deus, como eles se reúnem, devem ficar tecendo mornos, vazios e talvez verborrágicos traçados todo o tempo!). As secretárias dos ditos cujos são escolhidas a dedo, ou são sequíssimas, gélidas, ou com aquela fala pastosa, fingidona, “pois não, minha senhora, qual é mesmo seu nome? pode soletrar?” Isso elas falam sempre, ainda que você se chame Maria. Comigo é horrível. Dizem: o quê?! Agá o quê? H ist é? Hirt? Aí soletro. Elas respondem: é só isso, hilda hist? aí desisto e digo: é só isso sim, só consegui esse nome curtinho.

Você pode estar em coma psicológica ou em coma mesmo, ou pode estar sendo hipotecada ou sendo assassinada pelo vendeiro da esquina, mas eles “os amigos” estarão sempre em reunião, e JAMAIS te darão retorno. Escritor então, eles têm nojo. Nunca são atendidos. Só se for um Paulo Coelho, um best-seller. O sr. James Joyce foi considerado louco e pornográfico quando lançou *Ulisses*. O sr. Franz Kafka morreu totalmente obscuro. O sr. Manoel Maria Barbosa Du Bocage morreu na miséria, ele que foi um Poeta Maior, Mestre da língua, e a caterva só o conhece como “chulo” e “menor”! Seus amigos vice-reis deviam estar todos em reunião, ou recebendo japoneses. Agora está na moda só receber japoneses. Por que será, não? Bem, então estão todos em reunião ou “depenando o sabiá”, que é uma forma de estar em união consigo mesmo. Ah, sim, talvez se você for alguém de algum renome, um nome que dê algum Ibope quando você estiver morto, talvez irão ao seu enterro.

Ah...!!! como a Baby tentou falar com um desses alguéns quando pintou pra coitada da minha amiga hipotecas, leilões das terras, iptus urbanos etc... e toda depressão de não ter um vintém... Nunca mais, Nunca mais, ela ficava repetindo

como o corvo do Poe. Até que um dia ela se recuperou e foi ao escritório ou ao gabinete de cada um deles e toda desganhada e destemida abria a porta e gritava pro fulano: Coda-

-se, viu fulano? Coda-se! A Baby era muito fina e não se permitia usar o F. Apesar de todo mundo coder ou cornicar. Coitada da Baby, está livre de todos os problemas agora. Está morta.

Agora, mudando um pouco de assunto. Ou não? A Editora Brasiliense me mandou dois (2) reais e trinta e três centavos (33) de “direitos autorais”. Fiquei perplexa com a correção da editora. Devem ter tido o maior prejuízo comigo, que corretos! Só de selo o office-boy gastaram mais que isso! Por isso estou mandando dez de óbulo para a dita cuja. Eu devo ser mesmo um lixo, e pornógrafa, e louca, e chula, e menor, e certamente morrerei obscura neste País de bolas e tretas, de cartolas. Boa missa.

(domingo, 26 de março de 1995)

BIZARRA, NÃO?

Aí é assim: você resolve escrever, de verdade, faz toda uma opção de vida de caráter definitivo, rejeita frivolidades, vai morar no mato, sim, porque antes era mata, gado, pastagem, há pouco é que virou “zona de expansão urbana” e com aquele IPTU que te aniquila, bem, mas continuando, você se entrega totalmente a essa absurda tarefa de escrever num país com milhões e milhões de analfabetos (sim, a opção foi sua, foda-se), os vietnamitas, por exemplo, tinham a maior paixão pela literatura, e segundo a biografia de Marguerite Duras eram cultos, refinados e ficavam escravos dos franceses (isso lá pelos idos de 1930), os brancos eram os reis do Vietnã, eram os patrões, a elite, e os vietnamitas eram os párias, esfarrapados, miseráveis, sim, mas já estou tentada a enveredar pelos caminhos daquela cólera sagrada, silêncio, calma, Hilda! Então continuando, aí, depois de trinta anos você consegue lá algum renome, aí as pessoas praticamente suplicam para te conhecer, você fica a princípio acanhada, receosa, depois fica encantada, nossa! não é mesmo que me querem bem? Aí eles vêm, os supostos amantes do teu trabalho, e você se delicia, conta aos poucos teus medos, que você também é de carne e osso, que muitas vezes chora muito, horrorizada com toda a crueldade da Terra, aí você alguns dias se descabela, fica bêbada, sim, queridos, porque um escritor, se é muito bom escritor, tem mesmo que beber, porque (é bom ser didática) se ele é muito bom, ele sente muito diferente do açougueiro da esquina, do príncipe boboca também, ele, esse bom escritor, sente fundo e dilatado, sofre de compaixão e impotência, vê todos os canalhas do planeta cometendo atrocidades, conhece todos os métodos do Poder para aniquilar esperanças, métodos os mais ignóbeis (agora me lembrei de um cara que tinha um irmão que se chamava Nobel, eu disse: foi em homenagem ao Nobel do prêmio Nobel? Ele respondeu: não, mamãe achou a palavra “ignóbil”, e o apelido dele ficou Nobel quando a mãe soube o significado da palavra). Continuando: aí o escritor que se pensava amado fica íntimo daqueles que amavam o texto dele, e então só faltam cuspir nele quando ele se descabela, bebe, chora, arrota, quando ele se mostra derrotado diante das grandes perguntas, perplexo diante do mistério da vida e da morte, diante da maldade, do simiesco

fútil da maior parte da humanidade. Então, os amiguelhos que te amavam, a essa altura já te acham um lixo e dizem pros outros que ainda te amam: é, vai conviver com o gênio e aí você vai ver como ele é. “Bizarro?” “Põe bizarro nisso, bicho!” E como é que vocês queriam que fosse esse que escreve coisas geniais? Certinho, arrumadinho, abstinência, fino, dissimulado, pactuando com elegância com todos os ignóbeis donos da miséria e do Poder?

P.S.: Consta que Shakespeare era “normal” (!!!).

(domingo, 2 de abril de 1995)

RECEITAS À LA JONATHAN SWIFT. PARA PATROAS.

Ajoelha-te diante da tua empregada e chupa-lhe o dedão do pé se ela ameaçar sair. Uma coisa que as comove é joelho de porco. Você pode comprar três a cada dia e ir comendo o teu peru defumado. Jamais grite com ela se depois de você ter pedido mil vezes pra “limpar a geladeira por favor” ela não o fizer. Limpe você mesma. É chato limpar geladeira. E só por isso ela pode ir embora. Deixe principalmente que o amante dela durma com ela. Aí você não vai precisar dessa maçada de ter de matar-se porque ele há de fazer o serviço. Se você sofrer um enfarto, peça sussurrando uma ambulância. Não se afobe, não se descabele, não grite, ela pode ficar ofendida e ir embora na hora e aí você morre mesmo. Se ela acabar com todos os teus “marrons-glacê”, não se descabele, apenas sorria e compre outros com cuidado de comê-los escondida no banheiro, mas isso sem que ela perceba.

Cuidado! Se ela aparecer com seu filhinho aguenta firme os ranhos, as mãozinhas imundas no teu vestido Saint Laurent. Compre um novo e mande fazer babadores com esse que o nenê sujou. Ou jogue no lixo, afinal Saint Laurent não pode ser assim tão caro. Se ela tiver tendências lésbicas, aguenta firme. Será uma experiência nova para você que é mulher e pode até virar um bom negócio porque aí ela pode ficar pra sempre. (Será? Tenho minhas dúvidas.) Mas nunca dê aquele grito: o quê?!?!?! lésbica?!?!?! Se ela não for lésbica e começar a cantar o teu marido, liberte-se dos preconceitos.

Os maridos adoram criadas, ficam sempre pelos cantos chupando-lhes a teta. Você pode até levar-lhes um cafezinho no canto enquanto você “namora” o mordomo.

Há mordomos perfeitos na “arte de servir”. E você vai ficar sossegada e feliz de ter alguém “limpinha” para satisfazer filhos e maridos. Assim você descansa um pouco e também tem sempre tempo para “variar”.

Nunca faça escândalos se encontrá-la pondo a mão no fiofó e depois o mesmo dedo na manteiga. Ela vai ficar acanhada de ter sido vista e vai embora na hora e aí você... tem de fazer tudo sozinha. Já pensou que maçada!? E agora a melhor receita: largue tudo, compre um trailer e vá morar na praia. Com o mordomo, talvez. Se puder, vá só com o teu cachorro. E agora, um genuíno preceito de Jonathan Swift:

“Quando o senhor ou a senhora chamarem o criado pelo nome e ele não estiver presente, que ninguém responda, pois de outro modo não se acabarão os trabalhos e os próprios amos admitem ser suficiente que um servidor acorra, mal seja chamado.

Se tiverem cometido qualquer falta, mostrem-se sempre descarados e insolentes e procedam como se vossemecês é que tivessem razão; isto acalmará imediatamente, o senhor ou a senhora.

Se virem um colega prejudicar seu amo, ponham o maior cuidado em o encobrir, para não serem tidos como mexeriqueiros; no entanto, há uma exceção, no caso de um criado favorito, justamente detestado por todo o pessoal; nessa circunstância, será de maior prudência atirar para cima dele todas as culpas”.

P.S. Jonathan Swift (1665-1745). Se quiser mais dados, informe-se.

(domingo, 9 de abril de 1995)

AI, JOÃO, QUE SAUDADE!

Aos oito anos, no Colégio Santa Marcelina, eu chorava demais com a estória de Jesus crucificado, nunca entendia isso do Pai ter mandado o Filho pra morrer na cruz e nos salvar. Eu pensava, credo, que pai! e depois pedia desculpas por não entender. Hoje, velha, também não entendo nem acredito nisso. Como é que um Pai, ainda que seja um deus, pode mandar um filho pra morrer na cruz? Deve ser tudo metafórico, deve ser um grande engano! A espécie humana é que é totalmente louca! E ainda para nos salvar! Nunca estivemos a salvo nem nunca estaremos a salvo de nós mesmos! Chorava também com a estória dos porcos e dos demônios de Gerasa. Eu dizia pra freira: coitados dos porcos, irmã, por que Jesus não mandou os demônios embora? E a estória das cabras? Jesus disse: afastai-vos de mim, ó amaldiçoadas, e lançai-vos ao fogo eterno, mas, irmã, por que Ele trata assim as cabras, coitadas das cabras! E o fogo eterno deve ser horrível, Ele não pode ter falado isso! A freira assustava-se com meu choro, porque eu ficava até com febre de tanta pena dos bichos. Mais tarde, mulher, li Bertrand Russel e fiquei feliz de encontrar alguém que também se espantava com todas essas estórias. A coitada da figueira que foi amaldiçoada por Jesus e secou na hora porque não tinha frutos! Russell diz: “(...) esta é uma estória muito curiosa, pois aquela não era a estação dos figos, e realmente não se podia censurar a árvore.” E tudo isso do fogo eterno é de uma crueldade sem nome! Como é que um deus, onipotente, onisciente e portanto sabedor de todas as sequelas que adviriam dessa ideia de criar a espécie humana, pôde criá-la? E aquilo tudo, “aquilo” quando se pergunta “de onde vem o mal”... A resposta é sempre uma grande cagada metafísica. Gente! Por favor, é melhor tentar começar tudo de novo! E, Jesus, um ser especialíssimo, não teria dito nem feito essas bobagens que ficam nos repetindo para nos assustar. E aquele deus do Velho Testamento, aquele deus apavorante sempre aparecendo de inopino no meio das nuvens e do fogo, a voz tonitruante, nós, crianças, sempre sonhávamos com Ele atrás da gente, velhusco, barbudão com a bódurna ou tacape ou enfim com algum pau na mão!!! Eu morro de medo de deuses, menos de um chamado

João e que só ia dormir lá em casa vezenuando, quando eu era moça e linda e por isso deusa também.

E que tal pensar um pouco? Eis aqui um bom trecho de Bertrand Russell:

“Achais, acaso, que, se vos fossem concedidas onipotência e onisciência, além de milhões de anos para que pudéssemos aperfeiçoar o vosso mundo, não teríeis podido produzir nada melhor do que a Ku Klux Klan ou os facistas? Ademais, se aceitais as leis ordinárias da ciência, tereis de supor que não só a vida humana como a vida em geral neste planeta se extinguirão em seu devido curso: isso constitui uma fase da decadência do sistema solar. Em certa fase de decadência, teremos a espécie de condições de temperatura etc. adequadas ao protoplasma, e haverá vida, durante breve tempo, na vida do sistema solar. Podeis ver na Lua a espécie de coisa a que a Terra tende: algo morto, frio e inanimado.

“Dizem-me que tal opinião é depressiva e, às vezes, há pessoas que nos confessam que, se acreditassem nisso, não poderiam continuar vivendo. Não acrediteis nisso, pois que não passa de uma tolice. Na verdade, ninguém se preocupa muito com o que irá acontecer daqui a milhões de anos.”

Boa missa.

(domingo, 16 de abril de 1995)

REVOLUÇÃO TEM C CEDILHA?

*Polvo. Povo.
Lúcida vigília. Um dia.*

Fico simplesmente estarecida diante do horror que assola o planeta. Loucos explodindo tudo, matando todos, crianças desesperadas sangrando, gases letais invadindo as cidades, miséria, fome absoluta também por aqui, negada, na cidade de São Paulo mais de dois milhões de seres humanos passando fome absoluta, seiscentas mil famílias sem um naco de pão... E súbito as idiotias: se assembleia tem acento, se fiofó não. Súbito você não pode mais fumar, tudo bem, mas as indústrias automobilísticas continuam fabricando milhões de carros, e teus pulmões enegrecem num único passeiozinho pela cidade... e você estertora de tosse... e logo mais anoitece e você chora de solidão e de poluição no teu cubículo, ou na tua cobertura?

E a Bolívia, gente!!! Se você lê a história da Bolívia, você fica chorando a vida inteira! É bom chorar. Desintoxica e pode até fazer renascer o coração! Fico pensando... que estranho não adotarem nos colégios *As veias abertas da América Latina*, de Eduardo Galeano (Editora Paz e Terra, Conselho editorial: Antonio Candido, Celso Furtado, Fernando Henrique Cardoso).

Eis aqui Eduardo Galeano na Bolívia, em 1970. Está tudo igualzinho: “Estamos muito no fundo do morro Juan del Valle. O silvo penetrante da sirene, que chamava os trabalhadores da primeira ponta, tinha ressoado no acampamento várias horas antes. Percorrendo galerias, tínhamos passado do calor tropical ao frio polar e novamente ao calor, sem sair, durante horas, de uma mesma atmosfera envenenada. Aspirando aquele ar espesso — umidade gases pó fumaça —, podia-se compreender por que os mineiros perdem em poucos anos os sentidos do olfato e do sabor. Todos mastigavam, enquanto trabalhavam, folhas de coca com cinza, e isto também fazia parte da obra de aniquilação, porque a coca, como se sabe, ao adormecer a fome e mascarar a fadiga, vai apagando o sistema de alarme com que conta o organismo para continuar vivo. Porém o pior era o pó... o implacável pó de sílica. Em um ano já se sentem os

primeiros sintomas, e em dez anos se ingressa no cemitério... A morte lenta e silenciosa constitui a especialidade da mina. O vômito de sangue, a tosse, a sensação de um peso de chumbo sobre as costas e uma aguda opressão no peito são os sinais que a anunciam. Depois da análise médica... dão um prazo de três meses para desalojar a casa.”

Assembleia tem acento? E ódio, tem?

Boa missa.

(domingo, 23 de abril de 1995)

RIZOTÔNICAS (INFORME-SE)

A vida não tem começo meio fim. A vida é um arabesco, um universo de confins, trejeitos dementados, gargalhadas surdas atrás das portas claras. E por isso só tomei nota essa semana do olhar assustadiço de Fernando Henrique ao lado daquele hussardo americano endomingado, aquele soldado com penachos rubros, e o presidente com os olhinhos pra lá e pra cá, à esquerda e à direita como sói acontecer metafórica e pragmaticamente.

E tomei de volta Giusta Santini escrevendo no dia 21 de abril de 1905 que a cidadezinha de Pola ficou indignada porque ela pendurou de cabeça pra baixo a empregada, e a cada meia hora dava-lhe uma colherada de farofa. Por quê? Perguntaram. Resposta: porque é bonito ver o leque orvalhado de migalhas saindo pela boca afora e espalhando-se no tapete persa da sala. Taxaram-na de nevropata, desamarraram a criada e Giusta ficou rindo três dias atrás da porta escura e alta. A vida não tem fim.

Há caras novas surgindo, nos vestibulos, nos cantos, até Camões apareceu no meu banheiro, e construí dez cantos: *Cantares do Sem-Nome e de Partidas*. Telefonei ao Ouvidor da República e pedi auxílio pra todo o descalabro rubro de maus neurônios claros. Foi meu colega de faculdade o Ouvidor e era lindo! Lembro-me de mim aos vinte e do meu primeiro poema

Me mataria em março se te assemelhasses às coisas
perecíveis
Mas não.

E eu me mataria em abril, não me matei. Tive medo do estrondo, da sanguera, de ninguém acreditar, tive pena de deixar os cães, os coitados ganindo a noite inteira. Tenho medo de mim. Contaram-me que muita gente tem. Não de mim, de si mesmo, que também passa noites vazias, noites trêmulas, e o outro ali do lado, o outro que ela amou, agora sombrio e todo esparramado... o outro ali, fingindo que dormia.

Outra coisa: isso de pensar que economistas vão resolver nossa vida, esqueçam queridos. Tudo é Política. A América Latina vai continuar igualzinha, os diálogos vão continuar educados, a semântica dos muito ricos pode até ser fina... mas rasparão até o fundo nossas douradas ferrosas negras matérias-primas... (vide Bolívia) sempre ficaremos pobres, queridinhos, pois alguém importante já não disse: “Não queremos um Japão na América Latina”?

Bem, pulei da sopa pro mingau, a história, a vida também é assim, da desordem ao caos, saímos daquele caos de tripas e quando nascemos é um berreiro danado, sangue e aguaceiro, excremento também. Lembra-te sempre quem és, não só quando vais ao banheiro. E sinto muito pelas madamas que buscam a cada domingo uma crônica sadia, robusta e interiorana, com começo meio fim. A vida é um arabesco, um universo de confins, trejeitos dementados, gargalhadas surdas atrás de portas claras.

Estou aqui, atrás da porta escura da sala. Há sonhos em mim. Cupins na porta. Também olho à esquerda e à direita cheia de medo de todos os hussardos que possam espoucar de dentro das gavetas.

Comentários:

hermética, não?
será que ela também não pendurou a empregada?
será que ela tem um tapete persa?
interiorana é a mãe
o que ela tem contra as madamas?
eu, hein?
como é que ela se chama?

Rezem por mim.

(domingo, 30 de abril de 1995)

PEQUENA PARÁBOLA EXEMPLAR

Pensei, na hora de escrever esta crônica: vamos ser trágicos, deliberadamente trágicos, para que, da crônica, resulte um fruto palpável, um fruto lustroso, escovado quem sabe com saliva e um certo nojo: vamos falar de Política. E não é que apareceu à minha frente um certo Ted William e eu fiquei assim meio sobre o abade na sacristia, de cabeça baixa, as mãos dentro das mangas e ouvindo em silêncio tudo o que ele dizia? Sinto muito, queridos, mas se ele pintou por aqui há de ter um fim e um começo. Ou não? Ei-lo:

Ah, como eu gostaria que voltassem os dias nos quais eu era alguém e me viam. Meu casaco escocês, minha gravata *old england*, meu sapatos de bico afilado, meus cigarros importados, de ponta dourada, eu grandalhão, muito comprido e exato, olhares de mulheres maduras, todas tristes com seus maridos rombudos, o barrigão saltado, e eu passando, passadas largas, meio sobre o largado olhando as vitrinas, eu vadio às seis atravessando as grandes avenidas, eu de ninguém e de todos, aos vinte e cinco sendo alguém, cochichos de moçoilas quando eu passava, eu cobiçado, como se fosse um comprido James Dean, a cara severa, como elas gostam, eles também, vendendo êxtase e maravilha... e secretíssimo... quase assassino, e lúbrico... os dedos finos, o mundo implorando para morrer nas minhas mãos e sob o meu porongo. Que luxo ter sido um que não sou mais, que miséria não ter sido isso até o fim. Envelhecer é o mesmo que morrer. E agora, aqui, diante de mim, um outro igual ao que fui, deitado lânguido, e daqui a pouco hei de ser sufocado com o travesseiro, e antes a navalha novíssima no pescoço. Pena que as palavras pensadas não fiquem gravadas na tua nuca ou no teu dorso. Pena se há palavras raras e ficam decompostas em tiras, hieróglifos malditos e nenhum escoliasta dentro dos armários, nenhum aquele, aquele Champolion, nenhum iconoclasta para arrebentar espelhos, e eu me vendo estilhaçado e nu, último e primeiro. Porque só depois de morto tu és inteiro. Único. Vou morrer daqui a pouco, penso. Ele sorri, os dentes alvos, e os meus amarelos, foscos. Bem, vou morrer velho. É velhice os sessenta, e é triste, triste. Foram-se os ruídos, a gazetice (!) dos dias, o riso da noite. Eu e o moço que me espia.

E um dia também ele estará como eu, e um outro-alguém, um novo-nós-dois, um novo-nós-infinito sob os lençóis ou sobre ou debaixo do corpo de um outro. Todos sobre a cama ou sobre o chão, decompostos e mortos.

Estranho... não me matou. Ficaram as palavras. Visto as calças. Pergunto:

por quê?

por que o quê?

por que não me matou?

deveria? ainda podemos tentar (ri)

brincadeira... bobagem minha...

eu te amo Ted William. aliás, sempre te amei

não acredito

é verdade. você pra mim foi sempre um mito. um alguém

[inalcançável, um especial!

ah, meu Deus, menino... como você é bonito!

P.S.: Na paixão, o milagre acontece.

Na Política, não.

(domingo, 7 de maio de 1995)

VAI ÀS COMPRAS, MADAME?

Ela chegou toda rosada, montanhas de pacotes, os dois pimpolhos atrás e as mãozinhas escuras de tanto sorvete e chocolate, ela jogou os pacotes no sofá da sala e disse ai ai, que cansada, mas que gostosura e divertido também, não é mesmo, belezinhas? Os pimpolhos deram mil voltas aos guinchos atrás do pai, o pai sentado ali, a cara fechada:

Daisy, não dá pra você parar de comprar?
por quê, ficou pobre de repente?
senta aqui, Daisy, senta, por favor, escuta
sou toda ouvidos, é assim que se diz, maridinho?

Daisy, você precisa se ocupar com a cabeça... é, é, fazer... fazer uma faculdade, estudar...
deus me livre, pra quê?

Ele levantou-se, chutou duas almofadas de veludo vermelho com fiozinhos de prata: porque eu ando cheio de ter uma mulher idiota batendo perna dia e noite por aí e falando “mindingo” e “mortandela” na frente de meus amigos.

ah, é?
e trotando pelos shoppings com esses fedelhos
fedelhos que são seus filhos também
eram! eram! eram quando nasceram!

Agora são só seus, com esses tênis caríssimos que são um convite para matá-los, esses bonés mongôs, e ligadões só em bola e videogame, sempre comendo pipocas, chocolates, abrindo sem parar a geladeira e tomando água gelada no gargalo, uns bolhas chatos, vê se é normal aos cinco e seis anos com esses bundões enormes, e sempre gritando mãeeeeeeeeeee, tô cheio

ah, é

outra coisa: não adianta fazer plástica nas tetas, nas pálpebras, na barriga, e ficar com esse bundão enorme tremulando inteiro

ah, é? antes você gostava dele
antes eu era uma besta
ah, é?
se você lesse pelo menos um livro por ano...
por que você não casou com aquela madama Cu...
Cu o quê?
madame Curie
muito bem, a tal Curi, por quê, hein?
porque ela ia me achar uma besta
ah, é?
tô me mandando, Daisy, pago tudo, quero te ver só no outro mundo
ah, é?
éééééééééééééééé!!!

E escafedeu-se, foi morar na Suíça e nunca mais a viu.

Chato, não?

(domingo, 14 de maio de 1995)

AINDA SEREMOS FELIZES?

Ando sentindo tudo aquilo quando vem a aeromoça e diz: atenção, passageiros, apertem os cintos, não fumem... e agora todos comigo: Pai nosso, que estais no céu etc... Enfim, perigos de todos os lados. Não é bossa, terrorismo não, é pura verdade, pelo menos no que se refere à minha pessoa. E a tal da oxítona e da paroxítona, ébola ou ebola, mas tanto faz, meu Deus, o negócio é que ele mata mesmo. E o ministro da Saúde dizendo que não vai deixar o vírus entrar. Ah, é? Como? Não vai dar passaporte pra ele? E a tal da Antha? Gente! É Aquilo, o tal do Apocalipse! E assassinatos, sequestros, bandidos tomando conta das cidades, e o petróleo... Cadê o presidente? Ficou mudo? E todo mundo andando normal, todo mundo pensando no amanhã e fazendo planinhos... Agora lembrei-me de uma frase no banheiro de uma universidade americana: “Por falta de interesse, fica cancelado o Amanhã.” A cada noite fico em pânico, a cada noite digo tchau, negada, tô indo. É uma bela frase para dizer antes daquilo. Todo mundo entende, não é nada complicada. E os índios guaranis adolescentes, que estão se matando? Eu ando cada vez mais complicada, e isso de precisar escrever pra todo mundo entender me faz jumentosa e triste. Às vezes quero pôr um textinho meu e telefonam reclamando: ah, hoje não entendi nada, benzinho. E da França me perguntam se podem transcrever vinte laudas do meu *Qadós!* A revista é a *Nouveau Recueil*, número especial. Digo: claro! claro! E pagam? Ah, isso não, respondem, é muito complicado, só para raros! E continuo dura como todos nós. Em pânico, dura, só me faltam frieiras. Sarna já tenho. Ah, o que colocam de cachorrinhos judiados no meu portão! E a minha maravilhosa amiga Mara Thereza Lira, que faz os maiores sacrifícios para salvar cavalos espancados, doentes! Ainda bem que nós existimos pra salvar os desgraçados animais do planeta! E tem gente que ainda fica com ódio da gente gostar de animais.

E o que há de cretinos e boçais pelo mundo afora é assustador! O que há de jingado alienado e acefalia também. O que há de maldade e grosseria. O que há de tara, de loucura, aquela babando verde, a outra, a estupidez, a bestialidade, a frivolidade... o que há de imbecis e escrotidão! E todo mundo malhando... coxas, bíceps, e boquitas e caras todas esticadas, bossa vento de proa... todos

malhando... Agora o Becker: “(...) falar de um novo homem cujo ego se funda inteiramente no corpo é falar de uma criatura sub-humana.” Ativem seus neurônios, madamas! Alô, alô, serotonina? (informe-se). Alô, alô, luz no túnel? Afinal foi tiro ou bola de gude? Socorro! Blindados, é? Socorro!

Notinha de Eduardo Galeano: “Os grandes portos da América Latina, escalas de trânsito das riquezas extraídas do solo e subsolo com destino aos distantes centros de domínios, se consolidavam como instrumentos de conquista e dominação contra os países a que pertenciam, e eram os vertedouros por onde se dilapidava a riqueza nacional. Os portos e as capitais queriam se parecer com Paris ou Londres, mas à retaguarda havia o deserto.”

Isso, leitor, te lembra de alguma coisa?

(domingo, 28 de maio de 1995)

TÁ DEITADÃO, BICHO?

Os poetas deviam mais é ficar sempre em silêncio. Porque falar a verdade pode lhes custar a cabeça. A vida. Não foi sempre assim? Jeshua falava por parábolas quando não queria ser imediatamente compreendido. E ainda assim aconteceu aquilo: a cruz. A carnificina.

Era uma vez um gigante, lindo, lindo, que adormeceu no meio da floresta. Então chegou um de língua enrolada e sussurrou ao gigante: vossa excelência me permite de lhe ir ao fiofó? O gigante nem ouviu. Tava ali, puxando um ronco. De bruços, naturalmente. O de língua enrolada repetiu: me permite? E foi. Há muito tempo que milhões tão passando por ele. O fiofó do gigante tá assim ó (visualizar através de meditação zen uma circunferência descomunal e dentro o símbolo do infinito: aquele oito deitado).

Jorge de Lima: “O céu jamais me dê a tentação funesta de adormecer ao léu na lombada da floresta.”

Também é estranho isso de homens públicos se demitirem de altos cargos por inconfessáveis razões pessoais. Nós, que somos a caterva, tentamos adivinhar: serão hemorroidas?

A VERDADE É
NECESSÁRIA
DIANTE DO
ABSURDO.

Outra coisa (ou a mesma). Não encham mais o saco dos fumantes atordoando-os com isso de que cigarro mata. Tudo mata, negada. Além de você não poder mais fumar foder beber comer, o que mata mesmo é a mentira, o faz de conta, a cara de pau, “os cavalinhos correndo” e eles cavalões comendo, trocando trocados atrás das portas (ó grandes vendilhões!), o que mata é sem-vergonhice, coligações de aço, grilhões, esses impossíveis de romper, o cara atrás de você, te seguindo os passos, te cobrando adoidado, bufando atrás de você, a mala vazia na mão esperando pra você encher e você desesperado gritando: não tenho um

tostão, me poupe, negão! E o cara esfacelando teus artelhos e você sapateando... e tiraços por todos os lados...

Cadê aqueles caras todos, tão escorreitos, humanistas, estadistas, sociólogos, economistas, aqueles limpos doutores que eu amava? Cadê vocês? Deflorados na serra? Ou era *Floradas na serra* o nome daquele livro de amor? Cadê vocês, hoje presidente e ministros?

Bom Ukulelê! (Ukulelê é um instrumento de música...)

(domingo, 4 de junho de 1995)

TÔ LIGADONA EM NÚMEROS

Algun de vocês, leitores, poderia me informar sobre os dados recentes do Brasil de hoje? Só tenho os dados de 1968. Houve modificações essenciais? Se algum leitor puder me ajudar, favor escrever para este jornal. Obrigada. Como diz Jô Soares, perguntar não ofende.

“Entre 1964 e meados de 1968, quinze fábricas de automotores ou peças para autos foram deglutidas pela Ford, Chrysler, Willys, Simca, Volkswagen ou Alfa Romeo. No setor elétrico e eletrônico, três importantes empresas brasileiras foram parar em mãos japonesas, Wyeth, Bristol e Mead Johnson e Lever devoraram tantos laboratórios, que a produção nacional de medicamentos se reduziu a uma quinta parte do mercado. A Anaconda se lançou sobre os metais não ferrosos, e a Union Carbide sobre os plásticos, os produtos químicos e a petroquímica. American Machine and Foundry e outros colegas se apoderaram de seis empresas nacionais de mecânica e metalurgia. A Companhia de Mineração Geral, uma das maiores fábricas metalúrgicas do Brasil, foi comprada a preço de falência por um consórcio do qual participavam a Bethlehem Steel, o Chase Manhattan Bank e Standard Oil. Foram sensacionais as conclusões de uma comissão parlamentar formada para investigar o tema, porém o regime militar fechou as portas do congresso e o público brasileiro nunca conheceu esses dados. A comissão chegou à conclusão de que o capital estrangeiro controlava, em 1968, 40% do mercado de capitais no Brasil, 62% de seu comércio exterior, 82% do transporte marítimo, 67% dos transportes aéreos externos, 100% da produção de veículos a motor, 100% dos pneumáticos, mais de 80% da indústria farmacêutica, cerca de 50% da química, 59% da produção de máquinas, 62% das fábricas de autopeças, 48% do alumínio e 90% do cimento. A metade do capital estrangeiro correspondia a empresas dos Estados Unidos, seguidas em ordem de importância por firmas alemãs. Interessa advertir de passagem o peso crescente das inversões da Alemanha Federal na América Latina. De cada dois automóveis que se fabricam no Brasil, um provém da fábrica da Volkswagen, que é a mais importante de toda a região. A primeira fábrica de automóveis na América do Sul foi de uma empresa alemã, a

Mercedes-Benz Argentina, fundada em 1951. Bayer Hoechst, Basf e Schering dominam boa parte da indústria química dos países latino-americanos.”

Por favor, algum leitor mais informado me mande os dados de 1995. *I love numbers*. O fiofó do gigante ainda tá lá? E Revolução é com “c” cedilha? Ebola é oxítona? Como é o ablativo em Tácito? Bom ukulelê.

(domingo, 11 de junho de 1995)

OI. AI. NÃO HÁ SALVAÇÃO.

Não tô a fim de escrever crônica, não. Tô a fim de quimeras. Na vida e no texto. Então é isto aqui: eu mesma, lindo palimpsesto:

Calma, calma, também tudo não é assim escuridão e morte. Calma. Não é assim? Uma vez um menino foi colher crisântemos perto da fonte numa manhã de sol. Crisântemos? É, esses polpudos amarelos. Perto da fonte havia um rio escuro, dentro do rio havia um bicho medonho. Aí o menininho viu um crisântemo partido, falou, ai, o pobrezinho está se quebrando todo, ai, caiu dentro da fonte, ai, vai andando pro rio, ai ai ai, caiu no rio, eu vou rezar, ele vem até a margem, aí eu pego ele. Acontece que o bicho medonho estava espiando, e pensou, oi, o menininho vai pegar o crisântemo, oi, que bom, vai cair dentro da fonte, oi, ainda não caiu, oi, vem andando pela margem do rio, oi, que bom, vou matar a minha fome, oi, é agora, eu vou rezar e o menininho vem pra minha boca. Oi, veio. Mastigo, mastigo. Mas pensa, se você é o bicho-medonho, você tem que esperar menininhos nas margens dos teus rios e devorá-los, se você é o crisântemo polpudo e amarelo, você só pode esperar ser colhido, se você é o menininho, você tem que sempre ir à procura do crisântemo e correr o risco. De ser devorado. Oi ai. Não há salvação. Calma, vai chupando teu pirulito. Eu queria ser filho de um tubo. No dia dos pais, eu comprava uma fita vermelha, dava um laço no tubo e diria: meu tubo, você é bom porque você não me incomoda, você é bom porque é apenas um tubo e eu posso olhar pra você bem descansado, eu posso urinar minha urina cristalina dentro de ti e repetir como um possesso: meu tubo, meu querido tubo, eu posso até te enfiar lá dentro que você não vai dizer nada. As doces, primaveris, encantadoras manhãs do campo. As ervinhas, as graminhas, os carrapichos, o sol doirado, e os humanos cagando e mijando sobre as ervinhas, as graminhas, os carrapichos e sob o sol doirado. Meu filho, não seja assim, fale um pouco comigo, eu quero tanto que você fale comigo, você vê, meu filho, eu preciso escrever, eu só sei escrever as coisas de dentro, e essas coisas de dentro são complicadíssimas, mas são... são coisas de dentro. E aí vem o cornudo e diz: como é que é, meu velho, anda logo, não

começa a fantasiar; não começa a escrever o de dentro das planícies que isso não interessa nada, você agora vai ficar riquinho e obedecer; não invente problemas. Empurro a boca pra dentro da boca, chupo o pirulito e choramingo: capitão, por favor; me deixa usar a murça de arminho com capa carmesim, me deixa usar a manteleta roxa com alamares, me deixa, me deixa, me deixa escrever com dignidade. O quê? Ficou louco outra vez? E o teu filho não tá com encefalite? Toma, toma quinhentos cruzeiros novos e, se não tá com inspiração, vai por mim, pega essa tua folha luminosa e escreve aí no meio da folha aquela palavra às avessas. Uc? Não seja idiota, essa é a primeira possibilidade, invente novas possibilidades em torno do. Amanhã eu pego o primeiro capítulo, tá? Engulo o pirulito. Ele me olha e diz: você engoliu o pirulito. Eu digo: não faz mal, o uc é uma saída pra tudo. Está bem. Ele sai peidando no belíssimo pátio de pedras perfeitas e grita: amanhã, hein? Sorrio. [\[42\]](#)

E hoje, como é domingo, vão comendo seus joelinhos de porco.

(domingo, 18 de junho de 1995)

EU... HEIN!

Quando há petróleo no meio (se você é um simples articulista ou até mesmo poeta ou jornalista e quer viver mais um poquin), por favor, sai de finin. Como disse alguém: “Não há mortes acidentais quando há petróleo no meio.” Como disse alguém: “O poder é como um violino. Se toma com a esquerda e se toca com a direita.” Como digo eu: o poder é como uma rameira, ela diz to a fim e se abre inteira. Vamos abrrrrrrr!!! E isso quer dizer: tomem o que quiser. E isso quer dizer: caíam de quatro, negada, assim como o gigante deitadão, rodela devastada. E não foi sempre assim? Por isso... daqui por diante uma crônica lírica, eu... hein! que não sou besta... mas continuo poeta.

De textos e cestos. De palimpsestos. Um tigre na rua. És meu? Sou tua. Do que restou de mim. Uma sombra, um casco. Um ramo de alecrim sobre o meu pasto. Cavalo no jardim escoiceando magro um nobre querubim vindo do espaço. O que queres de mim? Dentadura na pia, teu sorriso aberto para eu ver de perto.

Há calangos em ti.
Há moitas estufadas
sobre o charco.

Vem vindo um caranguejo e suas patas de asco. Soma-te a mim. Ama-me, desossada e triste, enojada da vida. Mas ainda. E porisso, porque tudo era limpo, a mulher resolveu entrar no lodo e logo adiante se jogar no fosso. E porque tudo era gosto e apetitoso, a mulher resolveu cair na vida. Porque tudo era novo, resolveu fornicar sobre medida. Porque tudo era velho, comprou um *parabellum*. Porque tudo era beijo, encolheu-se de pejo. E porque era nojoso ser grande e generoso, matou-se de vergonha. Quem? Aquele cara ali. Onde? Aqui, ó, no meu peito de anil, derramado, espumoso.

você é esquisita, não?
muito, sim. por quê?
não gostou?
ao contrário. tô muito a fim.

quer brincar de teta?
é difícil?
não, é fácil à beça.
e como é?
é ficar redonda feito bola.
você é muito esquisita.
é que sou poeta.
tá bem. então fica assim. vou brincar de seta.
brinca de bico. é mais difícil e mais esquisito.
e como é?
uai, você inventa ué.

Vamos abrir!!!! Já tem buchada de bode importado? Boa festa.

(domingo, 25 de junho de 1995)

POESIA SEMPRE

I

Ama-me. É tempo ainda. Interroga-me.
E eu te direi que o nosso tempo é agora.
Esplêndida avidez, vasta ventura
Porque é mais vasto o sonho que elabora

Há tanto tempo sua própria tessitura.
Ama-me. Embora eu te pareça
Demasiado intensa. E de aspereza.
E transitória se tu me repensas.

II

Se refazer o tempo, a mim, me fosse dado
Faria do meu rosto de parábola
Rede de mel, ofício de magia

E naquela encantada livraria
Onde os raros amigos me sorriam
Onde a meus olhos eras torre e trigo

Meu todo corajoso de Poesia
Te tomava. Aventurança, amigo, Tão extremada e larga

E amavio contente o amor teria sido.

III

Nós dois passamos. E os amigos

E toda minha seiva, meu suplício
De jamais te ver; teu desamor também
Há de passar. Sou apenas poeta

E tu, lúcido, fazedor da palavra,
Inconsentido, nítido

Nós dois passamos porque assim é sempre.
E singular e raro este tempo inventivo
Circundando a palavra. Trevo escuro

Desmemoriado, coincidido e ardente
No meu tempo de vida tão maduro.

IV

Foi Julho, sim. E nunca mais esqueço.
O ouro em mim, a palavra
Irisada na minha boca
A urgência de me dizer em amor
Tatuada de memória e confiança.
Setembro em enorme silêncio
Distancia meu rosto. Te pergunto:
De Julho em mim ainda te lembras?
Disseram-me os amigos que Saturno
Se refaz este ano. E é tigre
E é verdugo. E que os amantes
Pensativos, glaciais
Ficarão surdos ao canto comovido.
E em sendo assim, amor;
De que me adianta a mim, te dizer mais? [\[43\]](#)

(domingo, 2 de julho de 1995)

À MIRELLA PINOTTI, *IN MEMORIAM*

Mirella, minha amiga-menina
Pequena pastora das manhãs de riso:
Guardo-te cheia de luz
Dourada de doçura
Nas minhas manhãs de dentro
Essas escuras, essas do Nunca Mais
Pequenina pastora.

E o sol de hoje do lá fora
E os verdes de um sem-fim de horas
E tua fronte de seda e maravilha
Agora machucada de tão finita.

Guardo-te nova e livre de um tempo que não virá:
Um de sombras e lutas, ferroso e de granito.
Tempo de homens, pastora,
Um tempo-grito, um só tempo de feras.

Por isso, de tua viagem, nunca mais vou chorar.
Livre da Terra, entre os braços
De alguns deuses-meninos
Minha amiga-menina no sempre há de ficar.
Como era o sorriso na tua boca.
E como é dos amantes

A quimera louca, essa quimera do NUNCA SEPARAR.

(domingo, 9 de julho de 1995)

TUDO O QUE É E NÃO É

A realidade não existe. Existe o passeio de Jeshua sobre as águas, ou teu longo passeio de dentro sobre muros altos, teu vale colorido de verduras, as grandes cúpulas de turquesa e ouro jorrando luz sobre o teu pobre corpo. Teu pobre corpo não existe. Pode ser fonte de alguma coisa que tu não conheces, mas é sinistro e breve. Sinistro e breve não existem. Existe uma coisa sem nome que preexiste a tudo que conheces. O que conheces é nada. E o nada em nenhum lugar acontece. Tu és cego e triste.

Lutei convosco, fiquei cansado
fiquei caído. Quando acordei
Tu me ungiste. Tu me elevaste.
Tu eras meu pai e eu não sabia.
Eu sofri muito. Furei as mãos.
Ceguei. Morri. Tu me salvaste.
Eu sou teu filho e não sabia.
Lutamos muito: eu Te feri
Perdoa, Pai, pensai meus olhos:
Eu era cego e não sabia.

Jorge de Lima

A realidade não existe. Só é vivo o verdadeiro, o invisível. O que ofusca e você não vê. Só é visível o que é permissível. E o que é permissível não tem a menor importância. Tua casa, teus bofes, tua cara nas manhãs, amarfanhada, teu ouro, teus dólares, tuas bochechas pálidas, teu pão seco ou com manteiga, tua criada ou teu mordomo de quarto (mordomo de quarto não existe, a não ser aquele da novela das oito, esse sim existe, pena que não no meu catre, e também não na tua cama, madama, na tua cama existe aquele outro teu, inteiro chato)...

Tudo o que é maravilha sonhada persiste. E por isso vão aí uns versos tristes, meus:

Muros cendrados.
De estio. De equívoca clausura.
Lá dentro um fluxo voraz
De sentimentos, um tecido
De escamas. Sangue escuro.
Lá. Depois do muro.
Criança me debrucei
Sobre a tua cinzenta solidez.
E até hoje me queima
A carne da cintura.

Acorda, negão! Teu pimpolho te chama para o indefectível fliperama.

(domingo, 16 de julho de 1995)

O AVESSO DO TEXTO

Está sozinha?
Estou, não está vendo?
Posso entrar?
Tudo bem.
É casada?
Adivinhou.
Sempre adivinho.
Por quê?
Um ar de ansiedade das casadas.
É mesmo?!?
Gosta de linguado?
Como?
Do peixe... o linguado
Com alcaparras?
É.
Gosto. Por quê?
Só pra saber. Quer que encomende?
Agora? Linguado?
Ué, por que não? Uma ceiazinha antes de...
Estou bebendo
Estou vendo mas... nem um sanduíche?
De linguado?
Claro que não... de qualquer coisa
E de língua, gosta?
Depende.
Como assim?
Se for exímia sim. E com roteiro adequado.
Você é engraçada
Todos dizem
É bonita também

Nem todos acham
Brigou com o maridinho?
Mais ou menos
Quer sair? Foder?
Você é grosso, não?
Então começo de novo... Posso sentar?
Pode
Que tal assim: poderia lhe oferecer um drinque?
Já estou bebendo
Sente-se sozinha?
Não
Que que eu me levante?
Não
Gostaria de ir a um outro lugar?
Por exemplo...
Um outro bar
Não
Está triste?
Mais ou menos
Por quê?
Porque a gente morre
É, isso é chato... Mas vai morrer agora?
Acho que não
Morreu alguém?
Não... quero dizer... todo mundo morre sempre
É, isso é
Não quer amar antes de morrer?
Não é a mesma coisa?
Amar e morrer?
É.
Você faz o quê, hein?
Às vezes penso e isso é chato
É mesmo. Eu procuro não pensar
E consegue?
A maior parte do tempo sim
Que bom
Mas não quer mesmo foder?

Viscosidade no meio das coxas. A mão do homem nos pelos da mulher. Ela pergunta lânguida, como se acordasse: o que são buganvílias, hein? Buganvílias... Será que foi isso o que ela disse? Ele precisava parar de beber. Ela continuou pensando... buganvílias... ah, sim, são lindas. São amarelas? Vermelhas, meu querido, vermelhas. Então ela havia dito isso mesmo, buganvílias. Agora o barman sorria para os dois. Do que é que você mais gosta?

De dinheiro, a mulher respondeu.

Qual o seu nome?

Daisy

Dê a i esse ípsilon, é isso?

É.

“Olha, Daisy: quando eu morrer tu hás de dizer aos meus amigos aí de Londres, embora não o sintas, que tu escondes a grande dor da minha morte.”

É lindo isso, é Pessoa.

Credo, você lê?

Só faço isso

Meu Deus!

Por quê?

E gosta de dinheiro?

Por quê, são incompatíveis?

Você é rica?

Muito. E você?

Também. Quer ir para Londres amanhã?

Precisa ir até Londres pra foder?

Claro que não... Eu pensei, talvez

A outra matou-se por lá, na Cornualha

Não fala na morte de novo... abre mais, você está tão molhada...

Ela também... nas águas.

É triste ser rico, não?

Riram. O barman também sorriu para os dois. Bem, e agora faço o que com este texto? Telefono e digo que não consigo. Catorze laudas? Você é louco, Humberto? Catorze laudas é um livro! Catorze laudas erotizadas, falando de conas, untuosidades ou aberrações, taras, as eternas frases “abriu lentamente as coxas glabras”, outra: “o pênis túrgido estremeceu”, virei a sacerdotiza erótica da cidade, e a diamantina entregue às traças, qual o final do texto aí

de cima? Uma choca trepada, dois que pensam, dois contingentes no vazio buscando significados... e o que é o erótico? Pastosidade, mudez, lençóis? Que mitos, meu amor, entre os lençóis! O que tu pensas gozo é tão finito, e o que pensas amor é muito mais! Devo falar de línguas no palato, aqui lá acolá alhures? Devo ser preciosa, “deixa-me oscular tua rósea orquídea”? Devo ser grosseira e tentar “um pau nas coxas” úmido, indo e vindo vagaroso? É um texto para executivos? Vão “depenar o sabiá” antes da primeira reunião com o chanceler? Devo falar de domésticas juvenzinhas acantoadas pelo adolescente babão filho do patrão? Devo contar piadas? Tem aquela: chupa pau, né, menina? Sim, senhor, dez real. E por que não leem o meu livro *Cartas de um sedutor*, que é uma obra-prima de licenciosidade, mestria e despudor? Bem, vamos tentar outra vez: abriu lentamente as coxas. Escuras como tulipas negras (!). Ele gostava de mulheres escuras, grandes e gélidas. Por que não vai na morgue?

Porque lá não me deixam trepar.

Vou ficar com pneumonia com esse gelo que tu me passa nas coxas.

Não gostas de dinheiro?

Gosto, claro, mas tô gelada.

Deita lá.

Onde?

No esquite.

Ahhhhh, não! Quanto?

O que tu quiseres.

Três mil.

Tudo bem, tá aqui. E pra morrer de verdade, quanto?

Riram. Ela deitou-se lá. Ele lembrou-se do poema que ninguém sabe nunca de quem é: “Morreu. Deitada num caixão estreito, pálida e loira, muito loira e fria. O seu lábio tristíssimo sorria, como um sonho virginal desfeito”. Essa era escura. Detalhes. Fendura. Adormeceu ali mesmo. Ela escafedeu-se logo mais. Antes fechou o esquite, ficou um instante ali parada. Em pé.

Gozou, doutor?

Humberto: não tem um texto mais alegre?

Hilda: tem. *O cu do sapo Liu-Liu*, mas é um texto infantil e não é inédito.

Humberto: então nada feito, Hilst.

Hilda: pera, pera, agora me lembro, tem este aqui.

PENIS KAPADOCIUS

Segundo a Enciclopédia kapadócia de 1796 (Kapadocius Kultur Penis Comportamento/Exegese), há pênis oblongos (sic) (!), ambarinos (sic) (!), elipsoidais (sic) (!), fúcsias, cor-de-maravilha, bordôs (cá entre nós, penso que ninguém sabia o nome da tal cor) e pênis aviltados (querem dizer mínimos), majestosos, agulhentos (querem dizer talvez finos e penetrantes como agulha, kapadócio é fogo para traduzir) e pênis *moderatus*, isso naturalmente todo mundo entende, e me parece mais criterioso. Ter um pênis moderadamente majestoso é o mínimo que todo ser humano masculino deseja. (Algumas mulheres também desejam, mas isso não vem ao caso agora.) Nem majestoso demais nem aviltantemente mínimo. Bem, de início devo confessar-lhes que há muitos anos esta articulista não vê um. Nos meus idos (não de março) de moça, os pênis eram assustadoramente normais. Em 1796, na Kapadócia, segundo a tal enciclopédia, as coisas eram diferentes por lá, pois acho que por aqui ninguém jamais viu um pênis bordô. Nem oblongo. Como é mesmo oblongo? Vejamos: do latim *oblongu*, ah, sim! que tem mais comprimento que largura. Depois: oval, elíptico. Mais comprimento que largura todos nós entendemos, agora “oval”, “elíptico” em relação ao pênis é mais singular. Um pênis oval deve ser curioso, eu ficaria olhando horas, mas sem mexer nele. Pois bem. Para os leitores, agora, uma linda tradução de minha autoria do poeta kapadócio, do século XVI, Jokhan Kurko

ó majestoso! Deixa-me sugar-te
Ambarino, sob o palato trevoso.
Ereto, nectarino
Repousa entre minhas mãos
Para que eu possa adorar-te!
Em ti exercito a fúria da minha língua.
E há deleite e langor, e há puro gozo.
Cubro-te de beijos, de saliva
E cubro-me a mim mesmo de ilusão

Por que de tão perfeito
Hás de ser desejado em muitos leitos.
Que se afastem de mim, fêmeas e cadelas!
Vossas grutas vazias...
Vossas frívolas querelas...
No ócio de vossas tardes frias!
Vem, Majestoso! Que o teu falo de âmbar
Me penetre
À luz da tua sombra!

Como os leitores devem ter percebido, o século XVI (pelo menos na Kapadócia) foi do kacete.

BERTA — ISABÔ

Fragmento pornogeriátrico rural [\[44\]](#)

Isabô: Ai, Berta, tô mar... tive uns presságio... Vi uma veia tão veia coçando oiti na esquina.

Berta: Iii, Isabô, essas coisa de coçá o oiti se chama prurido senir... daqui pra pouco nós tá iguarzinha. Te lembra do tio Ledisberto? Mandava a Eufrosina ficá fazendo cafuné nos cabinho do cu dele.

Isabô: Credo, Vige Maria, Berta! Meu tio, hein... imagine... gente de bem. Tu é que coçava os bago dos menininho e tirava os ranho dos buraco do nariz e enfiava na boca da Dita, coitadinha, aquela neguinha fedida que era tua prima.

Berta: Iii, Isabô, tu tá tão porca que tá parecendo aquela veinha curta da Hirda, como é que é mesmo?, a Hirste.

Isabô: Iii, essa veia é safada. Porca, porca, mesmo curta. Imagine só que gente que mora neste país.

Berta: Até o presidente, que tem cultura mesmo, dá dedo, assim ó, e diz que tem os cuião roxo.

Isabô: Berta, eu adoro roxo. Te lembra do Zequinha? Menina, que home. Quando ele metia eu via tudo roxo, lilás, bordô.

Isabô: Bordô o que qui é, hein, Berta? É cor de jaboticaba, é?

Berta: Tu é ignorante, imagine, bordô é... Ah, num sei explicá, é uma cor muito bonita.

Isabô: É cor de xereca de vaca?

Berta: Ih..., boba, xereca de vaca é vermeia.

Isabô: Tá mais pra cu de boi?

Berta: Tu só pensa nas parte de baixo. Bordô é a cor dos oio da Zezé Cabrita.

Isabô: ... num me fala nela, ela me tirô o Tonho de mim.

Berta: Bordô é cor bonita. Tudo que é bonito é bordô.

Batem na porta. É seo Quietinho

Berta: Quem é, meu deus? (*Olha pela janela*) Ai, Vigé Maria, é o Quietinho, tá loco pra fazê aquelas coisa com a gente.

Isabô: Que coisa tu qué dizê, hein?

Berta: Aquilo que tu fazia com o Tonho.

Isabô: Mardita! Num faço isso há mais de trinta ano.

Batem outra vez

Seo Quietinho: Ô de casa! Tu tá aí, Berta? Tu tá aí, Isabô?

Berta: Tamo não, Quietinho. Hoje num é dia. Num é dia de nada.

Seo Quietinho: Por quê?

Isabô: É dia de Santa Apolônia que protege os dente.

Seo Quietinho: Mas eu vim aqui pra isso mesmo, pois vocês num têm dente... é pra chupá mió.

Berta: Aiiiii, num fala assim nas porta da rua!

Isabô: Abre logo, que a vila inteira vai sabê dessas luxúria.

Abrem. Entra Quietinho

Seo Quietinho: Oia cumé qui eu já tô.

Berta: Hoje num quero. Acabei de bochechá.

Isabô: Ah... eu quero. Oia como eu tô arripiada.

Agradeço ao jornal *Correio Popular*,
de Campinas, pela solidariedade.
Hilda Hilst

DIREÇÃO EDITORIAL
Daniele Cajueiro

EDITORA RESPONSÁVEL
Janaína Senna

PRODUÇÃO EDITORIAL
Adriana Torres
Pedro Staite

REVISÃO
Mariana Elia
Rachel Rimas
Thais Entriel

PESQUISA
Arthur Araujo

CAPA
Victor Burton

DIAGRAMAÇÃO
Filigrana

PRODUÇÃO DE EBOOK
[S2 Books](#)

- [1] Professora adjunta de Literatura Brasileira na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
- [2] “Via espessa”, parte IX, in *Amavisse*.
- [3] “Poemas aos homens do nosso tempo”, parte VII, in *Júbilo memória, noviciado da paixão*.
- [4] “Via Vazia”, parte VIII, in *Do desejo*.
- [5] KOESTLER, Arthur. *Jano*. São Paulo: Melhoramentos, 1981.
- [6] “Amavisse”, in *Do desejo*.
- [7] “Sobre a tua grande face”, in *Do desejo*.
- [8] “Axelrod (da proporção)”, in *Tu não te moves de ti*.
- [9] “Pequeno discurso. E um grande”/ (Gestalt), in *Rútilos*.
- [10] *Contos d’escárnio/ Textos grotescos*.
- [11] “Poemas aos homens do nosso tempo”, in *Júbilo, memória, noviciado da paixão*.
- [12] “Poemas aos homens do nosso tempo”, in *Júbilo, memória, noviciado da paixão*.
- [13] “Poemas aos homens do nosso tempo”, in *Júbilo, memória, noviciado da paixão*.
- [14] “Poemas aos homens do nosso tempo”, parte V, in *Júbilo, memória, noviciado da paixão*.
- [15] “Pequeno discurso. E um grande”/ (Teologia Natural), in *Rútilos*.
- [16] “Poemas aos homens do nosso tempo”, parte X, in *Júbilo, memória, noviciado da paixão*.
- [17] SCHAMA, Simon. *Cidadãos (uma crônica da Revolução Francesa)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 325.
- [18] *Do desejo*.
- [19] *Do desejo*.
- [20] Referência à telenovela de Benedito Rui Barbosa.
- [21] “Trovas de muito amor para um amado senhor”, in *Exercícios*.
- [22] *Cantares*.
- [23] *A obscena senhora D*.
- [24] “Pequeno discurso. E um grande”, in *Rútilos*.
- [25] *Cartas de um sedutor*.
- [26] “Trajetória poética do ser” (1965-1966), in *Exercícios*.
- [27] BEAUVOIR, Simone. *La vieillesse*. Paris: Gallimard, 1970. Em português: *A velhice* (trad. Maria Helena Franco Martins). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- [28] *Cartas de um sedutor*.
- [29] “Exercícios para uma ideia” (1967), in *Exercícios*.
- [30] “Poemas aos homens do nosso tempo”, parte IV, in *Júbilo, memória, noviciado da paixão*.
- [31] *O caderno rosa de Lory Lambi*.
- [32] “Poemas aos homens do nosso tempo”, parte IX, in *Júbilo, memória, noviciado da paixão*.
- [33] Extraído do poema “Resíduo”, de Carlos Drummond de Andrade, do livro *A rosa do povo*.
- [34] Do livro *Roteiro do silêncio*, in *Exercícios*.

[35] “Poemas aos homens do nosso tempo”, in *Júbilo, memória, noviciado da paixão*.

[36] *Cartas de um sedutor*.

[37] “Trajetória poética do ser” (1963-1966), in *Exercícios*.

[38] “Via espessa”, in *Do desejo*.

[39] BATAILLE, Georges. *A parte maldita*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

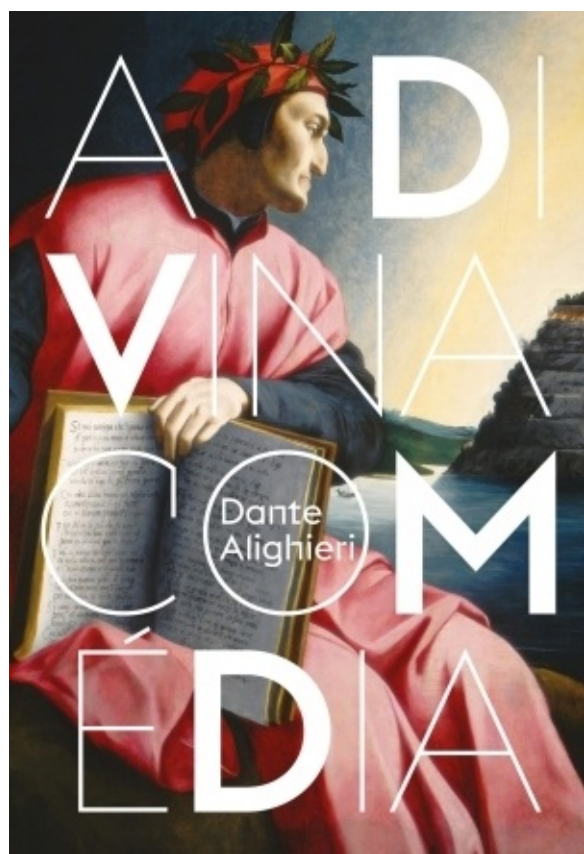
[40] In *Júbilo, memória, noviciado da paixão*.

[41] In *Júbilo, memória, noviciado da paixão*.

[42] “Fluxo”, in *Fluxo-floema*.

[43] “Dez chamamentos ao amigo”, in *Júbilo, memória, noviciado da paixão*.

[44] Publicado em *Jandira — Revista de Literatura*, n. 1, Juiz de Fora, 2004, p. 92-93.



Box A divina comédia

Alighieri, Dante

9788520933848

560 páginas

[Compre agora e leia](#)

A divina comédia é um dos maiores clássicos da literatura universal. Escrito no século XIV, o poema épico de Dante Alighieri é considerado também um dos textos fundadores da língua italiana. Nele, o escritor apresenta uma jornada inesquecível pelo tormento infinito do Inferno e a árdua subida da montanha do Purgatório até o glorioso reino do Paraíso. Dante conseguiu fundir sátira, inteligência e paixão em uma alegoria cristã imortal sobre a busca da humanidade pelo autoconhecimento e pela transformação espiritual. Este box especial conta com a clássica tradução de Xavier Pinheiro, as belíssimas ilustrações de Gustave Doré e ainda o magnífico estudo introdutório de Otto Maria Carpeaux.

[Compre agora e leia](#)



Só um minutinho

Zigg, Ivan

9788520936153

24 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um porquinho que quer sempre adiar as coisas, nem que para isso tenhamos que esperar só um minutinho... Você também faz isso? Um minuto é muito? É pouco? Ou o tempo sufi ciente para se terminar uma tarefa, acabar de se vestir para a festa ou concluir o raciocínio? Só um minutinho, do ilustrador e autor premiado Ivan Zigg, é um livro instigante para as primeiras leituras de qualquer criança. Explorando amplamente o lúdico imaginário infantil, Só um minutinho proporciona aos pequenos leitores novas descobertas sobre o tempo, sobretudo neste cotidiano tão acelerado em que vivemos. As narrativas visuais e o texto curto em letra maiúscula despertam o repertório visual e linguístico da criança.

[Compre agora e leia](#)

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira
& Paulo Rónai

Mar de Histórias

ANTOLOGIA DO CONTO MUNDIAL



VOLUME 5

O realismo



O Realismo

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda

9788520937730

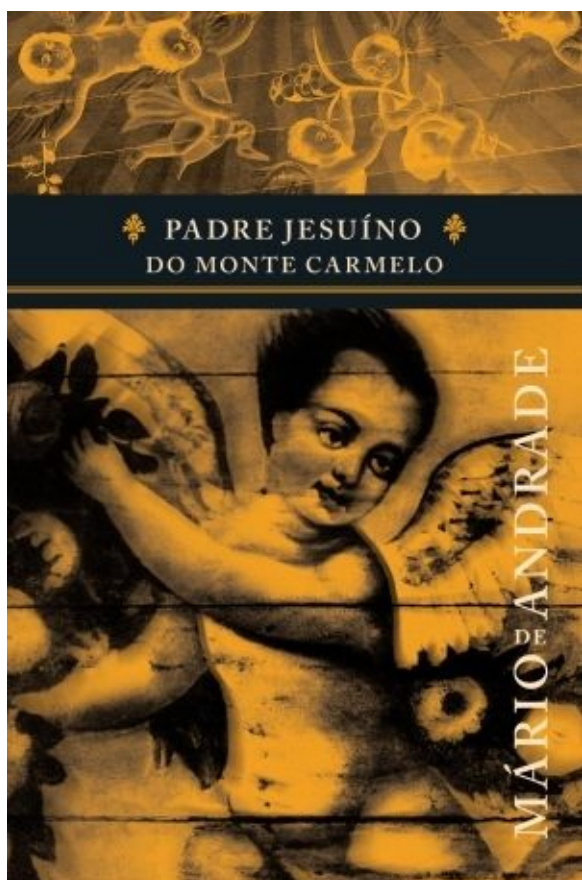
352 páginas

[Compre agora e leia](#)

A Coleção Mar de Histórias: antologia do conto mundial é composta por 10 volumes independentes que contém, nada menos, que 239 contos, de 192 autores escolhidos entre os melhores de 41 países. A expressão Mar de Histórias foi tirada do título, em sânscrito, Kathâsaritsâgara, de uma antiga coletânea da Índia, do século XI. A sua tradução significa isso mesmo: "mar formado pelos rios de histórias". A obra foi organizada há mais de quarenta anos por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e Paulo Rónai, dois dos maiores tradutores e estudiosos da Literatura Mundial em todos os tempos e gêneros. O leitor que fielmente vem acompanhando esta longa viagem através dos mares de histórias já foi avisado de que os rótulos em cada um dos volumes indicam apenas tendências gerais, e de modo algum representam uma classificação rigorosa. É o que se dá com o subtítulo deste volume, o realismo. O advento dessa corrente nas literaturas menores ocorre algum tempo depois de seu triunfo nas principais; daí o elemento romântico apresentar-se no conto, por exemplo, de Mór Jókai (com quem, aliás, desponta a literatura húngara, de forte veio narrativo). Por outro lado, o realismo ramifica-se em correntes: nada mais diverso de um conto de Flaubert do que um de Tchekov. Afinal, o temperamento do escritor também conta: há os que são românticos de nascimento, conquanto não o sejam de escola e de época; é o caso de um Villiers de l'Isle-Adam. Caracteriza-se o presente volume pela inclusão de gigantes do conto, os quais, por sua importância, comparecem com várias peças. Assim ocorre com Machado de Assis, grande mesmo entre os maiores. A escolha

de suas quatro histórias, longamente discutida pelos organizadores da coletânea, revela a extrema variedade da sua produção novelística. O russo Anton Tchekov, criador do conto aparentemente leve e apenas esboçado, oposto ao máximo ao modelo maupassantiano, tão elaborado, tem conteúdo humano e trágico não menos forte.

[Compre agora e leia](#)



Padre Jesuíno do Monte Carmelo

Andrade, Mário de

9788520933480

384 páginas

[Compre agora e leia](#)

Nesta obra, Mário de Andrade apresenta um estudo apaixonado sobre a obra deste homem que foi antes de qualquer coisa um artista e religioso. Considerado pelo próprio Mário como seu `maior esforço em crítica de artes plásticas`, este livro resgata minuciosamente o trabalho de Padre Jesuíno, por meio de obras conhecidas do grande público e de arquivos de família e documentos obscuros.

[Compre agora e leia](#)

*Adaptação
do romance de
Júlio Verne*

CONY

*carlos
heitor*

*Um capitão
de quinze
anos*



Um capitão de quinze anos

Cony, Carlos Heitor

9788520940044

216 páginas

[Compre agora e leia](#)

EXCLUSIVO EM EBOOK! Sobre Carlos Heitor Cony: Estreou na literatura ganhando por duas vezes consecutivas o Prêmio Manuel Antônio de Almeida. Ganhou em quatro ocasiões o Prêmio Jabuti na categoria Romance, duas vezes o Prêmio Livro do Ano da Câmara Brasileira do Livro e o Prêmio Nacional Nestlé de Literatura. Em 1998, foi condecorado pelo governo francês com a L'Ordre des Arts et des Lettres. Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em março de 2000. Sobre Júlio Verne (1828-1905): Considerado um dos pioneiros da ficção científica, notabilizou-se por histórias repletas de peripécias e pela capacidade de antecipar na ficção as transformações que a tecnologia tornaria possível no mundo moderno. Em 1863, publicou seu primeiro romance, Cinco semanas em um balão. A mistura de aventura e especulação futurística resultou numa obra irresistível de 28 livros, na qual se destacam, além de Um capitão de quinze anos (1878), os romances Viagem ao centro da Terra (1864), Da Terra à Lua (1864), Vinte mil léguas submarinas (1870) e A volta ao mundo em oitenta dias (1872). Quando uma terrível tragédia se abate sobre a tripulação do brigue-galeota Peregrino, o jovem Dick Sand se vê obrigado a assumir o comando do navio e conduzir a família Weldon de volta a São Francisco, nos Estados Unidos. Mas uma conspiração nefasta pretende colocar tudo a perder. Com a competente adaptação do clássico de Júlio Verne por Carlos Heitor Cony, as novas gerações de leitores passarão a conhecer esta história repleta de intrigas, reviravoltas e muitas aventuras, passada em pleno século XIX.

[Compre agora e leia](#)